



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**DIOGENES GALDINO MORAIS SILVA**

**CORPO, CULTURA E SOCIEDADE: contribuições da  
teoria crítica na análise da produção em educação física no  
Nordeste brasileiro.**

**CAMPINAS  
2017**

DIOGENES GALDINO MORAIS SILVA

**CORPO, CULTURA E SOCIEDADE: contribuições da  
teoria crítica na análise da produção em educação física no  
Nordeste brasileiro**

Tese de Doutorado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Faculdade de Educação da  
Universidade Estadual de Campinas para  
obtenção do título de Doutor em  
Educação, na área de concentração de  
Filosofia e História da Educação.

Supervisor/Orientador: Dr. SILVIO ANCISAR SANCHES GAMBOA

O ARQUIVO DIGITAL CORRESPONDE À VERSÃO  
FINAL DA TESE DEFENDIDA PELO ALUNO DIOGENES  
GALDINO MORIAS SILVA, E ORIENTADA PELO PROF.  
DR. SÍLVIO SÁNCHEZ GAMBOA

**CAMPINAS  
2017**

**Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s):** CAPES, 1262920/2013

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Si38c Silva, Diogenes Galdino Morais, 1974-  
Corpo, cultura e sociedade : contribuições da teoria crítica na análise da produção em educação física no Nordeste brasileiro / Diogenes Galdino Morais Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Silvio Ancisar Sanchez Gamboa.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Escola de Frankfurt. 2. Educação física. 3. Cultura. 4. Corpo. 5. Sociedade. I. Sanchez Gamboa, Silvio Ancisar, 1949-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Body, culture and society : contributions of critical theory in the analysis of productions in physical education in Northeast brasilian

**Palavras-chave em inglês:**

School of Frankfurt

Physical education

Culture

Body

Society

**Área de concentração:** Filosofia e História da Educação

**Titulação:** Doutor em Educação

**Banca examinadora:**

Silvio Ancisar Sánchez Gamboa

Regis Henrique dos Reis Silva

Adolfo Ramos Lamar

Edson Marcelo Hungaro

Marcelo Donizete da Silva

**Data de defesa:** 30-03-2017

**Programa de Pós-Graduação:** Educação

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

***TESE DE DOUTORADO***

**CORPO, CULTURA e SOCIEDADE: Contribuições da  
teoria crítica na análise da produção em educação física no  
nordeste brasileiro.**

**AUTOR: DIOGENES GALDINO MORAIS SILVA**

**COMISSÃO JULGADORA:**

Prof. Dr. Sílvio Ancizar Sanchez Gamboa

Prof. Dr. Régis Henrique dos Reis Silva

Prof. Dr. Edson Marcelo Hungaro

Prof. Dr. Adolfo Ramos Lamar

Prof. Dr. Marcelo Donizete da Silva

A Ata de Defesa assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

*Dedico a tese a minha filha Sofia.*

*Ninguém pode impedir os moinhos,  
de rodar contra o vento também.  
(Danilo Caymmi)*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Zambi, nosso pai maior que ilumina nosso caminhar.

Aos meus pais e irmãs. Aos amigos de longe e de perto, de cada cidade que passei e que puderam deixar não apenas a saudade da boa conversa, mas também a alegria de recordar aqui de cada um de vocês. Aos professores de ontem e de hoje, e a todos os Mestres que, de uma forma ou de outra, me ajudaram a entender que a busca pelo conhecimento não significa apenas um debruçar-se sobre os *Clássicos* em uma possível leitura, mas sobretudo, buscar a grande “leitura do mundo” junto à compreensão das experiências e vivências.

Assim, em especial, quero agradecer ao meu orientador Professo Dr. Sílvio Sanches Gamboa e toda sua família. Espero que haja tempo para que possamos dar continuidade aos teus ensinamentos e experiências positivas, seja nos cursos, nos eventos, ou nas próximas pesquisas. Agradeço a cada um dos membros que compuseram a banca que – de modo efetivo – avaliou essa Tese. Aos funcionários da FE – Unicamp, principalmente a secretária Nadir e toda equipe que com ela trabalha, inclusive à Tassiane Bragagnolo pela paciência e ajuda na reta final; aos funcionários da biblioteca da FE, aos demais funcionários que trabalham no prédio da FE, sejam eles funcionários diretos da Unicamp ou não.

Agradeço ao apoio da CAPES que concedeu a bolsa de estudos que me ajudou a chegar até aqui em condições de conclusão.

Agradeço aos amigos João Paulo pela leitura crítica e Rafael de Mello, que me ajudou a pensar os gráficos. Aos amigos de Santos: André, Giuliana e Bella, pelo carinho e apoio nesses últimos meses. Aos amigos do *epistefnordeste*. Ao amigo Glauber C. Klein que me ajudou a visualizar as primeiras ideias e provocações que viriam fazer brotar as perguntas. Agradeço muito ao Thomé Sabbag Neto pelas boas e ricas orientações e ricas dialéticas sobre a vida.

Por fim, quero fazer um agradecimento especial a minha companheira Simone. Que o nosso amor recíproco, alimentado pela liberdade, espiritualidade e compreensão – agora intensificada pela chegada da Sofia – possa continuar sendo a sustentação que nos anima a prosseguir.

## RESUMO

A finalidade dessa Tese é analisar os dados coletados pela pesquisa “PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: impacto do sistema de pós-graduação das regiões sul e sudeste do Brasil na formação e produção de mestres e doutores que atuam nas instituições de ensino superior da região nordeste – *Epistefnordeste*; atinentes à área temática *corpo e cultura* e aos conceitos de *corpo*, *cultura e sociedade* segundo as teses críticas da *Escola de Frankfurt*. O cruzamento entre os conceitos da teoria crítica e os dados coletados revelam que há um rico debate em torno da constituição estrutural das pesquisas em Educação Física no nordeste brasileiro. Os processos que envolvem a formação do homem e da sociedade, segundo as categorias de progresso e esclarecimento, revelam diferenças históricas que contribuem para repensar a ciência em diferentes momentos, deixando transparecer o conceito de *racionalidade* e formação de *metodologias* que não parece escapar de uma conexão muito parecida com a lógica do *sistema produtivo*, tal qual o que se pode encontrar hoje nos grandes parques industriais. A princípio, para tratar desses interesses, foi necessário analisar uma parte do banco de dados do *Epistefnordeste*. Os conceitos de *ciência*; *razão instrumental*; *indústria cultural* e *mundo administrado*, ofereceram elementos que dialogam com algumas características que aparecem na *análise bibliométrica* dos trabalhos (teses e dissertações) vinculados à *área temática corpo e cultura*. Algumas questões relevantes surgiram sobre essas abordagens, entre elas: a) qual é a configuração da pesquisa em educação física no Nordeste sobre a temática *corpo e cultura* em termo de autores, orientadores, vinculações geográficas e institucionais, abordagens epistemológicas, técnicas predominantes, conceitos de cientificidade; b) qual o impacto dessas pesquisas – em números – em relação as demais áreas temáticas. c) a teoria crítica pode lançar luz para se compreender a análise desses dados? A abrangência teórica que se revela a partir dos dados coletados ajuda a compreender a educação física no Nordeste a partir dos problemas que transitam entre as *demandas de mercado* (*versus*) a *crítica dos pressupostos científicos e epistemológicos* de sua própria área. O eixo do trabalho se volta aos indicadores que revelam que a educação física pode propor mais questões críticas para a formação profissional do graduando em educação física a partir de propostas que possam ir além da *saúde instrumentalizada e mercantilizada*, do *universo fitness competitivo*, do *corpo padronizado e reificado* e, por fim; da *cultura industrializada*.

Palavras Chave: Escola de Frankfurt; Educação Física; razão instrumental; cultura; corpo; sociedade.



## ABSTRACT

The purpose of this thesis is to analyze the data collected by the research “PRODUCTION OF KNOWLEDGE IN PHYSICAL EDUCATION: impact of the gratuation system of the south and southeast brazilian regions in the formation and production of masters and doctors who work in higher education institutions in the northeast region – *Epistefnordeste*”; concerning the thematic area *body and culture* and the concepts of *body*, *culture* and *society* according to the critical theses of the *Frankfurt School*. The cross between the critical theory’s concepts and the collected data reveal that there is a rich debate around the structural constitution of researches in Physical Education in brazilian northeast. The processes that involve the formation of man and society, according to the categories of progress and enlightenment, reveal historical differences that contribute to rethink the science at different moments, revealing the concept of *rationality* and *methodological* formation that does not seem to escape a connection very similar to the logic of the *productive system*, such as the one that can be found today in large industrial plants. At first, to deal with these interests, it was necessary to analyze a part of the *Epistefnordeste* database. The concepts of *science*; *Instrumental reason*; *Cultural industry* and *administered world*, offered elements that dialogue with some characteristics that appear in the *bibliometric* analysis of the works (theses and dissertations) linked to the *thematic area of body and culture*. Some relevant questions have arisen about these approaches: A) what is the configuration of research in physical education in the Northeast on the theme *body and culture* in terms of authors, mentorships, geographic and institutional links, epistemological approaches, predominant techniques and concepts of science; B) what is the impact of these researches - in numbers - in relation to the other thematic areas? C) can the critical theory shed light to understand the analysis of these data? The theoretical comprehensiveness that reveals itself from the collected data helps to understand physical education in northeast from the problems that pass between the *market demands (versus) the criticism of the scientific and epistemological assumptions* of its own area. The axis of the work turns itself to the indicators that show that physical education can propose more critical questions to the professional formation of the student in physical education from proposals that can go beyond the *instrumentalized and mercantilized health*, the *competitive fitness universe*, the *standardized and reified body* and, finally, the *industrialized culture*.

Keywords: Frankfurt School, Physical Education, instrumental reason, culture, body, society.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1 - Distribuição de interesse por áreas temáticas (1) - CBCE .....	27
GRÁFICO 2 - Distribuição de interesse por áreas temáticas (2) - CBCE .....	29
GRÁFICO 3 - Trabalhos avaliados - <i>Epistefnordeste</i> .....	31
GRÁFICO 4 - Produções por ano.....	34
GRÁFICO 5 - Trabahos por áreas de pesquisa/departamentos .....	35
GRÁFICO 6 - Nível de produção.....	36
GRÁFICO 7 - Estratificação dos trabahos por instituições .....	37
GRÁFICO 8 - Quantidade de trabalhos por Estado .....	39

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 - Distribuição de interesse por áreas temáticas (1) - CBCE .....	15
TABELA 2 - Distribuição de interesse por áreas temáticas (1) - CBCE .....	26
TABELA 3 - Distribuição de interesse por áreas temáticas (1) - CBCE .....	42

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	12
1.1.	OBJETIVOS	18
1.1.1.	Objetivos geral	18
1.1.2.	Objetivos específicos	18
<b>2.</b>	<b>CAPÍTULO I - A PROPÓSITO DA PESQUISA ACADÊMICA</b>	19
2.1.	BREVES APONTAMENTOS SOBRE INVESTIGAÇÕES NO <i>EPISTEFNORDESTE</i>	25
2.1.1.	Sobre o predomínio do interesse por áreas temáticas	26
2.1.2.	P.....	33
2.1.3.	Bibliometria das pesquisas relacionadas a temática <i>Corpo e Cultura</i>	40
<b>3.</b>	<b>CAPÍTULO II - CORPO E CULTURA</b>	54
<b>4.</b>	<b>CAPÍTULO III - CIÊNCIA E <i>TEORIA CRÍTICA</i></b>	82
4.1.	UMA IDEIA DE CIÊNCIA NA GRÉCIA ANTIGA	83
4.2.	NOÇÕES SOBRE SABERES ESCOLÁSTICOS	90
4.3.	A CONSTITUIÇÃO DA <i>TEORIA CRÍTICA</i>	128
4.3.1.	Sobre o conceito de história a partir da <i>teoria crítica</i>	110
<b>5.</b>	<b>CAPÍTULO IV - A NATUREZA DA EDUCAÇÃO QUE EMANCIPA</b>	152
5.1.	COMENTÁRIOS SOBRE A NATUREZA DA EDUCAÇÃO	153
5.2.	SOBRE O CONCEITO DE CULTURA PÓS-ESCOLA DE FRANKFURT	154
5.3.	A CONSCIÊNCIA CRÍTICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA	167
5.4.	<i>RAZÃO INSTRUMENTAL</i>	171
5.5.	POR UMA EDUCAÇÃO FÍSICA EMANCIPADA	184
<b>6.</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	213
	REFERÊNCIAS	189
	APÊNDICES	202

## 1. INTRODUÇÃO

Esta tese, norteadada pela abordagem crítica, busca investigar os conceitos de *corpo*, *cultura* e *sociedade* com base no *banco de dados* das pesquisas que foram realizadas pelo grupo *Epistefnordeste*<sup>1</sup>. O emprego da abordagem que orienta essas análises defende uma aproximação entre *teoria crítica* e *epistemologia* e, especialmente, procura dar contribuições significativas para o futuro das pesquisas acadêmicas na área de educação física. A *teoria crítica* fez-se destacar pelas teses que mostraram os princípios de uma relação entre *ciência* e *mito*. Nessas relações, mormente as que tornaram os cientistas modernos reféns de suas próprias *teorias tradicionais*, os filósofos de Frankfurt destacaram que o corolário da razão, que fora propugnada pela ciência moderna, fez da construção de seu progresso a própria *destruição* e catástrofe pela esteira condicionada da *dominação técnica*.

Porém o pior resultado ainda estava por vir. A razão se tornou um “instrumento” nas mãos da *ideologia dominante* e essa mesma ideologia dominante alcançou os *instrumentos* que poderiam servir de *operation* da *razão*, ou seja, um autêntico *aparelho de manobra* que serviu (e ainda serve) para a manutenção do *status* de uma burguesia em contínua ascensão. Ora, essa *funcionalidade da razão (operation)* engendrou o lado mais perverso que a resultante do equilíbrio entre razão e conhecimento poderia apresentar, uma vez que essa *razão instrumentalizada* perpetrrou a dimensão inversa da *ilustração*, qual seja: o alcance dos fundamentos que garantem a manutenção da alienação da massa. Este fato, por si só, já se tornou suficiente para uma atenção merecida.

O enquadramento dos novos campos do conhecimento nos quais a ciência e a tecnologia atuam hoje, ao contrário de cumprir a promessa da realização do progresso mediante o fim de um *obscurantismo* propugnado pelas religiões ou pelos “rituais de magia” que, em diferentes condições, inebriavam as pessoas ocasionando enganos, medos e perturbações, mal conseguiram

---

<sup>1</sup> O Projeto Temático: “PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: impacto do sistema de pós-graduação das regiões sul e sudeste do Brasil na formação e produção de mestres e doutores que atuam nas instituições de ensino superior da região nordeste – Epistefnordeste, foi coordenado pelo Grupo PAIDEIA da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP (proc. 2012/50019-7).

penetrar a superfície real da promessa desse mesmo progresso. Hoje não se torna arriscado pensar que a ciência escolheu um campo de ação que gerou “novos rituais”, agora científicos, com instrumentações técnicas que acarretaram novos enganos, nos quais se jogou – diuturnamente – em dois campos: ora pela edificação do aperfeiçoamento científico para a humanidade, outrora em direção à tragédia; a vigilância; o controle e a precipitação da ameaça que gera o apelo a temeridade (e não o apelo à esperança). Esse fato traduziu a vulnerabilidade que a ciência (pós século XX) fez marcar em seu campo de atuação e que a *teoria crítica* não deixou passar despercebido, pois o projeto do *esclarecimento* deveria cumprir justamente o contrário<sup>2</sup>.

Imersos nessas atuações reproduzidas, alguns cientistas de hoje cumprem relações que continuam afetando – de alguma maneira – o progresso da ciência no que tange sua responsabilidade com a vida humana. Segundo a *Escola de Frankfurt*, boa parte desses problemas foram gerados, principalmente, pela aceleração do capitalismo enquanto modelo hegemônico de geração de dividendos financeiros (lucro), bem como, pela *ideologia dominante* que compactua com o fomento de uma nova *percepção da cultura*, conceituada pelos teóricos de Frankfurt como: *indústria cultural*. A geração de dividendos financeiros costuma gerar também, um certo poder. E nesse poder não parece haver “superstição” pois não há mais uma natureza enfeitiçada, mas somente o domínio sobre a natureza.

Já foi dito que “o saber que é poder não conhece limites” (HORKEIMER E ADORNO, 1989a, p. 4), e talvez essa premissa também caiba na relação capital/lucro, pois podem não apenas conferir polpudas rentabilidades, mas também contribui para a “administração” dos desejos de boa parte da humanidade, que resulta na construção de um “mundo administrado” no qual a maioria dos homens que são dominados por essa *administração dos desejos* tendem a se tornar meros consumidores/trabalhadores “conformados”, e no qual a *técnica*, seja por meio dessa administração ou pelo progresso da ciência, continua sendo “a essência” de todo *saber* construído. A força com que age essa espécie de *comando* sobre os desejos e sobre a vida cotidiana, se estende desde a classe trabalhadora até a gestão dos diferentes Estados, passando por determinados modelos de ciência, razão pela qual, o sistema capitalista lança seus “tentáculos” e usurpa todas as camadas e postos para o melhor de sua supremacia.

---

<sup>2</sup> Uma vez que “O programa do iluminismo era o de livrar o mundo do feitiço. Sua pretensão, a de dissolver os mitos e anular a imaginação, por meio do saber” (HOKHEIMER E ADORNO, 1989a, p. 3).

Se essas proposições podem ser confirmadas, ou ainda, se os atuais modelos científicos baseados nas premissas do capital têm gerado perdas para a própria ciência, logo, torna-se urgente tentar encontrar respostas para algumas perguntas tais como:

- a) os progressos das ciências e da filosofia oferecem, de fato, a autonomia suficiente para que o pesquisador consiga estabelecer novos horizontes para a humanidade e não para o lucro das empresas?
- b) em que medida o pesquisador se mantém livre das concepções estabelecidas culturalmente pelo capitalismo, incluindo a concepção de sua formação social e política?
- c) é possível dizer que construir uma tradição *cultural* e colonizada implica o direcionamento de um modo de pensar, escrever ou simplesmente analisar um fato dentro da ciência e da *sociedade*?
- d) como essas mudanças geradas pelo avanço do capitalismo tem atuado nas relações que determinam novas concepções sobre o *corpo*?
- e) como a educação física tem trabalhado essas relações?

Essas perguntas surgem com a observação atenta a algumas pesquisas de pós-graduação. Não temos a pretensão de responder cada uma delas em separado, mas tentar traçar um esboço que contemple uma possibilidade *teórico-crítica*. Contudo, ainda resta dizer que uma das áreas recentes da *epistemologia* conhecida como *pesquisa da pesquisa*<sup>3</sup> representa uma contribuição significativa para a ciência e para diferentes áreas do conhecimento<sup>4</sup>. Um bom exemplo está na formação dos bancos de dados que realizam buscas empíricas (quantitativas, qualitativas ou mistas) com o intuito de trazer à tona alguns elementos que, por vezes, não estão evidentes nas pesquisas e, no entanto, podem dizer muito sobre elas.

Podemos destacar, desse modo, o projeto *Epistefnordeste* que construiu um banco de dados que analisou 424 teses e dissertações de professores (*vinculados aos cursos de educação física*) que atuam hoje nos nove estados da Região Nordeste do Brasil, totalizando 123 instituições consideradas na observação. O *epistefnordeste* é a concretização desse conjunto que foi conduzido

---

<sup>3</sup> Para mais informações indicamos a obra do Dr. Silvio A. Gamboa: *Projetos de pesquisa, fundamentos lógicos: a dialética entre perguntas e respostas*. A referência completa pode ser encontrada na bibliografia desse trabalho.

<sup>4</sup> Ver também (SÁNCHEZ GAMBOA, 2007a);

e concluído junto à coordenação do Prof. Dr. Silvio Sánchez Gamboa entre 2012 e 2015, e contou com a colaboração de vários pesquisadores (Professores, alunos de pós-graduação e graduação, além de outros colaboradores externos) de algumas universidades de diferentes estados. Uma força tarefa que trouxe os resultados finais de uma análise completa da produção do conhecimento sobre pesquisas em educação física e que hoje vem nos oferecer a oportunidade de defender que as indagações que estamos fazendo aqui não são improfícuas.

Na Tabela 1 podemos constatar os números que compõe o campo geral da coleta do grupo *Epistefnordeste*, o que nos serve de parâmetro para as demais tabelas e gráficos da tese.

Tabela 1 - Tabela geral do EPISTENORDESTE

Estado	Cursos em atividade Planilhas I	Mestres e doutores (curriculum Lattes localizados)	Localização de pesquisas (Planilhas II)	Cadastro de autores e pesquisas (Planilhas III A)	Análise epistemológica (Planilha III-B)	Análise de citações. No de referências (Planilha III C)
<b>1. Alagoas</b>	10	63	36	36	36	369
<b>2. Bahia</b>	37	144	123	86	87	1163
<b>3. Ceará</b>	23	52	104	52	52	458
<b>4. Maranhão</b>	8	49	40	40	35	602
<b>5. Paraíba</b>	7	67	130	130	58	3168
<b>6. Pernambuco</b>	19	174	136	136	78	733
<b>7. Piauí</b>	7	26	26	26	16	410
<b>8. Rio Grande do Norte</b>	6	55	64	64	29	469
<b>9. Sergipe</b>	6	29	63	63	33	1034
<b>Total</b>	<b>123</b>	<b>821</b>	<b>691</b>	<b>633</b>	<b>424</b>	<b>6107</b>
%			100%	<b>91,6%</b>	61.36%	

Fonte: (CHAVES GAMBOA et. al., 2017, p. 17).

Escolhemos, por essa razão, realizar dois movimentos em uma mesma pesquisa. O primeiro movimento está embasado na análise dos dados bibliográficos coletados no projeto *Epistefnordeste* sobre teses e dissertações *que abordaram a temática corpo e cultura*, que por sua vez, representa uma das 13 áreas distribuídas nos Grupos de Trabalhos Temáticos (GTT's) do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Essa área temática representa 7,54% de todas



as pesquisas analisadas pelo Projeto *Epistefnordeste* (o que representa, em números precisos, um total de 32 trabalhos analisados – teses e dissertações)<sup>5</sup>.

O segundo movimento destaca um ensaio sobre a ciência. Esse ensaio segue em conjunto com a análise filosófico-conceitual da *Escola de Frankfurt*, que aproxima as perguntas norteadoras da tese e que se vinculam às características que estão contidas na análise dos dados que foram auferidos mediante a consulta realizada junto ao banco de dados do Projeto *Epistefnordeste*. Nesse sentido, a tese se propõe a buscar os subsídios teóricos que contribuem para pensar as principais teses que foram articuladas nas pesquisas relacionadas a *corpo e cultura* que contém elementos da educação física. A disposição para se pensar estruturas epistemológicas, e apontar possíveis conexões entre pesquisas acadêmicas não é algo simples para se propor, afinal, trata-se aqui também de um trabalho acadêmico e foge – em absoluto – da nossa intenção inicial ou final, nos julgar acima desses trabalhos analisados<sup>6</sup>.

Assim, ao notar que boa parte das pesquisas caminham numa direção muito próxima, talvez até sem deixar transparecer os processos que revelam uma espécie de “canalização” (direcionamento) da própria escolha das pesquisas, é uma das razões que anima essa tese inquirir sobre um dos possíveis fatores que chamam a nossa atenção, e isso, de certo modo, provoca não apenas essa análise sobre *Teoria Crítica*, mas também oferece elementos importantes para continuidade de outras pesquisas no porvir. Além disso, é preciso dizer que esse trabalho tem o objetivo de ser conciso e respeitoso com os demais trabalhos que são analisados.

A questão da *cultura* contribui para o principal problema dessa tese que busca nos conceitos trabalhados pelos primeiros teóricos da *Escola de Frankfurt* uma orientação possível. Portanto, a tríade conceitual: *razão instrumental*, *indústria cultural* e *mundo administrado* pode lançar luz para que possamos perquirir os elementos que se manifestam em algumas pesquisas e que convêm a essa análise, pois tais elementos mostram-se vinculados às condições que faz referência a uma espécie de consequência da influência acadêmica *instrumentalizada* que talvez venha, por um lado, enchendo de entusiasmo o desenvolvimento do pensamento de cada

---

<sup>5</sup> A escolha dessa área temática segue dois princípios de contribuição, a saber, a) o fato de ser uma área medial, ou seja, está entre as áreas temáticas mais e menos pesquisadas no rol de trabalhos que foram coletados e analisados pela equipe do *epistefnordeste*; e b) por ser uma temática que contribui para o debate sobre os conceitos que se apresentam em boa parte das obras que tem uma aproximação com a *Teoria Crítica*.

<sup>6</sup> Contudo, ainda é preciso dizer que procuramos a convicção no que defendemos, lembrando aqui da primeira tese de Walter Benjamin (contida no ensaio: *A técnica do crítico em treze teses*), que diz que: “O crítico é estrategista na batalha da literatura”. (BENJAMIN, 1987, p. 32).

pesquisador, mas por outro, tem esvaziado sua liberdade, sua expressão e, sob a “cicatriz” dessas, sua autonomia.

Defendemos que é possível aproximar esses conceitos e perceber, nessas pesquisas, uma problemática presente. Aqui se torna importante frisar que a nossa análise cabe especificamente aos 32 trabalhos da área temática *corpo e cultura* que serão analisados em alguns detalhes importantes, de modo que o percurso que nos propomos a fazer pode abrir novas perspectivas e contribuições futuras para outras análises de outras áreas temáticas do CBCE, ou de outras áreas do conhecimento.

No entanto, não se pode realizar esse movimento sem consultar o levantamento de dados sobre a produção científica dos docentes que atuam na região nordeste incluindo, segundo (GAMBOA, et. al., 2016), as análises parciais sobre a problemática científica da produção do conhecimento na área da Educação Física produzidas por pesquisas anteriores (CHAVES, 2005, CHAVES-GAMBOA & SÁNCHEZ GAMBOA, 2009, SÁNCHEZ GAMBOA, 2010), pesquisas essas que apresentaram as primeiras bases para recuperar novos registros relativos aos estados da região, ou melhor, se sabe que tais registros e análises poderão preencher as lacunas sobre os estudos da produção em todos os estados que compõe a região. Desse modo, surgem outras perguntas que se tornam indispensáveis, tais como:

- a) qual o volume de produção de dissertações e teses elaboradas pelos docentes vinculados às IES do Nordeste *sobre a temática Corpo e Cultura* e qual o significado dessa produção no contexto nacional?
- b) quais as principais problemáticas abordadas, as áreas privilegiadas, metodologia utilizadas, lacunas e limitações teóricas identificadas nesses estudos?
- c) quais os principais resultados apontados nesses dados e seus desdobramentos para a compreensão crítica dos estudos sobre corpo e cultura e o avanço do conhecimento na área?

Essas indagações nos ajudam a pensar os objetivos que se seguem.

## 1.1. OBJETIVOS

### 1.1.1. Objetivo geral

Buscar respostas para duas perguntas: a) qual é a configuração da pesquisa em educação física no Nordeste sobre a temática corpo e cultura em termo de autores, orientadores, vinculações geográficas e institucionais, abordagens epistemológicas, técnicas predominantes, conceitos de cientificidade; incluindo o impacto dessas pesquisas – em números – em relação as demais áreas temáticas? b) em que medida a *Teoria Crítica* pode lançar luz para se compreender a análise desses dados?

### 1.1.2. Objetivos específicos

- a) identificar os pesquisadores (mestres e doutores) que atuam na região Nordeste do Brasil, caracterizando sua produção científica sobre a temática corpo e cultura;
- b) realizar os balanços da produção, valendo-se de matrizes científicas já desenvolvidas no campo da epistemologia e que estão vinculados aos dados do *Epistefnordeste*;
- c) destacar as técnicas científicas predominantes que fundamentam o pensamento e os argumentos dos pesquisadores da área temática *corpo e cultura*, incluindo citações;
- d) procurar os critérios que os pesquisadores em educação física tomam para tratar as informações sobre o tema, e suas principais motivações em investigar questões relacionadas a *corpo e cultura* de acordo com cada região;

## 2. CAPÍTULO I – A PROPÓSITO DA PESQUISA ACADÊMICA

Dentre as diferentes posturas que um pesquisador costuma adotar ao iniciar uma pesquisa de pós-graduação podemos destacar as eventuais oscilações nas primeiras tentativas. Tais agitações podem contribuir para aflorar as ideias, mas também podem atrapalhar o bom andamento da escolha por qual “caminho” uma ideia pode percorrer. Mesmo os espíritos mais despertos se distraem na conciliação entre a expectativa futura que uma pesquisa pode gerar e a realidade presente, ainda que se possa considerar o seu potencial. Aqui se pode lembrar que nos primeiros “conselhos gerais para a dissertação” de (VERGUEZ e HUISMAN, 1970), os autores revelam que na “escolha do tema” deve-se priorizar por uma propedêutica que busque a ênfase no “talento” e nos “conhecimentos” que o autor da dissertação já possui, de modo que se possa anular suas meras “opiniões”, ou seja, “Deve-se escolher o assunto sobre o qual temos mais conhecimentos e o máximo de ideias precisas” (VERGUEZ e HUISMAN, 1970, p. 9).

Parece haver, nesse caso específico, uma dificuldade em reconhecer esses “conhecimentos” pois a ciência moderna traz uma quantidade cada vez maior de informações que podem levar a diferentes etapas do processo que envolve o conhecimento, e por isso, fica difícil escolher qual o melhor *assunto* ou *tema* a ser tratado, fato que permite aumentar a possibilidade das oscilações iniciais. Entre as várias situações em que essas oscilações podem acontecer, um bom exemplo pode ser percebido na dificuldade atribuída à época histórica moderna, uma época que parece reivindicar – de todo pesquisador – uma aceleração constante de seus trabalhos, o que está de acordo com Lucien Goldmann que observara que: “A ciência progride lentamente, ainda que se possa esperar que cada resultado conquistado permita, em concorrência dele, uma marcha acelerada”. (GOLDMAN, 1979, p. 5).

A história da ciência tem mostrado, desde a *Renascença*, que o trabalho dos cientistas tem prosperado em novas descobertas, e que a universidade vem trabalhando para manter o controle dos alicerces epistemológicos na medida em que investe e, às vezes, progride em suas investigações distintas. Contudo, esse progresso não parece ter atingido o seu máximo, principalmente por não haver garantias de que as melhores hipóteses e todo arcabouço bibliográfico de um projeto de pesquisa garantam que o exame – que se espera de tudo que se destina a ser pesquisado desde o início de um trabalho acadêmico. Em se tratando das pesquisas que são

defendidas como dissertações e teses, essa questão ganha maior importância, em vista do aumento da exigência para que se ofereça a segurança total do que se propõe como *verdade* desde o início do trabalho até a sua conclusão compondo as diferentes etapas da pesquisa.

A busca pela verdade não é algo novo, tampouco a busca por essa espécie de “garantia”. Desde a entrada da modernidade já se podia perceber uma certa inquietação em muitos pensadores. Podemos ver esses “Pensamentos” já em Blaise Pascal, quando pronunciava:

Que o homem, voltado para si próprio, considere o que é diante do que existe; que se encare como um ser extraviado nesse canto afastado da natureza, e que, da pequena cela onde se acha preso, isto é, do universo, aprenda a avaliar em seu valor exato a terra, os reinos, as cidades e ele próprio. (PASCAL, 1988, p. 51).

Esse apelo de Pascal não parece ter sido bem assimilado por boa parte dos cientistas. A *avaliação* que Pascal sugeria estava carregada de condições espirituais. O homem da ciência buscou, especialmente, a imanência dos processos que ele mesmo empregava em seu fazer científico, e essa é uma das razões que contribuiu para sugerir um novo padrão de pensamento que nasceu com o processo de construção da modernidade, embora o homem continuasse buscando a verdade, ela deveria brotar pela imanência dos fatos e sua *estabilidade*.

Boa parte das pesquisas de pós-graduação busca a veracidade de seus resultados, e essa verdade pode também consolidar o que se destina como objetivo da própria pesquisa, porém, as pesquisas de pós-graduação se acumulam sob as dependências da técnica, pois se a verdade no passado se mantinha abrigada (*acobertada*), no presente moderno ela passa a ser construída em seu constante *desabrigar*, ou seja, *desabrigar* para mostrar-se em plena *representação*; por isso, para entender um pouco do processo de mudança histórica do conceito de *verdade* podemos lembrar que: “Os gregos têm para isso a palavra ἀλήθεια. Os romanos a traduzem por “veritas”. Nós dizemos “verdade” e a compreendemos costumeiramente como a exatidão da representação” (HEIDEGGER, 2007, 381). Dizer a verdade não é só um requisito. Para a modernidade, e dependendo do pesquisador, pode representar uma preocupação constante, ou melhor, uma tensão que parte da introdução ao seu arremate e vai permeando o seu curso na medida em que disputa o melhor plano entre o ideal e o real na busca dessa mesma verdade.

Talvez por isso seja possível encontrar uma quantidade de pesquisas que não chegam a realizar plenamente tudo que os autores propõem desde a introdução, ainda que se possa analisar as diferentes naturezas adotadas em cada uma de suas propostas, e isso inclui não somente as

determinações iniciais que são pensadas desde o projeto como algo que valha a pena se investigar ou descobrir, até as conclusões mais elaboradas, é difícil abarcar tudo que se pode proferir sobre um tema. É muito provável que isso decorra do fato de que boa parte das investigações continuam tencionando uma perspectiva otimista e ideal, elas buscam a verdade, muitas vezes no momento em que essa verdade não pode se revelar, ampliando o conflito que envolve toda pesquisa. Isso pode embaraçar a própria concepção de ciência ou de filosofia que cada pesquisador adquire; e parece que aqui estão incluídas algumas condições ideológicas e culturais que vão se juntando aos fatores que são decisivos para cada formação.

Até aqui isso não parece um problema muito sério, aliás, é justamente isso que faz com que a ciência e a filosofia se tornem distintas do senso comum em vários aspectos, nomeadamente o principal deles, a saber, o que podemos classificar como uma *habilidade*. Essa habilidade foi conquistada no decorrer dos séculos para o bem da ciência e projetou o amadurecimento dos cientistas no sentido de sua organização paulatina em prol de um desenvolvimento interior (incluindo ajustes plausíveis em sua metodologia), o que contribuiu para que os pesquisadores, por um lado, pudessem pensar os acordos científicos que ampliaram as possibilidades da investigação pautada no rigor, seja ele científico ou filosófico, e por outro, retomassem, na medida do possível, o próprio otimismo para tentar equacionar os problemas propostos.

Pensando nisso, uma pesquisa pode se desviar de seus pressupostos iniciais e manter as principais sugestões da proposta; pode retomar questões que foram apresentadas em outros trabalhos; pode até recomeçar por outro caminho, com um novo tema, novos problemas e nova proposta. O que uma pesquisa não pode é se desviar de sua cientificidade. Ao contrário do senso comum que confia no que foi ou será dito, mesmo que não haja qualquer critério de plausibilidade no que se propõe pensar ou simplesmente dizer; uma pesquisa em ciência ou em filosofia não pode, sob o risco de se tornarem inválidas ou até mesmo ilegítimas no que tange a busca de respostas para as indagações históricas da humanidade, *afirmar* algo que não tenha condições de ser confirmado, ou ao menos, posto à prova e em uma discussão, posto que:

Toda investigação implica uma exposição; é para uma exposição. Inversamente, todo discurso científico é uma investigação, de um descobrimento. O descobrimento necessita ser exposto, comunicado, racionalizado. Do contrário, a investigação se esgotaria no sábio praticista incapaz de formular teoricamente seus descobrimentos. (NÚÑEZ TENORIO, 1989, p. 43).

Por essa razão, é plausível dizer que um bom pesquisador diminui os imprevistos em uma pesquisa na medida em que se afasta de sua *ignorância*<sup>7</sup>, ou melhor, quando adquire segurança em si mesmo para buscar, na medida do possível, a verdade que pode estar embasada na “ideia adequada” que nasce de sua “intuição intelectual”, uma vez que:

A intuição intelectual alcança as *ideias adequadas*, isto é, as ideias das coisas enquanto essências singulares, conhecendo sua natureza íntima por conhecer suas causas e efeitos necessários, assim como suas relações internas necessárias com outras e com a Natureza inteira. Ao contrário da opinião, a ideia adequada é uma certeza intelectual que nos faz saber que sabemos<sup>8</sup>. (CHAUI, 2005, p. 36).

Ora, é por isso que uma pesquisa precisa da capacidade humana de *imaginar algo*, e mais, ela precisa dos questionamentos acerca dessas imaginações que lhes são conferidas. Esses questionamentos precedem as ideias, e isso requer muito amadurecimento e dedicação por parte daqueles que se propõem a seguir esse caminho, requer uma retomada acerca de antigas opiniões que eram expressas a partir de juízos sobre assuntos e temas sugeridos pelos professores durante a própria vida acadêmica<sup>9</sup>, além do que, esses questionamentos exigem uma maturidade da capacidade racional para que, ao fazer essa retomada, o pesquisador já imbuído de seu amadurecimento intelectual, possa avançar.

A razão conhece adequadamente as *noções comuns*, isto é, as leis necessárias ou as relações necessárias entre um todo e suas partes, bem como as relações necessárias entre as partes de um todo (na linguagem contemporânea, a noção comum corresponde ao que chamamos de *estrutura*)<sup>10</sup>. (CHAUI, 2005, p. 36).

No entanto, apesar de todos os procedimentos – ideais e adequados – que os meios científicos têm desenvolvido para obter o referido controle oferecido em bases rigidamente

---

<sup>7</sup> Ou seja, daquilo que se ignora ou que se teima em permanecer *ignorante*.

<sup>8</sup> A autora está versando um ponto sobre a “correção do intelecto” segundo Espinosa, e logo após esse fragmento ela complementa mostrando que o contrário do que é *adequado* enquanto *ideia*, é ter uma: “ideia inadequada”, porém “As ideias imaginativas ou inadequadas não são falsas em si mesmas, pois correspondem ao modo como realmente as coisas exteriores nos afetam: são parciais e confusas porque se formam em nós sem que conheçamos as causas verdadeiras que as produziram” (CHAUI, 2005, p. 36). E talvez seja justamente essa difícil tarefa filosófica, uma das mais importantes para um pesquisador alcançar êxito em sua vida acadêmica.

<sup>9</sup> O que nos faz rever uma confissão de René Descartes que lembra algo sobre o valor da *dúvida* na *Primeira Meditação*: “me era necessário tentar seriamente uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências”. (DESCARTES, 1973a, p. 93).

<sup>10</sup> Como isso, completamos os três gêneros de conhecimento segundo Espinosa, a saber, a *imaginação*, a *razão* e a *intuição intelectual*. Embora nossas primeiras ideias sejam “imaginativas”, precisamos das “noções comuns” que a experiência da “razão” nos oferece como uma propedêutica da “intuição intelectual”.

metodológicas e articuladas em modelos dedutivos e indutivos (próprios da ciência e da filosofia), surgiram dúvidas e críticas que pesaram sobre os modos de pensar o *aprimoramento das técnicas* na ciência, sobretudo após os novos modelos e exigências que foram formulados no decorrer do século XX e dos quais, decepcionantemente, não se pôde mais esquivar-se, pois esses modelos se esparramaram por vários âmbitos da vida cotidiana. Algo que foi possível se notar com uma certa precisão por alguns pensadores.

Martin Heidegger, por exemplo, observou que os meios que os homens empregavam na construção de certos artifícios como o “emprego de instrumentos, aparelhos e máquinas” (HEIDEGGER, 2007, p. 376) para alcançar fins humanos, mantinham esses artifícios como possibilidade do aperfeiçoamento do emprego da técnica, o que significa dizer inclusive que a própria instalação da técnica se torna algo técnico (HEIDEGGER, 2007). Somos reféns desse fazer da técnica pois somos também reféns de um fazer humano que não parece ter fim. Além dessa questão, se pode perceber, segundo o autor, que não alcançamos a técnica em sua essência, e, embora nunca se consiga alcançar essa essência, nos satisfazemos a partir de seu emprego, independente de qual seja o resultado ou qual tenha sido a própria escolha. Aliás, se pode dizer que não há escolha, pois:

A essência da técnica também não é de modo algum algo técnico. E por isso nunca experimentaremos nossa relação para com a sua essência enquanto somente representarmos e propagarmos o que é técnico, satisfizemo-nos com a técnica ou escaparmos dela. Por todos os lados, permaneceremos, sem liberdade, atados a ela, mesmo que a neguemos ou a confirmemos apaixonadamente. Mas de modo mais triste estamos entregues à técnica quando a consideramos como algo neutro; pois essa representação, à qual hoje em dia especialmente se adora prestar homenagem, nos torna completamente cegos perante a essência da técnica. (HEIDEGGER, 2007, p. 376).

Resta então saber quais são os artifícios empregados pelas ciências? Porém, se tratam de questões já bastante discutidas, sobretudo no acréscimo dessas *condições técnicas*, em que pese uma espécie de cientificismo nas ciências que acarretam seus inconvenientes, embora haja quem discorde que a técnica tenha acarretado múltiplos *perigos* e alguns *inconvenientes*<sup>11</sup>. Todavia, sabe-

---

<sup>11</sup> Em seus “Exercícios filosóficos”, Madeleine (ARONDEL-ROHAUT, 2005), discute se “Haveria razões para incriminar a técnica”, mostrando que há “vantagens” nas técnicas, e que elas não podem ser descartadas, visto que “em suma, a técnica assume as formas, os fins e o sentido que o próprio homem consente em lhe atribuir”. (ARONDEL-ROHAUT, 2005, p. 116). Fica patente que a autora mostra que o problema não é a técnica em si mesma, ou sua “natureza instrumental”, pois essa “natureza” não passa de um “simples meio, incapaz em si e por si de propor fins e



se que os erros científicos se tornaram comuns, principalmente quando se percebeu um aumento considerável do volume de pesquisas, o que acarretou o surgimento de atividades prejudiciais para toda e qualquer campo científico. E é possível dizer que os problemas se somam, na medida em que parecem diminuir as experiências cruciais relacionadas à importância da continuidade da vida no planeta terra, bem como às características essenciais da natureza humana<sup>12</sup>.

São suspeitas que exprimem algo acerca da pobreza da experiência. Então, o problema não é a técnica em si, mas uma intensificação da técnica determinando a autonomia humana (dentro e fora da academia), lembrando que, segundo Walter BENJAMIN, “uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem. [...] pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?” (1994, p. 115)<sup>13</sup>, o que significa também dizer que essa “experiência” não nos perpassa por inteiro, mas somente passa sob nós<sup>14</sup>, sob os olhos aflitos do homem moderno em meio a uma profusão de informações que também se vinculam às técnicas.

Será que esses procedimentos técnicos podem garantir ao pesquisador a evolução das descobertas e seu caminhar para novas evidências considerando as atuais condições do capitalismo contemporâneo, a saber: a) diminuição do tempo para realização das pesquisas; b) crescente fragmentação das áreas de conhecimento; c) carência de incentivo e financiamento adequados; d) canalização de recursos para áreas de interesse do capital; e) um impulso arrogante do especialista que precisa apresentar suas credenciais e revelar seu saber? Enfim, em que medida isso tem

---

conferir sentido”. (ARONDEL-ROHAUT, 2005, p. 115), cabendo, por conseguinte, apenas ao homem, fornecer os fins cabíveis ou admissíveis.

<sup>12</sup> O que nos remete a questões sobre: Se considerarmos o conjunto global das pesquisas, qual a importância se tem dado aos princípios éticos de uma pesquisa hoje, tais como: 1) é a condição humana que contribui para determinação de uma pesquisa? 2) é a condição planetária e a perspectiva de uma vida melhor para todas as espécies e para o próprio planeta terra? 3) é a preocupação com o ecossistema que garante que uma pesquisa tenha valor?

<sup>13</sup> É importante destacar que para Walter Benjamin, essa pobreza de experiência não se reduz apenas ao âmbito das ciências, pois “Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie” (BENJAMIN, 1994, p. 115). Razão pela qual essa *barbárie*, da qual o autor faz referência e que cria o bárbaro, mostra *um único caminho a seguir*, cuja perspectiva de futuro obedece ao que “está dentro” e não “à interioridade”. Essa divergência do homem – bárbaro – moderno tem sempre um recomeço, “pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda”. (BENJAMIN, 1994, p. 116). A questão é: até quando a modernidade será afetada pela escassez de perspectivas reais baseadas na *interioridade de cada um*.

<sup>14</sup> De acordo com Bondiá (2002, p.21) “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

contribuído para que as pesquisas não alcancem os melhores objetivos de seus projetos? Será que isso força, de alguma maneira, a reprodução de uma grande quantidade de excertos que repetem o que já foi dito, com muito pouco a acrescentar?

Esses questionamentos servem, em grande medida, para que se possa dar continuidade as principais análises das pesquisas que foram catalogadas pelo grupo *Epistefnordeste* entre os anos de 2012 e 2015. Desse modo, podemos fazer alguns apontamentos com o intuito de melhor compreender os números revelados por essas pesquisas.

## 2.1. BREVES APONTAMENTOS SOBRE INVESTIGAÇÕES NO *EPISTEFNORDESTE*

Na introdução dessa tese foram expostas as principais informações iniciais sobre o grupo de pesquisa *Epistefnordeste*. Se torna, por isso, desnecessário repetir todas as informações. Partimos do pressuposto de que as informações iniciais são suficientes para realizar os apontamentos seguintes. Nessa sequência do primeiro capítulo, nosso intuito será compreender, a partir dos dados, das tabelas e dos gráficos, em que medida os professores que defenderam trabalhos na área temática de corpo e cultura estão estruturados de modo a orientar outros trabalhos nos cursos de educação física dessa região, sobretudo na pós-graduação.

Ao perceber os rumos possíveis que os cursos de educação física nessa região apresentam, em especial, a expectativa da contribuição para a implementação de uma pós-graduação nessa área, e a perspectiva de que os alunos que optam por fazer esse curso no nível superior tenham mais campo de trabalho acadêmico, o *Epistefnordeste* cumpre um papel propedêutico. Pois, seguindo, para tanto, os números e os resultados apontados pelo grupo *Epistefnordeste* e em consonância com a informação apresentada nos trabalhos dos docentes que hoje atuam nessa região, somados as informações contidas no Lattes; a apresentação das diferentes teorias abordadas em cada pesquisa; e as linhas de pesquisa da pós-graduação e seus referidos setores, há dados suficientes para certificar a necessidade da ampliação das atividades de pós-graduação nessa região.

São destacados aqui três pontos imprescindíveis para a compreensão tanto dos gráficos quanto das conclusões finais. Começamos pela análise do predomínio do interesse por áreas temáticas, uma vez que esse ponto revela uma tendência inicial para orientações no campo da educação física nessa região, e, para tanto expomos a Tabela 2.

### 2.1.1. Sobre o predomínio do interesse por áreas temáticas

De acordo com a Tabela 2 logo abaixo, podemos notar, considerando o total de trabalhos, que há uma grande diferença quando o assunto é a *área temática* que serviu de interesse para pesquisa. Entre a área temática mais pesquisada (Atividade física e saúde) e a área temática menos pesquisada (Gênero), encontramos uma razão de 33,49% para 1,17%. A diferença entre essas áreas, em porcentagem, é de 32,32%, o que significa, sem demasias, que há uma distância abissal correspondente as escolhas por áreas temáticas.

Tabela 2 – Áreas Temáticas

Área temática	No	%
Atividade física e Saúde	142	33.49
Comunicação e Mídia	12	2.83
Corpo e Cultura	32	7.54
Epistemologia	13	3.06
Escola	43	10.14
Formação profissional e Mundo do trabalho	21	4.95
Gênero	5	1.17
Inclusão e Diferença	16	3.77
Lazer e Sociedade	20	4.71
Memórias da Educação Física e Esporte	19	4.48
Movimentos Sociais	10	2.35
Políticas Públicas	13	3.06
Treinamento Desportivo	50	11.79
Outras: pesquisa biológica experimental.	28	6.66
Total	424	100%

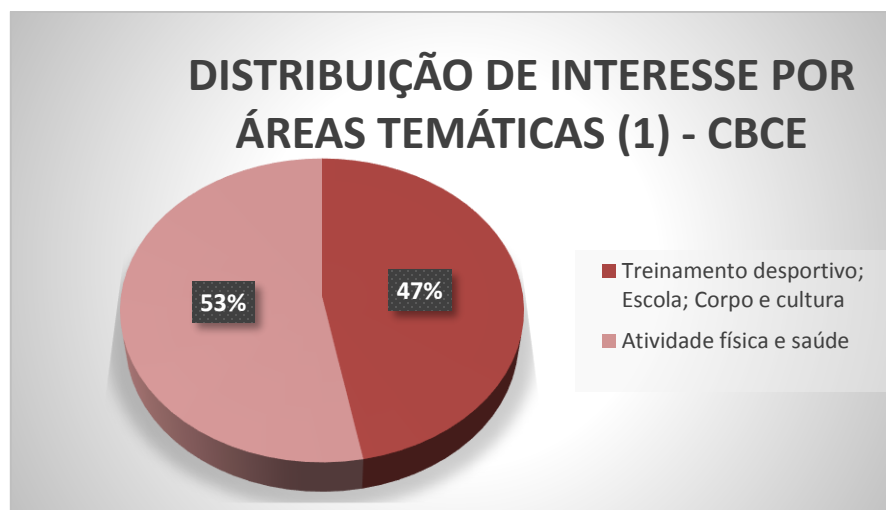
Fonte: (CHAVES GAMBOA et. al., 2017, p. 30).

Uma outra observação relevante é que se somarmos a segunda, a terceira e a quarta área temática mais pesquisada<sup>15</sup>, ainda assim, não teríamos o total de pesquisas na área – destacadamente – mais escolhida pelos pesquisadores para realizarem suas investigações. Como

<sup>15</sup> Essas áreas temáticas são, respectivamente, i) *Treinamento desportivo* com 50 trabalhos avaliados (total de 11,79%); ii) *Escola* com 43 trabalhos avaliados (total de 10,14%); e iii) *Corpo e Cultura* com 33 trabalhos avaliados (total de 7,54%). Disso se conclui que o resultado da somatória é 126 trabalhos avaliados (total de 29,47%); contra os 142 trabalhos da área Atividade física e saúde (total de 33,49%).

podemos constatar no Gráfico 1 que demonstra a porcentagem do valor total de trabalhos, a saber, 126 trabalhos (2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> áreas mais pesquisadas) contra 142 trabalhos (área mais pesquisada).

Gráfico 1 – Distribuição de interesse por áreas temáticas (1) – CBCE



Fonte: elaboração própria

O predomínio dessa área é tamanho que se torna algo a ser inquirido, uma vez que isso, se não representa uma certa canalização das escolhas dos pesquisadores pela área de pesquisa em questão, ao menos, uma certa recomendação (sugestivamente numerosa) pelo que mais apresenta dados empíricos. Ora, trata-se de investigar se isso não representa, desde já, uma certa hegemonia de uma área sobre as outras, visto que a temática que apresenta a maior quantidade de pesquisa (em números totais) é maior do que a somatória das três áreas mais pesquisadas que aparecem logo em seguida<sup>16</sup>.

O grande problema temático dessa depressão entre uma área e outra, talvez chegue a refletir abertamente dentro de uma sala de aula, visto que é pouco plausível pensar que um professor (ou pesquisador<sup>17</sup>) que realizou suas pesquisas em uma área direcionada à *atividade física e saúde*, venha orientar trabalhos ou propor qualquer disciplina em uma área sobre *Gênero*, ou sobre,

<sup>16</sup> Ou seja, o que encontramos nesse caso, a saber, que a área temática mais pesquisada tem um número de pesquisas maior que a somatória das três áreas temáticas que se seguem.

<sup>17</sup> Considerando que alguns professores que atuam em instituições de nível superior, exercem suas docências em conjunto a suas pesquisas de pós-graduação, ou seja, completam sua formação acadêmica atuando como docente, e isso é comum em áreas como a educação física, medicina, direito, engenharia, odontologia, entre outras, uma vez que nessas áreas é muito comum as instituições de nível superior – no Brasil – exigirem a especialização ou mestrado como titulações mínimas para participação em concursos.

*Movimentos sociais*, que são as duas áreas menos pesquisadas segundo a Tabela 2. Isso se reflete também no mercado de trabalho, no mercado editorial e nas concepções sobre o curso de educação física segundo os já graduados nessa área.

As academias (*fitness*), que representam um grande nicho de atuação desse profissional, tem algum reforço para que, de fato, essa área temática permaneça como a mais privilegiada? A área temática *Escola*, por exemplo, representa menos de 1/3 do total de trabalhos da área *Atividade física e saúde*<sup>18</sup>. Diante disso, pergunta-se: será que, para uma área do conhecimento como a educação física, que tem a irrefutável maioria dos cursos na modalidade de licenciatura (e não de bacharelado), uma temática como a *atividade física e saúde* se torna mais importante do que a concepção de *escola* ou de *educação*, considerando que a *escola* divide com as *academias fitness* o principal nicho de atuação do profissional de educação física? Ora, se há três vezes mais pesquisas na área de *atividade física* do que na área *escola*, qual a concepção pedagógica se pode esperar da *atividade física* dentro da *escola*?

Essas questões nos levam a compreender que, não obstante, as áreas temáticas menos pesquisadas serão as que apresentarão mais carências de dados, o que resulta em uma concepção epistemológica mais complexa, pois a pouca quantidade de dados para futuras pesquisas, não somente leva os possíveis pesquisadores a optarem por áreas mais preponderantes, mas também força aqueles que optam por uma área sobre *gênero*, por exemplo, a migrar para outras áreas fora da área específica. Isso representa uma grande contribuição para a própria área do desporto, mormente o fato de se encontrar uma interdisciplinaridade ou mesmo uma transversalidade sobre o conceito *gênero*<sup>19</sup>, e, no entanto, ainda deixa uma marca permanente sobre as demandas da área que podem se refletir dentro e fora de sala de aula em um curso de educação física, levando em consideração que são 123 o número de cursos de educação física em atividade em toda região nordeste, e que, portanto, pelo menos para essa região, essa análise se torna plausível.

Se continuarmos a análise, veremos que o déficit das áreas menos pesquisadas em relação às mais pesquisadas torna-se ainda maior quando comparamos a metade (do total de áreas avaliadas de acordo com a tabela do CBCE) das áreas temáticas menos expressivas em número de pesquisa, e a área mais expressiva (*Atividade física e saúde*). Na amostra estatística final do

---

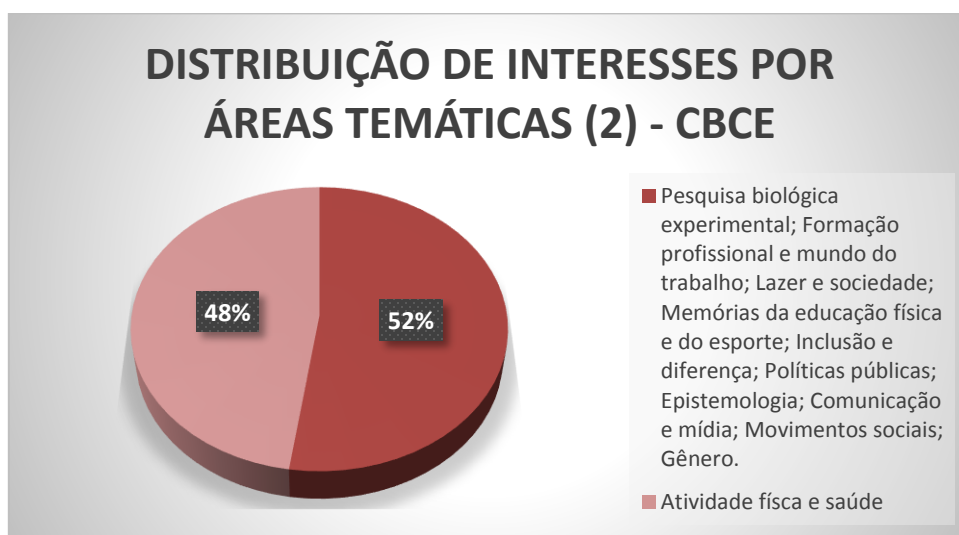
<sup>18</sup> Lembrando que a área temática *Escola* representa 10,14% do total de pesquisas, enquanto a área temática *Atividade física e saúde* representa 33,49%.

<sup>19</sup> Isso para não fugir do exemplo que oferecemos.

*Epistefnordeste* (segundo a composição da Tabela 2), vemos que, das 821 titulações (entre defesas de dissertações e teses) pesquisadas segundo o *Currículo Lattes* dos professores que atuam hoje em toda região nordeste (conforme podemos constatar na Tabela 1), poucas pesquisas foram dedicadas às áreas temáticas menos expressivas. Aliás, do total de 14 áreas temáticas (segundo tabela do CBCE) nas quais os trabalhos (teses e dissertações) se vinculam, notamos que as 7 últimas áreas temáticas, ou melhor, as áreas menos expressivas em número de pesquisas, representaram um total de 21,8% do total de pesquisas (88 trabalhos avaliados)<sup>20</sup>, e não é demais repetir que a área mais pesquisada segundo a Tabela 3 representa 33,49% do total de pesquisas.

Ao apontar as últimas 7 áreas, busca-se a divisão do total de áreas de trabalho (segundo a Tabela 1). Todavia, ao apontar as últimas 10 áreas temáticas menos expressivas com vistas a ultrapassar a área temática mais expressiva a razão é de 156 trabalhos (das 10 áreas em questão) *versus* os 142 trabalhos da área Atividade física e saúde. Logo, a somatória do número de pesquisas das 10 áreas menos expressivas é apenas um pouco maior que o número de pesquisas da área de Atividade Física e Saúde, ou melhor, a diferença entre os números de pesquisas torna-se pequena dada a quantidade de pesquisas totais. Essa perspectiva pode ser visualizada no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Distribuição de interesses por áreas temáticas (2) – CBCE



Fonte: elaboração própria

<sup>20</sup> Gênero 1,17% (5 trabalhos); movimentos sociais 2,35% (10 trabalhos); comunicação e mídia 2,83% (12 trabalhos); epistemologia 3,06% (13 trabalhos); políticas públicas 3,06% (13 trabalhos); inclusão e diferença 3,77% (16 trabalhos); memórias da educação física e do esporte 4,48% (19 trabalhos). Total de 21,8% (88 trabalhos).

A dimensão dessas áreas nos leva a defender que para a educação física no Nordeste, em específico, a área temática do CBCE: *Atividade física e saúde*, se tornará (se já não se tornou) a mais convencional e mais atraente temática para os alunos que, no futuro, venham optar por dar continuidade em suas pesquisas na pós-graduação, sobretudo no que se refere a essas pesquisas realizadas pelo grupo total de professores. Resta saber se, além de ser a área mais convencional, ela também se torna uma espécie de supremacia nessa ciência? Cabendo lembrar aqui os perigos de toda hegemonia, uma vez que:

A hegemonia é então não apenas o nível articulado superior de ‘ideologia’, nem são suas formas de controle apenas vistas habitualmente como ‘manipulação’ ou ‘doutrinação’. É todo um conjunto de práticas e expectativas sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivo e constituidor – que, experimentamos como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente. (WILLIAMS, 1979, p. 113)<sup>21</sup>.

Já seria uma questão espinhosa observar esses números e perceber que o alcance dessa área temática (em uma perspectiva científica mais hegemônica) traz um conjunto de aspectos que apontam para uma reprodução dessas mesmas visões (incluindo suas experiências teóricas) que contribuem para manter o lado *dominante* entre o conjunto de práticas pedagógicas de professores que atuam hoje na educação física e a continuidade que se espera dos próximos pesquisadores, incluindo os elementos que já estão dispostos nessa mesma área. Nos Gráficos 1 e 2 é possível perceber a diferença do predomínio entre áreas temáticas, porém, no Gráfico 3 essa dimensão entre essas áreas fica mais evidente.

---

<sup>21</sup> O que nos dá uma certa esperança, pois embora essa hegemonia traga uma perspectiva já constituidora que opera uma certa ressonância entre os formados em educação física e a própria sociedade, ela não deixa, por outro lado, de abrir caminhos para se refazer em sua própria constituição, e esse é o principal papel da crítica.

Gráfico 3 – Trabalhos Avaliados – EPISTEFNORDESTE



Fonte: elaboração própria

É plausível pensar, analisando esse gráfico, que o problema se torna grave na medida em que se percebe diminuir a probabilidade de mudanças significativas para a educação física e para o desporto, seja no Nordeste ou em qualquer outra região do país. Porém, se pode perceber um lado positivo desse problema, uma vez que é plausível que uma área temática que amplia demasiadamente a sua ascendência pedagógica tende a manter a supremacia de seus temas e problemas e, por conseguinte, aumenta a tensão nas lutas entre hegemonia e contra-hegemonia dentro da área de educação física. A hegemonia (que pleiteia sempre a mesma temática) faz com que o aporte *teórico crítico*, nesse caso, se torne imprescindível.

Todo pesquisador sabe que tanto o *MEC* quanto a *Capes* levam em consideração que a pesquisa do mestrando ou do doutorando deve ter alguma afinidade com a linha de pesquisa do professor orientador. Logo, fica patente que será muito mais persuasivo pensar e defender a abertura de uma linha de pesquisa na área mais solicitada em número de orientadores, do que outras áreas que, segundo o percentual de pesquisas conforme mostra a Tabela 2, ainda são pouco significativas. E esse parece ser um dos entraves para uma constituição *heteronômica* da educação física no nordeste brasileiro. Se sabe que o volume de pesquisas oferece direções à própria



academia, e que essa, por sua vez, tende a gerar uma certa preeminência à profissão, fato que corrobora a tese de que:

A hegemonia..., não é apenas um tipo bem-sucedido de ideologia, mas pode ser decomposta em seus vários aspectos ideológicos, culturais, políticos e econômicos. A ideologia refere-se especificamente à maneira como as lutas de poder são levadas a cabo, no nível da significação, e, embora tal significação esteja envolvida em todos os processos hegemônicos, ela não é em todos os casos o nível *dominante* pelo qual a regra é sustentada. (EAGLETON, 1997, p. 106).

Se esses números mostram que esse problema já reflete uma certa imponderação de uma área temática sobre as outras, outrossim se torna necessário perguntar pelos motivos que fizeram ampliar a quantidade significativa de pesquisas (na área de educação física) em uma temática tão específica. Perguntas como: Quais as razões de haver um número expressivo de pesquisadores na área temática *Atividade física e saúde*, se levarmos em conta que o curso de educação física não possui apenas essa temática como norte científico? Se um pesquisador opta pela pesquisa nessa temática, o que está por trás dessa escolha? A vontade de entender a *atividade física*? A vontade de melhorar a saúde das pessoas? Ou a quantidade de aportes teóricos sobre a área em questão? Será que a quantidade de disciplinas de um curso contribui para que haja uma escolha no campo da pesquisa? Será que a educação física tem observado as contribuições de suas disciplinas e suas grades curriculares?<sup>22</sup>

Se isso é um fato, o que explica essa alternativa dentro das áreas educação física? Uma possibilidade economicamente mais ampla? Uma contribuição? Ora, se o motivo for a contribuição, isso seria contraditório, visto que é a área com maior quantidade de pesquisas, logo, a área com mais contribuições. Enfim, como explicar uma adesão tão expressiva por uma área

---

<sup>22</sup> Uma dúvida que já recebeu algumas respostas e contribuições significativas no que tange aos currículos dos cursos de educação física, uma vez que: “Os principais problemas identificados nos currículos que estamos estudando são os seguintes: Excessiva carga horária, dispersa e diluída em conteúdos fragmentados; ênfase no currículo biologicista, focado na área médica - com ênfase na perspectiva de saúde de matriz patogénica, ou seja, das doenças; currículo desportivizado; currículo com caráter terminal – estágio e práticas do ensino previstos no final do curso; currículo sem Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de caráter científico; currículo sem eixos, pilares, módulos ou sistemas de complexos orientadores no trato com o conhecimento; currículo sem previsão da auto-organização dos estudantes na organização livre dos seus conteúdos curriculares; sem unificação teórico-metodológica em torno de capacidade gerais para o exercício da profissão; currículo sem inserção nas redes públicas – de educação, de saúde, de esporte, de lazer, de treino de alto rendimento; currículo sem delimitação de competências globais, ou seja, do desenvolvimento teórico dos estudantes, com elevação das funções psicológicas superiores; sem delimitação de habilidades daí decorrentes para o exercício da profissão do professor de Educação Física; currículo disperso epistemologicamente em um relativismo científico prejudicial à formação acadêmica; currículo sem delimitação de um objeto preciso de estudo; currículo baseado na teoria pedagógica escolanovista”. (TAFAREL, 2012, p. 109).

temática, e, acima de tudo, como oferecer resistência a essa totalidade dominante de modo a criar um equilíbrio na própria área de educação física? Pois, se o conjunto de *práticas* que permeiam a educação física hoje no Brasil possuir tendências aos *conformismos*, de acordo com o que o mercado recomenda aos seus profissionais, e, por assim dizer, dentro de uma *lógica favorável* que nasce na preponderância das pesquisas ou nos laboratórios e grupos de pesquisa criados pelo próprio corpo docente das diferentes instituições que possuem um curso nessa área do conhecimento, se torna necessário “fazer frente” a esse equívoco.

### 2.1.2. Notas sobre pesquisas relacionadas à área temática *Corpo e Cultura*

As pesquisas que foram analisadas pelo projeto *Epistefnordeste* revelaram dados importantes para que possamos entender a estrutura atual dos departamentos de educação física na região Nordeste quando se considera a condição da área temática *corpo e cultura*. Começamos por abordar os diferentes departamentos das diferentes Universidades no Brasil e sua relação com o número de produções (teses e dissertações) defendidas entre 1996 e 2012, no que tange especificamente as pesquisas desenvolvidas na área temática *corpo e cultura*, e que foram defendidas pelos que, hoje, atuam como docentes dos departamentos de educação física nessa região.

O Gráfico 4 mostra uma variação completa do número de defesas entre os anos citados. Nota-se que as pesquisas que foram defendidas entre esses anos, conservaram uma constância entre 1996 e 2002 (um trabalho entre dois e quatro anos). Há uma elevação considerável de pesquisas nessa área no ano de 2003, com a defesa de quatro trabalhos, porém, somente em 2006 e 2009 essas pesquisas apresentaram números mais consistentes com relação as defesas que variaram entre 6 e 7 trabalhos, exceto 2007 que apresentou apenas 3 trabalhos<sup>23</sup>. Esse tipo de variação (a considerar que somente um docente entre todos os que foram analisados nessa área temática possui defesa de mestrado e doutorado na mesma área temática) pode ser um sinal de que a área em questão não atrai muitos pesquisadores, nem revela um crescimento considerável em relação a área temática mais pesquisada, conforme se apresenta a área: *Atividade física e saúde*.

---

<sup>23</sup> Número que volta a se repetir em 2012.

Gráfico 4 – Produções por ano



Fonte: elaboração própria

A questão que levantamos é: por que houve uma queda expressiva em 2007 e 2012, uma vez que é possível notar uma considerável elevação da procura por essa área temática? Como entender que uma área que possui uma ampla variedade empírica e teórica para realização de pesquisas, sobretudo se considerar a quantidade elevada de departamentos que aceitariam temas e problemas relacionados a essa temática, tenha sofrido oscilações dessa natureza? Ano após ano essas pesquisas apresentaram picos de produção repentinos que variam entre 1 e 6 trabalhos, conforme podemos notar entre os anos 2004 e 2006, o que denota uma invariabilidade da própria temática em questão. Ora, se for demonstrado que há uma insuficiência no número de debate sobre corpo, cultura, corporeidade, sociedade nos cursos de educação física, isso pode ter reflexos diretos tanto no fluxo de trabalhos, quanto na opção que os alunos<sup>24</sup> fazem por uma área temática, por exemplo, o que explica a oscilação nesses números.

Uma primeira hipótese pode ser verificada ao notar no Gráfico 5 que mostra um predomínio pela escolha da área temática *corpo e cultura* está predominantemente vinculada a área de educação, fato em que um pesquisador, ao procurar de maneira suposta e adequada um departamento para submeter um projeto de pesquisa com essa temática, decisivamente terá maior possibilidades para encontrar orientadores para sua pesquisa nos departamentos de ciências

<sup>24</sup> Alunos que optaram por fazer uma pesquisa de mestrado ou doutorado e seguir a carreira de pesquisador/professor universitário.

humanas. Se com essa temática, provavelmente, se tem notoriamente poucas possibilidades de ser desenvolvida na educação física, logo, o curso de educação física pode rever a sua participação nessa área temática.

Gráfico 5 – Trabalhos por áreas de pesquisa/departamentos



Fonte: elaboração própria

Não apenas é evidente que a área temática *corpo e cultura* tem maior produção na área de educação, em relação as outras áreas, como também se percebe como ela se sobressai em relação as outras. A diferença suficientemente expressiva entre o número de pesquisas realizadas nos departamentos de pós-graduação em educação com 18 trabalhos, e o número de pesquisas realizadas nos departamentos de pós-graduação em educação física com 3 trabalhos; refletindo, só essa diferença entre os dois departamentos com maior número de trabalho (em relação aos demais) já é suficiente para indicar que, não obstante o número de departamentos de pós-graduação em educação física ser muito menor<sup>25</sup> do que os departamentos de pós-graduação em educação<sup>26</sup> no

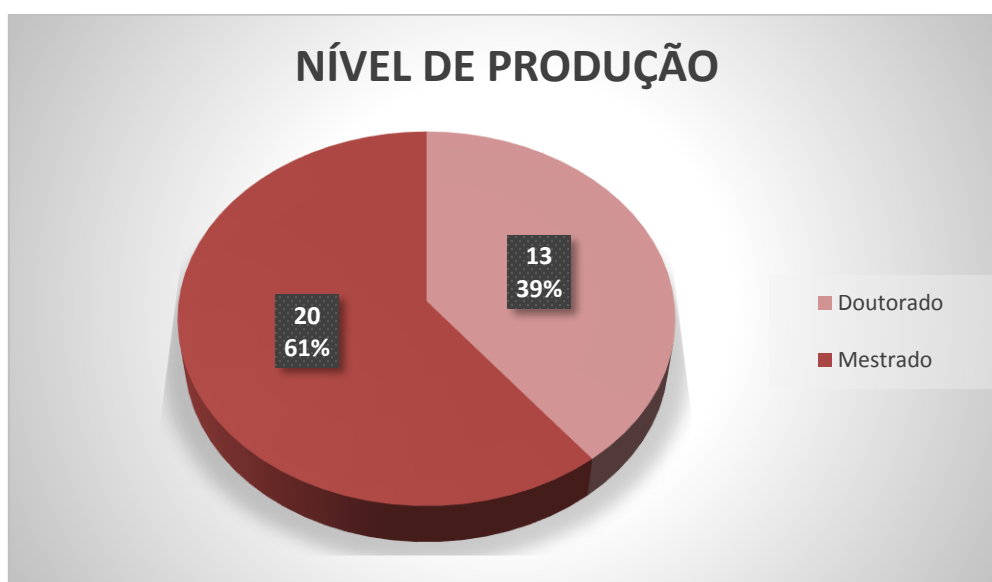
<sup>25</sup> Segundo as considerações gerais da área de educação física: “A Área 21 é formada por Programas de Pós-Graduação que envolvem quatro áreas de atuação acadêmica e profissional: Educação Física, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional. Atualmente, a área conta com 64 programas, que ofertam cursos de mestrado (95.3%) e doutorado (57.8%) acadêmicos. Os mestrados profissionais ainda são poucos (4.7%) e a área conta com apenas três cursos de mestrado”. (MEC/CAPES, 2016, p. 2).

<sup>26</sup> Segundo as considerações gerais sobre a área de educação: “A Área de Educação conta, em setembro de 2016, com 246 cursos de Pós-graduação, sendo 128 de Mestrado Acadêmico, 74 de Doutorado e 44 de Mestrado Profissional.

Brasil, ainda teríamos que pensar no número reduzido de orientadores em uma pós-graduação em educação física com relação a área temática *corpo e cultura*, o que volta a refletir as questões que levantamos sobre o predomínio de uma área temática (ver Tabela 2).

Com relação ao nível de titulação dos trabalhos que foram defendidos nessa área temática, o número de trabalhos realizados no nível de mestrado é maior. Como aponta o Gráfico 6, as dissertações representam mais da metade dos trabalhos realizados na temática *corpo e cultura*.

Gráfico 6 – Nível de produção



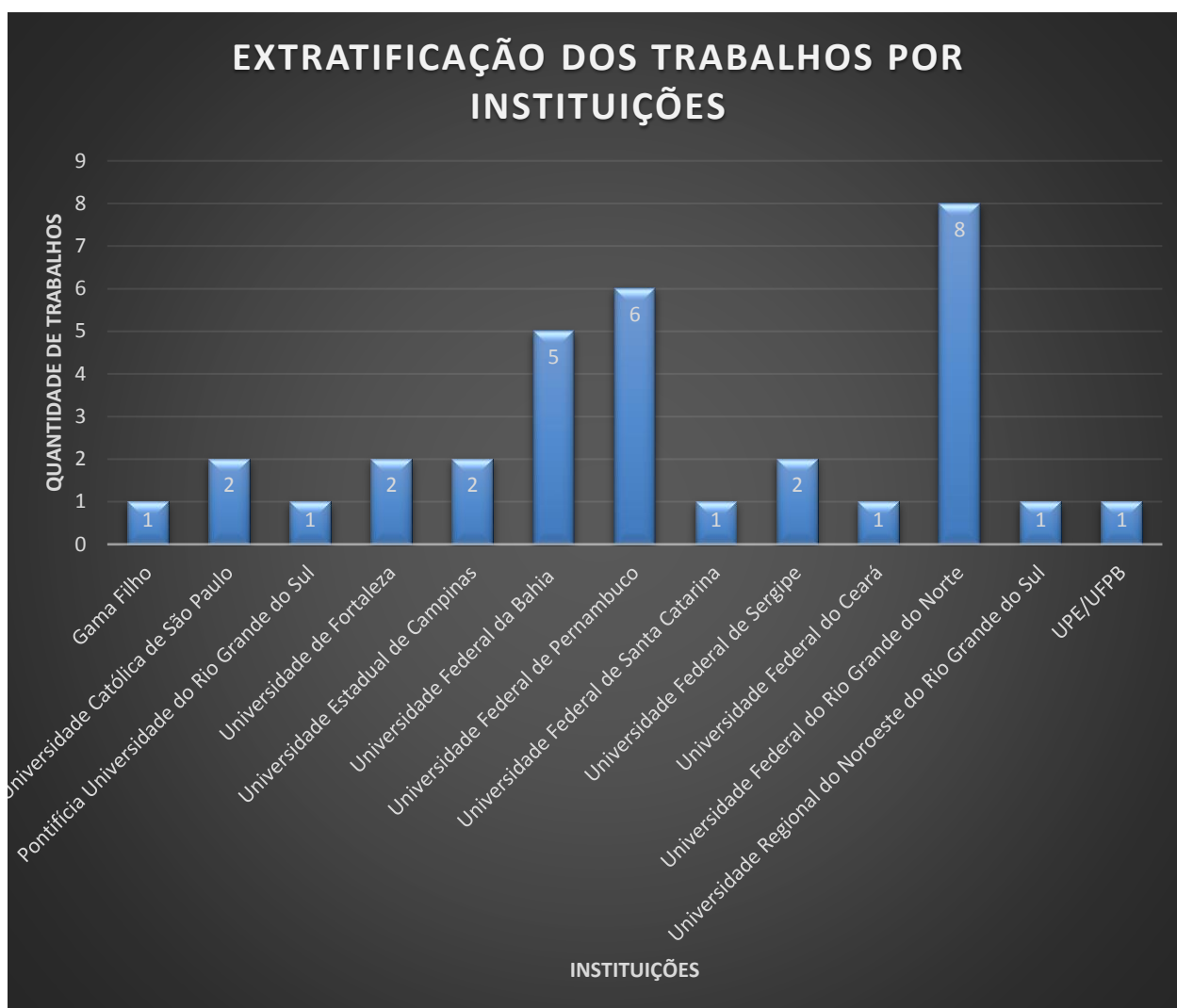
Fonte: elaboração própria.

Somado a essa questão, notamos também uma variação na realização desses trabalhos segundo uma extratificação dos trabalhos defendidos em relação as diferentes Instituições de Ensino Superior (IES). Como se pode perceber no Gráfico 7, as três instituições em que mais se destacam no número de pesquisas *na área temática corpo e cultura* estão localizadas na região Nordeste. São elas: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (8 trabalhos); Universidade Federal de Pernambuco (6 trabalhos); e Universidade Federal da Bahia (5 trabalhos). Isso representa mais da metade do total de trabalhos defendidos nessa área temática (19 trabalhos dessas três IES em relação aos 32 trabalhos totais).

---

Tais cursos se organizam em 172 Programas, 74 deles com Mestrado e Doutorado Acadêmicos, 54 com Mestrado Acadêmico e 44 com Mestrado Profissional”. (MEC/CAPES, 2016, p. 2).

Gráfico 7 – Extratificação dos trabalhos por instituições



Fonte: elaboração própria

Não se pode negar que isso representa um dado importante, visto que essas pesquisas, realizadas por possíveis pesquisadores em sua própria região, têm maior probabilidade de análise regional, ou melhor, a probabilidade das pesquisas levarem em consideração os problemas prementes de cada região em que se realiza o trabalho de pesquisa. A Universidade Federal do Rio Grande do Norte, por exemplo, possui 3 docentes com pesquisas nessa área, porém é a instituição que mais recebeu pesquisadores (8 trabalhos), e vale dizer que os 3 docentes que atuam no departamento de educação física da UFRN fizeram seus trabalhos na própria instituição (duas pesquisas realizadas no departamento de educação e uma pesquisa realizada no departamento de ciências da saúde). (Ver Apêndice A).

Quando se tratou de analisar as pesquisas segundo a locação (relativo ao departamento em que trabalha) dos diferentes docentes, se percebe que hoje, os Estados de Pernambuco e Bahia são, em relação ao número de pesquisas defendidas por docentes, os estados que possuem maior probabilidade de haver uma linha de pesquisa na área temática corpo e cultura, segundo consta o Gráfico 8. Em ambos os Estados se encontram somados um número de docentes (16 docentes com trabalhos defendidos nessa área temática) que poderiam orientar, na área de educação física, um trabalho concernente ou aproximado a essa área temática. Algo que pode ser pensado a partir da possibilidade da formação de um *Minter*, por exemplo.

Sem contar que há uma colaboração significativa de outras áreas que estão próximas a essas instituições, como se pode constatar na UFPB, que embora seja uma IES que possua 2 docentes na educação física com trabalhos nessa temática, se constatou uma colaboração efetiva do Professor Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha do Departamento de Filosofia nessa mesma instituição que tem contribuído muito, seja como co-orientador seja nas participações em bancas de defesa na educação física. Contribuições como a do Professor em questão se tornam importantes não apenas para que essa área temática ganhe mais consistência em número de pesquisas e em interesse por parte dos alunos do curso, mas também para que haja aberturas entre departamentos, ou seja para que a educação física dialogue com departamentos, nos quais se torne possível o exercício interdisciplinar e as possibilidades das relações intercursos.

Gráfico 8 – Quantidade de trabalhos por Estado



Fonte: elaboração própria.

Esses dados oferecem um primeiro arranjo sobre a área temática *corpo e cultura*, no que tange a relação de orientações; grupos de pesquisa e seminários que, possivelmente, podem prosperar dentro dos departamentos e ampliar a possibilidade de maiores oportunidades de debates e pesquisas em torno da temática em questão. A educação física no Nordeste já demonstrou, e não apenas por agora se conhecer esses números oferecidos pelo grupo *epistefnordeste*, que é suficientemente capaz de contribuir de maneira significativa para a pós-graduação em educação física nessa região.

Nada parece justificar um declínio da perspectiva de uma abertura de programas de pós-graduação em educação física no Nordeste, e nada, em absoluto, obsta a ampliação das demais áreas temáticas<sup>27</sup>, de modo que a educação física nessa região possa encontrar o melhor equilíbrio, seja no número de pesquisas realizadas pelos seus docentes, seja pelo diálogo interdisciplinar que amplia as condições de um curso de educação física multifacetado em seus conteúdos e plural em suas perspectivas acadêmicas.

Interessa a esse trabalho falar sobre as cátedras, pois no Brasil se percebe que o debate sobre os problemas que cercam a formação e expansão dessas instituições seguiu-se de

<sup>27</sup> Em relação a hegemonia da área temática *atividade física e saúde*.



controvérsias que ainda hoje – em certa medida – se pode notar. As universidades no Brasil são recentes em relação aos demais países da América Latina. O caso do *epistefenordeste* é emblemático, e revela como, por exemplo, para uma área do conhecimento como a educação física e o desporto, as pesquisas, em sua maioria, obedecem a parâmetros nacionais e não regionais.

Uma parte expressiva dos pesquisadores e docentes que atuam científica e profissionalmente no Nordeste e resolveram migrar para outras instituições de ensino superior como o intuito de complementar a própria formação, não levaram as circunstâncias culturais e regionais que pertencem a própria região. O desprestígio ou a não consideração sobre as condições dessa região pode revelar alguma condição arriscada para essa área, pois esse fato contrasta com a ideia da criação das *Universidades* como um requisito para reparar as condições de vida – precária – que os medievais apresentavam<sup>28</sup>.

O Nordeste é uma região conhecida por seus problemas históricos que são ligados à sua escassez de recursos naturais, bem como problemas econômicos e sociais ligados às dificuldades que assolam boa parte da sua região). Não levar em conta a sua necessidade é, em certa medida, deixar-se na contramão do processo de melhorias para a vida coletiva que possa gerar viabilidade e melhoria para a vida das pessoas que lá habitam. Isso não quer dizer que toda pesquisa que envolve os pesquisadores dessa região deve revelar ou buscar aproximar condições – únicas – dos estados que compõem a própria região, nem que isso pode sanar todos os problemas que historicamente se vincularam à política e à economia e até hoje lá se pode encontrar; todavia, o fato de ser diminuto a importância ligada às condições daqueles estados revela algo, por assim dizer, necessário. O Nordeste é uma região do Brasil extremamente importante e culturalmente rico e, desse modo, tem muito a contribuir para a educação física no Brasil.

### 2.1.3. Bibliometria das pesquisas relacionadas a temática *corpo e cultura*

O objetivo analítico da consulta dos principais dados contidos nos referenciais bibliográficos dos 32 trabalhos (teses e dissertações) relacionados a temática corpo e cultura, foi importante para se observar que, primeiramente, quase não há autores expressivo que se destaquem,

---

<sup>28</sup> Faremos uma abordagem sobre a formação histórica das universidades no capítulo III.

de fato, nas pesquisas sobre essa área temática<sup>29</sup>. Na análise bibliométrica que se realizou sobre esses trabalhos foi considerado um número expressivo mínimo de 8 citações de uma obra específica de um autor em cada trabalho (tese ou dissertação), como perspectiva plausível de direção e grande valor para o trabalho analisado.

No entanto, as peculiaridades da análise desses dados se tornaram fundamentais para o nosso estudo, como exemplo, o número de citações que constam nos referenciais dos trabalhos avaliados, porém não aparecem no corpo do texto desses trabalhos (conforme tabelas e gráficos do Apêndice A). De acordo com o que já foi debatido nos parágrafos acima, fazer o estudo bibliométrico e, acima de tudo, as citações mostram a dinâmica das pesquisas nessa temática. Perceber o modo como os pesquisadores se apoiam nos autores que contribuem para suas pesquisas e como esses autores são citados aponta tanto problemas quanto as possíveis soluções futuras.

Dentre os estudos bibliométricos um dos principais indicadores da produção científica é a citação. Ao publicar os resultados de uma pesquisa é usual que os autores se refiram a trabalhos anteriores relacionados com o tema abordado. Ao mesmo tempo, essas referências também são citações, implicando em uma conexão entre os documentos, ou seja, aquele que cita e o que é citado.

Ficou constatado que, dos 32 trabalhos avaliados, as pesquisas em que fizeram mais de 8 citações em seus trabalhos tem como resultado: a) um autor (Maurice Merleau-Ponty) aparecendo em 4 trabalhos; b) dois autores (Immanuel Kant e Jean-Jacques Rousseau) aparecendo em dois trabalhos cada um; c) os demais autores com número de citações acima de 8 participam apenas uma vez. Esses dados podem ser consultados na Tabela 3 logo abaixo. Isso reflete um dado importante: não há autores preponderantes que se destacam (ou que norteiam) os trabalhos nessa área temática. Uma hipótese é a que revela a diversidade de olhares e perspectiva que uma área temática como *corpo e cultura* é capaz de gerar.

---

<sup>29</sup> Como se pode notar na Tabela 3, o autor mais expressivo – Maurice Merleau-Ponty – consta em 4 trabalhos, ou seja, em menos de 10 % do total de trabalhos avaliados (32 trabalhos). Havia uma expectativa inicial nessa tese de que Merleau-Ponty seria um autor que apareceria em mais de 50% dos trabalhos. Identificar as citações se torna importante pelo fato dessas citações apontarem algumas ideias que orientem boa parte dos pesquisadores da educação física. E essa análise serve para outras áreas do conhecimento, pois “[...] a análise de citação conduz às fontes das ideias contidas no trabalho e servem para identificar estudos prévios que inspiraram o autor a desenvolver a sua investigação”. (HAYASHI *et. al.*; 2007, p. 40)

Tabela 3 – Obras mais citadas nos trabalhos

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.	4
KANT, Immanuel. Sobre a Pedagogia. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Unimep, 1996.	2
ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou da Educação. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995	2
LOCKE, John. Pensamientos sobre La Educación. Traducción La Lectura y Rafael Lasaleta. Madri-Espana: AKAL, 1986.	1
CAPARRÓZ, Francisco Eduardo. Discurso e prática pedagógica: elementos para a compreensão da complexa teia que envolve a Educação Física na dinâmica escolar. In: CAPARRÓZ, Francisco Eduardo. Educação Física escolar: política, investigação e intervenção. v. 1, Vitória, ES: PROTEORIA, 2001, p. 193-214.	1
FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 2004.	1
GAMBOA, Silvio Sánchez. Teoria e prática: uma relação dinâmica e contraditória. In: Motrivivência: Educação Física, teoria e prática. Ano 7, n. 8, Ijuí, RS: Unijuí, dez. 1995, p. 31-45.	1
SOARES, Carmen Lúcia et. al. Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo, SP: Cortez, 1992.	1
SERRES, Michel. Varrições sobre o corpo. Trad. Edgar de A. Carvalho e Maria Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.	1
HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. Traduzido por OJoão P. Monteiro. 2. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1980. 243 p.	1
SANTIN, Silvino. Educação física: outros caminhos. Porto Alegre: EST/ESEF, 1993	1
LE BOUCH, Jean. Rumo a uma ciência do movimento humano. Trad. Geni Wolf. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.	1
FURER, Bruno (Org.) CARYBÉ: Salvador: Fundação Emílio Odebrecht. 1999.	1
VANOYE, Francis. GOLIOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre uma análise fílmica. Campinas: Papirus, 1994.	1
SODRÉ, Muniz. Mestre Bimba: corpo de mandinga. Rio de Janeiro: Manati, 2002.	1
LABAN, Rudolf. Domínio do movimento. Edição organizada por Lisa Ullmann. Tradução de Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto Salomão. São Paulo: Summus, 1978.	1
MARQUES, Isabel. Ensino de dança hoje: textos e contextos. São Paulo: Cortez, 1999	1
CASCUDO, Luiz Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 11ª ed. São Paulo: Global, 2001	1
CHEVALIER, Jean; GUEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos: sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Cristina Rodrigues e Arthur Guerra. Lisboa: Teorema, 1982	1
DUFRENNE, Mikel. Estética e Filosofia. Trad. Rogério Fernandes, 2ª ed. São Paulo. Martins Fontes, 1996	1
MARQUES, Francisca Ester de Sá. Mídia e experiência estética na cultura popular: o caso do bumba meu boi. São Luiz: Imprensa Universitária, UFMA 1999.	1
PEARSON, Carol S. O herói interior: seis arquétipos que orientam nossa vida. Trad. Terezinha Batista Santos, São Paulo, Ed. Cultrix, 1994	1

SILVEIRA, Nise. Jung: vida e obra. 10a ed., Rio de Janeiro, Ed. Paz e terra, 1986	1
FEUERSTEIN, Georg. A tradição do Yoga: história, literatura, filosofia e prática. São Paulo: Cultrix, 2003.	1
FORMENTI, Laura. La formazioni autobiografica. Confrontti tra modelli e e riflezionni tra teoria e prática. Milano: Guerine Studio, 1998.	1
TAIMNI, I. K. A ciência do Yoga. Brasília: Editora Teosófica, 2006	1
MUCIDA, Ângela. O sujeito não envelhece – Psicanálise e velhice. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.	1
DERDYK, Edith. O desenho da figura humana. São Paulo: Scipione, 1990	1
ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999	1
DUARTE, Maria de Souza. A educação pela arte: o caso Brasília. Brasília: Thesaurus, 1983	1
ÉBOLI, Maria Terezinha de Melo. Uma experiência de educação integral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/Instituto Nacional do Livro, 1971.	1
KOUDELA, Ingrid Dormien. Jogos teatrais. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998	1
LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do Eu. In: ZIZEK, Slavoj (Org.). Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 97 - 103	1
MÈREDIEU, Florence de. O desenho infantil. São Paulo: Cultrix, 1997	1
FRENET, C. Ensaio de psicologia sensível. São Paulo: Martins Fontes, 1998a	1
FRENET, C. A educação do trabalho. São Paulo: Martins Fontes, 1998b	1
ASSMANN, H. Metáforas novas para reencantar a educação. Piracicaba: Ed. Unimep, 2001	1
NOBREGA, T. Petrúcia da. Corporeidade e educação física do corpo-objeto ao corpo-sujeito. Natal: EDUFRRN, 2000	1
OLIVEIRA, A. M. M. Raízes sociais e políticas de uma proposta pedagógica. Rio de Janeiro: Papeis e cópias da escola de professores, 1995	1
LANGER, Susanne K. Sentimento e forma. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980	1
PAVIS, Patrice. A análise dos espetáculos: teatro, mímica, dança, dança-teatro, cinema. São Paulo: Perspectiva, 2005	1
MANOEL, Ivan Aparecido. A igreja e educação feminina. (1819 – 1919) uma face do conservadorismo. São Paulo: ed. Unesp, 1996	1
ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1985.	1
PEREIRA, R. D. Fútbolmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro. 1902 – 1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000	1
SANTOS NETO, J. M. dos. Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.	1
CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. A descoberta do fluxo: a psicologia do desenvolvimento com a vida cotidiana. Trad. Pedro Ribeiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1999	1
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 7ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996 (col. Leitura)	1
JODELET, Denise. The representation of the body and its transformations. In: FARR, R.; MOSCOVICI, S. (Eds). Social representations. Cambridge. UK: Cambridge. University press, 1984. (p. 211 – 238).	1

OLIVEIRA, Denise C. Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P. (Org.) Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais. João Pessoa: EdUEPB, 2005. (p. 573 – 603).	1
SÁ, Celso P. de. Núcleo central das representações sociais. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1996	1
KOSIK, Karel. Dialética do concreto. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.	1
MINAYO, M. de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 1996.	1
MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em psicologia social. Editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2009	1
RÚBIO, K. O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001	1
GADOTTI, M. História das Ideias Pedagógicas. 8ª edição. São Paulo: editora Ática, 2002.	1

Fonte: elaboração própria.

De fato, os trabalhos nessa área temática se apresentaram diversificados, embora se pòde notar algumas relações muito peculiares entre os pesquisadores e seus respectivos Estados. Talvez seja comum a estudantes de educação física a busca pelas pesquisas cujas observações sejam mais regionais, ou seja, que trazem questões e problemas mais próximos da realidade desses estudantes; e uma das hipóteses seja a variedade empírica que essa proximidade pode gerar. Um bom exemplo é o fato de que todos os trabalhos do estado da Bahia, que estão vinculados a essa área temática, apresentarem diferentes estudos sobre a capoeira.

Já se sabe que o posicionamento de um pesquisador frente às teorias: as suas distinções, suas cisões, seus confrontos, faz parte do exercício da própria escrita em um trabalho que envolve uma pesquisa, e, no entanto, tornou-se comum encontrar, em boa parte das pesquisas, um posicionamento acanhado dos pesquisadores em relação à sua participação efetiva nesse confronto. Podemos levantar hipóteses para essa questão. Mas o que se faz importante é entender os motivos em que essa condição parece ser mais presente. Uma primeira hipótese está no fato de que é notável a diferença entre as ciências que se praticavam no passado e as que são praticadas hoje.

Boa parte dos pesquisadores que desenvolvem seus projetos nas áreas científicas na contemporaneidade são recebidos de modo diferente do que os pesquisadores no *Renascimento* ou na idade moderna. Essa parcela de cientistas contemporâneos (a que nos referimos) entendem que o modelo baseado nos ensaios ou no conseqüente desenvolvimento da escrita parece lembrar uma ideia sobrepujada e talvez antiquada, que pode fazer aflorar textos carregados, e que por isso deve

ser deixada de lado para a ênfase do aspecto empírico das pesquisas<sup>30</sup>, o que se coaduna com uma ideia pragmática de ciência.

Mas isso não parece se aplicar à questão do conceito de *corpo* e de *cultura*, visto que, se não estamos enganados, são conceitos que pertencem mais a um universo humanista que cientificista, e por isso, poderiam apresentar desenvolvimentos textuais mais abertos a esse referido humanismo necessário. Só que isso não acontece como se esperaria. Além disso, no que tange à questão da *cultura* para uma área como a educação física e o desporto – levando em consideração as últimas décadas – adverte-se sobre a importância de se rever questões plurais e mais abrangentes sem, contudo, ficar na superfície o “cair em armadilhas”.

A partir de fins da década de 1980, vários autores da educação física brasileira passaram a considerar em seus trabalhos a dimensão cultural, fato que tem se mostrado dos mais positivos, uma vez que até há poucos anos o referencial quase exclusivo para discutir a área provinha das ciências naturais. Alguns desses autores aprofundaram-se em referenciais teóricos das ciências humanas, mas, mesmo aqueles que continuaram estudando com base em referências das ciências naturais também passaram a incluir em suas análises e publicações a questão cultural. Se esse processo constituiu-se em importante avanço para a área, o uso do conceito de cultura pode trazer certas armadilhas. Entendo que o conceito de cultura é a principal categoria para se pensar a educação física. Se sua utilização for superficial, não passará de um certo diletantismo, atendendo, talvez, aos ditames da moda. Por outro lado, se o estudo da cultura não for profundo, poderá engessar a própria visão de educação física. (DAOLIO, 2003, p. 116).

Já uma segunda hipótese para essa questão, pode vir do universo pedagógico que pode-se traduzir no esforço da formação de boa parte dos estudantes brasileiros desde os primeiros anos escolares. Dentro do que se pode considerar entre as práticas pedagógicas mais comuns no Brasil – incluindo todo um processo de *racionalização* endereçado ao estudante – o exercício de copiar respostas (a partir de perguntas elaboradas pelos professores ou pelos próprios alunos) que já estavam presentes nos livros didáticos, representa uma parcela considerável entre as práticas pedagógicas mais utilizadas e reprodução dessas práticas no decorrer de toda formação.

Esse fato pode gerar um acúmulo de dependência, sobretudo em relação ao exercício do pensamento. Nesse caso, o exercício do pensamento crítico pode propiciar a intervenção do

---

<sup>30</sup> Basta perceber a diferença entre os textos produzidos no século XVI e os que são produzidos hoje. Nas ciências da natureza (a física), por exemplo, Newton desenvolve uma pesquisa a partir de reflexões filosóficas e não apenas científicas, e isso é mais difícil de se encontrar nas pesquisas realizadas (hoje) na mesma área do conhecimento, a saber, ciências da natureza.

argumento realizado pelo próprio aluno e que, de certa forma, projeta sua autonomia em relação ao que foi lido e que pode ser reescrito de outra maneira, ou retificado pelos novos argumentos. Nesse caso, o processo da criação da autonomia pode contribuir para um posicionamento crítico do pesquisador na sua vida universitária e talvez com isso teríamos uma separação mais nítida entre o pesquisador *academista* e pesquisador filósofo-cientista.

O primeiro caso faz referência ao acadêmico no geral, que busca uma formação e uma diplomação que o possibilite tanto para a prática profissional quanto à possibilidade de melhores rentabilidades futuras. O segundo caso faz referência ao acadêmico que pleiteia um lugar de “futuro cientista”. Esse, ao entrar na universidade, interessa-se pelos assuntos propostos com mais ênfase que o comum, interage com as áreas mais próximas ao seu gosto e juízo; e busca as iniciações científicas ou os eventos de natureza acadêmica para, no futuro, dar andamento a novas pesquisas, de preferência em uma pós-graduação (mestrado e doutorado).

O posicionamento desse segundo aluno é importante para a ciência, pois é com sua perseverança que se amplia a possibilidade de continuidade das pesquisas. Ele é capaz de encontrar, por si só, o amor pelo conhecimento e o aprofundamento desse em relação ao avanço e aperfeiçoamento de sua futura profissão, e, acima de tudo, ele é capaz de trabalhar esse conhecimento no esforço de tornar as meras opiniões em justificações precisas. O que nos faz lembrar da advertência de Michel de Montaigne ao dizer:

Cuidamos das opiniões e do saber alheios e pronto; é preciso torna-los nossos. Nisso nos parecemos com quem, necessitando de lume, o fosse pedir ao vizinho e dando lá com um esplêndido braseiro ficasse a se aquecer sem pensar em levar um pouco para casa. Que adianta ter a barriga cheia de comida se não a digerimos? Se não a assimilamos, se não nos fortalece e faz crescer! [...] Não aprecio esse saber relativo e que mendigamos. (MONTAGNE, 1972, p.75).

Para que se possa esperar uma ampliação – em números – desse segundo acadêmico, é preciso apostar na escola, pois parece ser uma tarefa da própria escola (e não da universidade) encontrar um êxito como esse. Ainda assim, não se pode fazer essa crítica à escola sem esquecer dos problemas da educação brasileira como um todo. É preciso combater a proliferação de instituições de ensino superior que alimentem a ênfase no academicismo formador, no qual, o seu aluno deve ser preparado para atender as demandas da profissão *de acordo com o que o mercado*

*de trabalho exige*<sup>31</sup>, e não segundo o que a ciência e todo saber que a perfila ainda pode progredir em cada uma das diversas áreas do conhecimento, incluindo a educação física.

Ora, o avanço das ideias da construção de  *cursos baseados na exigência do mercado*, se torna contraproducente na própria relação do avanço mercadológico *versus* a melhor formação em filosofia ou ciência. Pouco ou nada se deixa absorver da importância do aprofundamento dos temas e problemas relacionados a um curso ou uma profissão, se se tornamos reféns do que o *mercado de trabalho* obriga. Fica difícil negar que o modelo de instituição de ensino superior *neoliberalista* que prolifera com vistas ao econômico e não ao acadêmico contribui para aprofundar a condição alienada do aluno em relação ao saber científico e sua possibilidade em desenvolver e avançar novas pesquisas, além de propiciar um retardo científico, até mesmo de seus docentes<sup>32</sup>,

De acordo com os índices de 2015 que mostraram que no ranking de educação da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) que avaliou 76 países e revelou que o Brasil ocupa a 60ª posição (WELLE, 2015), tornou suficiente o fato para que a própria educação fosse questionada. Será que o baixo índice desse resultado não tem um reflexo na formação consistente dos alunos? Embora esses fatores não sejam suficientes para concluir que estamos perto do “fim da fila” (junto com os 16 países restantes) eles parecem apontar condições precárias dos acadêmicos desde os primeiros passos de sua formação. É preciso buscar

---

<sup>31</sup> E isso parece ter uma contribuição considerável, no caso da educação física, da formação dos *Conselhos Federais* que representam a área, segundo Tafarel (2012, p. 102-3): “As posições do Conselho, que em suas legislações específicas delimitam campos de atuação do profissional – professor de Educação Física, vêm gerando lacunas na formação, lacunas que são sentidas durante o processo de formação, bem como na atuação profissional, nos campos de trabalho. As lacunas na formação dizem respeito à negação do conhecimento e as lacunas na atuação profissional dizem respeito à negação de postos de trabalho. A expressão desta negação pode ser identificada nas atuais reivindicações do Movimento Estudantil da área, que reivindica a revogação das diretrizes curriculares e a reformulação dos currículos na perspectiva da unificação. O Sistema CONFED/CREF com suas argumentações ideológicas e com seu aparato legal atua para restringir, portanto, a formação e atuação profissional, interferindo na universidade e nos campos de trabalho - e isto é observável na “realidade atual” em que se aliam outros fatores que desqualificam o professor em sua formação acadêmica”.

<sup>32</sup> E que seria perfeito se, ao menos, se pudesse compreender que para haver ciência de qualidade é preciso formar professores com qualidade, valorizando, inclusive, sua titulação e remuneração. É preciso mais cuidado com essa formação, é preciso cuidado com o número de indicações docentes que, às vezes, desconsidera a própria trajetória acadêmica do professor, ou se há méritos a se revelar nessa trajetória. Essa é uma preocupação que vem sendo aconselhada a muito tempo por ilustres filósofos, como se pode lembrar em Michel de Montaigne (1972, p. 81). “Para um filho de família que procura as letras, não pelo lucro (pois um fim tão abjeto é indigno da graça e do favor das musas e, por outro lado, não depende de nós) nem tanto pelas vantagens exteriores que os oferece como pelas suas próprias, e para se enriquecer e adornar por dentro para um rapaz que mais desejaríamos honesto do que sábio, seria útil que se escolhesse uma guia com cabeça bem formada mais do que exageradamente cheia e que, embora se exigissem as duas coisas tivesse melhores costumes e inteligência do que ciência. Mais ainda: que exercesse suas funções de maneira nova.



conscientização de todas as partes envolvidas nos processos que envolvem a educação e o fomento à cultura. E essa consciência é, em certa medida, o que atina para uma valorização do próprio aluno enquanto um agente social.

Considerando-se que no Brasil as universidades mais antigas têm pouco mais de 100 anos, é de esperar que esses processos sejam mais lentos, porém não necessariamente distanciados da esperança de mudar essa relação direta entre os benefícios da ciência e sua aplicação plural em todos os aspectos mais prementes da sociedade. Esse resgate de valores parece que começa por uma tomada de “consciência” tal que permita que todos possam refletir sobre uma nova perspectiva esclarecida e educada (inclusive com vista a uma nova relação entre homem e ciência), uma perspectiva que deve começar pela escola, pois somente a partir da *esperança crítica na escola* será possível presumir a consciência, considerando que:

[...] mesmo quando eu atuo cientificamente, etc., uma atividade que raramente posso levar a cabo em comunidade imediata com outros, também sou social, porque atuo enquanto homem. Não só o material de minha atividade – como a própria língua, na qual o pensador é ativo – me é dado como produto social, como também meu próprio modo de existência é atividade social, porque o que eu faço de mim, o faço para a sociedade e com a consciência de mim enquanto um ser social”. (MARX, 1978a, p. 10).

É aceitável, portanto, que a condição de superação que legitima a sociedade científica para buscar as mudanças para o progresso da humanidade, possa também propiciar a abertura para que o sujeito procure pelo verdadeiro sentido atribuído às diferentes camadas de conhecimento que foram desenvolvidas pelo gênero humano, incluindo a teoria e a prática, tenha que começar pelo movimento combatente do sujeito que intermedia boa parte dessas relações sociais. Sabe-se que no interior dos próprios cursos de licenciatura, incluindo a pedagogia, há um vasto campo de possibilidades que podem estar sendo mediadas nesse sentido. Disso depende a dinâmica que se fará a partir de uma série de medidas que ofereçam subsídios críticos para os acadêmicos. Algo que só os departamentos, incluindo seus professores, técnicos e colaboradores poderão fazer<sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup> No caso da educação física em particular, parece que isso já se tornou premente o bastante para que uma nova diligência possa surgir, até porque: “Uma área acadêmica que se pretenda dinâmica, viva, continuamente instigadora de questões, não pode desejar para si a paz e o silêncio dos cemitérios. O debate contínuo e profundo gera novas problemáticas, que suscitam questões e novas investigações científicas. [...]. Não cremos em soluções definitivas para essas tensões, mas não há dúvidas de que elas nos fazem repensar a área e melhorar nossa prática. Resta-nos saber conviver com as constantes tensões acadêmicas e, mais que isso, aprender sempre com elas”. (DAOLIO, 2005, p. 224).

Considerando-se que toda mudança deve primar pelos princípios, então é seguro afirmar que eles representam a chave para entender algumas questões que movem a própria sociedade. A prioridade que é produzida pelas pessoas que vivem em sociedade, costuma se enraizar nos próprios costumes, e isso se torna dependente da própria mudança estrutural da sociedade, como possíveis entraves para uma tomada de consciência bem-sucedida. Nesse sentido, torna-se preciso novamente dizer que a possibilidade de se pensar esse conjunto de problema que passa pelo campo da educação física

Embora não seja apropriado falar sobre problemas estruturais na educação física, sem tratar o conjunto da educação física, ficaremos apenas com os destaques de alguns aspectos que se apresentam nos ideais que refletem a construção da grade curricular. Sabe-se que a formação de um currículo de um curso de graduação costuma acompanhar as determinações feitas pelos agentes responsáveis (gestores especialistas do Ministério da Educação) e que é prontamente executada por professores da instituição que buscam a aprovação de seus cursos<sup>34</sup>.

É prudente, então, que qualquer instituição interessada em aprovar a abertura de algum curso de nível superior faça esse “acompanhamento” de maneira adequada, uma vez que os cursos passam por sucessivas avaliações do próprio Ministério da Educação, e essas avaliações voltam a ter peso sobre os parâmetros curriculares. Logo, no que tange à aprovação “e funcionamento” de um curso de graduação em uma instituição de ensino superior, de acordo com a dinâmica que envolve o esforço para a construção do currículo básico, além de estarem vinculadas às diretrizes que são propugnadas pelo Ministério da Educação, também são reforçadas pelos princípios de legitimação da própria profissão enquanto exercício prático dos professores em boa parte das academias e escolas no Brasil.

De acordo com as experiências que servem de *fio condutor* para fundamentar composições curriculares que possam contribuir para a formação de outros profissionais, é extremamente urgente pensar na base curricular do curso de educação física (destacando, acima de

---

<sup>34</sup> Segundo as informações colhidas nas fontes dos indicadores de instituições de ensino superior. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=17246>. Acesso: 30/06/16. Quando uma instituição de ensino superior pleiteia uma autorização para abertura de curso superior, ela deve seguir uma série de observações e preparações do espaço físico em conjunto com os procedimentos documentais necessários para que se viabilize a abertura e exercício (funcionamento pleno do curso em questão). Essa avaliação é realizada “por dois avaliadores (dentro da instituição) que seguem um protocolo próprio com uma relação de itens e os pesos de cada item. Neste caso são avaliadas três dimensões do curso: organização didático-pedagógica, o corpo docente e técnico administrativo e as instalações físicas”. (BRASIL, 2016).

tudo, como o profissional da educação física tem sido “formado” dentro das universidades no Brasil). Nessa *crítica* (que se tornou *imprescindível* para a própria profissão do educador físico) as possíveis mudanças precisam ser tensionadas para que as determinações e motivações das dinâmicas dos planejamentos de cursos de educação física possam se alinhar sob cada escolha (razoável de acordo com tempo presente) dentro de uma perspectiva mais autônoma, de acordo com a autenticidade gerada em cada disciplina que compõe o quadro geral desse curso.

Por isso, só faz sentido pensar uma resposta para essas questões se isso traz sentido para futuras reformas críticas do pensamento dos próprios profissionais da educação física, incluindo os que são responsáveis por pensar e propor o currículo do próprio curso. Essa crítica cabe também aos procedimentos de gestão que são realizados pelas instituições interessadas em abrir um curso de graduação em educação física. Pensar essas categorias pode tornar mais dinâmico o processo de transformação curricular para um país que recentemente tem sido absorvido por eventos esportivos<sup>35</sup>, e isso, de um certo modo, acaba atraindo (para o esporte) um público leigo. Por conseguinte, fazer esse público compreender que o esporte está muito além de uma relação de corpo e competição, de esforço e superação, de saúde e bem-estar, de força e corporeidade, é, nos parece, um grande desafio.

De acordo com as questões que levantamos aqui, e que foram já referenciadas por diferentes autores no Brasil, essas duas perspectivas (o currículo e a legalização do curso de educação física) têm apresentando diferentes problemas que merecem atenção da academia, porém percebe-se que ainda são poucos os que se engajam nesse processo crítico<sup>36</sup>. O número ainda inexpressivo de críticas que abordam esse problema talvez demonstre uma certa adesão (da grande maioria dos professores) ao atual desempenho e continuidade curricular que é proposta pela maioria dos cursos de educação física, porém, não obsta a continuidade crítica que exige respostas satisfatórias para boa parte dos problemas que tem gerado prejuízos tanto para a educação (de um modo geral) quanto para a área em questão (de um modo particular).

---

<sup>35</sup> Copa do Mundo de Futebol (2014) e Olimpíadas (2016). Para mais informações críticas, ver (TAFFAREL, 2013).

<sup>36</sup> É interessante notar que esse problema não é exclusivo do Brasil. No Canadá, por exemplo, alguns autores têm questionado, em alguma medida, os problemas com relação ao currículo e à formação no curso de educação física. O texto de (Thomson e Robertson, 2014), manifesta uma preocupação das autoras em relação à questão da formação; o próprio título já expressa um bom questionamento: *Apto para que?* ou seja, se se defende que um profissional de educação física está “apto” para atuar, é de se questionar essa aptidão para que possamos ter a noção mais próxima de suas diretrizes no exercício de sua profissão.

Se por um lado, essa dificuldade que tensiona a crítica na educação física no que se refere as questões cruciais para uma mudança da sua estrutura curricular, por outro ainda se pode defender a hipótese de que, justamente por isso, é comum encontrarmos algumas grades curriculares bem-sucedidas para atender o processo de *mercantilização* do esporte e precárias para uma concepção crítica da própria educação física ou da atuação descuidada de seu profissional, só para ficar com dois bons exemplos atualizados. E é justamente aqui que compreendemos que o reforço desse processo de *mercantilização* tem reflexos diretos nos programas de graduação e pós-graduação, pois o aluno é formado de acordo com a linha de pensamento que é capaz de gerar ou sugerir os direcionamentos, por assim dizer, “oriundos de seus currículos” para futuras pesquisas, se se considerar os que permanecem na universidade para ampliar a formação.

Outro aspecto está diretamente relacionado ao posicionamento dos *periódicos* da área e os critérios de avaliação tanto do MEC quanto da Capes<sup>37</sup>. Ora, se o planejamento dos cursos e dos referidos currículos de cada curso, necessita passar pela aprovação das autoridades responsáveis nas instâncias governamentais, que cuidam tanto dos parâmetros curriculares de cada curso como de suas avaliações, é preciso saber também sobre as avaliações dos pareceristas dos periódicos da área em questão, pois essa informação pode servir não somente para balizar os artigos da área de educação física e desporto, mas também expõe qual o direcionamento dado aos critérios que são procedentes da própria concepção que confere as diretrizes dos cursos de educação física e seus currículos, de acordo com os padrões preestabelecidos e sugeridos como necessários ou essenciais<sup>38</sup>.

---

<sup>37</sup> Um dos órgãos responsáveis pelas avaliações da pós-graduação é a CAPES. Tratamos diretamente sobre a pós-graduação pois interessa a essa tese a avaliação das dissertações e teses em educação física. A área 21, designada pela Capes, tem sido objeto de críticas e posicionamentos salutar para que se possa rever, sempre que possível, as condições e encaminhamentos tanto dos cursos de pós-graduação em educação física, quanto dos periódicos vinculados a esses cursos.

<sup>38</sup> “Há quem diga que os pareceristas das revistas – em última instância quem decide se um periódico deve acolher determinado artigo – não deixariam esse processo acontecer, zelando pela qualidade da produção e sendo criteriosos nas análises dos artigos submetidos às revistas. É verdade e não se deve duvidar de sua boa intenção nas análises dos manuscritos submetidos aos periódicos, mas também não se pode negar que os pareceristas são os mesmos pesquisadores que publicam e incorporaram o padrão atual instaurado na era Capes. [...] O impacto de uma produção científica exige um espaço de tempo maior, da mesma forma que a formação de pesquisadores exige tempo. Nem sempre uma obra de arte ou de ciência pode ser avaliada e reconhecida rapidamente. O que parece estar acontecendo é que a produção acadêmica, para atender aos critérios avaliativos e gerar rápida pontuação, está preterindo a reflexão, necessária para a originalidade e profundidade das pesquisas. Rafael Alcadipani (2011), numa crítica ao produtivismo na área de administração, reporta-se ao processo de “macdonaldização” do ensino nas universidades e ao processo ‘fast food’ da produção acadêmica”. (DAOLIO, 2015, p. 509).

Há alguma flexibilidade nos processos de construção dos periódicos? Qual o grau de autonomia um periódico pode ter quando se relaciona a determinada área de pesquisa? O que implica pensar sobre o processo decisório que permeia a constituição dos *rankings* das revistas que são, inevitavelmente, sugeridos a partir dos diferentes *qualis* das revistas? Ele está presente na definição dos padrões e no desenvolvimento do pensamento curricular de um curso como a educação física? Eles são capazes de dar direções às pesquisas nessa área? Qual a “extensão” da participação da própria *Capes* nesse processo?

De fato, a partir do início do século XXI, a CAPES passou a ocupar um lugar – ou não-lugar – de definidora dos padrões científicos das universidades e instituições de pesquisa brasileiras. Não se trata, obviamente, de negar a legitimidade de um órgão governamental como a CAPES na avaliação dos programas de pós-graduação nacionais. O que se pretende aqui é discutir o papel que a CAPES ocupa no cenário da pesquisa nacional e como está influenciando as relações dos pesquisadores entre si e com a própria pesquisa que realizam, uma vez que os critérios avaliativos da produção acadêmica não podem ser confundidos com as finalidades da pesquisa em si (DAOLIO, 2015, p. 506).

Esse mesmo debate ganha sentido na medida em que as determinações e exigências que as instâncias decisórias superiores colocam para a academia, incluindo aqui a especificidade dessas exigências em cada curso, termina por sugerir não somente as características das publicações, mas também o próprio direcionamento das pesquisas e a formulação de artigos, algo que Pierre Bourdieu já questionava nos primeiros parágrafos de seu Artigo: *É possível um ato desinteressado?* (BOURDIEU, 1997).

Ora, não se pode definir se perspectiva de abertura de pós-graduação e a organização de periódicos, para atender os critérios da *Capes*, alguns departamentos, incluindo a, têm se esforçado por alcançar os resultados necessários que são exigidos pela *Capes*. Porém, é de se perguntar se esses critérios estão permeados por algum processo de mudança tanto para a ciência e seus conhecimentos, quanto para o benefício desses mesmos conhecimentos em prol de toda sociedade, afinal:

Todo pesquisador com um mínimo de formação política e compromisso social deveria saber que não faz pesquisas ou publica resultados das mesmas com a finalidade principal de atender aos critérios da CAPES. Ele deveria pesquisar e publicar para socializar um conhecimento adquirido por meio de pesquisas e estudos e contribuir com a área de Educação Física, gerando novas reflexões e novas práticas no campo acadêmico e profissional da área, continuando e enriquecendo dessa forma o processo sempre inacabado de reflexão científica. Enfim, retornando para a sociedade o investimento público recebido. Porém, não é o que se vê atualmente e não é por acaso que a discussão sobre a relevância

social das pesquisas e a própria finalidade da ciência parecem estar sendo substituídas por mapeamentos, estatísticas e cálculos da quantidade da produção acadêmica de cada pesquisador e de cada programa de pós-graduação. (DAOLIO, 2015, p. 507).

Não se trata, como pode parecer, de construir uma ácida crítica àqueles que se conservam na direção desses periódicos (e que tecem o modo de deliberação dos textos), mas decorre daí a necessidade de que isso pode se transformar em um perverso mecanismo de poder dos próprios *pareceristas*. Esse tipo de problema cria um campo de produção científica que não parece projetar qualquer reconfiguração do próprio sistema de ponderação e seleção, ao passo que não amplia a reelaboração do sentido da ciência no desporto, o que termina por abrir um conjunto de influências dentro da própria produção científica<sup>39</sup>.

---

<sup>39</sup> “Ou seja, a despeito da pontuação valorizada pela CAPES, que cria disputa e hierarquização entre os pesquisadores, na área acadêmica da Educação Física há todo um conjunto de alunos e profissionais que são influenciados pela produção científica de pesquisadores alijados da área 21 da CAPES, e que geram novos sentidos à produção acadêmica da área” (DAOLIO, 2015, p. 508).

### 3. CAPÍTULO II – CORPO E CULTURA

Esse capítulo tem o objetivo de apresentar uma primeira abordagem sobre *corpo e cultura* tanto como *área temática da educação física*, quanto para a *concepção crítica desses conceitos*. Por isso, o intuito será aproximar a análise crítica desses conceitos ao que possivelmente se pode encontrar *nos trabalhos (teses e dissertações) avaliados na educação física* que estão relacionados a essa temática. Desse modo, a nossa contribuição segue no rastreamento das possíveis projeções em que se pode perceber esses conceitos – *corpo e cultura* – lançarem à sociedade acadêmica, os problemas mais prementes que estão relacionados ao desenvolvimento e formação dos conceitos nessa área, segundo as teses da *Escola de Frankfurt*.

Tratar o conceito de *cultura* em uma área do conhecimento como a educação física não parece uma tarefa fácil, uma vez que isso inclui pensar alguns direcionamentos (compreendendo aqui a formação das diretrizes curriculares que “norteiam” o curso em boa parte das Universidades e Faculdades no Brasil) e determinações que historicamente essa ciência adotou. Levando em consideração os dados estatísticos, podemos constatar que, no Brasil, somente na década de 80 do século XX esse conceito começou a ganhar destaque na educação física, de um modo um pouco tímido. É muito provável que continua tímido, pois ainda são poucos os trabalhos que abordam as questões ligadas a *cultura* nas pesquisas relacionadas ao esporte ou a educação física, considerando aqui os últimos 37 anos.

Ora, é por isso que se percebe que as questões principais que orientam essa temática foge à atenção de boa parte dos pesquisadores da área de educação física. Além da dificuldade de fazer a área ganhar expressividade, se percebe uma dificuldade de boa parte dos pesquisadores – que estão dispostos a estudar essas temáticas – fazem um trabalho enraizado nos conceitos de *corpo e cultura*, sobretudo quando partem do geral (o esporte ou a atividade física) para o particular (o conceito enquanto tal) e não o contrário.

Aliás, a cultura se tornou algo imprescindível para o estudo do esporte ou da educação física. Seja qual for a área temática em questão, é importante levar em conta os fatores culturais, uma vez que: “qualquer abordagem de Educação Física que negue a dinâmica cultural inerente à condição humana, correrá o risco de se distanciar do seu objetivo último: o ser humano como fruto e agente de cultura”. (DAOLIO, 2005, p. 224).

Todavia, falar do ser humano como *fruto e agente da cultura* também não é fácil, sobretudo se não temos certeza de quem verdadeiramente *agencia* essa cultura, e se ela, ao agenciar, também *controla*. A partir de uma análise mais ampla acerca dessa noção que demonstra o ser humano como agente e receptor do processo cultural, poder-se-iam revelar se esse “agente” é mais “alienado” do que influentemente “atuante” no desenvolvimento de todo processo que perfila sua educação e cultura – hoje – no conjunto de uma sociedade, por assim dizer, balizada<sup>40</sup>. Essa perspectiva foi amplamente discutida pela *Escola de Frankfurt* e faremos, mais adiante, um levantamento dos principais aspectos que envolvem essa questão.

No esporte brasileiro se tornou lugar comum falar sobre futebol. Não nos interessa fazer qualquer crítica ao futebol em específico, mas o tema sobre esporte. Qual a real dimensão cultural que um esporte pode alcançar em um determinado país? Não é difícil notar que o futebol é amplamente aceito pela densa maioria da população, porém se tornou necessário perguntar: a sua aceitação é uma representação *autêntica* ou é promovida até o seu esgotamento desde a infância? Não se sabe de fato, qual a dimensão real da *autenticidade* das preferências culturais e esportivas na massa, mas por perceber que o número de torcedores e praticantes no futebol é expressivo, isso representa um sinal de que as sentenças favoráveis a esse esporte serão rapidamente validadas. Mas, dizer, por exemplo, que o “futebol” é uma “paixão” nacional não parece um *clichê*? Tem sentido dizer que um esporte “é uma paixão”?

Parece que, nesse caso específico, só tem sentido se levarmos em conta não a “paixão” individual convicta, mas uma “paixão” coletiva que não inclui toda a população<sup>41</sup>, pois quem determina que isso seja desse modo e não de outro? Como esse vínculo entre conceitos engendra

---

<sup>40</sup> Lembrando das ideias de Auguste Comte em seu *Curso de filosofia positiva*, que imaginava quais seriam os possíveis aspectos (e as principais características) que contribuiriam para balizar a sociedade.

<sup>41</sup> E não parece ter qualquer sentido no âmbito epistemológico, mesmo que se considere, em números expressivos, uma adesão. Porém, no nível *ideológico* essa concepção pode ganhar sentido, visto que “É possível definir a ideologia de seis maneiras diferentes, com um enfoque progressivamente mais nítido. Em primeiro lugar, podemos nos referir a ela como o processo material geral de produção de ideias, crenças e valores na vida social. Tal definição é política e epistemologicamente neutra, e assemelha-se ao significado mais amplo do termo ‘cultura’. A ideologia, ou cultura, denotaria aqui todo complexo de práticas significantes e processos simbólicos em uma sociedade particular; aludiriam o modo como os indivíduos anunciaram suas práticas sociais, mais do que as próprias práticas, que seriam o âmbito da política, da economia, da teoria da afinidade etc. *Essa aceção de ideologia é mais ampla que o sentido de ‘cultura’, que se restringe ao trabalho de valor artístico e intelectual de valor reconhecido, porém é mais restrita que a visão antropológica de cultura, que englobaria todas as práticas e instituições de uma forma de vida. Nesse sentido antropológico, a ‘cultura’, incluiria, por exemplo, a infra-estrutura financeira dos esportes, ao passo que a ideologia se ocuparia particularmente dos signos, significados e valores codificados nas atividades esportivas*”. (EAGLETON, 1997, p. 38). (Grifo nosso).



características dentro do esporte e em que medida essa característica regula o juízo de gosto do seu público? Como entender essa construção simbólica?

Se Norbert Elias afirmava que “a compreensão da relativa autonomia do desporto pode contribuir para uma análise mais correta da sociogênese de fenômenos equivalentes” (ELIAS, 1992, p. 67), e ainda, uma vez que, o que pesa sobre a descrição de um desenvolvimento que organiza o processo de função social do desporto pode estar única e exclusivamente “nas mãos” de quem organiza e determina o próprio estatuto e as próprias preferências do povo em relação ao esporte, então é preciso indagar se essa premissa que fala sobre uma determinação é, de fato, do povo. Ou ainda, qual a autonomia que o povo, de fato, possui sobre essa escolha<sup>42</sup>?

Pode dizer-se que qualquer variedade de desporto possui uma fisionomia própria. Ela atrai as pessoas segundo as características específicas da sua personalidade. *Isso acontece porque possui uma certa autonomia em relação não só aos indivíduos que jogam num determinado momento*, mas também, à sociedade onde se desenvolveu<sup>43</sup>. (ELIAS, 1992, p. 67). (grifo nosso)

O que podemos acrescentar aqui é que a cultura é um conceito que se põe em movimento – um devir – e por isso sabe-se que a condição que sustenta uma escolha por um esporte depende, em grande medida, da própria dinâmica entre o povo e os esportes que estão previamente disponíveis a esse povo. E é justamente por isso que surge uma pergunta espinhosa: quem determina essa disposição? Aliás, de que modo o próprio povo tem acesso a diferentes modalidades esportivas, sobretudo as modalidades que não fazem parte do que é mais comum? De que modo o povo pode dominar uma modalidade esportiva e adaptar *nela* (enquanto uma disponibilidade presente) a inclusão das características intrínsecas de sua própria cultura (e não ser *adaptado por*

---

<sup>42</sup> E se fosse possível, por um momento, aprofundar essa discussão e lançá-la na dimensão transitória entre o social e político, diria Jean-Jacques Rousseau (contra as ideias de Hugo Grótius): “conviria examinar o ato pelo qual um povo é povo, pois esse ato, sendo necessariamente anterior ao outro, constitui o verdadeiro fundamento da sociedade”. (ROUSSEAU, 1973a, p. 37).

<sup>43</sup> Essa seria uma boa razão para indagar que tipo de “paixão” se instaura dentro de um processo de escolha por um esporte, e mais: quais as razões que pesam sobre essa “escolha”? É uma paixão regulada pela economia? Pela política? É uma escolha livre? Como surge esse *pathos*? Norbert Elias está indagando se é possível entender os processos de escolha que os povos fazem de certos esportes que não são originários desses povos e, ainda assim, podem revelar condições concernentes a perspectiva e a personalidade (e o grau de autonomia) que a perfilam. Diz (ELIAS, 1992, p. 67): “É por essa razão que alguns dos desportos que se desenvolveram, inicialmente, em Inglaterra, puderam transferir-se e ser adoptados por outras sociedades como se fizessem parte delas. O reconhecimento deste facto abre um vasto campo de futuras investigações. Porque é que, por exemplo, algumas das variedades iniciais de desportos ingleses, tais como o futebol e o ténis, foram adoptadas por muitas sociedades diferentes, em todo o mundo, enquanto a expansão do críquete se confinou principalmente a um círculo exclusivo dos países da Commonwealth? Porque é que uma variedade do futebol, o rãguebi, não se expandiu tão largamente como o futebol? Porque é que os EUA, sem abandonarem por completo as variantes do desporto inglês, desenvolveram a sua própria variedade de futebol? ”.

ela)? Como é tratado um esporte que não participa do comum, se se constata que não participa por não estar à disposição para ser praticado pelo povo? Isso está relacionado à cultura? Ou há elementos que mais pertencem à dinâmica do capital do que a uma escolha livre? Em que medida os cursos de educação física contribuem para reforçar essas características? Em que medida os cursos de educação física podem rever essas questões e combater os prejuízos causados pelo direcionamento de uma escolha que propõe algo como uma “*paixão*” nacional e não apenas como mais um esporte no rol de muitos outros esportes que parece, por assim dizer, determinar o processo de “livre” escolha?

Além disso, dependendo da *solicitação* da pessoa (agente cultural) que faz a intermediação da própria cultura, ele pode incorrer no risco de perder a liberdade de sua própria criação e recriação, do seu fluxo e do seu refluxo, e, portanto, do seu próprio devir. Isso nos ajuda a refletir sobre a questão do desporto no geral (e não somente do futebol), ou seja, não há oposição a um esporte específico, há uma indagação acerca dos pressupostos que estão envolvidos em uma perspectiva que pode revelar quais os principais motivos de um esporte ser o mais preferido. Pois isso significa, inclusive, questionar até que ponto uma escolha é *livre*, pois:

O critério para a livre escolha jamais pode ser absoluto, mas tampouco é inteiramente relativo. A eleição livre dos senhores não abole os senhores ou os escravos. A livre escolha entre ampla variedade de mercadorias e serviços não significa liberdade se esses serviços e mercadorias sustentam os controles sociais sobre uma vida de labuta e temor – isto é, se sustentam alienação. E a reprodução espontânea, pelo indivíduo, de necessidades superimpostas não estabelece autonomia; apenas testemunha a eficácia dos controles. (MARCUSE, 1973, p. 28).

Sob um outro prisma (que não precisa estar ligado necessariamente ao desporto), é preciso dizer que há um perigo enorme no agenciamento da cultura quando é processado por quem não está comprometido – de fato – com a cultura<sup>44</sup>. Dependendo de qual setor se faz promover um agenciamento (promoção ou financiamento) corre-se um sério risco de neutralidade do caráter

---

<sup>44</sup> Podemos analisar os perigos de uma empresa privada financiar, por exemplo, programações vinculadas a setores da cultura de uma região ou país, por exemplo, o fato da probabilidade de uma decisão sobre a programação esportiva financiada estar vinculada ao marketing de uma empresa, já é motivo de preocupação. Ora, pela lógica conceitual, a *cultura* não deve se tornar um instrumento para promover uma empresa, mas para o crescimento e emancipação de um povo, ou seja, é preciso liberdade para que o sentido de cultura se mostre plenamente. Há liberdade no sistema capitalista? Pela lógica e pelo bom senso quais os interesses de vincular questões culturais à programação cultural esportiva? É realmente necessário tal procedimento?

cultural e plural naquilo pelo qual um esporte pode seguir, ou partilhar no seu encadeamento sociocultural. A questão é: qual o impacto desse agenciamento no esporte?

Além disso, ainda podemos acrescentar que a cultura se tornou um conceito difícil de ser tratado em qualquer área do conhecimento e não somente na área desportiva como já discutimos até aqui. Talvez aqui se possa concordar com Eagleton (2011, p. 9) quando se trata de avaliar o conceito de cultura, pois a *cultura*:

é considerada uma das duas ou três palavras mais complexas de nossa língua, e ao mesmo que é por vezes considerado seu oposto – ‘natureza’ – é comumente considerada a honra de ser o mais complexo de todos. No entanto, embora esteja atualmente em moda considerar a natureza como um derivado da cultura, o conceito de cultura, que etimologicamente falamos é um conceito derivado do de natureza.

Sim, a palavra cultura (ou cultivo) é derivada do conceito de natureza. Para a antiguidade clássica, a palavra cultura significava (ou era entendida) como um modo de cultivar a terra. *Cultur* é o nome dado a um utensílio agrícola, uma espécie de arado que serve para remexer a terra antes de ser semeada (EAGLETON, 2011). Em outras palavras, a cultura, nesse sentido, representa a possibilidade de *abertura* de um solo endurecido pelo tempo com o intuito de fazer brotar as sementes que são lançadas<sup>45</sup>.

Se as sementes são boas e se a terra é rica em nutrientes, boa colheita vingará. No entanto, essa palavra, na idade moderna, foi desarticulada (ou deslocada) com o intuito de tecer considerações sobre as características ligadas diretamente a um povo, seja aos seus diferentes comportamentos, costumes ou modos de relacionarem-se, seja como referência a condições populares que já não estão totalmente atribuídas à natureza enquanto tal, ou ao menos como era compreendida antigamente<sup>46</sup>.

A construção é histórica e carrega uma série de concepções distintas nas diferentes visões da filosofia, da arte, da ciência e da religião. É comum perceber, por exemplo, que a noção

---

<sup>45</sup> Essa analogia cabe bem para o que se tratou sobre o esporte. Se não há qualquer possibilidade de rotação da cultura, ou seja, de se pôr ênfase ao crescimento de outra perspectiva, um outro esporte que não o tradicional, pergunta-se: como é possível refletir sobre o processo do *devir* como uma das características básicas do processo cultural?

<sup>46</sup> Uma vez que se tornou difícil ouvir falar em cultura como algo relacionado a terra, no máximo, se ouve falar do cultivo da terra. Mas se considerarmos o movimento atual como o do agronegócio, a palavra cultivo então se torna obsoleta e démodé. Entra em voga novos conceitos como “enriquecimento” do solo; “fertilização” da lavoura; “eliminação” de pragas por meio de agrotóxicos, ou seja, para essas novas vertentes da *agricultura*, a palavra *cultura* caiu em desuso, pois o grande *negócio* passa a ser o do *agronegócio*.

que boa parte das pessoas fazem sobre o conceito de *cultura* está diretamente ligada às condições particulares de um sujeito, ou seja, aquele que é dotado de mais ou menos *cultura*, como se a cultura fosse uma aquisição que pudesse ser recebida e “contabilizada”, ao contrário de se tornar um exercício de cultivo de algo que o sujeito pode processar consigo mesmo em seu próprio *devoir*, e parece que esse foi o maior perigo no que se refere ao deslocamento desse conceito<sup>47</sup>, sobretudo porque isso gerou uma certa necessidade de refazer a noção geral sobre a consideração que caiu no *censo comum*, uma vez que se tornou corriqueiro algumas pessoas aliam a cultura às condições econômicas e sociais, de modo que a cultura depende das possibilidades financeiras de determinado grupo, e, por conseguinte, quem tem mais poder aquisitivo tende a auferir mais com os processos culturais.

Isso parece contribuir mais para alimentar uma espécie de segregação cultural do que preparar uma definição mais rica do que é a *cultura*, sobretudo pelo fato de que esse pensamento apresenta uma relação de poder, ou ainda, uma tentativa de manter um discurso de uma classe que se percebe no seu *status quo* “cultural” dominante. Se cultura é definido pelo poder de compra de um *ticket*, ou a partir do que se pode pagar e usufruir tanto quanto o número de acessos a diferentes modos de educação e cultura (que podem ser financiados), então há uma redução da cultura a uma condição *antidemocrática*, logo, ela não parece pertencer ao *povo*.

Mas trata-se de entender a importância da cultura para uma área da ciência como a da educação física. Na educação física a noção de cultura é constantemente estabelecida em relação ao esporte, lazer, corpo, educação. A própria área temática 3 do CBCE aproximou dois conceitos (corpo e cultura) o que permitiu surgir diferentes perspectivas e ensaios sobre essas duas vertentes. À primeira vista, isso propõe um importante processo de transformação no futuro da educação física, sobretudo a educação física escolar, uma vez que a diversidade cultural tende a ganhar

---

<sup>47</sup> É também importante, para qualquer área do conhecimento, perceber que, no Brasil, não é comum as pessoas perceberem uma separação na concepção de cultura. Marilena Chauí mostra que a abordagem do tema *cultura* começa a se formar a partir da mistura de *classes* envolvendo a questão clássica da *dominação*, ou melhor, no entrechoque da *cultura de massa* com a *cultura popular*. Para a autora “o pensamento liberal imaginou livrar-se definitivamente do fantasma que atormentava a explicação científica do social, isto é, o marxismo e seu mais perigoso conceito a luta de classes” (CHAUÍ, 2014, p. 25). Isso nasce sob o *signo da Guerra Fria*, e, de um certo modo funcionou para que a *cultura dominante* se infiltrasse por canais apropriados para moldar uma estrutura tal que, o que ela produzisse seria aceita facilmente pelos *dominados*, ou melhor, “aceita, interiorizada, reproduzida e transformada, tanto quanto as formas pelas quais é recusada, negada e afastada, implícita ou explicitamente” (CHAUÍ, 2014, p. 24). A massa é, portanto, o receptáculo dessa manifestação da formação do aspecto *cultural*, e, por isso, ela só pode reproduzi-la e, de um certo modo, tecer considerações de acordo com o que essa própria reprodução lhe acarreta.

espaço nas manifestações oriundas das visões plurais sobre cultura; algo que remete, por conseguinte, à aplicação de periódicas revisões dos principais conteúdos curriculares da educação física escolar, até porque:

Pensar a Educação Física Escolar como prática cultural nos faz buscar o equilíbrio entre a unidade da área em termos de conteúdos e a consideração da diversidade necessária para a aplicação desses conteúdos. Por um lado, porque se um componente curricular é definido por conter determinados conteúdos, por outro lado, eles se materializam em contextos culturais diversos. (DAOLIO, 2005, p. 223).

O corpo se torna, por essa razão, um aliado do processo de *assimilação* dos valores e *costumes*, ao passo que o tempo se encarrega de *incorporar* os elementos culturais que indicam a possibilidade de se *expressar pelo próprio corpo*, ou seja:

O corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte. O homem, através do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de *inCORPOração* (a palavra é significativa). Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões”. (DAOLIO, 1995, p. 25).

Desse modo, podemos notar uma correlação entre o corpo e o meio em que se vive. O corpo oferece características para a constituição do meio (sobretudo o cultural), e o meio (incluindo o clima e a terra) adapta certas características do corpo, que por sua vez, oferece as possibilidades das adaptações anatômicas e fisiológicas necessárias para aquele meio em sua formação integral. É importante frisar que aqui não se faz necessário qualquer emprego de categorias *puramente* biológicas, mas sim categorias ligadas à condição humana na cultura<sup>48</sup>. O jeito de andar, o modo de tecer um simples juízo, de cortar o cabelo ou de pensar o próprio corpo pode oferecer preciosos detalhes necessários à identidade cultural. Esse conjunto de detalhes são oriundos de uma troca entre o homem e o ambiente cultural em que se vive.

Mas vale lembrar que a cultura, como um aporte historicamente formado, torna-se altamente volátil. A cultura mescla condições históricas em seu próprio devir. Terry Eagleton (2011), por exemplo, discute a ligação ordenada entre o pensamento “pré-moderno” e o “pós-

---

<sup>48</sup> “Ao se pensar o corpo, pode-se incorrer no erro de encará-lo como puramente biológico, um patrimônio universal, já que homens de nacionalidades diferentes apresentam semelhanças físicas. Entretanto, para além das semelhanças ou diferenças físicas, existe um conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados estes que definem o que é corpo de maneiras variadas. (DAOLIO, 1995, p. 25-6).

moderno” a partir do nível dominante do conceito de cultura implementado de maneira histórica na vida social, considerando as razões de suas diferenças, ou seja, considerando-os em suas distintas concepções racionais, a cultura tem um nível dominante – e imprescindível – para a vida social. No entanto:

O que ocorre nesse intervalo é a modernidade para a qual a cultura não é o mais vital dos conceitos. Na verdade, é para nós difícil imaginarmos-nos de volta a uma época em que todas as nossas mais elegantes palavras da moda – corporeidade, diferença, localidade, imaginação, identidade cultural – eram vistas como os obstáculos para uma política de emancipação, em vez de seus termos de referência. *Cultura, para o iluminismo, significava, de modo geral, aqueles apegos regressivos que nos impediam de ingressar em nossa cidadania no mundo. Significava nossa ligação sentimental a um lugar, nostalgia pela tradição, preferência pela tribo, reverência pela hierarquia. A diferença era, em grande medida, uma doutrina reacionária que negava a igualdade a qual todos os homens e mulheres tinham direito.* Um ataque à Razão em nome da intuição ou da sabedoria do corpo era uma licença para preconceitos insensatos. A imaginação era uma doença da mente que nos impedia de ver o mundo como ele era e, portanto, de agir para transformá-lo. E negar a Natureza em nome da Cultura era quase que certamente acabar num lado errado das barricadas. (EAGLETON, 2011, p. 48-9). (grifo nosso)

Pode-se perceber, portanto, que o *iluminismo* acendeu a ideia de que a natureza humana representa uma possível manifestação apropriada ao alcance do progresso histórico, o que, de certo modo, gerou consequências para a questão da cultura<sup>49</sup>. *Cultura* (ou preservação das virtudes e dos costumes) poderia significar uma espécie de “engessamento” de um povo, uma consequência nefasta para o processo civilizatório dentro de uma classificação *pré-globalizada* (*cosmopolitismo*, segundo Kant), e para que uma nação qualquer pudesse progredir e ampliar suas características culturais seria importante repensar a própria condição cultural mediante a incorporação e compreensão de outras culturas<sup>50</sup>.

---

<sup>49</sup> E aqui foge a nossa alçada discutir se foram boas ou ruins. O intuito é mostrar que o *Iluminismo* representa um momento de ruptura com a questão da cultura e que a filosofia teceu contribuições significativas nesse sentido. Veremos essa condição com mais profundidade na obra *Dialética do Esclarecimento*.

<sup>50</sup> Para melhor compreensão dessa relação, sugerimos a leitura da obra *Carta a D’Alambert sobre os espetáculos* de Jean-Jacques Rousseau, que representa os dois lados dessas “barricadas” que Eagleton traz em sua tese. Na “carta”, se pode perceber que enquanto D’Alambert, Diderot, Voltaire (e demais iluministas) defendiam a instalação de uma casa de espetáculos em Genebra, alegando questões culturais positivas para a cidade (condições que seriam benéficas para os genebrinos); Rousseau, à despeito da ideia “abjeta” contida nos espetáculos (segundo o próprio autor), escreve essa espécie de protesto contra as ideias de D’Alambert e os *Lumières*. Genebra, segundo Rousseau, não poderia ceder nem a *troupe* que esperavam “abrir as portas” de sua cidade natal, muito menos os perigos que viriam embalados nas ideias insensatas desse próprio progresso *iluminista*. Ver (ROUSSEAU, 1993).

Em 1784, foi publicado um texto de Immanuel Kant (*Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*), no qual se pode enxergar questões para entender como essa ideia ganhou energia. O autor relata que a história se constitui a partir de um *fio condutor* que permite explicar os acontecimentos de maneira racional, e que tais acontecimentos apontavam para um futuro *cosmopolita*. Nessa concepção é possível entender como o autor defende que a visão cosmopolita, como acontecimento que remete ao progresso da humanidade, tende a gerar uma gradual e ininterrupta racionalização apropriada para pensar a condição de uma história como resultado de um processo *teleológico* (KANT, 2004).

Todavia, o processo de globalização trouxe – no bojo das transformações sociais e econômicas não acompanhadas à mesma velocidade pela filosofia – as intrincadas relações simbólicas e linguísticas que, ao dominar o universo analítico e semântico da *fala (logos)*, constituiu uma nova lógica do sistema, sistema esse impecavelmente ajustado para fazer sobressair os interesses hegemônicos, ou melhor, interesses em vias de se tornar globalizado em sua singularidade político-econômica. Essa singularidade representou um risco enorme para a humanidade frente a uma implacável inclinação da administração econômica (e sua má consciência) que terminou por modelar características internas e externas atinentes ao público de que se servia, a saber, a própria burguesia. Os conteúdos éticos estabelecidos e debatidos por séculos – de acordo com o que se pode encontrar nos textos Clássicos de filosofia – se diluiu no modo predestinado de uma nova resolução *cosmopolita* e sua formação *neoclássica*, cujo modelo econômico ofereceu novos contornos para o processo de *globalização*, revelando sua própria dicotomia.

Qualquer universalismo ético, no interior do qual ainda se suscitasse questões acerca da justiça e do valor moral das ações, se refugiaria, em última instância, no quadro transcendental de regras meramente formais de comunicação, de que estaria banido, por princípio, qualquer conteúdo ético vinculante. Por conseguinte, a ética na era da globalização implicaria o risco de uma dupla perda: por um lado, o desaparecimento da individualidade, e, por outro, a dissolução do domínio de legitimidade da reflexão filosófica (GIACOLA JUNIOR, 2001, p 68-9).

Com o processo de avanço da ciência na era da globalização, ou o que se poderia esperar de uma troca recíproca de diferentes concepções de conhecimento oriundos da

compreensão de natureza humana<sup>51</sup>, a razão condensada (em um contexto pouco a pouco legitimado) que articulava falácias e fracassos a uma atmosfera de alegria e normalidade dos mercados (*Laissez-faire*), engendrou o enfraquecimento do discurso filosófico para a satisfação das novas concepções de ciências positivas. Se trata de perceber a parte mais fragilizada dessa relação de *progresso*.

A sociedade do século XIX, ao tentar desenvolver com mais efervescência o debate sobre a possibilidade de progresso da ciência, das artes e da filosofia, se viu tomada por novos discursos. O efeito da globalização, no século XX, reabriu essa discussão e direcionou a própria concepção de política e de cultura. Todavia, essa política e essa cultura não foi direcionada como parte enriquecedora da natureza humana, que é construída em benefício de um povo, mas artificialmente construída para uma disputa ideológica, na qual, se levarmos em consideração a série de manifestações de poder oriundos da Guerra Fria, já seria possível ter uma ideia do que viria a se tornar a cultura nos dias de hoje, a saber, uma cultura profundamente direcionada por uma sociedade *administrada*. Foi possível perceber que:

Tão problemática e inverossímil quanto possa parecer hoje a tese de uma sociedade totalmente administrada – mormente à luz dos repetidos exemplos das mais aberrantes figuras de irracionalidade e descontrole social que se revelam, sob formas cruéis e bárbaras, em quase todos os quadrantes do planeta –, não obstante isso, a tarefa de considerá-la à luz do contexto atual de globalização, tanto econômica quanto culturalmente, se impõe com evidência inegável. É, relativamente a isso, não se pode também ignorar que as contradições inerentes aos mecanismos da globalização conduzem não apenas à massificação completa da sociedade, como também ao próprio declínio e à dissolução das particularidades étnicas, sociais e políticas, em consequência, dos programas de sincronização do funcionamento dos mercados, internacionalização dos circuitos de produção, capital e trabalho, utilização industrial da ciência e tecnologia como forças produtivas, extensão e penetração universais dos efeitos da indústria cultural. (GIACOLA JUNIOR, 2001, p 72).

Ainda sobre a questão da *massificação completa da sociedade*, pôde-se encontrar – nos rastros do século XX – os elementos ideológicos que, após a *imposição inegável* do processo indissolúvel de globalização, começaram a peregrinar de um país para o outro – dissolvendo as fronteiras culturais – e assumindo posicionamentos, de um certo modo, estratégicos. O intuito seria

---

<sup>51</sup> E de toda compreensão que Kant trata na obra que citamos parágrafos acima (Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita), ou melhor, de uma concepção acertada do progresso que mostrava o desenvolvimento pleno dessa natureza que se fez: humana, e que deveria constituir novas maneiras (mais racionais, inclusive) de lidar com a liberdade, que não mais a “liberdade selvagem”.



diminuir (e até mesmo “invalidar”) diferentes culturas e etnias para, logo em seguida, engendrar “ensaios” sucessivos em prol de um controle (dos corações e das mentes) com mais consistência para se estabelecer outros (novos) processos *culturais*<sup>52</sup>.

Ora, isso quase nada possui do conceito de natureza humana tal qual Kant pensava em suas obras principais, sobretudo na sua obra tardia: *Antropologia*. Pois se a ideia *cosmopolita* era uma condição de possibilidade do surgimento da *paz perpétua*, o processo ideológico da disputa entre diferentes culturas refez-se numa barbárie pior do que o “estado de coerção” que Kant percebia encontrar no “estado de natureza”, uma vez que se tornou manifesto que:

Os efeitos perversos do aprofundamento da mecanização do trabalho, a imensa crise de desemprego resultante do aproveitamento industrial da informática, a geração sistemática de continentes de excluídos da fruição dos bens sociais, a ampliação e intensificação inimagináveis dos mecanismos de controle e manipulação da opinião pública pela indústria cultural, *esses são aspectos que denotam como e em que profundidade a sociedade globalizada não pode funcionar sem gerar alienação, reificação das relações humanas, completa sujeição dos indivíduos particulares aos interesses dos coletivos monopolistas*, enfim, banalização da vida; como resultante das contradições que atravessam o modo de estruturação das relações sociais, os Estados assistem impotentes ao aumento da produtividade, da concentração da riqueza pelas diferentes oligarquias, tendo como contrapartida necessária o crescimento da miséria e da degradação de imensos setores da sociedade, outrora produtivos. Extraordinário desenvolvimento científico-tecnológico, econômico, político e cultural num extremo da corrente, barbárie, selvageria e obscurantismo no outro polo da mesma cadeia, numa ilustração macabra da tese adorniana que vincula racionalidade ilustrada e violência mítica” (GIACOIA JUNIOR, 2001, p 73). (Grifo nosso)

O processo de cosmopolitismo, por essa razão, parece ter se tornado uma das condições para uma possível reafirmação contínua – e intransigente – que quer imprimir a ideia que “estabelece” qual a *cultura* ou qual o *modelo cultural* é mais acabado por ser “superior” ao resto do mundo. Dá-se início a uma luta pelo controle da *cultura* no mundo como uma condição de perspectiva da influência política. Ora, a cultura então pode ser entendida, nesse sentido, como o *empório* que vende um *produto*, uma *ideia*, um *modelo de vida*, de modo que se pôde perceber um processo nefasto de sua *industrialização* que foi posto em movimento sob os presságios que serviram de fermento para boa parte da *indústria cultural* de massa.

---

<sup>52</sup> Essa condição sobreveio ao corpo em sucessivas prioridades, e em cada prioridade, um acúmulo de características imperativas. Uma crítica que coube a todo profissional da educação física.

Se por um lado a cultura se faz perceber pelas concepções das escolhas e dos pontos de vista costurados pelas identidades de um povo, e passa por uma espécie de concepção valorosa desse povo que envia – aos mais novos – sua compreensão recordada pela memória popular, por outro lado é preciso questionar se esse ponto de vista – hoje – está impingido como algo genérico pelo hibridismo cultural não questionado, que, em boa parte dos cidadãos, desfaz de seus valores de um modo “sorrateiro”. Devido a guerra pelo espaço ideológico de cada estado, se sabe que a própria construção da cultura pode fazer operar concepções e visões coletivas não verdadeiras. Não verdadeiras pelo motivo de correr pelos canais donde não parece haver qualquer controle do sujeito. Segundo David LeBreton, essa não parece uma condição plausível, pois:

Em uma sociedade de indivíduos, a coletividade de pertinência só fornece de maneira alusiva os modelos ou os valores da ação. O próprio sujeito é o mestre de obras que decide a orientação de sua existência. A partir de então, o mundo é menos a herança incontestável da palavra dos mais velhos ou dos usos tradicionais do que um conjunto disponível à sua soberania pessoal mediante o respeito de certas regras. O extremo contemporâneo define um mundo em que a significação da existência é uma decisão própria do indivíduo e não mais uma evidência cultural. (LE BRETON, 2012, p.31).

À primeira impressão, parece que Le Breton está correto em sua afirmação. Porém, importa ainda saber como se processam essas mudanças em um “extremo contemporâneo”, sobretudo se se chegar a conclusão de que não há um processo de autenticidade dessas escolhas. A probabilidade de que talvez não haja tempo hábil para que os indivíduos “modernos” possam processar escolhas verdadeiras e autênticas é algo já discutido em várias áreas do conhecimento. Ora, já se percebeu que não é incomum encontrar um arrefecimento de tradições culturais que perpassaram longas datas em comemoração e festejos e, por assim dizer, começam a ceder lugar ao “aquecimento” de processos culturais não regionais, ou melhor, tradições que não tem qualquer vínculo histórico com um determinado povo ou com os registros de formação cultural de uma nação (*sem com isso, haver um processo migratório*) se instalarem em determinadas culturas e modificam características dessa cultura. A questão é: Isso é verdadeiramente autêntico?

É muito comum, em um processo migratório, haver uma mistura de culturas e costumes em um determinado país, o que é muito natural por mais que haja resistência do povo que recebe o migrante. Porém isso só é comum com a presença de processos migratórios, ou seja, quando há um coletivo de *pessoas presentes* que levam para outro país (que será sua nova pátria) suas festas, costumes e culturas. O que não é plausível é perceber que isso vem acontecendo – principalmente

no Brasil – na ausência de processos migratórios, ou seja, apenas pela força da mídia, ou por esse processo que – parágrafos acima – chamamos de: hibridismo cultural não questionado pelo povo. A passividade com que o povo deixa-se levar por um modismo cultural “sorrateiro”, é tão certo quanto o erro do abandono de suas tradições, sejam elas: linguísticas; folclóricas; sócio-históricas; geográficas; sincréticas; simbólicas; e até míticas.

Questionamos, portanto, que quando se torna aberto o processo de novas tradições infiltradas no cotidiano cultural de um povo sem que haja um processo de reflexão *historicamente pensado*, pela mesma razão de não ser questionado pela esmagadora maioria da população vítima do processo de *semiformação*<sup>53</sup>, e que isso reforça uma espécie de *neocolonialismo* cultural, o que está realmente este em jogo? Será que essas mudanças implicam novas concepções de se processar condições empíricas, por provocarem novas concepções filosóficas e culturais?

Para dar um bom exemplo, podemos lembrar de culturas locais ou folclores riquíssimos do Brasil que estão sendo substituídos por determinadas festas e/ou datas comemorativas culturais neocoloniais. O *Halloween* parece ser um bom exemplo para esse contexto e está sendo amplamente aceito pela maioria das escolas públicas e privadas caracterizando um princípio de sedimentação de cultura neocolonial (agora *assombrada*); sinal de que as licenciaturas modernas não estão se posicionando de maneira crítica, no que diz respeito a esse acontecimento, de um certo modo, preocupante. E é preocupante pela mesma razão que revela que na cultura popular (incluindo sua história e suas referências) encontram-se os maiores tesouros que um povo pode guardar, e nesse sentido, o *Halloween* não está se somando à cultura local, mas substituindo algumas culturas que já eram locais (nesse caso, um bom exemplo é a festa de “Cosme e Damião”).

Ora, o ciclo de transformação (devir) cultural não necessita ser uma cópia, por assim dizer, “importada” de um país, que pleiteia lugar hegemônico em outra cultura (o que parece refletir questões econômicas e políticas); ele pode apresentar as transformações dentro da própria manifestação cultural local. E aqui está em jogo o questionamento que estamos fazendo sobre a autenticidade das escolhas, lembrando que em uma obra de 1991, Eduardo Galeano já alertava para o perigo do *colonialismo invisível* castrador.

O colonialismo visível te mutila sem disfarce: te proíbe de dizer, te proíbe de fazer, te proíbe de ser. *O colonialismo invisível, por sua vez, te convence de que a servidão é um destino e a impotência, a tua natureza: te convence de que não*

---

<sup>53</sup> Discutiremos o conceito de *semiformação* no próximo capítulo.

*se pode dizer, não se pode fazer, não se pode ser.* (GALEANO, 2002, p. 82).  
(Grifo nosso).

Se já se sabe que boa parte dos aspectos culturais de um determinado país podem oferecer as condições necessárias para se pensar o que realmente norteia os princípios que são imprescindíveis para constituir certas prioridades que as pessoas dão a determinados esportes, ou que participam da vida coletiva de uma sociedade; podemos dizer que, ao estudar seus principais aspectos culturais, desde o esporte de “alto nível” até as práticas desportivas mais “prosaicas” e cotidianas, temos uma excelente oportunidade para compreender em que medida a cultura *e o corpo* se vinculam ao esporte e a própria tradição em *devir*, por si mesmo, e, para além de si. Esse é o fato que se pode perceber na modernidade.

Isso sem contar com as variantes que norteiam a construção dos novos métodos e suas principais diretrizes, que vão modificando as regras das modalidades esportivas dentro da própria ciência do esporte. Ora, isso não é problema, porém, de tempos em tempos, e devastadoramente, uma cultura colonialista *invisível* entra pela porta da frente. O espectador reunido oferece as honras, permite passar a *trupe*, estendem-lhe o tapete. Eles apenas assistem, as vezes participam, mas são costumeiramente incapazes de perceber que já não lhes resta identidade. No esporte como nas festas populares, o processo do *colonialismo invisível* se institui, seja pelo modismo da época, seja pela falta daqueles elos históricos necessários. De um certo modo pode-se perceber que aqueles que se prestam a essas *automutilações silenciosas*, nas quais se veem recortar – aqui e ali – seu idioma, seus discursos, seus corpos, trejeitos e memórias, não se veem silenciados. O esporte é, por isso mesmo, uma boa vitrine para se expor uma nova tendência *invisível*.

Para uma ciência do desporto, pode-se pensar que as contribuições que a *Escola de Frankfurt* deixou para os pesquisadores podem ajudá-los a entender quais as “razões” de certos pensamentos que emergem nas próprias pesquisas de acordo com a quantidade (e talvez qualidade) de opiniões ou convicções que alguns livros que tratam de determinada “complexidade” esportiva assumem.

A *razão instrumental* reforça a tese que sustenta que os processos de “industrialização” da *cultura* estão amplamente presentes dentro e fora da pedagogia, a área do desporto é pedagógica antes de ser puramente social ou competitiva. Se a educação tende a revelar o mundo como é, e a cultura tende a dar margens para repensar esse mundo como condição de possibilidade (um vir a ser), e, justamente por isso, a cultura adquire um papel fundamental na construção do sujeito em

sua dimensão mais aberta, questiona-se: como ela pode ser aceita e concebida de acordo com os processos afins a uma fabricação em série, ou seja, programada para ser repetida até o seu completo esgotamento? Quais os fatores que forçam um processo cultural rumo a uma mudança que propicie o refinamento do próprio desenvolvimento cultural em vez de contribuir para construção de uma “cópia” oriunda de outros países (e seus processos hegemônicos)? Se a cultura pode ser construída de maneira *irrefletida e reproduzida* cotidianamente pela cópia (que é um fator de intervenção produtiva próprio da indústria em geral), como mudar essa condição? As pesquisas em educação física podem contribuir para a continuidade desse processo de cópia e reprodução? Para falar sobre essas questões é necessário tratar mais um aspecto fundamental: o corpo na educação física.

Um dos pontos mais interessantes e mais presentes no debate sobre a questão do *corpo* na área de educação física são as considerações feitas sobre o seu significado. Para além do problema do conceito e, mesmo que se possa encontrar consonância na ideia de que esse tema se tornou chave para o entendimento do esporte e da educação física em qualquer parte do mundo, percebe-se que a dificuldade em tratar as considerações principais sobre o que se pode definir nele (o corpo) perpassam a sala de aula e tem seus reflexos mais espantosos no mundo *fitness*, razão pela qual os conflitos conceituais permanecem.

Uma tese que se torna provável é a de que as confusões se devem, em grande parte, pelo carregado processo *imagético atribuído ao corpo* na educação física, o que faz com que o seu conceito se torne refém de inúmeros adjetivos a ele atribuídos<sup>54</sup>. Talvez por isso, encontramos muitas controvérsias, contradições e conceituações (quando muito: definições) que projetam uma espécie de campo de batalha entre diferentes visões nas pesquisas, quando o assunto é o *corpo*. São vários os matizes que compõem esse conjunto porque são oriundas de múltiplas percepções que as diferentes *áreas temáticas* da educação física levam aos pesquisadores quando tentam compreender, cada um ao seu modo, a questão do *corpo*.

Se levarmos em consideração os Grupos de Trabalho do CBCE, talvez até mesmo uma pessoa leiga no assunto sobre pesquisas em educação física, ao olhar o debate da área temática 1

---

<sup>54</sup> Algo que já foi criticado por alguns autores e que serve de esperança para que a área de educação física possa repensar a maneira sobrecarregada de falar sobre o corpo. “Na área da educação física fala-se muito, atualmente, sobre o corpo. Juntamente com esse substantivo, imprime-se uma série de adjetivos. Podemos aqui citar alguns: esbelto, saudável, bonito, sensual, livre, flácido, feio, reprimido, firme, mole, natural, holístico, moderno, consciente, inteiro, repugnante, prazeroso, gordo, magro, etc. Os profissionais da educação física trabalham com o ser humano sobre e através do seu corpo e lidam, por extensão, com os adjetivos impressos no corpo. Por isso, torna-se importante a reflexão sobre o tema”. (DAOLIO, 1995, p. 24).

(*Atividade física e saúde*) e o modo como se processa a escrita das pesquisas dessa área, compreenderá que os pareceres conceituais sobre o corpo são bem distintos daqueles que se pode encontrar na área 13 (*Treinamento desportivo*). E logo surge a dúvida: como duas áreas temáticas tão próximas podem ter concepções distintas? Eis que se torna necessário pensar no corpo como um objeto empírico. O corpo é, considerando o total de pesquisas (nessas duas áreas temáticas citadas), um objeto de experiência empírica. Portanto, antes de ser conceituado, interessa o corpo X com tais características, e nisso, a reflexão filosófica (e *fenomenológica*) sobre corpo não aparece com a mesma gravidade<sup>55</sup>.

Mas esse problema não é exclusivo da educação física. Historicamente se percebe que o tema foi constantemente interpretado em diferentes contextos de época, nos quais se pôde conceber diferentes compreensões. Se considerarmos apenas a passagem entre os séculos XVII e XX no rol de pensamentos filosóficos, os textos *clássicos* antigos já apresentavam razoáveis diferenças na concepção acerca do conceito de corpo. O corpo como máquina (René Descartes); o corpo como servidão e obediência (Étienne de La Boétie); o corpo como liberdade (Jean-Jacques Rousseau); o corpo como fetiche (Karl Marx); a repressão e o controle sobre o corpo (Michel Foucault); o corpo como fenômeno (Maurice Merleau-Ponty); o corpo profano e o corpo sacralizado (Mircea Eliade); o corpo industrial e o corpo *instrumental* (Escola de Frankfurt). E para não esquecer de uma dimensão mais moderna – considerando agora a educação física – o corpo como limite ou corpo como performance (por exemplo: um coletivo de pesquisadores sobre o esporte de “alto nível”).

Interessa então notar que o corpo tem uma construção histórica e filosófica que nos permite fazer uma espécie de inventário, a partir dos seus diferentes registros, que revela uma variação nos seus possíveis conceitos, isso porque encontramos elementos que nos mostram que o corpo suportou não apenas mutações anatômicas e fisiológicas, mas também teve que sofrer as consequências diretas da opinião e do juízo, que começaram a relacionar, principalmente, novas maneiras de conceber a beleza dos corpos, daí a ampliação da *adjetivação*. Perante as sucessivas mudanças na história em que se acrescentou novas características estéticas (de acordo com modelos de beleza e “retidão”) que foram – aos poucos – se integrando ao ideário corporal e que eram, por

---

<sup>55</sup> E aqui não se tem pretensões de se fazer apreciações de valor. A ciência procede dessa maneira quando, ao se propor uma pesquisa para ser concluída, somam-se a ela os objetivos de longa duração (o tempo em que uma questão pretende avançar) a um tempo de curta duração (o tempo exigido para realização de uma pesquisa).

assim dizer, meramente sugestivos, embora ganhassem força em determinados setores, principalmente no que tange a indústria da moda<sup>56</sup>.

Nem é preciso dizer que esse aspecto social teceu uma compreensão própria sobre a dimensão corporal, algo que a arte *renascentista* também teve que contribuir com certa precisão para destacar uma nova concepção sobre o homem, o corpo e o belo. Entretanto, nem de longe a estética continuaria determinando a dinâmica dos corpos e seu atilamento artístico ou dando indícios de que ela indicaria qual seria o corpo ideal, mas sim, as implicações conduzidas pelas ciências que foram ligadas ao estudo do corpo *pós iluminismo*<sup>57</sup>, ou melhor, os:

Ecos dos discursos oitocentistas de cientificidade do corpo são fortemente notados atualmente. Reduto de objetividade, o corpo tende a ser descrito e analisado, majoritariamente, pela lógica do experimento, pelo resultado de uma performance traduzida em números e percentis, numa clara tentativa de reduzir possibilidades narrativas e análises científicas mais amplas. (SOARES *et. al.*, 2015b, p. 982).

Isso reforça a tese do corpo como objeto empírico, bem como, o que pode ser ratificado a partir da importância da “fita métrica”, que se tornou imperativa desde as anamneses processadas no universo *fitness*, chegando até as “passarelas”. E mesmo com todo aparato científico se percebeu que, até certa época, uma ideia promissora e esperançosa de que o corpo e as técnicas corporais poderiam ser identificados (e quiçá determinados pela ciência) não pôde vingar, ainda que se pudesse considerar todo o reforço epistemológico dos antropólogos. E não vingou devido a alguns acontecimentos que foram iniciados na segunda metade do século XIX e que perpassam todo o

---

<sup>56</sup> Considerando principalmente as novas perspectivas de corpo e de beleza que foram criadas após os processos científicos de *retidão corporal*. “A beleza é, então, compreendida como o resultado de um investimento pessoal (econômico) e é buscada em formas idealizadas e homogêneas pelos clichês massificados [...] Os corpos jovens, esbeltos, longilíneos, altos, saudáveis e ativos de hoje são aqueles que há muito tempo encarnaram a retidão. [...] Aqui um corpo reto *in natura* não está relacionado somente àqueles que nasceram e se tornaram ‘desconcertantes’ sem nenhum esforço, como nos faz crer a mídia em relação a Gisele Bündchen, algo do tipo ‘se mexer estraga’. Mas está também relacionado àqueles que conseguiram tornar menos visíveis os mecanismos de correção que lhes deram uma aparência diferente daquela que o ‘destino’ lhes reservou”. (SOARES e FRAGA, 2003a, p. 87-8).

<sup>57</sup> É importante lembrar que as ideias de uma ciência do corpo viriam contribuir para uma “sistematização da educação física no século XIX”, pois: “A estrutura do corpo passou a ser pensada em detalhes, e a combinação de seus diversos segmentos ganhou importância. Se o corpo deve ser firme e ereto, deve também se (re)fazer a partir de um obstinado e meticuloso trabalho de fortalecimento muscular e articular que possa sustentar a boa postura ao longo da vida. Diferentes pedagogias seriam desenvolvidas para intervir e educar em nome da retidão das formas e dos costumes, com destaque para a sistematização da ginástica na Europa no século XIX, que iria demarcar, pela regulação dos movimentos, o lugar de excelência dos corpos retos e o lugar de excrescência dos corpos desalinados”. (SOARES e FRAGA, 2003a, p. 81).

século XX<sup>58</sup> contribuindo para fomentar um novo reordenamento da concepção de corpo na própria ciência.

Entre os acontecimentos podemos destacar: i) a fundamentação da ideia de progresso oriunda do positivismo (que acrescentou uma progressiva sistematização maquinal do corpo); ii) o nascimento de uma biologia evolucionista<sup>59</sup> que até certo momento esteve coligada com movimento de eugenia (que separou os corpos segundo características genéticas “dominantes”); iii) o despertar da física atômica e suas repercussões acidentais (que deflagrou a ideia das bombas nucleares e a eliminação dos corpos em massa); iv) a consequente expansão da indústria bélica (que criou a necessidade do armamento como possibilidade do corpo protegido); v) a descoberta do inconsciente e das pulsões (que abriu as compreensões libidinais dos corpos); vi) a abertura do processo cibernético em conjunto com um novo modelo de globalização (que deu nova função ao corpo cada vez mais *reificado*); vii) o fortalecimento das ideologias neoliberais – ou neocapitalistas – impelido principalmente a partir da disseminação operada pela *indústria cultural*. Enfim, cada um desses acontecimentos contribuiu para que fossem antecipados todos os conjuntos de presunções que se tornaram características dessa modernidade e que foram construídos para a fomentar a ideia do corpo a partir dos pequenos rudimentos de ideias sobrepostas.

Talvez isso seja satisfatório para continuar a busca pelo desdobramento do velho adágio de Karl Marx: “tudo que era sólido e estável se desmancha no ar”<sup>60</sup>, tudo que era sagrado é

---

<sup>58</sup> Em relação ao século XX, a educação física no Brasil apresenta seus planos, sobretudo os educacionais relacionados ao corpo, seguindo as orientações do positivismo propugnado pelos militares. Os principais dados históricos mostram que: “A década de 70 é aquela que gera o Plano Nacional de Educação Física (PNED), e é também a década das campanhas em prol da saúde e do lazer pela atividade física orientada, como a ‘Esporte para Todos’ (EPT) e a ‘Mexa-se’. Estas campanhas traduzem em grande medida a ambição dos governos militares de abrir espaço, dar visibilidade e estimular a existência de corpos velozes, úteis e saudáveis. Num certo sentido, estas campanhas ‘atualizam’ aquelas feitas por médicos e educadores nos anos 20 do século XX, quando o tempo fora da fábrica ou da escola passou a ser uma preocupação. Também lá nos anos 20, como ali nos anos 70, o esporte e os exercícios físicos, re-significados pela sensibilidade de cada época, possuíam semelhantes vantagens”. (SOARES, 2003b, p. 128).

<sup>59</sup> Cabendo mostrar aqui a nossa aquiescência de que “O corpo humano não é um dado puramente biológico sobre o qual a cultura impinge especificidades. O corpo é fruto da interação natureza/cultura. Conceber o corpo como meramente biológico é pensá-lo - explícita ou implicitamente - como natural e, consequentemente, entender a natureza do homem como anterior ou pré-requisito da cultura”. (DAOLIO, 1995, p. 26).

<sup>60</sup> Paulo Arantes concorda com essa frase, porém em partes, ao contrário do que se poderia esperar historicamente, o autor percebe que, nas mudanças estruturais no sistema capitalista (a bem dizer: a força e o poder de atuação entre capital e *Estado*), a exploração indelével do trabalhador prossegue gerando mais barbárie no além-fronteiras. “Como se essa reviravolta não bastasse, Marx e Engels repetiram uma segunda vez, naquele mesmo Manifesto, a prova do caráter pré-histórico do capitalismo: sacudida por crises periódicas em que o capital torna redundante sua própria fonte de valorização queimando força produtiva, a sociedade burguesa ‘vê-se subitamente reconduzida a um certo estado de barbárie’ que se abate sobre os indivíduos como outrora a fome e as guerras de extermínio, só que agora na forma invisível de poderes subterrâneos autônomos e incontroláveis”. (ARANTES, 1998, p. 102).



profanado, e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as suas relações com os outros homens” (MARX, 2007, p. 43) , inclusive as novas composições impressas no *corpo*, ou seja, as composições que revelam os moldes sobre *corpo e sua recomposição histórica*, e, por se refazer na capacidade – norteadora – do conceito, se desarranja para, em seguida, se recompor sob outras estruturas (no porvir). Então, o que caracteriza a condição de uma *identidade* do corpo (pressuposto da modernidade capitalista) é justamente a luta para sustentar essa definição: mesmo considerando as mais severas convicções da ciência.

De fato, o clássico texto sobre as Técnicas Corporais, de Marcel Mauss, e o comentário à sua obra, de Claude Lévi-Strauss, podem parecer ingênuos pelo fato de terem sido escritos antes do intenso crescimento da mídia, fenômeno ocorrido durante a segunda metade do século XX. Naquela época, era mais possível que hoje falar de um corpo identificador de uma sociedade ou de uma época determinada, ou de um uso específico do corpo por meio de um dado grupo social, ou de características corporais diferenciais entre grupos diversos. Na era atual, em que a mídia velozmente apresenta padrões de condutas corporais, seria possível falar em corpo identitário? (DAOLIO e ROBLE, 2006, p. 220).

Ou seja, torna-se muito provável que só é possível falar em corpo *identitário* se considerarmos as populações isoladas, ou melhor, que não foram atingidas pelas *mídias* e por todo o processo de “coletivização” padronizada que perpassou a modernidade modelando as técnicas corporais e os padrões determinados da “conduta” direcionada aos corpos. Então, não seria arriscado defender que dificilmente se pode encontrar, na ciência em especial, uma concepção conceitual pura sobre o corpo, principalmente se levarmos em consideração todo o processo de *desconstrução* de sua ideia e de seu conceito. Encontramos rudimentos que falam sobre algumas definições específicas. Mesmo que se queira desconsiderar a responsabilidade da mídia nesse processo, ainda se pode dizer que a separação e fragmentação das ciências e da filosofia, representa também a manutenção da fragmentação da visão de *corpo*, sobretudo quando pensamos nas conclusões acerca do corpo que só alcançam os estereótipos, agindo sobre seu caráter perene no que diz respeito à concepção *única* dentro do movimento histórico, no qual “tudo se dissolve”, ou seja: “a história não é nem uma novidade perpétua nem uma repetição perpétua, mas o movimento *único* que cria formas estáveis e as dissolve”. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 130).

Isso também significa que o corpo (e todas as circunstâncias que nele se cruzam) não é mais um todo organizado, ou seja, um conjunto harmonioso do qual se pode defini-lo a um só conceito (a um só tempo), mas um corpo constituído por um conglomerado de músculos, nervos,

ossos e partes minuciosamente estudadas (ao mesmo tempo que “fragmentadas”) pelos especialistas, de modo que para saber sobre determinada parte X do corpo é preciso a confirmação do especialista da área X. Essa é a composição que se sucede das (modernas) *mutações*. E não se quer defender, por isso, que as mutações sejam ruins, pelo contrário, elas são necessárias para o acompanhamento da crítica que enriquece, principalmente se levarmos em conta que as:

[...] mutações são passagens de um estado de coisas a outro – passagens muitas vezes indefinidas do ponto de vista conceitual –, que nos deixam à deriva, *quando as trilhas são pouco visíveis ou pouco confiáveis, em particular se elas foram abertas, como acontece hoje, não propriamente pelo trabalho do pensamento, mas pela técnica, o que marca, pelo menos até agora, certa resignação do saber diante do poder da ciência*. Isso não quer dizer que, antes, tínhamos muita certeza de onde estávamos e para onde íamos. É preciso construir, pois, novo itinerário, uma vez que já não temos nenhuma garantia de retorno aos velhos roteiros e uma vez que o positivismo da técnica só nos pode indicar caminhos falsos (NOVAES, 2008, p. 12). (grifo nosso).

Ora, é por isso que vale discutir se realmente a fragmentação da própria ciência reflete responsabilidade por essas mudanças ou se, por intermédio de inclusão (quase exclusiva) dos meios de comunicação<sup>61</sup> na “vida moderna”, em conjunto com toda projeção positivista em voga, trouxeram (para a possibilidade dessas mutações) uma sucessão de novos itinerários das pessoas “afamadas” que imiscuíram suas opiniões com parcimoniosa habilidade à fluidez conceitual enriquecedora<sup>62</sup>? Por isso, no que tange à questão da educação física escolar, essa condição passa por um alerta que chama a responsabilidade de se pensar sobre o que o esporte pode contribuir para que o corpo não sofra também essas fragmentações.

Se o cidadão, durante toda sua idade escolar, está vinculado a um direcionamento intelectual e cognitivo que tem a finalidade de preservar os aprendizados que são considerados necessários para sua vida e seu futuro, logo, todo processo de comunicação – capaz de viabilizar a transmissão dos saberes que ajudarão o desenvolvimento cognitivo e intelectual de um aluno – precisa estar inteiro e não pela metade, ou seja, não pode se limitar às fragmentações.

Porém, é possível concordar que os processos de comunicação fragmentados contribuem para grandes mudanças a nível cognitivo e corporal, pois: “Sabemos que os meios de

---

<sup>61</sup> O que inclui, por conseguinte, suas transformações adaptadas à aceleração do capital nas concepções acabadas (e direcionadas) sobre o conceito de corpo e corporeidade.

<sup>62</sup> O que inclui um processo de racionalização pela fama e pelo poder, algo que tenta canalizar a própria fluidez dos processos comunicativos, ou seja, uma mediação da comunicação que aponta para um novo cotidiano social. As pessoas costumam repetir (e repartir) o que está solidificado em seu cotidiano.

comunicação sofreram grandes transformações nas últimas décadas e podemos compreender como estas mudanças provocam novas realidades corporais” (DAOLIO e ROBLE, 2006, p. 220) inclusive para a própria educação física, não seria difícil concordar que “o excesso de informação oferece-nos mais oportunidades do que as que podemos aproveitar e nossa inevitável sensação é a de que temos que acelerar as ações, fazer mais coisas de cada vez, dar conta de tudo o tempo todo” (DAOLIO e ROBLE, 2006, p. 224), e aqui, é evidente, termina por interferir no “fazer desportivo”. Isso reforça a convicção de que é necessário questionar qual é o papel do professor de educação física na escola moderna? O que significa perguntar: Esse professor formado (ou em formação) dará continuidade a essa aceleração ou contestará ela (de maneira crítica)?

É imprescindível defender aqui a tese de que só o estranhamento e a crítica podem construir novas perspectivas sobre o corpo. O colapso dos modelos científicos geralmente ocorre quando a ciência não consegue oferecer respostas para as novas necessidades humanas, algo que já fora defendido por Tomas Kuhn quanto tratou o conceito de *anomalia*<sup>63</sup>, e assim, tende-se a buscar cada mudança possível dentro da própria estrutura. Sabe-se que, hoje, é possível encontrar uma ampliação dos estudos de algumas teorias que romperam com certos métodos científicos<sup>64</sup> e mudaram sua maneira de compreender a relação do corpo com o mundo. Um bom exemplo está na ampliação do estudo da *osteopatia*<sup>65</sup>.

Porém, se por um lado há mudanças nesse paradigma, elas continuam sendo uma exceção. Uma parte das ideias oriundas da fragmentação do conceito de corpo que foram amplamente trabalhadas no meio científico, embora tenham gerado incertezas por um lado, contribuíram para serem determinadas por outro. Podemos lembrar de certos ramos da área de administração (sobretudo das empresas) que buscou um conhecimento específico da fisiologia do

---

<sup>63</sup> Para melhores informações ver: (KUHN, 2009).

<sup>64</sup> E romperam para seguir na contramão da forte concepção fragmentada do corpo.

<sup>65</sup> A *osteopatia* é uma área de formação acadêmica que foi pensada por volta de 1874 por um médico estadunidense chamado Andrew Taylor Still, que percebeu que o corpo pode ser compreendido como um conjunto integral donde suas diferentes partes estão interligadas de maneira completa (não separada). Trata-se de uma terapia corporal e postural que tem uma função muito importante para uma ideia de “corpo global”. Um outro bom exemplo (embora esteja em outra área de atuação) é a psicoterapia de K. Jung, que apresenta uma concepção integrada do corpo com a mente, a psique, a natureza e a espiritualidade. A questão é saber até que ponto a educação física no Brasil mantém diálogo com essas novas concepções, o que não implica que o profissional da educação física tenha que ir em busca da área de osteopatia como mais uma oportunidade de atuação profissional (como aconteceu com a área de *Pillates*), mas sim, que busque a “esteira” conceitual que se estendeu a Andrew Still e a Joseph Pillates e que permitiu, a esses cientistas, encontrar novos rumos para uma nova compreensão do conceito de *corpo*.

corpo. Esse conhecimento colaborou para ampliar a exploração *técnica* (nas *atividades mecânicas*) do mundo do trabalho de acordo com os novos tempos.

Essa condição parece estar anunciada historicamente nos desdobramentos das experiências<sup>66</sup> que incluem seus acertos e erros. A visão dessas áreas da administração da produção não seria tão profícua se não fosse a colaboração de áreas específicas da engenharia<sup>67</sup> e da ergonomia, que atuaram no sentido homogêneo de buscar as possíveis relações atinentes à condição direta trabalho/corpo/trabalho, e assim, puseram em destaque os possíveis limites do próprio corpo<sup>68</sup>, nos quais esses corpos podem ser reduzidos a uma relação direta do espaço produtivo. O corpo se molda ao espaço produtivo como uma peça específica se molda a sua engrenagem também específica, o corpo “toma o seu lugar”, uma vez que “ser corpo, nós o vimos, é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 205), ele se molda ao espaço na medida em que a experiência se manifesta nele todos aqueles objetivos engendrados.

Se por um lado houve uma ampla crítica aos modelos de trabalho desde a revolução industrial (e aqui vale recorrer as obras principais de Karl Marx), por outro lado, a “engenharia ergonômica” contribuiu significativamente para que o corpo não sofresse mais as condições degradantes do trabalho. Se o que edifica, por ventura, pode também destruir, é preciso levantar questões, por exemplo: será que a possibilidade de exploração do trabalho a partir das novas vertentes da ergonomia contribuiu para diminuir os problemas físicos ligados ao desempenho das atividades do trabalhador, ou elas se tornaram a chave para que, uma vez sofisticados os mecanismos de otimização da produção da mão de obra, o trabalhador pudesse desempenhar a mesma ocupação com melhor *produção* e sem apresentar problemas de saúde aparente? Ora, já se sabe que:

---

<sup>66</sup> É de se questionar qual tem sido o papel dos cursos de educação física nesse contexto, ou seja: será que os cursos de educação física exercem um papel mediador? Esses cursos conseguem encontrar um papel crítico para esse problema? Ou a educação física costuma se manter neutra nesse processo, apenas obedecendo as “leis do mercado”? É plausível concordar com o fato de que: “Os cursos de Educação Física no Brasil não estão formando professores para enfrentar tal realidade (SANTOS JÚNIOR (2005), LACKS (2004), TAFFAREL (1993). Ousamos afirmar que nenhuma licenciatura forma para enfrentar a complexa situação no campo e na cidade, isto, entre outras coisas, porque a educação física não está sendo estudada na perspectiva do território (TEIXEIRA E TAFFAREL 2006), mas sim na perspectiva do local e do mercado de trabalho (academia, clube, escola etc.) ”. (TAFAREL et. al., 2006, p. 93).

<sup>67</sup> Por exemplo: a engenharia de produção e ergonomia.

<sup>68</sup> O que significa dizer que, para cada lesão ou impedimento ocasionado pelo excesso de trabalho (ou exploração da força física do trabalhador), um novo estudo deveria ser iniciado para que a solução não afetasse diretamente a saúde desse trabalhador.

Se o homem fosse meramente um intelecto desencarnado, seu objetivo seria alcançado por um sistema mental global. Como, porém, é uma entidade dotada tanto de corpo quanto de espírito, tem de reagir à dicotomia de sua existência não só em pensamentos, mas também no processo de viver, em seus sentimentos e ações” (FROM, 1964, p. 50).

Por isso, não é segredo que uma possível aliança entre os conhecimentos da medicina (da fisiologia corporal) em sintonia com conhecimentos da engenharia e da física (ergonomia), tornar-se-ia possível a invenção de alguns elementos teóricos e técnicos que teriam por finalidade a constituição de uma verdadeira *arquitetura da produção do trabalho* que pode idealizar os conjuntos de procedimentos mecânicos corporais em prol de uma otimização da produção que perpassa a educação do corpo<sup>69</sup> em direção a um verdadeiro prolongamento de sua capacidade produtiva, de modo que o resultado seja sistematicamente vantajoso para o mercado. Esse pensamento Marx Horkheimer já finalizava ao defender que:

O próprio aparelho fisiológico dos sentidos do homem trabalha já há tempos detalhadamente nos experimentos físicos. A maneira pela qual as partes são separadas ou reunidas na observação registradora, o modo pelo qual algumas passam despercebidas e outras são destacadas, é igualmente resultado do moderno modo de produção [...]. Em relação a isso poder-se-ia inverter a frase: as ferramentas são prolongamentos dos órgãos humanos, na frase: os órgãos humanos são também prolongamentos das ferramentas”. (HORKHEIMER, 1989b, p. 40)

Esse fragmento de Horkheimer, e mais, a relação direta com a sentença invertida, ganha força na obra cinematográfica *Tempos modernos* de Charlie Chaplin (1936), ou seja, o homem se torna uma espécie de “dinâmica” viva do torque naquele conjugado de múltiplas máquinas e *ferramentas*, uma vez que a cada movimento da alavanca que faz duplicar o *nonsense* burguês, move também a roda da história.

Em seguida, ao aliar essa questão às novas categorias que se inserem nas inovações estruturais dos modelos sociais *neocapitalistas*<sup>70</sup>, das quais podemos citar as duas principais que

---

<sup>69</sup> “A ideia de que o corpo em sua exterioridade traduz uma posição moral interna tem sido largamente tratada no Ocidente desde o século XVIII e, mais acentuadamente, a partir do século XIX, pelos discursos médico, jurídico, pedagógico e literário. Esse é um tempo de ajustamento dos discursos sobre educação do corpo, sintonizados na retidão de posturas e comportamentos, que visava à erradicação das anatomias disformes, bem como dos espíritos desconformes, de uma maneira bem mais ‘humana’”. (SOARES e FRAGA, 2003a, p. 80).

<sup>70</sup> Que têm uma percepção própria nessa conjuntura dos corpos produtivos. Aliás, para a sociedade burguesa, tudo se torna rentável em sua produção sistemática, pois “o que o membro da sociedade capitalista vê diariamente à sua volta: conglomerados habitacionais, fábricas, algodão, gado de corte, seres humanos, e não só estes objetos como também os movimentos, nos quais são percebidos, de trens subterrâneos, elevadores, automóveis, aviões, etc., tem este mundo

são: uma compressão do espaço e o processo vertiginoso de aceleração do tempo<sup>71</sup>, já seria possível prever uma alteração significativa na fisiologia de qualquer cidadão submetido a esse “novo tempo”, ou melhor, as novas ordens de um tempo determinado pelas forças do neoliberalismo, em que se torna apropriado lembrar nesse momento que:

De fato, nunca antes o capital conseguiu exercer um poder tão completo, absoluto, integral, universal e ilimitado num mundo inteiro como hoje, no início do século XXI. Nunca no passado ele conseguiu impor suas regras, suas políticas, seus dogmas e seus interesses a todas as noções do globo como agora. Enfim, nunca, em nenhuma época, as esferas da vida humana – relações sociais, cultura, arte, política, sexualidade, saúde, educação, esporte, lazer – estiveram tão completamente submissas ao capital e tão profundamente mergulhadas nas ‘águas glaciais do cálculo egoísta’ como hoje”. (LÖWY, 2011, p. 45).

Por isso se percebe – mesmo a contragosto – que a construção dessas novas categorias advém dos novos modelos e ideais de vida que se inserem diretamente sobre uma nova construção da fisiologia do conhecimento sobre o corpo somada ao comércio que se tornou adequado às funestas composições de mão-de-obra, ou seja, sob a égide de novas compreensões (contraditórias e obsoletas) sobre corpo, erguem-se novos modelos. Por essa razão, torna-se mais compreensível perceber que não parece ser o corpo, muito menos a técnica, que decidirá qual a melhor maneira de se tornar saudável e “durável” enquanto vida houver, pois essas decisões estão atreladas às novas condições impostas pela economia do tempo e pela compressão do espaço destinado aos corpos. É preciso pensar aqui no papel da educação física nesse processo progressivo da técnica e isso parece se tratar de uma necessidade estrutural.

O que aproxima a semelhança entre o corpo e a nova ordem é justamente o conjunto de propostas que são oferecidas – ao corpo – de modo que a sua adaptação direta ao “mundo novo” corresponda ao que foi estabelecido<sup>72</sup>, a saber, a aceleração (tempo) em reciprocidade com a

---

sensível os traços do trabalho consciente em si; não é mais possível distinguir entre o que pertence à natureza inconsciente e o que pertence à *práxis* social. (HORKHEIMER, 1989b, p. 40).

<sup>71</sup> Que parece estar embutido nas novas perspectivas modernas “à porta” da modernidade. No fragmento “Não bater à porta”, Adorno relembra: “E qual o motorista que já não foi tentado pela potência do motor de seu veículo a atropelar a piolhada da rua, pedestres, crianças e ciclistas? Nos movimentos que as máquinas exigem daqueles que delas se servem localizam-se já a violência, os espancamentos, a incessante progressão aos solavancos das brutalidades fascistas. No deperecimento da experiência, um fato possui uma considerável responsabilidade: que as coisas, sob a lei de sua pura funcionalidade, adquirem uma forma que restringe o trato delas a um mero manejo, sem tolerar um só excedente – seja em termos de liberdade de comportamento seja de independência da coisa – que subsista como núcleo da experiência porque não é consumido pelo instante da ação”. (ADORNO, 1992, p. 33).

<sup>72</sup> E vale lembrar que “A viagem transcorreu sem nenhum incidente” (HUXLEY, 2001, p. 136), e talvez por isso esse “mundo” seja tão “admirável” e, ao mesmo tempo, tão assombroso.

compressão (espaço)<sup>73</sup>. Ora, não é difícil perceber que uma série de produtos se tornarão aceitáveis na medida em que forem fabricados em obediência a essas premissas, ou melhor, são produtos que satisfazem os novos conjuntos ordenados para a nova concepção corporal (que é endossada por um setor educação física e pelos fabricantes de aparelhos fitness) que é, por assim dizer, pré-determinada pela cadência (decadente) prévia da “economia de tempo”<sup>74</sup>

Poderíamos acrescentar a isso, o fato de que toda *propaganda televisiva* segue a mesma lógica de um sistema já formatado pela *indústria cultural*. Essas propagandas arrebanham até mesmo os mais avisados e despertos, como algo que nos faz lembrar que: “A indústria cultural é, antes de tudo, um negócio que tem seu sucesso condicionado a empréstimos e fusões da cultura, da arte e da distração, subordinando-se totalmente às já mencionadas finalidades de lucro e de obtenção de conformidade ao *status quo*” (DUARTE, 2003, p. 59).

Assim, é possível perceber que a formação de uma ideia de corpo que se apresenta na *propaganda televisiva*, muito provavelmente força a melhor aproximação ao conjunto propugnado pela sucessão de canais que escoam as ideologias, ou seja, ela vai desde a ideia do produtor cinematográfico ganhador do Oscar, ou do último herói do filme (que fez sucesso na bilheteria), chegando até os discursos fundamentais que necessitam acompanhar os *afetos* que circulam a partir das *telas* em direção a *massa*. Portanto, não é apenas o aparelho de ginástica que foi reduzido para caber no armário diminuto, espremido e embutido. Até o herói do filme economiza espaço com seu corpo suturado e *saturado de informações* projetadas no desenho e nos contornos de cada músculo já *plastificado* seja pela pele ou pela roupa aderida<sup>75</sup>, sem contar com o exímio perigo que diariamente entra pela “porta da sala”, pois:

---

<sup>73</sup> Tese defendida por David Harvey quando mostra que “Como o capitalismo foi (e continua a ser) um modo de produção revolucionário em que as práticas e processos materiais de reprodução social se encontram em permanente mudança, segue-se que tanto as qualidades objetivas como os significados do tempo e do espaço também se modificam. Por outro lado, se o avanço do conhecimento (científico, técnico, administrativo, burocrático e racional) é vital para o progresso da produção do consumo capitalistas, as mudanças do nosso aparato conceitual (incluindo representações do espaço e do tempo) podem ter consequências materiais para a organização da vida diária” (HARVEY, 1996, p. 189-90).

<sup>74</sup> Outro elemento central das promessas destes produtos é a economia de tempo: ‘fique em forma em dez semanas’, ‘programa dos quinze dias’, ‘não perca tempo’. Nas propagandas televisivas, os praticantes estão, com frequência, lendo revistas ou se ocupando de outras atividades, para demonstrar que nem sequer os exercícios próprios do aparelho lhe farão perder tempo, nem lhes exigirão grande quantidade de esforço ou desgaste físico”. (DAOLIO e ROBLE, 2006, p. 224). (O grifo é nosso).

<sup>75</sup> “O desenho do corpo na história se faz com traços por ele mesmo esboçados, pelas diferentes vias de se falar dele, com vestígios que, muitas vezes, não mais reconhecemos no presente. Seria, então, importante sublinhar que sua eleição como um objeto da história só muito recentemente é que recebeu status no campo das Ciências Humanas”. (SOARES *et. al.*, 2015b, p. 974).

A tevê dispara imagens que reproduzem o sistema e as vozes que lhe fazem eco; e não há canto do mundo que ela não alcance. O planeta inteiro é um vasto subúrbio de Dallas. Nós comemos emoções importadas como se fossem salsichas em lata, enquanto os jovens filhos da televisão, treinados para contemplar a vida em vez de fazê-la, sacodem os ombros. (GALEANO, 2002, p. 80).

A criação desses heróis, de um modo superficial, nada mais faz que emprestar a ideia do corpo total, do corpo perfeito com seus movimentos excêntricos. Parece então que tudo deve ser reduzido para caber nessa compressão e opressão do espaço habitável (conquanto, inadmissível); desde os utensílios digitais e seus *microchips* aos vestuários (*espetacularmente*) orbitais, pois “o corpo é o veículo do ser no mundo, o ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 130).

Dos estúdios para as telas, e das telas para a vida cotidiana, sem pedágio, os telespectadores estarão, muito provavelmente, recheados pelos símbolos impressos nos últimos figurinos, considerando aqui os princípios de um imaginário ideológico que prefigura – de um modo talvez completo – o futuro de um imaginário coletivo. Talvez por isso, as máquinas da indústria *fitness* e as novas atividades de transformação anatômica (ratificadas inclusive por inúmeras revistas estrangeiradas: *health's ou fitness*) necessitam do acompanhamento da ideia da *indústria cultural*, ou seja, familiariza-se no mesmo contexto, incluindo aí, a ideia do menor esforço com a maximização dos resultados anatômicos sugeridos, afinal, os heróis já fizeram o esforço hercúleo pelos seus telespectadores, e para esses, basta a ingenuidade de um sonho embutido no *marketing* de diferentes aparelhagens *fitness*.

E podemos afirmar que é uma imensa ingenuidade, na medida em que o sonho do corpo total, do corpo “sarado” e todo “trincado” do esportista ficou potencializado na imagem do próprio corpo que está ligado ao *aparelho fitness* que interessa para ser vendido, além, é claro, do acessório, do vestuário e do “suplemento” que merecem ser consumidos. Então, se torna necessário perguntar se é a função do aparelho que venderá o produto? É a tecnologia da roupa que convém ser comprada? É a necessidade do acessório ou do “suplemento alimentar” que merece ser consumido? Ou tudo isso somado não passa de uma estratégia do consumo? Algo que Henri Lefebvre pode nos ajudar a responder ao defender que: “Não é o consumidor nem tampouco o objeto consumido que têm importância nesse mercado de imagens, é a representação do consumidor e do ato de consumir, transformado em arte de consumir”. (LEFEBVRE, 1991, p.64).



Essa ideia não se faz de modo repentino pelo filme, tal como uma enchente que provoca a enxurrada dos ideais presentes nos múltiplos discursos baseados em *clichês* modernos ou fetiches de *Hollywood*, ela já foi amalgamada na mente do seu público repetidas vezes pelos diferentes discursos embutidos nas produções dos estúdios de animação que produziram seus *cartoons* mais adequados à concepção capitalista. O próprio *cartoon* remete a condição de uma economia do tempo e de superação dos corpos ultrapassados (incluindo as precarizações ou debilitações dos corpos fracos e obsoletos que devem ser rechaçados)<sup>76</sup>.

Basta tentar acompanhar o movimento de deslocamento de grande parte dos personagens dos desenhos animados. Fulgurantes e figurantes, esses personagens preconizam a aceleração que deve ser naturalizada na vida do seu público mais cativo<sup>77</sup>. Eles estão ali justamente para lembrar que a realização do poder, mesmo que imaginável e inexprimível, passa pela concepção de velocidade (estonteante). E o público dos *cartoons*, geralmente em idade inapropriada para uma perspectiva de discernimento plausível ou inapropriada para uma concepção cognitiva ideal, vai aos poucos se adaptando a essa nova modelagem, em uma aceitação que, no futuro, emergirá de dentro da massa<sup>78</sup> em direção aos novos conjuntos reiterados nos corpos dos proletários, seja na formação dos seus diferentes núcleos sociais ou no desenvolvimento de diferentes mundos virtuais, em outras palavras, é preciso ser um guerreiro, é preciso ser tão rápido

---

<sup>76</sup> Isso sem contar com um acúmulo da publicidade que projeta ideias ligadas ao gênero, ao comportamento e a beleza. Se por um lado a figura masculina do super-herói é forte e vencedor e o carrinho é hiper-veloz e furioso; pelo lado feminino, a boneca do desenho deve ser “bela e recatada”, basta ver o contexto, por exemplo, em que algumas bonecas se apresentam, ou seja: “a concepção de feminilidade focada no coração é apresentada por Barbie em todos os seus desenhos, nos quais é possível ouvir frases como ‘o destino está escrito nas estrelas’, ‘amor e imaginação podem mudar o mundo’ e ‘deixo o meu coração me guiar’. Já para os meninos a mesma fabricante tem dito, através de sua linha de carrinhos, frases como ‘você detonou!’, ‘esmague tudo o que vier pela frente!’, ‘vire de cabeça para baixo’, ‘devore o maior número de carrinhos que puder antes de o tempo acabar’, ‘alcance uma super velocidade nesta pista irada!’ e ‘um looping animal que vai causar várias batidas’”. (SOARES e ROVERI, 2015a, p. 11).

<sup>77</sup> Além dos desenhos animados, teríamos que lembrar dos jogos interativos eletrônicos que, segundo (BERTMAN, 1998, p. 114), defende: “os jogos de vídeo por computador ensinam às crianças as virtudes da velocidade [...]. Por vezes, elogia-se este tipo de jogos porque se diz que eles aumentam a coordenação das partes motora e visual. Na verdade, estes jogos contemplam a velocidade como nenhum outros em toda a história dos jogos recreativos. Mas, pelo fato de desafiarem os jovens jogadores a acompanhar o ritmo dos impulsos eletrônicos, eles condicionam artificialmente os jovens à arte de viver à pressa. Como os filhos têm reflexos mais rápidos do que os pais, e possuem menos laços a prendê-los ao passado, sentem maior liberdade ainda para tomar a dianteira no turbilhão vertiginoso do tempo.”

<sup>78</sup> E aqui estamos imaginando as prefigurações de um imaginário coletivo que se adaptou as ordens do “mundo novo” que é, por sua vez, frequentemente reverenciado para o bem de todos aqueles que amam com paixão “o dinheiro alheio”, uma vez que, “A televisão se propõe a adular os que mandam no Rio da Prata, mas sem querer cumprir uma função educativa exemplar: nos mostra os picos culminantes e neles dilata a breiguice e o mau gosto dos triunfantes caçadores de dinheiro.” (GALEANO, 2002, p. 82).

quanto o último herói pois, ao que parece, ele é o vencedor, afinal: “Debaixo da aparente estupidez, existe a estupidez verdadeira.” (GALEANO, 2002, p. 82).

Frequentemente se pode perceber a força dessa adaptação quando encontramos um adulto optando por aceitar a nova modelagem, ou melhor, quando ele compra aquela camiseta do último super-herói do último relançamento desgastado, o que faz lembrar o conceito de *habitus* em que Pierre Bourdieu trabalha a ideia de *incorporação*, ou seja, a tese de que as pessoas começam a apreender o significado de suas prioridades por intermédio do próprio corpo<sup>79</sup>, cabendo aqui pensar no acúmulo da aspiração de uma classe subalterna tentando alçar a classe burguesa dominante.

Um enredo interminável parece contagiar a identidade desses corpos, incluindo nisso a sua expressão cotidiana que incide nessas manifestações apagadas, sejam elas conscientes ou inconscientes. Do virtual para o convencional, e desse, para o acomodado letargo das novas sensações, parece que o grupamento já está formado, e a sucessão de emissões ideologicamente adaptadas promoverá, por si mesma, o próximo capítulo, ou quiçá, o próximo relançamento de *hollywood*.

---

<sup>79</sup> O que ainda passa pela leitura de Marcel Mauss. “Inspirado, a princípio, no que Mauss afirma sobre o hábito, Bourdieu amplia o conceito e torna-o conhecido. É importante lembrar que, ao elaborar aquilo que entendemos por “habitus” em sua teoria, Bourdieu aproxima suas reflexões à noção de “incorporação”. Para o autor, nós aprendemos pelo corpo, no qual a ordem social se inscreve por meio de confrontos permanentes. Nesse sentido, pensar em “incorporação” é entender que ela se dá por obra da razão prática (coletiva e individual). Segundo Wacquant (2002, p.118), fortemente influenciado pela teoria de Bourdieu, interiorizamos uma série de disposições inseparavelmente mentais e físicas ao longo do tempo. Para ele, a socialização adequada a algo ou a algum grupo depende da habituação dos gestos e dos comportamentos. Wacquant afirma que o “habitus” emerge da ordem de uma razão prática, que, ‘incrustada no fundo do corpo, escapa à lógica da escolha individual’. Sendo assim, o sentido prático orienta ‘escolhas’ que não deixam de ser sistemáticas só por não serem deliberadas”. (DAOLIO, 2012, p. 184). Assim, não fica tão complicado compreender porque um sujeito vai a uma passeata pública vestido de super-herói, uma vez que provavelmente – segundo o pensamento de Wacquant – houve uma programação mental e física de longo tempo para que aquela escolha se desse daquele modo expressivo e não de outro, ou seja, é uma escolha que obedeceu aos dispositivos que foram pré-programados, inclusive, pela *indústria cultural*.

#### 4. CAPÍTULO III – CIÊNCIA E TEORIA CRÍTICA

A importância de falar sobre o conceito de ciência é, para essa tese, fundamental. *Corpo e cultura* é uma área temática que, na educação física, está ligada à ciência, seja ela biológica, desportiva ou humana, aliás, a ciência costuma nortear alguns objetivos na educação física. Os problemas atinentes à concepção de ciência são históricos, portanto, uma digressão nesse sentido pode ajudar a localização dos principais recursos que caminham para o encontro de soluções. Tais soluções não são fáceis de ser pensadas, por isso: o debate.

Desse modo, o nosso intuito nesse capítulo será tecer uma trajetória conceitual sobre as principais concepções históricas da ciência no Ocidente. Faremos esse percurso de modo abreviado por ser suficiente para a tese. O objetivo principal do trabalho não é falar sobre a ciência (*in situ*), mas tratar sobre um importante aspecto dela, aspecto esse que será descortinado no decorrer do texto. Esperamos que, no intento de ser breve e conciso, possamos localizar questões fundamentais para tratar o aspecto central que nos interessa sobre a ciência<sup>80</sup>, ou melhor, sobre o conceito de ciência e razão segundo as concepções defendidas pela *Teoria Crítica*.

O ideal para se atingir essa finalidade inicial é fazer uma trajetória histórica do conceito de ciência, sobretudo porque houve mudanças no modo de se pensar a ciência após o século XIX. Filósofos como Karl Marx e Friedrich Engels já haviam percebido que a “Revolução Industrial” acarretaria um modo inusitado de perceber e trabalhar o conhecimento. O conhecimento começou a ser projetado (e sugerido) a partir de uma postura singular que essa revolução fez perceber sobre um progresso contínuo da história e do conhecimento humano, a ciência. Essa questão da ideia que Marx fez, foi destacada por Konder (1992, p. 24).

Desde 1844, seu amigo Engels vinha designando pioneiramente como ‘revolução industrial’ o processo que havia modificado energicamente a Inglaterra e arrastado consigo as sociedades mais avançadas da Europa. Esse processo desencadeara mudanças importantes nas condições de vida de milhões de seres humanos. Paralelamente, ele promoveu o deslocamento da ciência, que começou a passar da esfera das pesquisas e especulações dos cientistas ‘puros’ para o campo das atividades dos inventores ‘práticos’. Aumentou o prestígio dos ‘engenheiros’. As

---

<sup>80</sup> Esse percurso conceitual inicial tem o intuito de localizar as principais informações (necessárias) para tratar as diferentes questões que contribuem para a análise dos 32 trabalhos dos docentes que fizeram suas pesquisas na área temática *corpo e cultura* e que hoje atuam nos cursos de Educação Física em alguma instituição de Ensino Superior da região Nordeste.

universidades passaram a ser crescentemente pressionadas no sentido de aceitarem o atrelamento do destino da ciência aos avanços da indústria. (Grifo nosso).

Nesse caso, por ser muito improvável estabelecer a mesma concepção de ciência entre épocas tão diferentes, propomos começar essa análise conceitual pela Grécia, que é considerada – tanto pela história quanto pela filosofia – como um dos “berços” em que se formou o pensamento ocidental, e, portanto, também a ciência. Por essa razão, tratemos de falar (brevemente) sobre uma ideia de ciência que já estava presente nos textos *Clássicos* que foram escritos na antiga Grécia.

#### 4.1. UMA IDEIA DE CIÊNCIA NA GRÉCIA ANTIGA

Começemos por distinguir a epopeia do pensamento grego em dois momentos. A primeira passagem revela os conhecimentos míticos e a segunda passagem considera o nascimento de uma ciência elementar (ou o que se pode conceber como os princípios do pensamento científico no Ocidente). Os filósofos gregos antigos da primeira passagem: a mítica, ofereceram condições importantes para preparar uma renovação do próprio modo de pensar.

O mito, a grosso modo, é uma narrativa que tem o intuito de descrever a história do pensamento e os acontecimentos (referentes a um período histórico), e, por isso, essa narrativa está diretamente ligada a um povo. O mito é uma estória que não pode ser renovada em sua própria narrativa, ou seja, é uma estória recontada amiúde. Pelo fato de ser recontada (de modo repetido), o seu eixo central é movimentado por alguma espécie de ritualística na qual vê surgir um certo monólito que é, por isso mesmo, repassado em suas características básicas para todo aprendiz, que, por sua vez, retomarão aos demais aprendizes, a mesma narrativa.

Essa condição associada à narrativa mítica e concentrada no teor de suas reminiscências, tem o objetivo de apreender os significados de tudo que é exposto. A qualidade do mito depende do seu estabelecimento, e se institui sem perder a própria interpretação pois está carregada em sua descrição e, nessa descrição, são retomadas as próprias narrativas em questão, e assim como a narrativa de uma história, seja da ciência ou do teatro, possui cada uma sua descrição, o mito busca apresentar seus significados, para que se possa *neles* acreditar, mesmo que sejam fictícios, pois em cada história esconde-se uma *infinidade de interpretações* que são particulares e nas quais se pode buscar as analogias possíveis.

Einstein é verdadeiro, para nós num certo programa de verdade, o da física dedutiva e quantificada; mas se acreditarmos na *Ilíada*, ela não será menos verdadeira, no seu programa de verdade mítica. E *Alice no país das maravilhas* igualmente. Pois, ainda que consideremos *Alice* ou Racine como ficções, acreditamos nelas enquanto as lemos, ou choramos na nossa poltrona do teatro. O mundo de *Alice*, no seu programa de encantamento, aparece para nós como tão plausível, tão verdadeiro quanto o nosso, tão real em relação a si mesmo, por assim dizer; mudamos de esfera de verdade, mas estamos sempre no verdadeiro, ou na sua analogia. (VEYNE, 1984, p. 33)

O mito é narrativa, porém nada ingênua em sua recuperação. Ela é feita por homens (indivíduos de uma comunidade específica) e, enquanto tal, possui tanto os créditos a ela cedidos, como também um método de projeção que é próprio de cada povo que a estabelece em interpretação e transmissão. A sociedade, sobretudo a sociedade moderna, acostumou a classificar o mito como uma *fábula*, uma crença, e por isso a ele deve ser dado uma pequena legitimidade e atenção. A sociedade científica moderna tentou enterrar o mito, no entanto:

O mito, porém, quando ligado à tarefa de esclarecer a existência-humana-no-mundo, representa uma forma autônoma de pensamento, persistente e resistente às invectivas (sic.) de liquidação feitas pelo saber filosófico e científico. É conhecimento que contém o imediato da experiência numa unidade fantástica de difícil acesso. Só o pensamento alcança, nunca o discurso de filosofia nem o de ciência. (BUZZI, 1991, p. 85).

Essa “unidade fantástica de difícil acesso”, embora decorra da fala, prescinde da experiência concreta que é capaz de se estender na amplitude de sua própria interpretação. O *logos* (que também é fala) se distingue do mito<sup>81</sup>, pois no *logos*, a experiência, que está aberta a diferentes interpretações, não admite ampliar ou se estender no imaginário, razão pela qual ele busca manter sua habilidade adquirida pela evolução do pensamento humano, para oferecer os objetivos do discurso e adequar a melhor interpretação da experiência que tenta exceder o concreto.

Enquanto o mito se satisfaz com a explicação do mistério que envolve a sua própria narrativa, o *logos* procura o domínio do concreto, na expectativa de ultrapassar suas possibilidades, razão pela qual a estrutura básica do *logos* se recompõe mediante a possibilidade de se estabelecer a coerência das suas múltiplas regras lógicas e semânticas que oferecem, sempre que necessário, a melhor estrutura. Na estrutura básica do *logos* se pode perceber o divórcio com o mito, justamente

---

<sup>81</sup> “A atitude tradicional da filosofia em relação ao mito é expressa no contraste *mythos-logos*, onde se pretende que o último signifique um relato racional, analítico e verdadeiro (ver Platão, Fédon 61b, Tim. 26e, etc.). É paralela à distinção *theologos-physikos*, mas a relação do primeiro par é algo mais complexa” (PETERS, 1974, p. 146).

por haver no mito passagens que persistem em narrativas encadeadas em sua união estável entre deuses e homens. Nessa aliança enraíza-se o passado e o presente dentro do processo de transmissão. Já no *logos*<sup>82</sup> as prerrogativas passam por uma espécie de antecâmara gramatical que procura os fundamentos morfológicos, fonológicos, semânticos e sintáticos para capacitar a fala. Isso quer dizer que na formação da união entre os homens já não se processa o modo estável. Sob o arrefecimento da subordinação que reside na crença e que se nota que os joelhos já não se dobram ao fantástico, desfazendo todo temor. Essa busca se faz na compreensão que é capaz de prever, pelo *logos*, a própria objetividade, e por essa objetividade se vê passar os fundamentos que não admitem mais as proposições extraordinárias (do abstrato), mas apenas o que contém o máximo de significado plausível (no concreto).

Para os gregos dos séculos VIII ao VI a.C., o mundo era uma incógnita que pendia mais para desconfiança. Não obstante, confiava-se na explicação que era oferecida pelas narrativas míticas e, nesse modo de perceber o mundo “encantado”, eram construídas as próprias narrativas. Paul Veyne desconfia dessa ingenuidade dos gregos. Para o autor, os gregos mantinham uma “hesitação diante da verdade”, porém, *letárgica*, e por isso, a propensão para um primeiro movimento em direção à crença. Todavia, o homem grego conquistou a mais próxima noção sobre suas próprias narrativas fantásticas construídas de modo “esotérico”, e isso parece ter gerado uma espécie de “crença”, por assim dizer: não muito “sincera”. Por isso restou ao historiador inquirir se os mitos não operavam um efeito de crença sucessiva.

Como se pôde acreditar em todas estas lendas, e realmente se acreditou nelas? A questão não é de ordem subjetiva: as modalidades de crença reenviam às modalidades de posse da verdade. [...] O mito tinha um conteúdo que se situava numa temporalidade nobre e platônica, tão estranha à experiência individual e a seus interesses quanto o teriam sido as frases ministeriais ou as teorias esotéricas ensinadas na escola e admitidas sem hesitações. Por outro lado, o mito era uma informação adquirida sobre a fé em outrem. Eis o que foi a primeira atitude dos gregos diante do mito; nesta modalidade de crença, eles estavam em estado de dependência da palavra de outrem. Daí, dois efeitos” (VEYNE, 1984, p. 39).

Se nesse modo de perceber o mundo surgiam diferentes respostas, é muito provável que cada resposta encontrada (nessa época) brotasse tanto do imaginário quanto das diferentes

---

<sup>82</sup> Embora (PETERS, 1974, P. 135) considere que: “uma das maiores dificuldades na interpretação do *logos* é determinar quando é que esta palavra grega comum e amorfa está a ser usada num sentido técnico e especializado”. Desde Heráclito, passando por Platão e Aristóteles, e sendo reconsiderada pelos estoicos, o *logos* possui um desenvolvimento lexical que o diferencia em diferentes épocas da história no Ocidente.

maneiras de narrar os diferentes acontecimentos, sobretudo por não haver confirmação científica que pudesse comprovar tais acontecimentos, sobrando espaço para as alusões. Nesse sentido, o mito representa mais uma conclusão alegórica do desconhecido (o oculto) do que uma comprovação segura e indubitável de um fato. A conclusão disso, se pode encontrar no modelo – poético – que constitui a narrativa mítica, que é uma entre as principais características desse período, ou seja, o mito se põe entre as explicações concretas dos acontecimentos cotidianos, porém formulado por uma narrativa baseada em especulações poeticamente fabulosas.

Essas especulações ofereciam os temas para respeitadas e celebradas festas nas quais se podiam “cantar” os poemas conhecidos de escritores como Homero, Hesíodo, Píndaro. Esses poemas eram recitados por muitos trovadores (*rapsodos*) e “musicistas” (*aedos*), que peregrinavam na antiga Grécia em busca das *panatenéias* (uma espécie de festa cívica) em que se processavam as *rapsódias* e, nesse conjunto, construíam a harmonia do valor pedagógico na antiga Grécia.

O paradigma da paidéia, os gregos o buscam na luta de seus mitos entre as forças noturnas da terra e as forças diurnas do céu, entre os titãs e os olímpios. Em estórias profundas de deuses e heróis, a mitologia grega narra as vicissitudes desta luta do princípio luminoso do espírito contra o princípio tenebroso da natureza. Os feitos de Hércules são os feitos da existência grega no caminho da paidéia. (LEÃO, 1991, p. 84).

Esse período é conhecido não apenas pelas suas narrativas míticas, mas também pelo temor ancestral que fazia (justamente) o homem um sujeito que obedecia às narrativas míticas. O homem grego, esse recitador de poemas míticos escritos, recitados ou cantados (que retomava pela memória a busca do “entendimento do mundo”), traz em seu bojo pedagógico, a perspectiva de entender o mundo dominado pelo mito. Porém, isso também contribuiu para surgir uma nova interpretação do mundo. O mito, como narrativa, descreve os acontecimentos do mundo como tal, mas não intenta falar sobre o princípio elementar desses acontecimentos, ou ainda, daquilo que o constituía enquanto fenômeno (mundo). Por essa razão, o mito, apesar de ter uma relação direta com a verdade (uma vez que não havia questionamento suficiente para suas conclusões)<sup>83</sup>, dificilmente passaria intacto pela história.

Em um dado instante (desse período grego antigo) surgiu a necessidade de se explorar o mundo e seus acontecimentos de outra maneira, compelindo, por conseguinte, o pensamento

---

<sup>83</sup> Pois não ultrapassavam as mesmas (reiteradas) explicações contidas nas narrativas, cujo intuito era refazer cada um dos diferentes episódios sobre a história dos deuses; do tempo e das intempéries, como uma explanação possível.

grego para novas indagações, essas indagações perfazem uma nova etapa da história do pensamento na Grécia. Logo, a segunda passagem da história da filosofia grega se refere aos *filósofos da natureza*. São conhecidos como *filósofos da natureza* pois iniciaram a busca pelo princípio<sup>84</sup> da natureza<sup>85</sup>. É possível notar aqui, de modo abreviado e um tanto pedagógico, que a grosso modo, esses filósofos podem ser considerados como os precursores de uma revolução pré-científica. E é plausível considerar, na medida em que se percebe que esses pensadores pré-socráticos, “revolucionaram” o modo de se fazer perguntas no ocidente.

Essa nova perspectiva, que perguntou pelos *princípios da natureza* corresponde aproximadamente ao período que vai do ano 624 a.C ao ano 460 a.C. A busca por um novo modo de “teorizar” o *conhecimento* e a verdade sobre a natureza, encontrou, nesse instante, a noção do discernimento entre as diferentes maneiras de perceber e estudar os elementos e as transformações da própria natureza. Esse é o primeiro momento em que vê questionar uma parte das verdades contidas nas narrativas míticas.

Assim, podemos abordar a construção desse novo momento em três partes: o espanto, a dúvida, o pensamento reflexivo<sup>86</sup>. Se na primeira etapa, o mito se dá a partir do espanto, com a busca pelo princípio da natureza esse espanto permanece, porém, vem junto a novas inquietações. Aliás, um dos elementos mais importantes do pensamento grego antigo pode ser compreendido a partir da inclinação pelo espanto. O espanto traduz o início da filosofia. Ainda que haja efeitos previsíveis (nos acontecimentos), não se pode encontrar a obviedade (desses acontecimentos). Isso não apenas pela escassez de informações (mediante o excesso de mistérios que ainda estavam por se “descortinar”) mas pela atmosfera de dúvidas que permeava o pensamento grego. Esse legado foi um dos elementos mais importantes para a ciência.

Ainda que não se possa examinar os manuscritos de boa parte dos sábios da época em profundidade, devido à perda de muitos documentos e transcrições orais ou *doxografias*, estamos

---

<sup>84</sup> Do grego: *Archè*.

<sup>85</sup> Do grego: *Physis*.

<sup>86</sup> Embora seria ingênuo pensar que não havia reflexão na *Teogonia*, por exemplo. “É assim na teogonia especulativa de Hesíodo, que não é uma revelação dada pelos deuses: Hesíodo recebeu esse conhecimento das musas, isto é, de sua própria reflexão. Meditando sobre tudo o que se diz sobre os deuses e o mundo, compreendeu muitas coisas. E pode construir um repertório verdadeiro e completo das genealogias: primeiro houve o Caos e a Terra, assim como o Amor; Caos engendrou a Noite, a Terra deu à luz o Céu e o Oceano; este último teve quarenta filhas, das quais Hesíodo proclamou os nomes: Peito, Admeto, Jante, a bela Polidora, etc. Muitas destas genealogias são alegorias e tem-se a impressão de que Hesíodo leva seus deuses-conceitos mais a sério do que os olímpicos” (VEYNE, 1984, p. 41).



cada vez mais convictos da importância dessa tarefa para o homem moderno, principalmente quando se percebe o enfraquecimento da necessidade da pergunta sobre as “coisas” do mundo, de modo que as indagações acerca dos acontecimentos e fenômenos se dê de maneira mais lenta e gradual, e que o homem possa continuar se “espantando”.

Esse exercício do pensamento e a “abertura” para dúvida reflexiva perfazem uma das principais atitudes filosóficas dos gregos. Essa atitude contribuiu significativamente para novas formulações de questões que oscilaram na oportuna construção dos argumentos (*hypothesis*) a partir da constituição da dinâmica do *logos* concatenado e ordenado de acordo com o que diz a natureza e seu princípio. Certamente toda essa mudança veio contribuir para a ciência moderna de um modo geral<sup>87</sup>.

A genealogia e os desdobramentos dos elementos da natureza (ou seja: das quais se estendem; se expandem; se contraem; se criam; se transformam ou se recriam) pode ser pensada sob diferentes prismas. Os *filósofos da natureza* perceberam essas condições e propuseram uma passagem. A “passagem” (entre mito e princípio do questionamento filosófico), embora tenha acontecido de maneira gradual, foi essencial para conectar características que até o século XIX podiam ser admitidas como pensamento científico. Nesse processo de “desencantamento” de um mundo assombrado, as contribuições se mantinham conectadas às verificações diretas dos episódios em obediência aos acontecimentos da própria natureza.

Razão pela qual se pode perceber uma certa insubordinação aos deuses e aos mitos. Dessa insubordinação se viu desvelar uma parte do que se ocultava na medida em que conquistava

---

<sup>87</sup> E é por isso que levamos em consideração a distinção entre as visões de ciência dos antigos e dos modernos, pois é preciso pensar na projeção pré-científica que os gregos antigos – a que nos referimos – deixaram, sobretudo a mudança de pensamento entre a *mitologia* e a *filosofia*. Ainda que não se trate de tecer um aprofundamento histórico que destaque essas diferenças entre épocas distintas (o que demandaria um esforço dispensável além de fugir do objetivo desse trabalho), é importante revelar essas diferenças para que se possa ter uma noção entre os diferentes períodos históricos.

terminologias filosóficas que tratavam dos *princípios* que regiam as coisas<sup>88</sup>, e se seguiram como fontes e alicerces para o período seguinte<sup>89</sup>.

Nesse movimento, em que encontramos a intensidade do pensamento, sobretudo *um modo diferente de pensar* que fez assinalar o lugar do sábio<sup>90</sup> (entre eles, os pré-socráticos). Esse novo modo de pensar – considerado então como *filosófico* – forçava a palavra através da fala<sup>91</sup> a buscar a verdade<sup>92</sup> sobre o *princípio* e suas substâncias<sup>93</sup>, e encorajava esse sábio a descrever pela matemática e pelo cálculo o que ainda era mistério oculto, mas que se apresentava nas diferentes manifestações da *natureza*. Essa mudança de pensamento foi capaz de neutralizar as diferentes narrativas que encerravam e atavam os gregos às explicações da divindade<sup>94</sup> (*mythos*). A partir desse momento, inicia-se a busca pelos fundamentos do conhecimento que se ergueu historicamente com base em vários conceitos, como exemplo: a distinção entre *epistēmē* (conhecimento) e *doxa* (opinião).

Há, portanto, uma diferença considerável entre a contemporaneidade e “o tempo” filosófico na Grécia antiga, e essa diferença é o que reforça a nossa convicção em defender a importância de pensar a importância da pergunta, e praticar, como os gregos, desde a infância, o exercício que consiste em pensar boas perguntas a serem feitas. E essa exigência que herdamos dos gregos (mas que vem sendo arrefecida) contribui até hoje, tanto para a ciência de um modo geral, como, e mais ainda, para os projetos de pesquisa científica, visto que se trata de um princípio básico

---

<sup>88</sup> É importante destacar as diferenças que se guiam pelo princípio reflexivo e que direcionam o modo de tecer perguntas. No período pré-socrático podemos encontrar perguntas tais como: Qual a origem (princípio) da natureza e como se dão as suas principais transformações? Quais as suas principais causas? Quantos elementos há na natureza? (Só para citar três perguntas). Os *filósofos da natureza* contemplaram perguntas que não poderiam ser respondidas pelos poemas míticos. Conjuntos de novas concepções sobre o homem e a natureza começaram a compor os princípios da investigação pura, que por fim, alimentou as condições históricas para o desenvolvimento da ciência, da arte, da religião e da filosofia para todo ocidente.

<sup>89</sup> Que se refere ao período socrático. Os principais filósofos desse período (socrático) deitaram suas raízes em questões fundamentais sobre o homem para um novo desenvolvimento da filosofia na Grécia.

<sup>90</sup> Do grego: *Sophōi*.

<sup>91</sup> Do grego: *Logos*.

<sup>92</sup> Do grego: *Alétheia*.

<sup>93</sup> Do grego: *Ousia*.

<sup>94</sup> E justamente por isso, se mantinham indefinidas e acobertadas pelas narrativas entre homens e deuses, sem buscar espaço para novas interpretações do mundo, estavam todos acorrentados, como já defendia Sócrates no diálogo *Íon* [536a]: “Sabes então que esse espectador é o último dos elos de que eu falava, a receber a força, que sob o efeito da pedra de Heracléia, passa de um para o outro? O elo do meio és tu, rapsodo e ator; e o primeiro é o poeta. E a divindade, através de todos eles, arrasta a alma dos homens para onde ela quer, fazendo passar a força de uns para os outros. E da mesma maneira como daquela pedra, parte daí uma densa corrente de coreutas, de mestres, de sub-mestres, dependurados obliquamente dos elos dependurados da Musa” (PLATÃO, 1991, p. 105).

para todos que se propõem a trabalhar com a pesquisa científica. É preciso dizer que, sem a prerrogativa das perguntas, torna-se impossível problematizar as ideias, pois “As perguntas são as locomotivas do conhecimento, daí a sua importância nos projetos de pesquisa. É possível afirmar o essencial de um projeto de pesquisa é a problematização da necessidade e a sua transformação em questões e perguntas”. (GAMBOA, 2013, p. 87).

Grande parte da experiência atual dos homens se insere nas múltiplas informações que, a grosso modo, deixam tudo parecer muito óbvio. O universo do pensamento grego revela justamente o contrário, ou seja, o espanto, a poesia. Sem espanto e sem o brilho da poesia, o pensamento navega na superfície do cálculo e da técnica, deixando os pensamentos filosóficos à deriva; afinal, o mundo da ciência pós-século XX é, cada dia mais, um mundo sem mistérios. Todavia, não é pelo fato desse mundo oferecer artifícios para que todas as respostas – ordinárias – estejam próximas “das mãos” antecipando as certezas, que esse mundo deixa de apresentar o seu “vir a ser”. Nossos contemporâneos – e os que virão no futuro –, continuamente terão por privilégio o ensejo de poder receber o que restou dos fragmentos escritos pelos pensadores gregos, levando em consideração o que se tem traduzido hoje. Mas isso se torna insuficiente se não se ousa refletir sobre as transformações da nossa capacidade de perceber as coisas; de duvidar de modo que se possa chegar às vias do pensamento constante que é capaz de repor as ideias no seu próprio fluxo (de seu movimento), como fizeram vários povos e como, aos poucos, se deixa de fazer na modernidade. Ora, ainda que tenhamos um mundo repleto de “certezas”, talvez essa tarefa seja a principal e mais urgente para a educação e a escola.

#### 4.2. NOÇÕES SOBRE SABERES ESCOLÁSTICOS

Faremos um breve levantamento sobre a filosofia medieval, por se tratar da ponte que liga o mundo antigo à renascença. Para tanto, comecemos pela *Escolástica*. A *Escolástica* apresentou características singulares em relação ao saber que estava diretamente ligado à vida religiosa cristã, cuja concepção de homem e de mundo se fez distinguir das visões dos séculos anteriores, bem como dos modos de se perguntar e se buscar o conhecimento. Na visão cristã, o homem entende o mundo e a si mesmo a partir de um determinado critério que estabelece (cria ou apenas compreende) uma instancia superior e transcendente que lhe revela tanto o seu lugar no mundo quanto os seus limites dentro da compreensão de espaço e de tempo.

O conhecimento de si e do mundo, nesses aspectos, não pode ser construído pela razão humana, mas somente lhe é revelado pela divindade, que constitui o principal modelo para as informações que, por isso mesmo, já estão completas e acabadas nas escrituras, e por isso, não poderiam ser contestadas. Nessa concepção de mundo tomado pelo pensamento religioso, o homem está perto de seu centro e ocupa a posição mais próxima da divindade (que é o centro por dignidade, ou seja, a essência de tudo que pode existir), por isso o interesse do pensamento humano, nessa época, se manteve direcionado e acessível somente para as informações que revelavam o conhecimento do absoluto declarado pelo criador transcendente, e por isso, a concepção de natureza feita pelos filósofos desse período acarretou algumas considerações específicas que deram direcionamentos a esse modo diferente de se buscar o conhecimento.

É importante destacar que seria incorreto pensar que essa concepção de mundo cristã se aproximou das características do pensamento mítico e não ao pensamento especulativo-filosófico, primeiro porque na mitologia grega não havia religião, mas somente cultos órficos; segundo, pelo fato de a Escolástica resgatar concepções filosóficas gregas, sobretudo as que foram desenvolvidas por Aristóteles<sup>95</sup>.

É preciso lembrar que a natureza, nesse momento específico, não passa de um anexo que participa de maneira secundária e superficial da vida dos homens<sup>96</sup> e, por isso, essa natureza só tem sentido ser pensada ou analisada como uma condição da criação divina<sup>97</sup>. Através do poder divino, os homens (e as coisas) se estabelecem a partir de uma relação hierarquizada, na qual o próprio homem ocupa o ponto mais altivo e, portanto, superior. A mudança dessa imagem do mundo e todas as implicações religiosas que os novos conceitos indicariam a partir de suas premissas *teológico-norteadoras*, foi capaz de realizar um deslocamento da imagem do próprio homem perante a natureza. O conhecimento, que dividia os homens, revelava quem era leigo e quem era religioso. A ciência, na escolástica, era desenvolvida pelos religiosos, visto que esses tinham o privilégio do acesso às universidades (junto àqueles que podiam pagar). Incorporado a

---

<sup>95</sup> Levando em consideração também a Patrística que absorveu boa parte da filosofia contida nos *Diálogos* de Platão.

<sup>96</sup> Essa premissa só cabe à primeira fase do cristianismo, pois, a partir do ano de 1200 depois de Cristo, temos notícias dos primeiros filósofos cristãos que começam a compreender a natureza a partir de uma relação empírica e não apenas religiosa.

<sup>97</sup> A natureza (e uma noção ecológica dessa) era apenas o resultado direto da realização da criação divina. A Arca de Noé (no contexto de sua história) serve de exemplo.

esse conhecimento catedrático, havia o conhecimento maior, que estava excepcionalmente grafado nas escrituras<sup>98</sup>.

Disso se pode concluir que a concepção de ciência iniciada pelos pré-socráticos, nessa época, foi arrefecida (mas não apagada) pela própria característica teológica que perpassou vários séculos. Se para a maioria dos pré-socráticos o princípio da natureza poderia ser representado por um elemento da própria natureza, para a *Patrística* e a *Escolástica*, o princípio é representado pela presença de um Criador. Para muitos cientistas, mormente os contemporâneos, trataram-se de séculos de obscurantismos. Querelas à parte, podemos perceber que, para a filosofia, essa época possui valores inestimáveis que ainda permeiam a própria concepção de homem e criação.

Há, portanto, dois importantes aspectos que se tornam necessários frisar. O primeiro é que havia um resgate de ciência na idade medieval, sobretudo quando buscamos compreender algumas leituras básicas da *Escolástica* de Sto. Tomás de Aquino que tentava dar um novo sentido às leituras de Aristóteles e que era compartilhada com outros religiosos da época. Segundo, e principalmente, vale lembrar que havia uma rica produção de pensamentos que se tornaram fundamentais para que filósofos do *Renascimento* pudessem buscar não apenas os seus próprios fundamentos, como também, o avanço de suas descobertas<sup>99</sup>.

---

<sup>98</sup> Nessa época, havia uma concepção de que um homem era considerado (após a sua formação como clerical) um representante de Deus na terra, visto que essa preparação clerical (sua religiosidade) o habilitava a receber o conhecimento e a informação necessária ao modo apostólico, em outras palavras, eles eram os transmissores das mensagens enviadas por Deus. Deve-se ainda considerar que outras religiões (politeístas ou não) ou orfismos que também concebiam a presença dos deuses e tinham prerrogativas muito parecidas, e com isso, também eram tacitamente considerados como tal. Além dos órficos, vale lembrar dos Curandeiros, os Feiticeiros, os Alquimistas, os Gurus, os Pajés, os Mestres, o *Griot*, os Poetas, os Profetas, ou seja, lembrar de um conjunto de homens habilitados para acessar as forças da natureza e, em contato com ela, sacralizar e vincular a ligação constante entre o homem e os deuses. É a reverência dada à *palavra*, que assegurava a transmissão do conjunto de ensinamentos históricos (reiterados em cada narrativa - modelos e mitos) durante séculos, que fez balançar as flâmulas do conhecimento que anunciava uma: “verdade revelada”.

<sup>99</sup> “Até há pouco tempo, era comum encontrarmos análises que consideravam os teóricos medievais como meros representantes da igreja e do papado. Equivocadamente, atribuíam o nascimento das ciências modernas e do empirismo a Bacon e Descartes. Esses autores expressaram, indubitavelmente, mudanças profundas nas ciências, mas também é inegável que não podemos considerá-los como pioneiros do empirismo, a não ser ignorando pensadores como Roger Bacon (1215-1294), Guilherme de Ockham (1285/90-1349), Jean de Salisbury (1120-1180), Tomás de Aquino (1225-1274), Alberto Magno (1193-1280). Estes autores se dedicaram à investigação da natureza, da natureza das coisas, valorizaram a importância das investigações empíricas e compreenderam que, para tratar das ciências naturais, era preciso a experiência e o conhecimento de outras autoridades além das sagradas, como Aristóteles”. (OLIVEIRA, 2007, p. 115-6).

Embora essas escolas de pensamento tenham contribuído para o avanço da ciência, ainda há muitos discursos a favor (que aposta e defende haver tal avanço) mas também contra (que acredita não ter avançado o suficiente para tecer contribuições efetivas na vida da população mundial como um todo). E mesmo que haja essa discordância entre uma teoria e outra, sabe-se que para se ampliar o consenso por parte do corpo discente com a comunidade dos cientistas em prol da ciência e contribuir para sua melhoria, é preciso muito trabalho pela frente. A ciência não pode, sob risco de se tornar equivocada e dogmática, fundar-se apenas no rol de suas teorias que aparenta estar disponível a todos, nem apenas na boa vontade de seus cientistas que se mostraram imbuídos do desejo de resolver os problemas do mundo, sobretudo porque essa ideia gerou alguns equívocos no decorrer da história, visto que entre o enigma e a resposta permanecia sempre a figura do homem, e por isso podemos concordar com CASSIRER (1997, p. 25) quando afirma:

Há coisas que, em virtude de sua sutileza e sua infinita variedade, desafiam toda tentativa de análise lógica. E, se existe no mundo qualquer coisa que devamos tratar da segunda maneira, é a mente do homem. O que caracteriza o homem é a riqueza e sutileza, a variedade e a versatilidade de sua natureza.

Não se pode deixar toda a responsabilidade e esperança somente nos próximos resultados da ciência, pois ela não tem demonstrado aspiração para salvar a humanidade. Não parece haver dúvidas de que a ciência avança, porém o faz com certa dificuldade em perceber alguns de seus enganos decorrentes dos seus desacertos intrinsecamente construídos, pois seu avanço costuma ser – ainda – controlado por diferentes setores específicos do capitalismo. A ciência precisa de um estatuto crítico que seja capaz de fazê-la olhar com mais acuidade a tudo que se propõe pesquisar e que parece trazer estampados em seus diferentes projetos uma espécie de “selo” de confiabilidade.

Nos flancos das colinas íngremes da ciência, que ainda não se fecharam, mora o cerne dessa crítica. É de lá que, pelos séculos de conquistas ainda podemos olhar mais adiante e tentar, a partir de inovações propostas não mais com vistas ao progresso, mas sim à humanidade, que nos cabe, quem sabe um dia, dar início às novas perspectivas críticas. Sabemos que, mesmo sob condições desfavoráveis impostas pelo capital, talvez seja necessário refazer o caminho pelo qual o positivismo foi pensado, repensar o próprio trajeto indicado e apoiar condições renovadas e prudentes para um futuro mais humano e ecologicamente mais equilibrado. Possivelmente isso

estaria nas aberturas das novas encostas abertas por uma *dialética negativa*.<sup>100</sup> Pensando nisso, podemos propor o trato desses caminhos no intuito de oferecer possíveis afastamentos para questionar o que é mais urgente para atual ciência.

A partir das construções históricas da ciência, incluindo as regras e competências formuladas pelos cientistas, viu-se fundamentar uma arquitetura que foi capaz de oferecer a solidez necessária aos procedimentos de tal modo que se pôde fazer distinções entre essas fundamentações e as oscilações da esfera do senso comum. Uma das premissas fundamentais dos trabalhos desenvolvidos pela análise criteriosa da constituição científica se mostra na construção teórica. Cada investigação científica tende a buscar a melhor formulação de sua teoria. A hipótese mantém uma ideia em suspenso, e é difícil uma teoria permanecer estável com a passagem do tempo, ou melhor, tudo está em constante transformação e devir, razão pela qual o pensamento também pode seguir um posicionamento semelhante. A condição ideal é, nesse caso, a que permite uma renovação da própria ciência em seu devir, pois:

Os pensamentos que são verdadeiros devem renovar-se incessantemente pela experiência da coisa, a qual, não obstante, só neles recebe sua determinação. A força que se requer para isso, não a amarração das conclusões, é a essência da consequência filosófica. Verdade é constelação em devir, não algo que se percorre automaticamente, onde o sujeito seria talvez aliviado, mas dispensável. (ADORNO, 1995, p. 21).

A questão, nesse caso, se transfere para um debate que expõe a distinção entre teoria tradicional e teoria crítica. Primeiramente é preciso dizer que para a ciência a base desse conceito é, segundo Marx HORKHEIMER, um acúmulo, ou seja: “Teoria é o saber acumulado de tal forma que permita ser este utilizado na caracterização dos fatos tão minuciosamente quanto possível” (1989, p. 31). Logo, a teoria se remete sempre a um objeto ou a um sujeito, pois é possível defender que não haja – na ciência – uma teoria que apresente uma neutralidade absoluta, nem mesmo uma teoria específica sobre um objeto específico, sobretudo porque “o sistema universal da ciência

---

<sup>100</sup> Se poderia defender aqui que, em se tratando da obra *Dialética Negativa*, uma das obras mais acabadas de Adorno, em conjunto com as declarações contidas na obra *Minima Moralia*, se pôde notar o sentido de uma busca profunda pela *esperança* de que a filosofia ainda poderia se renovar. Segundo (PETRY, 2011, p. 30) “Adorno levou adiante a tarefa de exigir da filosofia um esforço crítico-dialético de acordo com o projeto da década de 1930 e que encontrou na *Dialética negativa* um modo de conceber a linguagem a partir da ideia de não-violência do sujeito em relação ao objeto”.

aparece aí como a meta da teoria em geral. Não se restringe mais a uma área particular, mas abrange todos os objetos possíveis. (1989, p. 31).

Seria difícil hoje sustentar a negação de um processo científico em curso, não se pode esperar que a ciência retroceda no seu modo de ponderar o seu próprio progresso, uma vez que – para o cientista – buscar a verdade não significa envolver-se em esperanças abandonadas, mas retornar às regras e aos métodos do próprio pensamento científico, a ciência, por isso, prossegue. Todavia, o que deveria ser um auspício ininterrupto para a humanidade também tem sido capaz de trazer problemas para o próprio progresso na ciência; pois, apesar de seus importantes avanços, a ciência não deixou de ocasionar algumas consequências funestas para toda a humanidade. Embora conhecimento e poder continuem representando as condições infindas de uma possibilidade de desenvolvimento e evolução, as complicações oriundas do poder sem limites deixaram marcas na história da humanidade.

Entretanto, seria imprudência querer lançar a responsabilidade singular desses problemas sobre o pensamento dos cientistas. Mais do que nunca, é preciso discernimento. Cada filósofo (com suas referidas aptidões) lançou interpretações pelos séculos sucessivos no intuito de interpretar e contribuir para o processo civilizatório. Cada pensador que viveu seu contexto de época (especificamente o avanço da ciência obtido em cada século) formulou pensamentos e lançou questões. Se torna ingênuo acreditar que a sentença de um filósofo poderia se transformar no estopim da bomba minuciosamente calculada ou nas decisões – ideológicas – funestas dos déspotas que conceberam o terror e o genocídio; e acima de tudo, não pareceria adequado fazer críticas à ciência sem falar de ciência. A filosofia já se despertou do perigo de seus prejuízos.

Com o passar dos séculos, na medida em que diferentes correntes de pensamento da filosofia e da ciência apresentavam importantes desdobramentos para a história e para os homens, uma série de mudanças circunstanciais das cátedras provocaram fragmentações que se seguiram até os dias atuais. Esses processos de fragmentação contribuíram expressivamente para a ramificação de áreas que, até séculos atrás, pertenciam a um mesmo bloco de conhecimento. Os saberes plurais e as ligações entre a filosofia e a ciência tornaram, a partir do positivismo, uma classe particularizada de conhecimento.

Esse processo não ocorreu de maneira abrupta, até porque: “o pensamento não inventa histórias a partir de sua própria fantasia, antes exprime a sua própria função interior” (HORKHEIMER, 1989b, p. 48) e é possível entender que nessa “função interior” reside uma



constituente historicamente arquitetada sobre alguns estratos específicos da sociedade científica; conhecimentos que se constroem a partir de uma miríade de habilidades cada vez mais levadas a cabo. Esse processo, por assim dizer, canalizado, que faz o cientista ter que optar por determinado setor exclusivo capaz de oferecer “segurança” para determinados recortes do conhecimento, quase sempre formados como ferramentas.

Desde a descoberta do telescópio à decifração dos códigos de DNA, todo saber que se torna uma “serventia” direta para outros saberes se instrumentaliza e se aliena em sua própria tendência epistêmica e alcança, por essa razão, as mais distantes e distintas concepções científicas, criando, por conseguinte, uma série de códigos apropriados a diferentes setores produtivos. É preciso dizer que isso determina outras condições para se fazer ciência, de modo que a sua devida aplicação na prática termina por motivar não somente o avanço da ciência, mas também, e aqui se pode ver o lado mais perverso dessa prática, a garantia econômica de alguns homens sobre o argumento (já um tanto desgastado) de que o devido avanço científico e boa parte das pesquisas acadêmicas se faz em prol do beneplácito do progresso humano que não pode parar, nada parece ser mais ultrapassado que esse argumento.

Mas nem sempre foi assim. É preciso dizer que, na história das ciências encontramos correntes de pensamento (e podemos também considerar como escolas de pensamento) que, com o passar dos séculos, foram ampliadas em benefício dos melhores critérios de decisão que afirmavam suas descobertas. Tais descobertas foram sugeridas pelos filósofos em cada época que antecedia a possibilidade de se articular diferentes critérios. Uma escola de pensamento se somava a outras e, no entanto, se podia encontrar algumas que se aperfeiçoavam a partir de características singulares e sociais de cada país de acordo com o desenvolvimento de sua cultura e direcionamento de cada perspectiva pedagógica. As somatórias dessas contribuições serviram para que o avanço da ciência se completasse na dinâmica total do intercambio científico entre todas as áreas do conhecimento.

Esse fato parece ter colocado à disposição das academias de ciências, as diferentes categorias e concepções sobre as evoluções engendradas, assim como determinou diferentes modos de se conceber o objeto. Todavia, apesar das frequentes querelas em torno das principais descobertas, o produto dos fatores divulgados juntamente com a aceleração do efeito provocado pela sequência de divulgações, fez com que os meios científicos modernos cedessem seus préstimos mais aos papéis fundamentais da ciência no que concerne ao progresso da humanidade.

Apesar de se encontrarem sob diferentes concepções de pensamento que eram justamente herdadas ou que se fazia proceder pela própria constituição religiosa, política e econômica de determinada nação ou país (desde o Renascimento ao advento do Iluminismo) os filósofos se esforçaram para dar as devidas garantias de cada matéria ou assunto que era apresentado e, sobretudo, os acordos para aquisição da verdade de cada implicação que era oferecida. O fato de que algumas dessas implicações rumaram para o mesmo ponto em comum (e, por assim dizer, geralmente carreavam os mesmos resultados), nos leva a sugerir que elas revolviam problemas muito próximos e que se encontravam sob características concernentes a uma certa percepção cultural e histórica também próximas. Por isso, entre as distinções internas e externas às diversas correntes científicas (articuladas em diferentes conclusões acerca do que é a ciência), havia uma certa convergência, a saber, a finalidade da ciência enquanto produção de conhecimento humano que perpassa toda a constituição histórica indispensável para a evolução da humanidade em geral.

Mas essa ideia já podia ser encontrada entre os antigos. Nesse caso, podemos voltar na história da filosofia para falar da possibilidade do conhecimento como fruto do aprimoramento da capacidade sensitiva que ajustava o desenvolvimento de novos modos de percepção dos fenômenos e da própria concepção histórica de acordo com a devida ativação da inteligência humana, como algo que serviu de base para fornecer propriedades e fundamentos para as principais descobertas que, por sua vez, contribuiu para ampliar as possibilidades de difundir outros conhecimentos. Assim, o que resultou dessas mudanças de pensamento também contribuiu para indicar critérios de abordagem para a ciência, juntamente com as diferentes áreas científicas como a física, a química, a astronomia e a matemática. Contribuições para as técnicas e procedimentos da ciência permitiram o melhor suporte para outras áreas e subáreas.

Com os gregos, sobretudo Aristóteles, a sabedoria se processava pelo exercício do pensar, e o conhecimento deveria começar pelas causas primeiras, suas substâncias (*ousia*), ou seja, ter o acesso aos fatos e saber fazer a correta leitura de suas causas, algo que, para Aristóteles, consiste em um modo correto de alçar os primeiros passos do conhecimento. A metafísica, enquanto ciência primeira, por intermédio da filosofia (como saber do que há em comum nos saberes diversos), seria capaz de levar a razão humana à finalidade última, ou seja, ao saber que se constitui a partir de uma adequação lógica que amplia a possibilidade de se alcançar a felicidade.

Então, pode-se imaginar que ao introduzir novos elementos em cada mudança naturalmente aconselhada pelos pensadores da nova ciência; naturalmente aproximar-se-ia de parte do contexto sedicioso daquele século em suas sucessivas mudanças. Em cada perspectiva iluminada pelos resultados objetivos que eram explorados, como exemplo, o acúmulo de composições e características demasiadamente algébricas em vistas do aprimoramento das ciências da natureza, seja na física ou na química cujos novos desafios se elucidavam a partir de um universo infinito de possibilidades que, nessa esteira, se fazia idealizar a condição de abordagem da natureza não como um cosmos, um todo finito e hierarquicamente constituído, mas como um “laboratório” a ser explorado, controlado.

Portanto, diferentemente da busca pela sabedoria enquanto condição de aprimoramento de *uma ciência do bem viver* conforme propugnava Aristóteles e alguns gregos da antiguidade, foi possível encontrar (em uma visão marcada por novas relações históricas do homem com relação à natureza dos fatos) uma concepção modificada de “ciência”, qual seja, a possibilidade de um saber que busca um fazer, cujo intuito central foi maximizar as capacidades humanas na intenção de dominar e prever os acontecimentos, como um modo de potencializar o próprio conhecimento e obter um conjugado de resultados mais seguros.

Esse conjugado de resultados, nos quais o conhecimento potencializado considerava – basicamente – o progresso da ciência, se ampliaria em uma direção em que o fortalecimento dos alicerces dessa mesma ciência em conjunto com a produção em série de todos os processos envolvidos trariam os resultados – às cegas – que serviriam para benfeitorias de alguns beneficiários diretamente vinculados a essa produção, potencializando a ideia do capital. A distância que se constituiu entre concepções (filosoficamente) distintas que envolviam a noção (incipiente) de ciência entre os gregos e a ciência (acelerada) compreendida pelos modernos, fora alimentada pela conservação de um processo que dependia dessa nova visão científica como fundamento indispensável para não mais se retornar ao obscurantismo renovado pelas crendices.

Nasce aqui uma necessidade sustentada pela ideia de que o progresso da ciência (concomitante ao progresso do capital) corresponderia a uma condição da natureza humana que floresce, naturalmente pelas veredas bifurcadas do tempo que estabelece a necessidade de optar por aceitar seguir ou não os sinais de um novo tempo. Caminho sem volta? Não se sabe, mas se pode pressupor ser um imperativo.

Os novos visionários de um progresso sempre renovado retomavam seus assuntos e defesas sobre o progresso da humanidade, até porque, se houve uma série de mudanças consideráveis acerca do que se considerava a verdade (entre medievais e modernos) haveria de se eleger uma das seguintes entradas para a modernidade: a) ou se acolheria a ideia de que a previsão da transformação do homem se daria pela sua subordinação à somatória de fatos científicos dos quais, bastaria apenas observar o progresso (imperativo do destino); ou b) se deveria considerar que não haveria qualquer ligação possível entre um e outro visto que o homem seria capaz de determinar qual a melhor escolha e decisão (imperativo humano).

Entretanto, seria possível prever que, de acordo com a série variada de descobertas e a progressiva interpelação dos filósofos do Renascimento acerca de uma nova maneira de ver o universo e a vida em sociedade, não mudaria também a imagem da ciência e a ideia de potência que o homem poderia vir futuramente representar? E se isso pode ser confirmado, não é aceitável admitir um fio condutor se formando nessa trajetória dos acontecimentos?

Aqui parece clarear uma imagem plausível de que o saber oriundo de novas práticas da ciência em conjunto com a concepção sempre renovada da técnica, poderia perfeitamente modificar os modos de examinar o objeto conforme brotassem possíveis alterações das premissas oriundas de um modo de “raciocinar” mais apropriado. No entanto, na possibilidade de haver questões mal elaboradas (e mal interpretadas), ou projetos indagados de maneira indevida em relação a ciência, ficar-se-ia à mercê de alternativas que – por ventura – estivessem inseridas nos próprios direcionamentos dados, de modo que o resultado das proposições iniciais específicas, ou seja, daquelas que buscavam o resultado premente, poderia neutralizar o próprio controle.

Na agitação das opiniões e, de acordo com as novas compreensões reiteradas amiúde sobre os diferentes fundamentos da ciência, a única possibilidade em vista, seria justamente o alcance da evolução e do ordenamento da nova ciência, e, no entanto, se sabe que no furor de qualquer descoberta que anima um ciclo científico específico, as possíveis suspeitas de que aquelas transformações poderiam levar a ciência propugnada a uma crise, possivelmente seriam envoltas por argumentos contrários (querelas envoltas em um complô qualquer).

Se isso por ventura já representava um fato, então não parece que havia qualquer garantia plausível de que os reflexos oriundos de determinadas descobertas, a saber, as que poderiam gerar de fato os grandes trunfos dessa mesma ciência, cujos movimentos progressivos

não se poderia mais revogar, poderiam se tornar, num futuro próximo, algo que pudesse ser controlado.

Descontrole por um lado, e por outro, um excesso de controle (seja da técnica, seja do cálculo), ambos representaram o grande perigo para a ciência moderna, visto que muito provavelmente essa balança desequilibrada levaria a uma diminuição paulatina da possibilidade do raciocínio e do esforço em buscar compreender certas questões que só a razão e a emoção humana podem. Porém, essa condição só poderia ser bem advertida por pensadores (as) dos “tempos modernos”, ou seja, por aqueles (as) que estivessem vivos para ver os resultados de toda consequência nefasta que foi proposta como progresso do conhecimento, e que não por menos, culminou em diferentes condições de construção de destruição e barbárie.

Os primeiros efeitos paralelos que produziram diferentes imprevistos negativos a partir das criações dos cientistas e que foram vistos como parte dos triunfos da ciência (pois surgiram como condição propícia para se criar um efeito positivo) já se fizeram sentir na forma de uma crise dentro das próprias ciências naturais. O problema tem a ver com o fato de que as ‘verdades’ da moderna visão científica do mundo, se prestam mais às fórmulas matemáticas comprovadas e a promoção, a contento, da revolução tecnológica e sua renovação diuturna que, em absoluto, já não se prestam à expressão normal da fala, e pouco subsídio oferece ao raciocínio de quem faz uso dessas mesmas ciência e tecnologia, como afirma (ARENDT, 2007, p. 11).

[...] Ainda não sabemos se essa situação é definitiva, mas pode vir a suceder que nós, criaturas humanas que nos pusemos a agir como habitantes do universo, jamais cheguemos a compreender, isso é, a pensar e a falar sobre aquilo que, no entanto, somos capazes de fazer. Nesse caso, seria como se o nosso cérebro, condição material e física do pensamento, não pudesse acompanhar o que fazemos, de modo que, de agora em diante, necessitaríamos realmente de máquinas que pensassem e falassem por nós. Se realmente for comprovado esse divórcio definitivo entre o conhecimento (no sentido moderno de Know-how) e o pensamento, então passaremos, sem dúvida, à condição de escravos indefessos, não tanto de nossas máquinas quanto de nosso Know-how, criaturas desprovidas de raciocínio, à mercê de qualquer engenhoca tecnicamente possível, por mais mortífera que seja.

Disso decorre não somente a autonomia que a técnica ganhou com essa miríade de descobertas, mas também o grande valor exagerado que se atribuiu aos saberes científicos que possibilitaram o desenvolvimento de instrumentos auxiliares para diferentes áreas da ciência e para construção de instrumentos a partir das múltiplas necessidades humanas, ao passo que a diminuição da autonomia humana poderia beirar a extinção de qualquer possibilidade de pensamento e de

compreensão das características oriundas de um fazer humano talvez descontrolado de dentro para fora (da ciência), construindo aos poucos uma espécie de anarquia dos princípios epistemológicos, na medida em que surgissem diferentes configurações para novos resultados.

Por isso, tornou-se possível perceber o que restou de boa parte desses resultados “explosivos” no labor de uma ciência empolgada que se descortinava em diferentes camadas que foram acrescentadas – uma a uma – a partir da constituição de saberes e, sobretudo, de poderes que embaçavam a construção de modelos de governos baseados na força e na violência. Foi no decorrer do próprio advento moderno assoalhado pela assombrosa potência do átomo que tudo foi processado, seja nas fórmulas empregadas, nas flâmulas empunhadas pelos cientistas modernos, que traziam destacadas as mensagens de suas atividades aprimoradas em suas técnicas “controladas”.

De acordo com os detentores dessas técnicas e da busca pelos resultados imediatos que eram perquiridos sob a égide da segurança dessa ciência, a certeza de que os saberes produzidos, que pareciam oferecer as garantias de que tudo estava sobre “controle” nas mãos dos especialistas, não passaram de expressões vazias, pois esses mesmos especialistas, como já defendemos páginas anteriores, são os mesmos que geraram os resultados ambíguos, ou seja, hora para o bem da humanidade e outrora para sua ruína. Por isso, aos poucos, a própria ciência faria desaparecer a autonomia de seus elaboradores e colaboradores tanto sobre seus inventos quando do domínio de seus esboços e projetos.

Se levarmos em conta o poder que a ciência demonstrava exercer no início do século XX e a sua aceitação social desde os primeiros esboços dos cálculos que podiam prever não somente os resultados elementares da aritmética, mas sobretudo a continuidade das sucessivas descobertas do que ainda se fazia desconhecido; só aí já seria possível imaginar que cada cientista moderno arriscaria avançar o que fosse necessário para o avanço de suas pesquisas, algo que a própria ciência poderia, por fim, controlar. A validade e o prestígio que a ciência recebera, ao que parece, também não teve limites, mesmo sabendo que algumas descobertas talvez não fizessem a menor diferença para o futuro, visto que na sua competente garantia, sem delongas, qualquer correção que devesse ser imprescindivelmente corrigida ou corroborada pela própria ciência, estaria nas mãos competentes de cada cientista, seja ele empirista ou racionalista.

Isso se pode imaginar pela própria euforia do princípio que “iluminava” o novo horizonte de ciências declaradas diante de diferentes descobertas que seriam plenamente capazes

de refazer os caminhos e aparar as “arestas” deixadas pelos erros de outrora. Talvez pelo fato de que tais mudanças de paradigma construíam diretrizes científicas longe dos auspícios éticos e filosóficos dos antigos, os resultados se sucederam para as piores consequências. Mesmo que se tentasse restaurar antigas concepções filosóficas que já estavam presentes entre os gregos, alguns cientistas contemporâneos não alcançariam a mesma compreensão epistemológica ou uma urgência para se rever planos de uma metafísica como ciência primeira, que fora propugnada na antiguidade.

E podemos defender que não alcançaria justamente por haver uma certa diferença de perspectivas históricas e culturais, pois a ciência entre os gregos se mostrava mais teórica/contemplativa enquanto a ciência moderna ainda se mostra mais teórico/pragmática ou, com projeções cada vez mais práticas e técnicas. Em outras palavras, parece que quanto mais se diminui o procedimento contemplativo e reflexivo sobre o objeto, mais se pode notar ampliar as certezas e as convicções, mas que, no entanto, é capaz de romper os limites do humanismo e cair na destruição e na barbárie que se espera evitar.

Para essa ciência moderna, vale o que pode ser aplicado e produzido de acordo com a técnica ideal, uma tecnologia mais avançada ou um teorema mais eficiente. A contemplação foi reduzida nesse momento a condições diletantes propiciadas pelos saraus, cursos de filosofia ou de arte. São bem poucos os que, na ciência, filosofam, e, na modernidade, os que filosofam parecem avançar, como é o exemplo de Albert Einstein contemplando a pedra que caíra no lago formando ondas que se formavam na sua superfície, fato que o fez pensar a teoria da “força gravitacional” mediante a formação do “tecido” espaço-tempo.

Alguns filósofos contemporâneos que puderam bem observar questões cruciais da ciência moderna, notaram que a própria aceleração dos acontecimentos na política e na sociedade tornou presumível o destino da população mundial. Ao notar que os cientistas modernos arrastariam consigo alguns dos principais problemas para seus laboratórios, a partir de uma concomitante geração de novas necessidades humanas, ficou acessível prever os resultados que incidiriam. Só de imaginar as implicações naturais que uma Revolução Industrial poderia engendrar não somente nas vidas humanas, mas no meio ambiente, deveria ser suficiente para diminuir a velocidade dos primeiros acontecimentos.

Fábricas a todo “vapor” concretizam não só a produção dos materiais sólidos, como também pulverizam os contínuos e, às vezes, intermináveis desejos (líquidos, segundo Bauman).

Todo conjunto de fragmentações concretas foram também, por assim dizer, contribuições da própria ciência, que terminaria por provocar uma série de relações perniciosas entre concepções constantemente atualizadas para esse novo momento. O desenvolvimento tecnológico modificaria boa parte das estruturas socioeconômicas e geopolíticas.

Ampliaram-se, nessa perspectiva, os diferentes padrões metodológicos as vezes insulados em pequenas instâncias particulares de uma ciência particular, que mesmo sem muito espaço para atuar, garantiam seu estatuto científico por apresentar algum conhecimento que poderia oferecer bases para outras especializações em diferentes cavidades abertas pela própria ciência, uma espécie de acessão e troca utilitária entre diferentes saberes. Dessa miscelânea de especializações se observou a necessidade de que cada uma pudesse encontrar o seu próprio nicho de atuação, o que, de certo modo, terminou por levar alguns cientistas de volta à concepção dogmática antiga, tal qual aquela que se mantinha presente tanto nas religiões quanto nos mitos, pois: “Ao procurar destruir o mito, o dogmatismo e a superstição, a razão esclarecida, ou os que são a ela submetidos, deixam-se manipular mais facilmente, tornam-se ingênuos e colaboradores de sistemas ideológicos opressivos”. (DAMIÃO, 2013, p. 107).

O fato de defender um conhecimento, que está relacionado a um nicho específico, como o mais adequado para tal e tal função pode não representar uma função dogmática, mas talvez revele o lado material dessa. Nessa nova perspectiva, que parece muito peculiar nos dias atuais, quaisquer dos grupamentos de cientistas que garantissem respeito aos códigos predispostos pela ciência e suas diretrizes, cobriria o seu espaço, mesmo que só para garantir aquele conhecimento exclusivo e, não obstante, dar margem para receber outros métodos mesmo que não se pudesse enquadrar nos novos códigos criados. Talvez por isso, houve grandes transformações no modo de percorrer caminhos distintos da ciência, uma vez que para cada aplicação se requer nova linguagem (mais confiável e predisposta ao controle), o que ocasionaria um processo inverso que levaria os homens a se tornarem, segundo Arendt, “escravos indefesos”. Será que o homem moderno ainda se encontra nesse posto?

Se as concepções de natureza distintas na ciência geram caminhos distintos para se adotar um seguimento, a formatação de uma protolinguagem científica, por sua vez, deveria oferecer uma linguagem universal garantida. Por isso, seria preciso se perguntar pelo que se oferece na formação de um cientista, por exemplo: Qual a melhor maneira de se pensar um caminho entre a sua formação teórica e sua atuação prática? Só a ciência parece ser suficiente? Se for, então, que



propriedades do conhecimento humano dependem exclusivamente da ciência para tecer diferentes campos e manifestar uma formação adequada para uma área específica? Isso é realmente possível? É possível fornecer condições para se estabelecer a melhor direção, levando em conta os critérios utilizados nas universidades em geral sem precisar dialogar com outros pilares do conhecimento? E acima de tudo, é possível dizer que um conjunto de pesquisas (teses e dissertações) pode direcionar ou influenciar uma área do conhecimento?

São questões que, antecipadamente, contribuem para tratar de áreas específicas da ciência em seus diversos campos de atuação e, nesse caso, pode-se dizer que dentre os princípios da experimentação científica podemos encontrar um modo de oferecer as garantias de sua probidade, ou seja, da integridade e do compromisso com as exposições fundamentais para o seu “avanço”, e para tanto, torna-se necessário instaurar, de maneira antecipada, as diferentes condições e os procedimentos que sejam apropriados à descoberta.

Dentre diferentes modelos – em uma concepção histórica de teoria do conhecimento – poderíamos citar o empirismo; o racionalismo; o positivismo; o estruturalismo; o fisicalismo; o pragmatismo; o estruturalismo, enfim, muitas correntes de pensamento que se formaram na história do ocidente e que, de algum modo, colaborou para formação de ideias e condições próprias para um pesquisador defender um modelo de pensamento dentro da ciência como mais adequado para um determinado campo do saber, seja concebendo (conscientemente) os critérios necessários para chegar à verdade, seja particularizando o conhecimento científico dentro dos limites propostos por tal ou tal processo.

Nesse caso, vamos aqui considerar três correntes – entre as que foram acima mencionadas – pois além de ser objeto de investigação dos teóricos da Escola de Frankfurt, essas “correntes de pensamento” foram as que mais se sobressaíram na história da ciência e que trouxeram influências decisivas sendo consideradas por muitos filósofos como as três principais concepções científicas modernas mais estudadas, seja para a epistemologia ou para a teoria do conhecimento. As três correntes teóricas são: o empirismo, o racionalismo e o positivismo.

Torna-se relevante, por essa razão, levantar os pontos pertinentes a essas áreas, de modo que se possa esclarecer alguns fatores “primordiais” que fundamentaram cada uma das correntes de pensamento que contribuíram para formar o fio condutor do pensamento ocidental e para que hoje se fizesse conhecer melhor a própria condição em que a nossa análise incide e que toca exclusivamente a crítica: uma concepção acerca dos limites da ciência em nosso século.

Antes de proceder a essa delimitação, faremos uma importante ressalva: restringiremos nossa análise à Idade Moderna separando-a da Idade Contemporânea, que pode, de maneira um tanto resumida, ser definida a partir do final do séc. XIX e início do séc. XX. Assim, o empirismo e o racionalismo, que são próprios dos séculos XVII, ficarão destacados do pragmatismo (pertencente ao Século XX). Feitas as ressalvas referentes a essas escolas de pensamento, poderemos fazer a passagem para a teoria crítica que nos interessa. Por conseguinte, o fato dessa referida teoria crítica surgir num segundo momento desta exposição, pois se encontra “fora” do período moderno (externo a esses períodos precedentes) e, por isso mesmo, em condições plausíveis de avaliá-los e criticá-los, ajuda-nos a traçar o fio condutor desse capítulo e dar subsídios para o próximo “passo”, a saber, as ressalvas da educação no âmbito geral e da educação física em específico.

#### 4.3. A CONSTITUIÇÃO DA *TEORIA CRÍTICA*

Os filósofos de *Frankfurt*, Adorno e Horkheimer, a partir dos trabalhos realizados em conjunto com outros autores do *Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt*, acreditaram ser possível uma retomada da perspectiva crítica como meio de mudar o rumo de alguns acontecimentos funestos na história do ocidente, principalmente o que toca as questões sobre a filosofia e a ciência moderna. O conjunto de pesquisadores que contribuíram para esse Instituto de pesquisa com suas observações e a partir de múltiplos debates sobre filosofia e ciência, além de repensar a esquerda política e militante, alcançaram êxito ao propor – de maneira enfática – novos olhares para a modernidade a partir de uma Teoria Crítica.

Vale ressaltar que Teoria Crítica não significa a busca por uma teoria no sentido tradicional que a ciência moderna entende, ou seja, uma teoria que sirva para dar respostas para diferentes (ou diversos) problemas, mas sim, uma teoria capaz de encontrar as possibilidades críticas no prosseguimento da condição social e política humana. Segundo Horkheimer, “Teoria é o saber acumulado de tal forma que permita ser este utilizado na caracterização dos fatos tão minuciosamente quanto possível” (HORKHEIMER, 1989a, p. 31). Isso leva a defesa de que toda teoria, “no que concerne aos fatos”, “permanece sempre hipotética” (HORKHEIMER, 1989a, p. 31).

A teoria crítica se distingue da teoria tradicional quando entende o processo pelo qual a tradição científica ocasionou pelas suas próprias constituições teóricas, ou seja, o rumo que a produção científica tomou na ausência de confronto real com a realidade social (ausência de engajamento como tal) somadas ao excesso de atenção pela simples formação de suas hipóteses e acúmulo sucessivo de resultados, às vezes, irrelevantes para a própria ciência e para a humanidade. A humanidade agora decaída no seio desse processo descontínuo em conjunto, teve que se conformar às próprias modalidades do labor dos intelectuais que direcionavam de tempos em tempos as técnicas mais adequadas de acordo com seus juízos científicos que regularizam os interesses específicos.

O que a teoria tradicional admite como existente, sem engajar-se de alguma forma: seu papel positivo numa sociedade que funciona, a relação mediatizada e opaca (não transparente) com a satisfação das necessidades gerais, a participação no processo renovador da vida da totalidade, inclusive as exigências com as quais a própria ciência não costuma se preocupar, porque seu preenchimento é identificado com a compensação e a confirmação através da posição do cientista, são questionados pelo pensamento crítico. A meta que este quer alcançar, isto é, a realização do estado racional, sem dúvida, tem suas raízes na miséria do presente, contudo, o modo de ser dessa miséria não oferece a imagem de sua superação. A teoria que projeta essa imagem não trabalha a serviço da realidade existente; ela exprime apenas o seu segredo. (HORKHEIMER, 1989a, p. 50-1).

Entre os diferentes interesses da crítica, podemos citar: a crítica ao modelo de racionalidade conferida no advento do Iluminismo; a crítica aos modelos científicos, aos procedimentos de constituição e da formação da *indústria cultural*; aos modelos de ciência beneficiada pelo capital; a padronização dos comportamentos humanos na sociedade com vistas ao consumo, ao *fetichismo* e à *reificação*; a concessão de benefícios cedidos pelos Estados à burguesia para manutenção do *status*; a consolidação dos aspectos centrais formadores da burguesia que são propícios para se criar um *mundo administrado*; a perpetuação do modelo hegemônico de uma determinada *dialética* positiva que se baseia exclusivamente na lógica formal e no pensamento objetivo (que exclui a subjetividade), entre outros interesses vinculados a essas questões centrais que não fogem à análise e que podem manifestar que:

A indústria cultural, que se caracteriza por sua dimensão anti ou acultural (dissolução da obra de arte, produção e reprodução de mercadorias ditas 'culturais'), por sua vinculação com a moderna técnica (rádio, tevê, cinema, fotografia, imprensa, etc.) e seu consumo de massas e seu caráter de mercadoria, constitui a fórmula moderna que a sociedade burguesa encontrou para autoperpetuar-se. Se antigamente a separação entre cultura e civilização preenchia

satisfatoriamente as funções de reprodução e ideologização da classe operária, as condições modernas da produção criaram, com auxílio da ciência e da técnica, assimilando, pois, a cultura à civilização, uma nova fórmula para consolidar e perpetuar a produção capitalista: a indústria cultural. Essa passa a ser fundamental para a sobrevivência do sistema (FREITAG, 2004, p. 73-4).

A rigorosa crítica a esse modelo de racionalidade não poderia cessar, uma vez que a Teoria Crítica se tornou um legado para os que se encorajam a prosseguir os principais pressupostos teóricos que preconizam a possibilidade de se construir (mesmo que de maneira utópica) um humanismo. Esse humanismo só pode se realizar mediante o fim da exploração pelo *capital*<sup>101</sup>. E isso significa, primeiramente, estabelecer a crítica ao que é posto e aceito como habitual, ou seja, que é fundado enquanto real e possivelmente concreto.

Em seguida, pode-se processar o desvelamento de certas teorias que ocasionam práticas obscuras (as vezes sem qualquer compromisso com os requisitos mínimos capazes de oferecer humanidade para a sociedade global), seja na ciência, na política, na arte, na filosofia ou na religião. Esse passo só pode ser concebido a partir de uma nova concepção de humanidade.

Os teóricos de *Frankfurt* perceberam algumas ligações que mantinham um conjunto completo de teorias que estavam bem conectadas e que determinavam as coisas como eram (o real) sem decidir ou julgar essas coisas de modo plausível para revelar como elas, de fato, deveriam ser (o ideal). Não pode ser comum à lógica muito menos pode se tornar admissível que, se se aplica “A” com o intuito de gerar “B” (em uma implicação apropriada aos fatos), o resultado pode ser “C” e a tarefa ser dada como concluída. Ora, isso não é contrário à lógica? É claro que os contrapontos que introduziam as questões teóricas e políticas, ao menos para os filósofos que defenderam o advento das *luzes*, que tentavam solucionar, a grosso modo, os principais problemas das sociedades (sobretudo dos homens) e a formação de seus Estados (seus governos), não foram devidamente apreciados por todos os setores da ciência, muito menos na economia.

É possível perceber vários posicionamentos adversos sobre as questões sociais que foram analisadas pela “ótica” da filosofia da história. Desde o século XVI, a ciência trabalhou no intuito de encontrar medidas cabíveis para gerar o progresso e para que a humanidade pudesse receber os benefícios de cada descobrimento que se fizesse presente. A prosperidade da ciência

---

<sup>101</sup> Ou seja, não se trata do fim do capitalismo, mas o fim da exploração propugnada pelo modelo capitalista. Só não se sabe como isso pode ser realizado.

poderia significar, nesse caso, o despertar da própria *espiritualidade*, sobretudo o fortalecimento da educação como meio de ampliar o esclarecimento do povo. Foram vários pensadores que lutaram para que essas premissas se fizessem presentes, entre eles, Espinosa, Descartes, dentre outros importantes cientistas da natureza.

Em específico, pôde-se afirmar que haviam diferentes elementos sociais que se ligavam uns aos outros como resultados dos complexos fatores que já se encontravam aglomerados, porém externos aos homens. Esses fatores foram designados a partir de sucessivas transformações históricas que foram realizadas pelos próprios homens que viviam em uma determinada sociedade “em ebulição”, ou seja, em meio às experiências contingentes<sup>102</sup>, essa observação se tornou a chave para ampliar e dar continuidade ao pensamento vivo de Karl Marx, sobretudo as teorias encontradas n’*O Capital*.

Dentre as principais questões que combatiam de maneira ofensiva o pensamento político-econômico de Marx, estão as oposições à ideia do materialismo histórico. O pensamento mais amadurecido de Marx, a grosso modo, fez crítica à ideologia do pensamento pequeno burguês, e nessa crítica encontram-se: a) o desvelamento de boa parte dos aspectos sociais (mutantes) que: b) mantinham justapostos uma parcela dos acordos (entre a burguesia e o Estado) e das funestas oportunidades propiciadas pelos fatores históricos que, c) eram fortemente manipulados por características econômicas influenciadas pela burguesia (em conluio com a formação desses Estados), d) de acordo com um conjunto de extensões políticas parcimoniosas que, e) além de favorecer a burguesia, se ajustavam perfeitamente aos acontecimentos impecavelmente arquitetados de modo proporcional a duração de seu lucro e seu poder.

Esse conjunto fez com que as peças desse grande motor pudessem girar incendiando toda e qualquer possibilidade adjacente de se construir tanto a formação crítica do povo, quanto um conjunto de igualdades e direitos trabalhistas em equilíbrio aos fatores econômico-sociais. Nessa espécie de ensaio básico que dinamizou o capitalismo e que se expressou de maneira histórica como um demonstrativo crescente da desigualdade (econômica e política), foi se

---

<sup>102</sup> Embora se defenda que as experiências sejam contingentes e não necessárias, é preciso estar atento às condições históricas que moldam as realizações humanas, algo que Hebert Marcuse bem observou ao afirmar que: “A maneira pela qual a sociedade organiza a vida de seus membros *compreende uma escolha inicial entre alternativas históricas que são determinadas pelo nível de cultura material e intelectual herdado*. A própria escolha resulta do jogo dos interesses dominantes. Ela *antevê* maneiras específicas de utilizar o homem e a natureza e rejeita outras maneiras. É um ‘projeto’ de realização entre outros” (MARCUSE, 1973, p. 19). (grifo nosso).

aperfeiçoando pela/para manutenção e legitimidade do poder constituinte dessa mesma burguesia, cujos critérios utilizados para o controle (e formação de poder) já nascera “sedimentada” no seio do próprio desenvolvimento que propiciava uma racionalidade adequada que, por sua vez, seria perfeitamente capaz de manter represada a grande massa de antigos camponeses expropriados, de acordo com uma nova cultura que engendrava a grande massa urbana<sup>103</sup>.

Assim, para os autores da *Escola de Frankfurt* a possibilidade da crítica e da fundamentação de um esclarecimento mais profundo da população, sobretudo uma nova dimensão estética da vida, poderia contribuir para “virar o jogo”. Logo, podemos afirmar que quando a educação, seja por intermédio das escolas; dos livros ou dos professores, se aventura em uma de suas mais sublimes tarefas, que é habilitar seus alunos a entender o próprio presente sem renunciar o passado, e a partir desse trabalho contribuir para a construção de uma consciência mínima discente acerca das diferentes questões históricas; essa educação provoca tanto o encontro com as diferentes narrativas, como a probabilidade de acontecer a iniciativa sutil de o aluno interrogar/pensar as possíveis ligações que tornam tangíveis os diferentes pontos que, no entrelace de cada acontecimento histórico, as vezes não revelam suas conexões quando se faz necessário uma avaliação criteriosa.

A necessidade primordial, para esse evento, é tornar plano o que está inconteste e inconstante, para só então buscar o pensamento plausível. Isso pode representar uma perspectiva capaz de compreender as mudanças históricas, pois as conexões, embora necessárias, muitas vezes não estão interligadas. Ao optar pelo sentido de plano, ou de algo que explana, o docente oferece a possibilidade de fazer o aluno observar o fio condutor da história. Talvez as “luzes” não consigam clarear toda a história, mas apenas pontos específicos dela, sobretudo se não é plana a topografia analisada. Daí a condição de pensar as ligações que explanam os pontos que se mantêm intrincados na própria filosofia da história.

---

<sup>103</sup> E aqui se torna importante entender que, dentro da concepção de massa, sobretudo de massa urbana, há uma projeção que fora condicionada para exercer sua auto-gestão. Isso se aplica perfeitamente ao modelo estadunidense, pois “uma de suas formulações ortodoxas na obra de Daniel Bell, particularmente em *O fim das Ideologias*, e um de seus arautos em McLuhan. *A noção de ‘massa’ permitiria demonstrar o término das classes sociais, das contradições e da luta sócio-política e, conseqüentemente, com o fim da luta de classes, o fim das ideologias. A ‘massa’ torna real o sonho da democracia liberal, onde as divisões sociais podem ser reduzidas a divergências de interesses entre grupos e indivíduos, capazes de chegar ao consenso político à maneira do mercado que se auto-regula*, regulando os interesses particulares. Na trilha da ‘sociedade de massa’, expressão da democracia cultural criada pelos meios de comunicação, símbolos vivos da liberdade de pensamento e de expressão e da plena transparência da informação”. (CHAUÍ, 2014, p. 26). (grifo nosso).

Todavia, disso depende, em grande medida, um constante exercício do pensamento, pois já dizia Japiassu (1997, p. 29): “Tomada em si mesma, a história é muda. Para que adquira sentido, precisa ser interpretada”. Mas como interpretar a história se as crenças em certas narrativas dessa história estão abarrotadas de opiniões (muitas delas, já se sabe que são *opiniões falazes*)? Se, porventura, ela tem sido pronunciada de maneira ingênua ou – o que é pior – de modo apressado? Ora, não parece evidente que para pensar a história se torna necessário questionar se ela tem preservado o cuidado e a atenção para se refletir não somente sobre o que se disse em relação à história dos homens e de sua humanidade, mas quem disse o quê sobre essa história<sup>104</sup>? Não é preciso dizer que tudo isso expressa a necessidade de se buscar os fatores que ofereçam condições adequadas para a necessária contextualização de cada momento sem os seus disfarces. Afinal, qual o valor que a humanidade tem dado a própria história contextualizada nos verdadeiros fatos ocorridos?

#### 4.3.1. Sobre o conceito de história a partir da *teoria crítica*

Se a história não parece ter nada a dizer senão aquilo que extraímos dela de maneira crítica, logo, disso parece depender a continuidade do labor do pensamento teórico crítico em conjunto com o processo de educação dentro e fora de sala de aula. Caso contrário, a história pode reproduzir-se em palavras que, embora sejam contextualizadas, acontecem de modo vazio, principalmente quando os sentidos desses possíveis contextos se fazem indiferentes aos principais fatos históricos, a saber, passado e presente. Uma boa maneira de evitar a repetição dos estragos

---

<sup>104</sup> Como bem lembra Jacques Rancière ao dizer que devemos “levar em consideração essa linha imóvel da história que, no entanto, se move para estudar esses ‘fenômenos de função’ – diríamos mais tarde esses fatos de ‘civilização material’ e esses fenômenos de ‘mentalidades’ – ligados às grandes constantes da atividade humana: as que dizem respeito à necessidade de alimentar-se, produzir, trocar ou transmitir, mas também de rir e amar, conhecer e criar”. (RANCIÈRE, 2014, p. 7). E se colocarmos essa disposição para investigar as questões relacionadas à história da *ciência dos fatos humanos* e de quem narra esses fatos, poder-se-ia retomar uma nova concepção, científica e apropriada, da própria história em sua pluralidade narrativa e interpretativa, pois: “ideal de uma ciência histórica livre da indeterminação das palavras e das frases das histórias, capaz de transformar em conhecimentos reais o que era ainda apenas o ‘romance da vida humana’”. Essa ciência não se restringia de modo algum aos dados da população, da produção e do comércio. Ao contrário, ela via surgir uma história intelectual estabelecida sobre uma base mais significativa, a estatística dos diplomas, das livrarias ou das bibliotecas, ou *uma história dos sentimentos e dos costumes estudada onde eles falavam sem disfarces*: na estatística dos casamentos ou na análise dos testamentos. (RANCIÈRE, 2014, p. 8). (Grifo nosso)

causados no decorrer histórico da humanidade pode estar na força da juventude que é capaz de evitar os que se reproduza. O *entendimento* é capaz de propor mudanças efetivas para o futuro.

Entretanto, disso depende rever as principais polêmicas acerca da concepção de história (incluindo as diferentes visões acerca do mundo e seus problemas), incluindo nisso as controvérsias acerca do primado do objeto, que o século XX inevitavelmente teve que trazer à tona. Theodor Adorno já havia percebido o perigo de acreditarmos que “o pensamento” possa se esgotar nos procedimentos tradicionais elencados pelo raciocínio lógico formal; e mais, o autor acreditava que o pensamento dificilmente poderia ser elencado de maneira intemporal ou psicologicamente neutralizada se considerarmos os processos históricos, sobretudo se acreditamos que o pensamento lógico formal se conserva de maneira neutra, ou seja, como uma “antecâmara” da ciência, conforme pensava Kant, que só possui a finalidade de verificação dos postulados. Esse problema talvez ainda persista hoje, pois:

Não deve se excluir dentre os objetos da controvérsia, se a inalienável logicidade do procedimento efetivamente proporciona à lógica o primado absoluto. Contudo, raciocínios motivados pela autorreflexão crítica do primado da lógica em disciplinas objetivas caem inevitavelmente em desvantagem tática. Precisam pensar sobre a lógica com meios entre os quais se afirmam os lógicos – uma contradição do tipo de que já Wittgenstein, o positivista de maior reflexão, se tornou dolorosamente consciente. Se um debate, impreterível como o presente, fosse conduzido a respeito de visões de mundo, partindo de pontos de vista externamente opostos, seria infrutífero a priori; mas, passando à argumentação, sofre a ameaça de serem reconhecidas sem discussão as regras do jogo de uma das posições, que não perfazem por último o objeto de discussão”. (ADORNO, 1989b, p. 108).

Ora, fica claro que a razão dessa desconfiança de T. Adorno está no modo em que a história foi contada (ou contextualizada), ou melhor, a depender de certos mecanismos formados pelo advento do trabalho e da *Revolução Industrial* em um primeiro plano, e da *Indústria Cultural* em um segundo plano. É preciso dizer que o pensamento lógico talvez não consiga se destacar e contribuir para a vida dos homens de maneira significativa e decisiva, de modo que as controvérsias, que seriam plausíveis de análise, simplesmente desapareçam.

Em um mundo altamente polarizado, seja em âmbitos políticos, sociais ou ideológicos se percebe haver diferentes narrativas, sejam elas filosóficas, pedagógicas ou religiosas. O diálogo é algo que depende exclusivamente, e hoje mais do que nunca, dos princípios da lógica. No entanto, qual a razão dessa lógica não se apresentar mais em boa parte (predominante) das narrativas? Seria



suficiente uma nova suposição lógica ou semântica para se determinar a direção do discurso moderno? Se os princípios das novas categorias do diálogo estão fundamentados em uma nova compreensão (com novos recursos que perfazem distintas interpretações) e que contribuem mais para a arte do discurso do que para sua compreensão, seria o caso de pensar novos elementos? O fato é que ainda se pode perceber o predomínio de uma lógica do discurso que vem sendo definido pelo *capital*.

Em outras palavras, isso significa dizer também que – hoje – não parece haver mais qualquer neutralidade nos discursos que permeiam os processos científicos e políticos de acordo com o que se observa nos trabalhos acadêmicos, sobretudo se considerarmos que esses discursos tomam direções predeterminadas pelos “vórtices” que a própria ideologia dominante faz girar. É notório que a comunidade (em sua maioria) tem adotado um tipo de discurso que pretende ser dominante, o que termina por acertar e ajustar, de modo imediato, cada um dos sucessivos encontros entre a percepção distinta das coisas (fruto da identidade que cada um carrega em si) e os desejos coletivos localizados em diferentes níveis da vida individual e econômica que, por sua vez, pesam sob diferentes problemas que constituem uma visão singular do mundo.

É aqui que se percebe a diluição de boa parte do processo de construção da alteridade humana, ou seja, a desintegração do processo formal das individualidades que vão paulatinamente sendo canalizadas em direção à supremacia da ideologia dominante. Assim, somos compelidos a entender (para não cair na ingenuidade de um processo comunicativo racional como superação das dicotomias dos *diálogos*) que os entendimentos que pesam sobre esses problemas são antagônicos por natureza, e por essa razão, solicitam algo mais do que uma “ação” da “comunicação” humana. Ora, não seria justamente aqui que as distintas concepções de mundo que se pretendem dominantes, antecedem e talvez até impliquem condições singulares para o próprio procedimento que se faz, segundo Adorno, logicista? Ou melhor: dentro de um entrosamento lógico precário e sem as forças necessárias para superar as contradições.

Percebe-se que o pensamento lógico é a tentativa de elevar os pressupostos oferecidos ao rigor necessário, porém, é possível que alguém se torne implacável no atropelo da lógica no ato do pensamento, principalmente quando o princípio do diálogo é pautado por interesses financeiros que, por sua vez, perfazem uma metodologia que se sobressai mediante um certo rigor desse “caminho” que já fora ditado pelo novo modo de conhecimento, pois se sabe que “uma parcela de abstração pejorativa é posta para toda a teoria do conhecimento, bem como para sua crítica”.

(ADORNO, 1989b, p. 107), afinal: “Quem, na simples imediatez do procedimento científico, não se conforma afastando-se de suas necessidades, aufere, juntamente com a visão mais livre, também vantagens ilegítimas”. (ADORNO, 1989b, p. 107). Portanto, a carência que faz bloquear a discussão e o entendimento em diferentes instâncias se aplicam a todos os lados indistintamente.

Ainda segundo Adorno, dependendo do sujeito pensante, ou seja, que faz uso de sua razão e que se constitui em um Eu que se distingue dos objetos do mundo; pode se tornar um sujeito indiferente às mudanças, bem como se tornar indiferente aos outros, o que o faz girar em torno de uma espécie de apatia ao próprio processo de neutralidade das mediações em que esse Eu foi lançado.

A indiferença entre esse Eu constituído e o objeto vai aos poucos tomando todos os lugares, e, não obstante, quando se trata de considerar que esse Eu só pode ser erguido dentro de um constructo histórico indefinido, a saber, um devir, nota-se que o problema é muito maior do que podemos prever. E é aqui que percebemos que a própria construção dessa história que tem revelado uma força capaz de manter boa parte dos sujeitos (humanidade em devir), por assim dizer, alienados em si mesmo e alienados da presença dos outros. Ainda que o sujeito se perceba autêntico, ou seja, não subordinado a um padrão já determinado pela história, dificilmente ele consegue se despojar da própria construção dessa indiferença.

Isso inclui o fato de que, mesmo nos raros instantes que o sujeito se percebe subordinado a essa construção histórica, tem sido possível localizar um lado perversamente dominante da ciência (sobretudo da tecnologia) que mantém os sujeitos indiferenciados. A burguesia tem muito a ganhar com esse processo concomitante, pois é por meio dela que se percebe preencher novos procedimentos (metodologicamente calculados) que muitas vezes vão se elevando em importância e supremacia até atingir o comportamento da massa de modo constante (através do advento de uma história renovada). Ora, dificilmente se pode encontrar verdadeiras opções para mudar o que essa mesma burguesia oferece.

A história da humanidade, ou seja, a que é feita pelos homens e por eles transformada, tem demonstrado caminhos pré-determinados mesmo para todo aquele que ousa a utopia, razão pela qual se torna necessária uma avaliação vigorosa e mais cuidadosa no intuito de processar o desvelamento dos pressupostos que sustentam a manutenção histórico-metodológica. E essa é uma tarefa que pode ser idealizada pelo pensamento crítico, pois, segundo Horkheimer (1989b, p. 46):

O pensamento crítico é motivado pela tentativa de superar realmente a tensão, de eliminar a oposição entre a consciência dos objetivos, espontaneidade e racionalidade, inerentes ao indivíduo, de um lado, e as relações do processo de trabalho, básicas para a sociedade, de outro. O pensamento crítico contém um conceito do homem que contraria a si enquanto não ocorrer esta identidade. *Se é próprio do homem que seu agir seja determinado pela razão, a práxis social dada, que dá forma ao modo de ser (Dasein), é desumana, e essa desumanidade repercute sobre tudo o que ocorre na sociedade.* Sempre permanecerá algo exterior à atividade intelectual e material, a saber, a natureza como uma sinopse de fatos ainda não dominados, com os quais a sociedade se ocupa. (Grifo nosso).

Eis uma esperança, pois o pensamento requer a compreensão daquele que se põe a pensar essas mudanças, e essa compreensão, por sua vez, necessita – mais do que nunca – da capacidade de se restaurar uma espécie de resignação filosófica e política que seja capaz de manter-se inspirado e atento, sobretudo quando se percebe a disposição da permanência de toda indiferença. Algo que conclama à excelência poética de outrora, mediante a principal virtude de todo aquele que se anima a refletir de maneira original, de modo paciente e com certa persistência. Aliás, esse se tornou o exercício que confere seus contrapontos, uma vez que:

Ele [o pensar] se opõe ao desvio em relação à coisa. Através da concentração, a tensão do Eu é mediada por algo que se lhe contrapõe. Hostil ao pensar é a avidez, própria do olhar que se distrai através da janela, querendo abarcar tudo. [...] A concentração do pensamento confere ao pensar produtivo uma propriedade que o clichê lhe nega. (ADORNO, 1995, p. 18-9).

Observando então todas as condições e procurando nos manter centrados nessa tarefa paciente do pensamento que nega os princípios de nossa própria avidez, podemos, sem muitas delongas, refletir, para tentar pensar por exemplo, como o século XX tornou-se a grande ocasião para se analisar a história do Ocidente. Refletir sobre isso não significa buscar uma compreensão para propor uma resposta pronta para cada tipo de leitura. Àqueles que se propuseram a pensar e tecer diferentes apreciações sobre os acontecimentos desse século, de modo mais adequado ao discernimento (que talvez seja o mais importante dos atributos humanos) que ofereceram as oportunidades para analisar e descortinar alguns acontecimentos singulares da história, perceberam que, apesar de a humanidade progredir por um lado bom de seu discurso e de um certo progresso, por outro lado regrediu muito no tocante a uma parcela de sua experiência humana.

E nisso se encontra a construção do próprio discurso em ação. Em se tratando de história da humanidade, no discurso, seja o mais simples ou erudito, é bom que se mantenha em vigília, para que não se caia nas armadilhas de uma razão que se ambiciona “comunicativa”, pois,

já dizia Hanna Arendt que “a convicção de que tudo o que acontece no mundo deve ser compreensível pode levar-nos a interpretar a história por meio de lugares-comuns” (ARENDT, 1989, p.12), e por isso, é possível se afastar da tarefa de compreender essas singularidades sem se afastar do pensamento crítico, ou seja, mantendo-se em permanente crítica, sem a necessidade de receituários, sem alarde, sem mártir.

De tal modo, ainda que considerássemos o sentido mais abstrato e sugestivo de uma análise, tornar-se-ia difícil negar que a ciência sofreu um desgaste considerável ao longo do século XX, e isso não só pelo fato de tal período histórico tecer significações desgastadas e repetidas a partir de um conjunto de representações mais próximas das transformações automatizadas em série, tal como um setor produtivo de uma fábrica diuturna, na qual os trabalhadores engendram as inúmeras peças da mesma máquina, mas também pelo fato de que essa máquina – uma vez construída – talvez nunca mais pudesse ser controlada.

Os principais frutos de um projeto modernizador proposto pelo Iluminismo já davam sinais de sua derrocada. O pensamento do século XX, seguindo a interpretação de (HARVEY, 1996, p. 23) sobre Horkheimer e Adorno, deu suas respostas:

[...] com seus campos de concentração e esquadrões da morte, seu militarismo e duas guerras mundiais, sua ameaça de aniquilação nuclear e sua experiência de Hiroshima e Nagasaki – certamente deitou por terra esse otimismo. Pior ainda, há a suspeita de que o projeto do iluminismo estava fadado a voltar-se contra si mesmo e transformar a busca da emancipação humana num sistema de opressão universal em nome da libertação humana.

Logo, por mais abstrato que pareça, torna-se difícil interpretar a sensação do embate provocado pelas imagens, por mais absurda que pareça a condição daquele que filma ou fotografa, e que desafia o melhor raciocínio lógico quando emergem os corpos estirados, ou quando se inflamam as relações circunspectas ao delírio do poder prontamente deflagrado em cada trajetória de cada bomba milimetricamente calculada e que se somaram aos efeitos que já pareciam, sem embargo, estarem previamente balizados nos gabinetes de alguns cientistas. Isso sem contar com a supremacia que alguns déspotas, seja pela história como narrativa, seja em prol do progresso como reclame da razão; seja pelas vidas ceifadas ou carbonizadas, seja pela esperança corrompida e muitas vezes reificada da humanidade tomada como refém.

Daí a contestação legítima de Hannah Arendt quando afirmou que:

O motivo pelo qual seja prudente duvidar do julgamento político de cientistas enquanto cientistas não é, em primeiro lugar, a sua falta de ‘caráter’ – o fato de não se terem recusado de criar armas atômicas – nem a sua ingenuidade – o fato de não terem compreendido que, uma vez criadas tais armas, eles seriam os últimos a serem consultados quanto ao seu emprego – mas precisamente o fato de que habitam um mundo no qual as palavras perdem o seu poder. E tudo que os homens sabem, fazem ou experimentam só tem sentido na medida em que pode ser discutido. (ARENDT, 2007, p. 12).

Pode-se dizer que boa parte da população mundial, até o século XIX, talvez não tivesse a menor ideia da dimensão que os principais acontecimentos propiciados pela ciência e seus compêndios científicos, que tinham o intuito de abarcar todo conhecimento, causariam para o bem ou o mal da humanidade. Poucos foram os pensadores que notaram que a humanidade estava a caminho da barbárie e não da civilização. Jean-Jacques Rousseau foi um desses pensadores, mas sua voz não ecoou como ele desejara; alguns de seus livros foram queimados; sua casa apedrejada; e seu romantismo serviu mais para alimentar diferentes inspirações novelescas dos séculos seguintes. J.-J. Rousseau, que tanto bradou contra aquela ciência que se propunha progressiva (e não contra a ciência em seu aspecto puro, ou seja, não profanado); que tanto ponderou sobre a decadência daquelas artes; que tanto lutou por uma educação negadora dos artifícios; debalde.

Fazendo uma breve retrospectiva do século XVIII e seguindo o caso de Rousseau, podemos lembrar que a questão levantada pela Academia de Dijon em 1750 para o concurso que propunha um “prêmio de moral” ao discurso que respondesse à questão: *O restabelecimento das ciências e das artes terá contribuído para aprimorar os costumes?*; pode servir de boa análise. Sabe-se que J.-J. Rousseau foi o vencedor desse prêmio, porém, foi o único de todos os participantes que defendeu que as ciências e as artes não contribuíram para aprimorar os costumes.

Ora, esse fato se explica pois era consenso entre os iluministas que o avanço das ciências contribuíra e haveria de continuar contribuindo – de maneira positiva – para o progresso da humanidade em diversos seguimentos e diferentes questões, como a dos costumes, por exemplo. Essa aposta na ciência é fruto do grande prestígio conquistado a partir das principais descobertas realizadas por filósofos cientistas. Porém, é também oriunda de um excesso de confiança depositado por cada pessoa que confiava obstinadamente nessa mesma ciência.

Com isso, a ciência encontrou caminhos abertos para dar continuidade às suas propostas e seguir seus fluxos, e no histórico caminho constituído por seus desmembramentos e cisões (mas que não deixou de incluir suas alianças), ofereceu a toda humanidade que se mostrava

predisposta os diferentes resultados que ela alcançava dentro de uma série de acordos para a melhoria da vida da humanidade decaída. Eis o consenso que faltava, pois nasce daí uma série de influências que se formarão em diferentes âmbitos sociais, incluindo os políticos e os econômicos tais que, as alianças entre o *Estado* e a burguesia se fizessem duradouras.

A duração da aliança do Estado com a burguesia fez constituir a melhor ação administrada. Por uma pretensa sabedoria popular (re)significada – de maneira oportuna – dentro da formação de uma opinião pública<sup>105</sup>, arriscou-se lançar tudo que fosse necessário para que dessa aliança brotasse os melhores resultados. Uma parte da ciência, mais afeita a ideias utilitárias, acreditava (e defendia com certa efervescência), desde a segunda metade do século XVIII, que a ciência deveria cumprir o seu papel principal, que se resumiria – a grosso modo – em acarretar o progresso para o bem da humanidade, sobretudo progresso econômico.

Além disso, a matriz teórica projetada para esse progresso econômico, defendia que as variáveis decorrentes dos acontecimentos econômico-progressistas não deveriam ser analisadas sob juízos parciais e incorretos dos gestores responsáveis pela política dos Estados (visto que estavam mais baseados em ideias políticas e maniqueístas do que no real concreto) e que a economia poderia se tornar suficiente, desde que pudesse trabalhar livremente. Em outras palavras, segundo essa teoria, seria preciso que não houvesse a promoção de ideais filantrópicos, sobretudo quando o assunto era avançar a economia e gerar benefícios que poderiam ser “distribuídos” para a população mundial, fato que visitava à ideia de uma economia (com seu livre mercado) enquanto promotora do equilíbrio e do desenvolvimento da própria humanidade. Ora, essa teoria só não contava com as próprias crises econômicas que se estabeleceram em alguns países, algo que já havia se tornado explícito pela oportuna experiência histórica (como a das antigas dinastias asiáticas), a saber, uma experiência para além da mera fantasia.

O pensamento não inventa estórias a partir de sua própria fantasia, antes exprime a sua própria função interior. Em seu percurso histórico os homens chegam à gnose do seu fazer e com isso entendem a contradição encerrada em sua existência. A economia burguesa estruturou-se de tal forma que os indivíduos, ao perseguirem a sua própria felicidade, mantenham a vida da sociedade. Contudo

---

<sup>105</sup> A opinião pública reflete não apenas um conjunto de ideias compartilhadas por um grande público, ela também representa o verdadeiro instrumento eficaz que tece a mais forte *manipulação* das massas, e nesse caso, ela já nasce corrompida. É preciso lembrar que ainda é atual o pensamento que defendeu que: “A hostilidade que reina hoje em dia na opinião pública a qualquer teoria se orienta na verdade contra a atividade modificadora ligada ao pensamento crítico. Se o pensamento não se limita a registrar e classificar as categorias da forma mais neutra possível, isto é, não se restringe às categorias indispensáveis à *práxis* da vida nas formas dadas, surge imediatamente uma resistência. (HORKHEIMER, 1989b, p. 61).

essa estrutura possui uma dinâmica em virtude da qual se acumula, numa proporção que lembra as antigas dinastias asiáticas, um poder fabuloso, de um lado, e, de outro, uma impotência material e intelectual. A consciência dessa oposição não provém da fantasia, mas da experiência. (HORKHEIMER, 1989b, p. 48).

Sobra então a contrapartida dessa frente econômica e progressista que indicou suas afeições ao *common-sense*. Na ampliação de toda possibilidade de subverter esse perigoso sistema, a teoria crítica avançou. Os críticos defendem que a ciência não apresentava qualquer neutralidade, e a economia muito menos. Esses pensadores tentam mostrar que o papel da ciência é se debruçar sobre seus estatutos, principalmente para avaliar os seus conteúdos históricos, seus equívocos, de modo que não viessem a repetir os erros de outrora juntamente com algumas antigas condições que engendraram a barbárie. Das benesses extraídas do conhecimento em prol da cultura e da vida civilizada, deve-se acima de tudo, priorizar a condição humana e não o lucro, pois a condição humana continua sendo o fator primordial para o sentido de seu estar no mundo, e é por meio desse sentido que se dão as transformações afirmativas em diferentes esferas: culturais, sociais, econômicas, políticas e ambientais.

Disso não se pode desviar-se os fatos oriundos da economia, pois eles nos mostram que todo emprego físico ou intelectual direcionado à natureza como meio e não como fim produz respostas ineficazes e impotentes mediante a tentativa de derramar o desejo humano no seio da própria natureza, de modo a exigir dela – sempre – uma resposta renovada ao domínio que, sem antes domar os próprios instintos humanos, lançou os homens na insana produção capaz de destruir a si mesmo, ou seja, a se deparar, no fim desse processo, com o seu próprio egoísmo imperante:

O emprego de todos os meios físicos e intelectuais de domínio da natureza é impedido pelo fato de esses meios, nas relações dominantes, estarem subordinados a interesses particulares e conflitivos. A produção não está dirigida à vida da coletividade nem satisfaz às exigências dos indivíduos, mas está orientada à exigência de poder de indivíduos e se encarrega também da penúria na vida da coletividade. Isso resultou inevitavelmente da aplicação, dentro do sistema de propriedade dominante, do princípio progressista de que é suficiente que os indivíduos se preocupem apenas consigo mesmos. (HORKHEIMER, 1989b, p. 48).

Boa parte de tudo que ainda poderia ser produzido na supremacia e avanço da revolução industrial mediante as conquistas das pesquisas que viriam na esteira de uma série de demandas geradas pela própria indústria e pela incipiente tecnologia que dava suas primeiras “cartadas”, uma

parte do desenvolvimento proposto só organizaria uma ampliação real do progresso por meio do aprimoramento de um processo cultural em conjunto com a possibilidade do avanço do melhor esclarecimento. Tratava-se de propugnar uma ampliação real do progresso, porém, realizada mediante o despertar de uma humanidade em seu conjunto. Essa é uma razão para se defender que há progresso quando se vê avançar as composições que permeiam o esclarecimento da humanidade, ao contrário, há estagnação quando só restam a cópia e a repetição o que já foi feito, ou ainda, quando se bloqueiam as reais possibilidades desse avanço.

Se há destruição da natureza e se isso for constatado de fato (só para citar um exemplo muito atual) e se continua a destruir, não há, por conseguinte, nem a ampliação real do progresso, muito menos pode haver esclarecimento. E aqui não se trata da natureza no sentido mais restrito à ecologia (*Gaia*). A natureza humana tem sido destruída com o passar dos séculos. Adorno e Horkheimer perceberam que essa destruição remonta a Ulisses, que para fazer a *Odisseia*, necessita dominar não apenas o leme de seu navio, mas também os remadores (como sujeitos domesticados para suportar o infortúnio sem o desfrute da beleza e do ócio). E, ao dar ordens para que seus ouvidos sejam tapados, Ulisses credita o valor do esclarecimento para um lado apenas, o seu próprio. Ulisses tem o domínio de si ao demonstrar sua coragem e bravura, mas sabe de sua fragilidade humana, razão pela qual tem que ser amarrado. Refém não apenas das cordas que o prendem ao leme, mas sobretudo de seu desejo de saber (e de desfrutar da arte do doce canto), o Odisseu se torna o prefácio que trata de uma natureza humana tênue e decadente. Pois todo aquele que luta para sobreviver a uma travessia, mas não constrói as possibilidades da busca pela unidade capaz de tornar-se – verdadeiramente – esclarecido, tende a naufragar na pobreza de um *fetice* qualquer.

Kant já havia lembrado sobre um elemento que faz do homem um ser decadente (tutelado) e, ao responder à pergunta sobre o esclarecimento, retomou a perspectiva de um movimento que pudesse oferecer direções para o desenvolvimento para a maturidade do homem. É de se esperar que a constituição dessa busca que prima pelo significado e pela importância do esclarecimento para o espírito humano, possa revelar o humanismo dessa proposta. Uma economia e uma política que sejam estabelecidas sob bases incontroláveis e que permitam fundar os fatores econômicos em detrimento dos fatores humanos não podem, em absoluto, serem classificadas ou reconhecidas como esclarecidas. O surgimento de diferentes mecanismos de controle das massas em distintos períodos e em diferentes contextos na própria história da humanidade a favor da



economia e da política, reflete a necessidade cada vez maior de se voltar a ler os *Clássicos*, entre eles, o texto de Kant que nos serve de exemplo.

O que poderia ser discutido, como afirma Hanna Arendt<sup>106</sup>, em busca de sentido tanto para a história quanto para a vida dos homens vira fumaça nebulosa dentro da esfera do controle, e a ideia de uma civilização que se tornava reflexo das preferências humanas, como se o livre-arbítrio fosse a mola propulsora que determinasse a escolha dos homens, começava a cair por terra. A força de uma sociedade elíptica (em relação à sua concepção panóptica de sociedade) revelaria seu lado mais perverso. Segundo Foucault, torna-se difícil que o sujeito consiga “neutralizar” os diferentes mecanismos de controle, e a cultura seguiria análoga a esse projeto que emitia e recebia as transformações condutoras, de acordo com uma forte atração exercida pelo ponto elíptico que pode estar em qualquer ponto no interior da órbita, e essa órbita, é preciso dizer, é a própria cultura, pois:

A cultura simula uma sociedade digna do homem, que não existe; que ela encobre as condições materiais sobre as quais se ergue tudo que é humano; e que ela serve, com seu consolo e apaziguamento, para manter viva a má determinação econômica da existência. (ADORNO, 1992, p. 36)

É no apelo às diferentes formações culturais que se percebe uma somatória de coerências (mas também de incoerências) que constantemente delineiam os principais acontecimentos que se pode constatar e com muito esforço compreender. Essas formações culturais atingiram diversos pontos, das artes à teologia; da metafísica à ciência e dessa à economia. Nada parece escapar aos ditames da cultura.

Daí que as principais descobertas científicas (incluindo as causas que tornaram possíveis essas descobertas) à medida em que escalava o seu próprio desenvolvimento, também deixava alguns indícios de desmoronamento, muito embora pudessem fazer eclodir o melhor para a humanidade. Desde a cura de uma doença grave que ceifava vidas em determinados países (mas que caíra no *frisson* do comércio farmacêutico), até o veneno capaz de matar as pragas destruidoras da produção agrícola e aumentar a produção de alimentos (mas atingia gravemente a própria saúde da população), pôde-se notar que a ciência mesclou – de maneira um pouco intermitente – seus

---

<sup>106</sup> Em Arendt (2006) podemos perceber que a história do Ocidente é, em certo sentido, a busca pelas razões da vida política. No entanto, Hanna Arendt vai buscar o sentido dessa política nos gregos, visto que nos *diálogos* entre Sócrates e seus interlocutores se encontravam as expressões mais refinadas de uma autenticidade na/da vida política.

resultados entre a obstinação da descoberta que felicita e o fracasso das perdas sucessivas que afligiam, de maneira amarga, os seus principais anseios. Eis que surgem questionamentos: Qual a razão de haver contradições que, por um motivo funesto, desviariam as funções e as aspirações dos cientistas em qualquer área do conhecimento? Quanto vale uma vida para a ciência? Elas são determinadas pelo que se pode pagar? Há alguma questão urgente que envolve lucro de empresas e pesquisas em ciências? É possível uma fundamentação ética nas condições do capital?

São perguntas que se tornam relevantes na medida em que os aspectos que distorceram ou tornam incoerentes determinados anseios no interior da própria ciência e se revelaram a partir de perspectivas mais afeitas ao mercado e à formação do capitalismo do que à transformação e à contribuição efetiva para a continuidade essencial e constante de todo tipo de vida existente no planeta Terra, considerando as diferentes áreas da ciência, pois que tem se tornado “necessário relacionar todas as teorias existentes às tomadas práticas de posição e às camadas sociais correspondentes. O sujeito se safa, pois não tem outro interesse senão a ciência”. (HORKHEIMER, 1989b, p. 61).

Se esses fatos parecem colidir com a aposta positiva dos diferentes instrumentos criados e das esperanças celebradas em cada descoberta científica, então torna-se preciso questionar se a ciência pode contar apenas com a viabilidade ética (de acordo com o que se pode exigir de seus representantes mais ilustres e comprometidos) ou se existe uma “má determinação econômica da existência” que tem predominado sobre essa viabilidade ética? Caso a segunda premissa esteja correta, será preciso buscar a origem dessa decadência ou, se nessa origem, havia alguma predeterminação, visto que não se pode deixar naufragar a esperança de luta por novas *formas de vida*.

Na passagem da forma da sociedade atual à futura, a humanidade deverá erigir-se pela primeira vez em sujeito consciente e determinar ativamente a sua própria forma de vida. Mesmo que os elementos da cultura vindoura sejam existentes, será necessário uma (sic.) nova construção consciente das relações econômicas. A hostilidade indiscriminada frente à teoria não significa por isso um obstáculo. Se não há continuidade no esforço teórico, então a esperança de melhorar fundamentalmente a existência humana perderá a sua razão de ser. Referimo-nos ao esforço que investiga criticamente a sociedade atual com vistas a uma sociedade futura organizada racionalmente, e que é construída com base na teoria tradicional, formada nas ciências especializadas. A existência de positividade e submissão, que ameaça também tornar insensíveis à teoria os grupos mais avançados da sociedade, afeta não só a teoria, mas também a práxis libertadora. (HORKHEIMER, 1989, p. 62).

Isso também significa que a condição estabelecida pelo *eu penso* antecipou, de modo inevitável, uma anulação do sujeito em relação ao objeto, e, nesse caso específico, a conservação de determinadas forças externas do capital, que o homem não conseguia mais controlar e que neutralizavam qualquer possibilidade de avanço do conhecimento pelo prazer de se encontrar o melhor para a ciência. O conhecimento se tornou o poderoso objeto que, pouco a pouco, fez eclodir os núcleos científicos, dinamitando os projetos vindouros do sujeito pensante em seu processo de autonomia. Essa condição fora anunciada pelo advento do aprimoramento da técnica (que deveria ser bem determinada) para se processar todo experimento (que deveria ser bem-sucedido).

A força da intuição racionalista, no zelo atento do filósofo, poderia gerar os resultados mais próximos da melhor configuração do progresso de novos valores para o conhecimento humano dentro e fora da ciência. Contudo, o que se pode notar – e questionar por meio da necessária crítica – foi o começo de uma corrida intermitente que esquadrihava o poder. Se saber gera poder, a busca pelo poder que se mostrava desenfreada poderia também garantir um determinado saber, embora dinamitasse o próprio projeto humano iluminista e todas as implicações que o perfilavam. Isso demonstra que “o preço que os homens pagam pela multiplicação do seu poder é a sua alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O iluminismo se relaciona com as coisas assim como o ditador se relaciona com os homens” (ADORNO e HORKHEIMER, 1989a, p. 7).

Essa foi uma das razões em que se percebeu tornar intensa e viva a corrida inextrincavelmente sugerida para aqueles que quisessem alcançar o sucesso no meio científico, tal como um *interesse* em participar ativamente de um *jogo*; e não é preciso dizer que a vida dos homens se modifica mediante a intervenção no processo de formulação de sua própria vontade. Por isso, a vontade de boa parte dos homens na ciência há muito deixou de estar “em suas mãos” (ou palmilhada pelos próprios ideais) e, o aspecto essencial de suas principais *necessidades* depauperou os anseios que já se encontravam dissolvidos em meio a uma série sucessiva de diferentes elementos de controle que alteraram boa parte das ideias (convictas) de um progresso humano, ao passo que determinou alguns expedientes técnicos que passaram a funcionar como excelentes “moedas de troca”, restando apenas aquilo que mais *interessa*<sup>107</sup>, pois “Quando se priva o

---

<sup>107</sup> Podemos lembrar aqui que Bourdieu percebeu que os conceitos de *jogo* e *interesse* tem significados profundos dentro das relações sociais. Nessa perspectiva, a “moeda de troca” que funciona como um “capital simbólico”, tem função e tempo certos para acontecer, e acontece com a aquiescência daqueles que entram no jogo. Tomando de

pensamento de seu caráter involuntário, é precisamente sua necessidade que se vê cassada. Ele se reduz a disposições substituíveis, intercambiáveis”. (ADORNO, 1992, p. 109).

Houve, por parte desses teóricos, várias análises sobre as mudanças históricas da ciência dentro do iluminismo, mesmo na “evolução” de um século (como se poderia pensar o século XX), pode-se notar que quase todas as tentativas que sagravam um avanço vindouro naufragavam no surgimento do poder sem limites, pois, ao cogitar os diferentes acontecimentos e suas consequências distintas, não se antecipava os equívocos que poderiam surgir dentro de qualquer pesquisa, e talvez por isso, não se pode evitar a somatória de barbáries que a primeira metade desse século causaria para a humanidade.

Mas em conjunto com as diferentes teorias e em nome do próprio progresso que a ciência elucubrava diuturnamente, boa parte de seus resultados caminhavam para uma constatação de que se tratava do melhor alcance para uma correspondente evolução (que se tornou parte do *evolucionismo*) e de uma boa rentabilidade (defendida com “unhas e dentes” por um *economicismo*), que fora propugnada por diferentes Estados, o que terminou por oferecer (a cada cientista) a outorga e continuidade para estender esse avanço (civilizatório inclusive) e garantir as novas demandas dos novos projetos para o bem da humanidade.

Os resultados persistiram na formação desse progresso da ciência, embora tenha também acontecido mediante a requisição duradoura (e não menos ambiciosa) que se dividiu em três fases históricas. A primeira com os antigos senhores progressistas liberais, ou seja, os industrialistas (que prefiguraram uma Revolução Industrial); a segunda na impressão forçada de uma necessária racionalização do sistema, cujas permutas dos planejamentos arquitetados e economicamente afeito à pequena burguesia adotava, de empréstimo, os aspectos oriundos do trabalho intelectual de alguns economistas do séculos XVIII e XIX ; e a terceira, e talvez a mais

---

empréstimo o conceito de *ilusio* que fora trabalhado por Johan Huizinga, BOURDIEU (2001, p. 106-7) resume: “A *ilusio* é o fato e estar envolvido no jogo, tomado pelo jogo, de se crer que o jogo compensa, ou, para dizer as coisas simplesmente, que vale a pena jogar. De fato, a palavra ‘interesse’, num primeiro sentido, queria significar muito precisamente aquilo que inclui nessa noção de *ilusio*, quer dizer, o facto de reconhecer a um jogo social a sua importância, de reconhecer que o que nele se passa importa aos implicados, aos que fazem parte do jogo. *Interesse* é, ‘ser de’, fazer parte, portanto, admitir que o jogo merece ser jogado e que os objetos em jogo engendrados no e pelo fato de se jogar o jogo merecem que os busquemos; é reconhecer o jogo e reconhecer os objetos em jogo [...]. Todo campo social, seja o campo científico, o campo artístico, o campo burocrático, ou o campo político, tende a obter daqueles que nele entram essa relação com o campo a que chamo *ilusio*”.

grave, sob a “revolução” econômica que caiu sob as mesas ilustradas e decisórias dos novos “gestores financeiros” (princípios da especulação financeira e do mercado de valores)<sup>108</sup>.

Os resultados parecem ter se tornado previsíveis e a razão, que ambicionava os critérios de verdade, viu seu esclarecimento se comprometer. Tal foi o motivo pelo qual Theodor Adorno rebateria a ideia de uma “filosofia progressista” e todos os funestos desequilíbrios que poderiam decorrer dessa tentativa dispensável, uma vez que:

Uma das transferências nefastas do domínio do planejamento econômico para o da teoria – que a rigor não se distingue mais das linhas fundamentais do todo – é a crença de que o trabalho intelectual pode ser administrado segundo os critérios que decidem se uma ocupação é necessária ou racional. (ADORNO, 1992, p. 108).

Ora, parece que a própria formação histórica e intelectual, que lutava pela supremacia da razão e reiteradamente afirmava a necessidade de uma constituição mais humana que reconhecesse os homens enquanto cidadãos civilizados, tornou-se alvo desses matizes progressistas. Embora civilizados, até recentemente, boa parte dos cidadãos dos principais países “desenvolvidos” se encontravam desprovidos das garantias básicas que deveriam ser afiançadas pela constituição legítima desses mesmos Estados.

O antigo desejo que se somava ao otimismo de boa parte do conjunto desenvolvido pela filosofia iluminista e expressava, seja no alto dos púlpitos de suas cátedras ou nos tronos e palanques dos déspotas esclarecidos, a tentativa imprescindível de possibilitar uma sociedade humanamente liberta, fraterna e igualitária (como três ensejos revolucionários dos franceses), que não poderia jamais ter êxito estando vinculada a essa constituição econômica. Não obstante, observou-se caírem em desuso tais assertivas humanas de cartas e tratados. Talvez por motivos de se perder “o norte” provocativo e questionador dos filósofos sobre os perigos que as mesas ilustradas dos financistas poderiam determinar a partir de seus ditames técnicos, algo que já estava determinado em boa parte das teorias obedientes à racionalização dos processos.

---

<sup>108</sup> Essa referência aponta para um fato recente e grave na história da economia, a saber, o colapso do mercado de valores ocasionado por uma “corrupção sistêmica” dos serviços financeiros, que abalou a economia de um país capitalista em 2008 (mas que fora marcado pelas relações econômicas entre os anos 2007 – 2012). Para melhores informações sobre esse período e seus acontecimentos ver o Documentário dirigido por Charles H. FERGUSON (2010), a saber: “Inside Job”, traduzido para o português como: “Trabalho Interno”. A importância desse documentário foi mostrar as redes de corrupção que se espalharam na sociedade moderna em alguns países e que expôs uma “realidade” catastrófica que arruinou com a moradia e o emprego de milhares de cidadãos, além de custar mais de 20 trilhões de dólares ao sistema financeiro.

O processo, contudo, no qual os sistemas se decompuseram em virtude de sua própria insuficiência, faz contraponto ao processo social. Enquanto princípio de troca, a ratio burguesa realmente assimilou aos sistemas com um sucesso crescente, ainda que potencialmente assassino, tudo aquilo que queria tornar comensurável a si mesma, identificar consigo, deixando sempre cada vez menos de fora. Aquilo que se revelou como vão na teoria foi confirmado ironicamente pela *práxis*. (ADORNO, 2009, p. 28).

Por isso, percebeu-se que o modo com que uma parte da ciência principiou as novas relações entre conhecimento (as vezes não controlado) e necessidade, e que se fundamentava nas ideias de que o conhecimento poderia gerar soluções às principais demandas das pessoas, causou os “alagamentos” nesses ditames técnicos misturando – nos vórtices velozes das fendas abertas por alguns interesses –, os vínculos entre economia e mercado. É óbvio que essas ideias não trariam qualquer prioridade na distribuição real (muito menos as garantias) de que tanto o conhecimento como os bens de produção (que certamente geravam poder) seriam realmente distribuídos para todas as pessoas. Vale o quanto pesa, e o “desenvolvimento da ciência”, teceu de maneira organizada os nossos “tempos civilizados” que passaram a ser medidos não pelo saber, mas tão somente pelo poder que emanava dos objetivos das distintas organizações.

A ideia do que é relevante é definida segundo pontos de vista organizacionais, a do que é atual é medida pela tendência que for a objetivamente mais poderosa. A esquematização de acordo com o que é importante e o que é secundário subscreve, quanto à forma, a escala de valores da *práxis* imperante, mesmo quando se contradiz no conteúdo. Nas origens da filosofia progressista, em Bacon e Descartes, o culto do importante já está presente. Esse culto, porém, acaba por revelar algo de não-livre, regressivo. A importância é representada pelo cão que, durante um passeio, se detém num lugar qualquer por alguns minutos, pondo-se a farejar tenso, obstinado, com uma seriedade irritada, para então satisfazer suas necessidades, raspar o chão com as patas e seguir em frente, como se nada houvesse acontecido. Em tempos não civilizados a vida e a morte bem podiam depender de tudo isso; após milênios de domesticação isso transformou-se num ritual absurdo. Como não pensar assim, quando se vê uma comissão a examinar com toda seriedade a urgência de certos problemas, antes de soltar a equipe de colaboradores na execução de tarefas cuidadosamente designadas. (ADORNO, 1992, p. 109).

Os grandes temas que foram abordados pela ciência desde a fundamentação que propunha um Renascimento, não deixaram de expor os perigos que as passagens entre os séculos e o avanço de certas ideias arriscadas poderiam gerar, e foi desse modo que se pôde reforçar os contornos de uma herança que ainda parece ser repetida invariavelmente e que atinge a grande massa oprimida. Em outras palavras, a medida em que se percebeu avançar o ritmo da máquina,

viu-se também avançarem os mecanismos de controle e opressão de uns sobre os outros. A ciência com seus aparatos jamais poderia exercer controle sobre todas as peças engendradas pela via da cobiça humana que aparelhava para si mesma o próprio esgotamento.

A dominação faz frente ao indivíduo a título de geral, de razão na esfera da realidade. O poder de todos os membros da sociedade, que enquanto tais não dispõe de outra saída aberta, soma-se, sempre de novo, por meio da divisão de trabalho que lhes é imposta, para a realização justamente do todo, cuja racionalidade assim é por sua vez multiplicada. O que é feito a todos por poucos, perfaz-se sempre pela subjugação de alguns por muitos: a opressão da sociedade exhibe sempre, ao mesmo tempo, os traços da opressão exercida por um coletivo”. (ADORNO e HORKHEIMER, 1989a, p. 16).

Não é por menos que toda mudança aconteceu de acordo com os ajustes que determinavam as influências da burguesia com os ditames do comércio, do processo industrial e do trabalho. A soma desses episódios contingentes serviu de base para fomentar os aprimorados procedimentos que sobraram *nas principais características da alienação pelo trabalho* e que forneceriam bases, devidamente esquadrinhadas para fazer surgirem as novas configurações culturais, também alienadas. Se pensou durante muitos anos, sobretudo após os escritos de Karl Marx, sobre a alienação da força de trabalho, em que uma parte dos homens que tiveram expropriadas suas terras, as condições de trabalho e boa parte dos recursos materiais, que estariam, por conseguinte, atados às precisões subjugadas pela ciência, não por acaso, se mantinham devidamente forjadas por essa mesma racionalidade burguesa em voga.

Essa racionalidade foi responsável por fundamentar e contribuir – *a posteriori* – para manter os critérios autoritários de perpetuação da opressão e de tudo o que restava – para o bem dessa burguesia – enquanto poder. Hoje se tornou necessário pensar em outra forma de alienação, como se pode ler a interpretação de Herbert Marcuse, que tratou dos critérios da *identificação imediata e automática* do indivíduo moderno em relação aos produtos e à tecnologia. Essa nova fase, que se pode pensar como intensificação do processo alienatório, vem na esteira de uma *eficiência* capaz de tornar todo progresso, algo necessário. A reprodução de uma “introjeção” criada a partir das exigências e apelos que certos produtos exercem sobre o *indivíduo moderno* se esparrama pelo que ainda resta de “seu” espaço “privado”, lugar em que se privatiza – inclusive – sua liberdade, e o impacto desse progresso recai em uma espécie de *reconhecimento individual* que se liga diretamente a insensatez da *identificação*, ou seja, não se trata mais de um estado de alienação qualquer, mas sim, de uma alienação autorizada.

[...] o conceito de alienação parece tornar-se questionável quando os indivíduos se identificam com a existência que lhes é imposta e têm nela seu próprio *desenvolvimento e satisfação*. Essa identificação não é uma ilusão, mas uma realidade. Contudo, a realidade constitui uma etapa mais progressiva de alienação. Esta se tornou inteiramente objetiva. O sujeito que é alienado é engolfado por sua existência alienada. (MARCUSE, 1973, p. 31).

Logo, para todo sujeito que porventura não se enquadrasse nos novos paradigmas econômico/políticos de poder, no acordo prévio dos critérios, restaria encontrar-se à margem até o momento de suas devidas exclusões do sistema, visto que “o momento da racionalidade se impõe na dominação” (ADORNO e HORKHEIMER 1989a, p. 27), e, portanto, se a burguesia pôde conter e conduzir seus próprios critérios de razoabilidade, ela poderia cobrar a rigorosidade do próprio sistema, até porque:

A própria razão tornou-se mero instrumento auxiliar do aparato econômico que tudo abrange. Ela serve de ferramenta universal que se presta a fabricação de todas as outras, rigidamente dirigida para fins, tão fatal como o manipular calculado com exatidão na produção material, cujo resultado para os homens escapa a qualquer computação. Realizou-se finalmente a velha ambição, a de ser o puro órgão dos fins. (ADORNO e HORKHEIMER, 1989a, p. 22).

O fato dessas transformações não terem se tornado transparentes para a grande massa fez sobreviverem os valores da Crítica deixada por Karl Marx. No olhar criterioso de alguns filósofos que observavam algumas rotas da história que foram traçadas seja pelos infortúnios (ou pelas fortunas) de boa parte dos homens em seu próprio contexto social e, justamente pelo fato de ser comum para os teóricos críticos notarem uma certa falta de clareza de boa parte dos homens em relação aos acontecimentos históricos, esses mesmos fundadores do exercício crítico analisaram os episódios equivalentes que provocavam as peculiaridades da formação de uma *cultura de massa*, e que revelavam condições ocultas na retomada dos critérios já impressos em certos *mitos* desde a Grécia antiga (desde Ulisses).

Pelos olhos de um visionário que remete à crítica, o pensador percorre as diferentes narrativas que advêm de um cotidiano passante, por assim dizer, acidental ou coloquial. Porém, ele não o faz como um mero acaso; não procura pelas informações como se fossem necessárias ao acontecimento; muito menos deseja encontrar o “fim da história”. O filósofo crítico que se debruça para tecer a análise de seu tempo para repor o conjunto avaliado sobre as possibilidades que oferecem fundamentação para cada informação que – as vezes – passa despercebida, mas



sobretudo, que retém os elementos que tratam das transformações e dos significados sobre a cultura ou a história<sup>109</sup>, e é por isso que esse debruçar não deixa escapar a razão crítica; razão pela qual os fundamentos do pensamento crítico necessitam estar para além da mera informação que se compromete apenas em busca a explicação dos fatos.

Além disso, o principal desígnio não parece ser a tentativa de compreender o presente e buscar uma elucidação rápida. Pelo contrário, o teórico crítico se põe a pensar os fundamentos que instalam os fatos e não as teorias que o legitimam, ou os teoremas que buscam curar os principais problemas da humanidade sem (as vezes) atentar para o fato de que o hospedeiro (causador da enfermidade) permanece vivo. Interessa mais saber sobre as causas que repõem os fatos cotidianos inauditos do que simplesmente discorrer sobre esses fatos. Assim, é por intermédio dessa compreensão crítica da sociedade histórica que o teórico insiste em buscar critérios que reconstitui a ciência; a filosofia; as diferentes expressões de arte; os possíveis significados e transformações da cultura; a religião; as mudanças na economia, ou seja, o crítico deve ser capaz de repor a análise central do esclarecimento acerca do presente histórico que fundamenta, de maneira crítica, novas leituras do que se tem por “conhecimento”.

Por isso, seria forçoso (e até um pouco pretencioso) querer determinar o “fim da história”, justamente pelo fato da história ser constantemente reinventada (e recriada) pelos “personagens” que nela interferem de modo dinâmico pela participação popular, às vezes, significativa. A condição de possibilidade da dialética que busca o entendimento segundo uma rica perspectiva crítica<sup>110</sup> que examina os conteúdos da “lógica” que se apresenta e que fundamenta os

---

<sup>109</sup> Raymond Williams propõe, ao analisar a formação e disseminação do processo cultural, que o estudo sobre cultura pode ser realizado a partir da dinâmica extraída de uma perspectiva crítica que permite fazer uma leitura do cotidiano e, dessa experiência, buscar os próprios significados dessa cultura como possibilidade do nascimento e renascimento das tradições (do lugar de onde se nasce e se cresce) de modo significativo e criativo. Porém, o autor mostra que essa dinâmica pode estar em um simples “passeio de ônibus”, no qual encontra-se uma atividade significativa tanto à análise e observação de fatos que pertencem a um determinado local, quanto pela transformação que carrega – pela própria história – as marcas da tradição e suas transformações (pensamentos, habilidades, relacionamentos, linguagens, ideias, ...). “A cultura é de todos: este o fato primordial. Toda sociedade humana tem sua própria forma, seus próprios propósitos, seus próprios significados. Toda sociedade humana expressa tudo isso nas instituições, nas artes e no conhecimento. A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e seu desenvolvimento se dá no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das invenções, inscrevendo-se na própria terra. A sociedade em desenvolvimento é um dado, e, no entanto, ela se constrói e reconstrói em cada modo de pensar individual. A formação desse modo individual é, a princípio, o lento aprendizado das formas, propósitos e significados de modo a possibilitar o trabalho, a observação e a comunicação” WILLIAMS (S/D, p. 1-2)

<sup>110</sup> Perspectiva essa que busca examinar as transformações de tudo que se apresenta como “real”.

acordos que utilizam as propriedades reais do diálogo autêntico é, a grosso modo, a retomada de uma perspectiva já fundamentada nos escritos de Karl Marx.

Essa atitude filosófica, portanto, que se inscreve nessa análise (de ligações históricas) não apenas promovem transformações sucessivas e significativas em âmbitos sociais distintos como também oferece a continuidade à história em seu *devenir*. Em outras palavras, pode-se dizer que, por meio da análise dessas mutações, o sujeito que se propõe tecer a apreciação de seu tempo histórico, além de se pautar pelas máximas de uma dialética fundamentada pela crítica, recomenda a atitude militante por meio da crítica-dialética capaz de exprimir algumas peculiaridades ocultas (ou meramente despercebidas) que surgem em diferentes acontecimentos culturais e históricos, que por sua vez, podem permanecer veladas.

No contexto global da crítica, o conjunto de episódios que podem variar do político ao religioso, do familiar ao econômico, do social ao tecnológico (e que apresenta seus diferentes matizes), torna-se a aspiração central na realização do exercício reflexivo, principalmente se se leva em consideração a efetiva contribuição que a *educação* (que não se abstém da crítica) pode proporcionar. São diferentes matizes que formam os elos de um encadeamento maior. Por isso, é necessário compreender que algumas ligações históricas (e a busca pelos significados delas), se vinculam dentro de certas *convenções* que envolvem as complexas tramas sociais, e que – as vezes – não deixa transparecer a verdadeira relação do *ser* e sua *consciência* no tocante à formação de cada um desses diferentes episódios.

Isso significa que a teoria tradicional (infiltrada no meio científico) apesar de resgatar algumas problemáticas centrais que descrevem características peculiares entre um grupo social e outro, não se arriscam em propor as transformações necessárias (de maneira consistente) de modo que essas problemáticas venham a ser analisadas na trama que refaz os elos no contexto global da crítica, e por isso permite que a própria teoria busque, na exposição de seus conteúdos, sua legitimidade. Para Horkheimer o procedimento mais adequado de uma *teoria* pode ser atualizado pela própria avaliação do presente, de modo que se possa entender as coerências e incoerências dos acontecimentos em diferentes campos de um saber que seja apropriado para ultrapassar as meras *reproduções* sociais, uma vez que:

Se a teoria crítica se restringisse essencialmente a formular respectivamente sentimentos e representações próprias de uma classe, não mostraria diferença estrutural em relação à ciência especializada; nesse caso haveria uma descrição de conteúdos psíquicos, típicos para um grupo determinado da sociedade, ou seja,

tratar-se-ia de psicologia social. A relação entre ser e consciência é diferente nas diversas classes da sociedade. As ideias com as quais a burguesia explica a sua própria ordem – a troca justa, a livre concorrência, a harmonia dos interesses, etc. – mostram, se tomadas a sério e se, como princípios da sociedade, levadas até as últimas consequências, a sua contradição interna e com isso também a sua oposição a essa ordem. *A simples descrição da autoconsciência burguesa não é suficiente para mostrar a verdade sobre sua classe. Tampouco a sistematização dos conteúdos da consciência do proletariado fornece uma verdadeira imagem do seu modo de ser e dos seus interesses.* Ela seria uma teoria tradicional caracterizada por uma problemática peculiar, e não a face intelectual do processo histórico de emancipação do proletariado” (HORKHEIMER, 1989b, p. 49). (o grifo é nosso)

Nessa perspectiva, em que se examina e se vivencia as experiências do próprio presente, a figura do historiador (teórico) se mistura à figura do revolucionário (prático/crítico). Do amálgama resultante dessa mistura produziram-se os diversos trabalhos críticos sobre os principais atributos que eram constantemente renovados pelo capitalismo após os escritos de Marx, sendo que boa parte deles se reuniram em torno da teoria que se somava à prática e que, por sua vez, faziam brotar o núcleo da própria crítica.

Considerando exclusivamente a Teoria Crítica no núcleo dessa dialética, o estatuto real de crítica do presente significava o intuito de perceber os múltiplos elementos que ofereciam a interpretação mais adequada para cada evento que porventura ocultasse o melhor resultado proveniente dessa interpretação, sobretudo os resultados passíveis de erros oriundos das *práxis* que foram assinaladas e/ou vinculadas à interpretação unilateral e polarizada. Percebe-se que somente quando se projetam essas relações históricas entre teoria e prática, pode-se acarretar novas mudanças para a interpretação da própria história, considerando inclusive os contratempos que – constantemente – redesenham as linhas de cada ocasião histórica. Todavia, é plausível que as principais mudanças históricas estejam sendo realizadas hoje (considerando os últimos dois séculos), lembrando a advertência de Adorno e Horkheimer, “pelos poucos” que decidem o destino de muitos.

Em face dessa problemática presente, o conjunto dos fatores que servem para decidir o destino da grande massa é cuidadosamente ajustado para que nada venha escapar ao controle de quem obtém os aparatos do exercício do poder, mesmo sabendo que não há qualquer garantia de que eles, os opressores, obtenham de fato, o controle desse domínio ou a gestão dos acontecimentos (históricos). O ano de 2008 do atual século foi emblemático por ter provado que não há técnica

nem prática que possa controlar ou dar garantia de qualquer gestão de fluxo de capital, e a derrocada econômica que destituiu economias sólidas permitiu mostrar a medida exata de como os controladores planejaram e executaram de maneira deliberada a melhor rentabilidade dos impiedosos. O *eclipse da razão* se intensifica ao permitir que milhares paguem os custos das desventuras desses poucos aventureiros, ao provar de sua própria impotência frente àquilo que ficou decretado em sua normalidade<sup>111</sup>, visto que:

Os próprios dominantes não acreditam em nenhuma necessidade objetiva, embora às vezes eles denominem assim aquilo que tramam. Eles se arvoram em engenheiros da história do mundo. Só os dominados aceitam como intocável e necessário o desenvolvimento que, a cada aumento de custo de vida decretado, os torna ainda mais impotentes. (ADORNO e HORKHEIMER, 1989a, p. 27).

É de se esperar então que a grande massa da população mundial possa decidir o próprio destino se se perpetrar a mesma *lógica racional* que engendrou essa história da economia burguesa? Se uma das premissas em prol do esclarecimento para a democracia e a liberdade dos homens era libertá-los, ou seja, retirá-los da tutela de outrem, em que medida se poderia proteger essa *utopia* para que não se tornasse um engodo ao deixar sua execução à mercê dos desejos dominantes do capitalismo? Como fazer com que o *empreendedor* não seja um símbolo único no horizonte, sem o qual o homem está fadado a se tornar um inútil.

Como o homem moderno se sente ao mesmo tempo como o vendedor e a mercadoria a ser vendida no mercado, sua autoestima depende de condições que escapam a seu controle. Se ele tiver sucesso, será ‘valioso’; se não, imprestável. O grau de insegurança daí resultante dificilmente poderá ser exagerado. Se a pessoa acha que seu próprio valor não é constituído primordialmente por suas qualidades humanas, mas sim pelo seu sucesso em um mercado competitivo com condições em constante modificação, sua autoestima provavelmente será pouco sólida e precisará constantemente de ser conformada pelas outras pessoas. Por isso, a pessoa é compelida a lutar incessantemente pelo sucesso, e qualquer retrocesso é uma grave ameaça à sua estima própria; o resultado disso são sentimentos de incapacidade, insegurança e inferioridade. Se as vicissitudes do mercado são os juizes do valor da gente, desaparece o sentimento de dignidade e brio. (FROM, 1964, p. 71).

Ora, já se sabe que as condições de surgimento do caminho efetivo da libertação de toda classe trabalhadora e de toda humanidade só se mostram com as mudanças efetivas da

---

<sup>111</sup> Vale lembrar aqui da referência que já fizemos ao documentário “trabalho interno”, que teve a direção de Charles H. FERGUSON (2010), e que foi premiado como melhor documentário do ano.

constituição social moderna. Disso se pode concluir que a etapa do próprio projeto de felicidade que busca características práticas para tornar possível o convívio humano dentro do melhor equilíbrio de forças econômicas e políticas possíveis, seria preciso buscar os significados que reforçassem cada um desses processos de emancipação do sujeito para que ele mesmo pudesse compreender os processos decisivos de sua própria condição humana, que busca, nessa emancipação, não apenas informações, mas no despertar de suas consciências.

Com o entendimento-de-si apropriado à essas consciências, ou melhor, que seja suficientemente capaz de despontar o melhor fruto do processo de esclarecimento, cada sujeito se tornaria uma espécie de antídoto que neutralizaria os principais condicionamentos repressivos, pois é possível que a história tenha demonstrado (fatalmente) que as concepções criadas pelos meios de comunicação e dominação – em sua grande maioria *camufladas* nos acontecimentos que determinaram as relações sociais e econômicas – produziram diferentes níveis de violência que só com o devido esclarecimento crítico se poderia neutralizar.

Trata-se de se contrapor a essa opressão, de modo dimensional e crítico mediante a certeza de que é possível reescrever o destino da massa trabalhadora, e, no futuro, do próprio burguês que também é oprimido pelo sintoma de sua ganância que, por seu turno, representa a ponta que absorve esse processo de opressão que nasce de sua ambição e alimenta o mercado de diferentes maneiras, pois: “A reificação da produção material, da organização social e dos meios sobre os fins explica, portanto, a cobiça do homem. Na sociedade capitalista avançada, a utilidade acaba por determinar a marcha do mercado” (SILVA, 2001a, p. 62), e, por assim dizer, também determina a marcha humana em direção a esse mercado. Os mercados só se tornam bem-sucedidos por contar com os acordos constantes de alguns governos de Estados frente a disposição de seu batalhão produtivo (o povo) que, em decorrência da precariedade de seu país de da governança que o mantém, se submete as mais humilhantes condições de vida.

Se trata de implantar a ideia de “estado mínimo”, entretanto, seria difícil esses governos agirem sozinhos. Não se pode esquecer de uma certa dose de contribuição de determinadas religiões que pregam a *resignação* ao trabalho como condição de “compromisso e honra” do homem, independentemente de sua forma e risco. Entra nesse discurso a formação da legião de trabalhadores obstinados em suas lutas por “dignidade de vida”. Por um lado, nota-se o enfraquecimento da possibilidade desses trabalhadores se tornarem (pela via do posicionamento crítico) a própria *resistência viva* (e não a resignação de quem mal tem tempo para ver a vida

passar) isso é: resistência de quem se descobre indignado com relação às convenções entre alguns Estados e as empresas oportunistas, mas que *também* costuma germinar a partir da semente que brota na promessa da fartura (para aquele que confia e tem fé) para escoar um trabalhador *docilizado* na selvageria do capitalismo avançado, pois:

Aquele que pensa, opõe resistência; é mais cômodo seguir a correnteza, ainda que declarando estar contra a correnteza. Entregando-se a uma forma regressiva e deformada do princípio do prazer, tudo fica mais fácil, tudo anda sem esforço e se tem, por acréscimo, o direito de esperar recompensa moral dos correligionários. (ADORNO, 1995, p. 208).

A procura por uma nova maneira de observar a história que é interpretada por um determinado viés crítico descortina as condições de uma renovação do pensamento sobre os princípios de tudo o que venha a ser apresentado como verdade que tem que ser aceita pelo trabalhador “doa a quem doer”. O fato de que alguns elementos só emergem à consciência se eles aparecem evidenciados no pensamento vivo capaz de traduzir o indizível (oculto e invisível aos olhos da massa), como também, na experiência concreta que oferece continuidade à consciência e que reflete a coragem daquele que percebe e se põe a descortinar esse conjunto de ligações, para que todos possam se perceber como sujeitos é, por todas essas razões, o início de um redirecionamento de um novo “destino” que começa pela educação.

Daí a suspeita de que não parece ser uma tarefa fácil ter que enfrentar as adversidades que todo militante passa no confronto (direto ou indireto) com as artimanhas engendradas pela classe burguesa, sem contar com a dificuldade que é tentar retirar a “cera do ouvido” da grande massa que foi condensada e treinada para “remar o grande navio” do capital. As formas de ofuscamentos traduzem os novos obstáculos para a naturalização de um processo emancipatório, até porquê:

Quanto mais complicado e refinado o aparato social, econômico e científico, a serviço do qual o corpo foi destinado, desde muito, pelo sistema de produção, tanto mais pobres as vivências de que esse corpo é capaz [...]. Hoje, a regressão das massas consiste na incapacidade de ouvir o que nunca foi ouvido, de palpar com as próprias mãos o que nunca foi tocado, uma nova forma de ofuscamento que supera qualquer ofuscamento mítico vencido. Através da mediação da sociedade total, que amarra todas as relações e impulsos, os homens são convertidos de novo justamente naquilo contra o que se voltara a lei do desenvolvimento da sociedade, o princípio de si-mesmo; em simples exemplares da espécie humana, semelhantes uns aos outros, em virtude do isolamento na coletividade dirigida pela coação. (ADORNO e HORKHEIMER, 1989a, p. 26).

Talvez por isso, um dos pontos de partida que se torna indispensável um trabalho crítico está na compreensão do refinamento da “aparelhagem social econômica e científica” que ajusta não apenas os modelos hegemônicos, mas os corpos que colocarão esses modelos em operação. A conexão desses modelos ao campo da ciência buscou a medida da conexão entre ciência e técnica de modo independente uma da outra. Essa busca se daria no objetivo de se compreender em que medida se produz um esclarecimento plausível na ciência estando, ao mesmo tempo, livre dos dogmas dos mitos e da verdade imponderável da empiria, assim como não se tornando refém da técnica ou das promessas perfeitamente “administradas” pelo capitalismo. Porém, se havia alguma separação entre mito e ciência, ou entre *doxa* e *epistemè*, para os teóricos da *Escola de Frankfurt*, após o século XVIII, essa distância foi diminuída.

Desde o advento da filosofia com os filósofos de Mileto até os primeiros empiristas britânicos (como Francis Bacon) e racionalistas (como René Descartes) somaram-se esforços para constituir diretrizes ao pensamento, o que contribuiu para se abrir diferentes investigações sobre avanços no campo científico que ambicionavam encontrar o necessário processo de neutralidade que libertasse a ciência tanto dos jugos impróprios ou equivocados, quanto dos mitos e das credências, uma vez que, de acordo com o que se apresentava no rigor propugnado pela nova ciência desde o processo do *Renascimento*, só a metafísica poderia continuar solicitando sua projeção ao infinito. O problema é que justamente o fato dessa metafísica não poder localizar o tão sonhado “porto seguro” da verdade e mostrar a “terra firme”, e por isso, não poder oferecer as garantias para os pés que pisam o solo “seguro” da ciência, representou, para esse mesmo instante de renovação do pensamento científico (que compreende um período que vai do *Renascimento* até o *Iluminismo*), o grande ensejo para que os pensadores imbuídos de ideais de razão proclamassem sua soberania científica. A ciência ambicionava as garantias para o seu progresso, contudo:

A unidade entre coletividade e dominação manifesta-se antes naquela universalidade que o conteúdo mau necessariamente assume na linguagem, tanto na linguagem metafísica como na científica. A apologia metafísica trai a injustiça do subsistente, pelo menos na incongruência entre o conceito e realidade. Na imparcialidade da linguagem científica o desprovido de poder perdeu completamente a força de expressão e só o subsistente encontra seu signo neutro. Tal neutralidade é mais metafísica do que a própria metafísica. O iluminismo devorou finalmente não só os símbolos, mas também seus sucessores, os conceitos universais, e da metafísica não restou nada mais do que aquela angústia abstrata perante o coletivo, da qual se originou. *Frente ao iluminismo, os conceitos estão como rentiers perante os trustes industriais. Nenhum deles pode sentir-se seguro.* (ADORNO e HORKHEIMER, 1989a, p. 17). (Grifo nosso)

Por conseguinte, à medida em que a ciência avançava, ela se entrelaçava aos outros mitos dos quais ela tentava fugir constantemente. Quem começou a indagar sobre a validade das explicações míticas na Grécia antiga foram os pensadores milésios. Mas quem indagou sobre os entrelaçamentos da nova ciência e seus mitos? Quem buscou questionar as “verdades” que eram produzidas no meio científico? Se o desejo de controle próprio, que fora criado no meio científico na constante inspiração calculada por um mundo repleto de máquinas, alcançou alguns resultados em progresso, por outro lado esse controle não pode se afastar do *processo de repetição* que era próprio do *mito*. Em sua contradição, para cada medida realizada pelo esforço do pensamento e em vista do desenvolvimento da razão e do progresso da humanidade, os resquícios de uma crença que apostava na ciência bem como nas suas respostas e explicações para diferentes problemas, de tão entrelaçados à criação das máquinas e ao alcance de todo progresso, transformou essa perspectiva em “consistência total de poder”, pois:

[...] a adaptação ao poder do progresso, ao progresso do poder, envolve sempre de novo àquelas formações regressivas que traduzem não o progresso falido, mas justamente o progresso bem sucedido do seu próprio oposto. A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável progressão. (ADORNO e HORKHEIMER, 1989a, p. 25-6).

Embora desde o *Renascimento* tenha se criado um conjunto de esforços de vários artistas, cientistas e filósofos para se ampliar o alcance de toda e qualquer explicação que se dispusesse a encontrar a verdade acerca dos fenômenos a partir de averiguações confiáveis, e embora houvesse diferentes debates acerca das concepções éticas relacionadas as descobertas científicas, também se notava que alguns processos que envolviam a questão do conhecimento – invariavelmente – tornavam-se *instrumentais* para o empenho da própria razão econômica que envolviam as descobertas da ciência em completa laboriosidade.

Boa parte das tentativas de se dar continuidade as grandes conquistas almejadas desde essa época caíram por terra diante da série de atrocidades humanas desenvolvidas a partir da magnificência constituída pelo próprio desenvolvimento da ciência, do cultivo de guerras e ideologias unilaterais somadas à desintegração da *paz perpétua* refletida por alguns filósofos nos séculos XVII e XVIII. Se havia um projeto de felicidade no esforço desses autores, talvez ele tenha



sido enfraquecido pelo abandono do pensamento que o determinava essa mesma *fortuna*<sup>112</sup>: a felicidade.

Como se pode perceber, para os autores da *Escola de Frankfurt* não se trata, por essa razão, de buscar alguma eventualidade histórica e tecer críticas (unicamente a essa eventualidade). Pelo contrário, se trata de encontrar procedimentos críticos para compreender os principais episódios (fortuitos) que resultaram do próprio contexto histórico que não poderiam ser revelados na ambição de uma teoria pertencente à própria ciência. Por isso, as armas da crítica se fazem com a antecipação aos próprios artifícios da razão, seja por meio da história da humanidade ou pela negação da teoria imperante (insuficiente para revelar algum malogro na própria ciência). A questão é entender se os diversos modelos que servem para construção de uma teoria (constituídos na ciência; na filosofia; na arte; na religião e na literatura) podem ser elevados às possibilidades de uma nova constituição que possa encontrar a verdade sem se prender às técnicas e aos conformismos da dominação de uma produção? Algo que é plausível acontecer, porém com uma séria mudança estratégica do pensamento.

A erística tão afamada dos sofistas e todo conjunto organizado em prol da disputa pela palavra transformou-se não apenas em contendas pelo poder na praça pública, mas também em controle da fala (dos diferentes discursos) dos cientistas. A ciência, mediante o seu discurso de progresso e ao tentar se apoderar da natureza, voltou-se contra si mesma destituindo seu modo disciplinar fundamental. Mas isso não parece terminar aqui, pois mais decepcionante foi constatar que o mito indicava – pela sua visão especulativa (que a distingue da visão especulativa da ciência) – uma relação sagrada que os ancestrais das religiões primitivas (o feiticeiro, o sacerdote) teciam na comprovação de que essa natureza e todo seu conjunto simbiótico não impediam a união e a aproximação entre ambos: homem e natureza.

O feiticeiro buscava (e ainda busca) essa aproximação de maneira imediata a partir do próprio encontro dele (enquanto espírito) no interior dessa essência contida no cerne da natureza. O entendimento dessa essência está na onipotência vivenciada de modo instantâneo, e, portanto, tão ou mais esclarecido do que poderia pensar o próprio cientista. O cientista, ao fazer o seu pacto com o conhecimento desintegrado à metafísica, perdeu, por assim dizer, o contato com a onipotência, a onisciência e a onipresença da própria natureza acolhedora.

---

<sup>112</sup> Tomando de empréstimo um conceito de Maquiavel.

E por isso se torna importante lembrar que o fim das relações potencializadas pelas afinidades do homem com o mito (alegoria impressa nas relações sacralizadas) ofereceu (e a própria história constata esse fato) a abertura necessária para o surgimento de uma ciência cujas novas relações se construiriam de maneira contrária ao apregoado pelo feiticeiro, ou melhor, se construiriam no esforço por mediatizar essa relação de modo menos simbólico e mais sólido, e por isso, mais “concreto” para modernidade. São atos que apontaram para a constituição de novos caminhos de um processo de dominação de outros esclarecimentos somados à exploração de todos os recursos em nome do progresso e da civilização. E é por isso que:

Os homens sempre tiveram que escolher entre sua própria submissão à natureza e a da natureza ao si-mesmo. Com a propagação da economia mercantil burguesa, o horizonte obscuro do mito é iluminado pelo sol da razão calculadora, sob cujos raios gélidos amadurece a semente da nova barbárie. Coagido pela doutrinação, o trabalho humano desde sempre se distancia do mito, em cujo círculo encantado recai sempre de novo sob a dominação. (ADORNO e HORKHEIMER, 1989a, p. 23).

É por isso que se pôde perceber que a tentativa mais adequada e elogiável que permitiria a construção de uma dialética e de uma elucidação humana por meio de todos os indispensáveis caminhos que levariam os homens aos píncaros da razão e das luzes, serviu para que a essência das coisas – como fruto do trabalho exaustivo da ontologia – se perdesse nos novos processos alienados de produção.

Uma árvore, por exemplo, não poderia significar nesse modelo de modernidade, um símbolo supremo que erigiu a filosofia de várias correntes religiosas do passado. É importante lembrar que a relevância de trazer como exemplo a árvore se dá pelo debate que remonta à história das antigas tradições filosófico-religiosas, pois a árvore sempre apresentou um aspecto simbólico de ligação entre a terra e o céu, e mediante essa premissa se pode perceber uma ligação/aproximação entre o homem e a natureza, bem como do homem aos aspectos religiosos que davam capacidade à humanidade de outrora de encontrar a união entre o destino e a vontade por intermédio da providência (o sagrado). E é enquadrado nesse modelo que se percebe que a proximidade entre homem/natureza se desfaz na medida em que o homem exaure da própria natureza o em-si. A relação, nesse caso, se torna diametralmente oposta (homens para um lado e natureza para o outro) mediante a constatação das condições que, aos poucos, tornam incipiente a busca pela essência do sujeito, uma vez que o advento do capitalismo tardio é capaz de abandonar

a própria permanência do homem no mundo<sup>113</sup>, não restando a ele mais do que buscar sua essência no domínio de sua própria utilidade (*reinventada*).

Nesse caso, e para ser mais enfático, podemos defender que hoje, uma árvore para a ciência pode ser somente um objeto empírico que perpassa várias condições de possibilidades de fazê-la tornar-se economicamente rentável, ou seja, fazer “prosperar” a empiria. Elas podem servir a diversos setores da ciência e da economia, da arte (enquanto indústria cultural), das empresas que, pelas mãos dos economistas mais ortodoxos, converte-se em apreciação do lucro justificável e legitimado em nome desse mesmo progresso até chegar ao ponto de se estabelecer como um elemento a mais na correspondência do lucro, ou melhor, objetivamente perpassada entre sua viabilidade empírica e sua viabilidade econômica.

Quando a natureza é submetida a esse processo de idealização das objetividades do progresso em prol de um projeto de humanidade que se baseia tão somente na criação de uma autoridade exercida pelos homens em busca do domínio total, e quando esse domínio se faz contra essa própria natureza, sugando dela não somente os recursos, mas também o alcance dos melhores resultados como premissa principal que permeia uma espécie de acesso facilitado à utilidade, é preciso dizer que a humanidade se redeu aos benefícios do dominador que exerce o seu poder submetendo todos os processos naturais aos seus perversos desejos.

São nessas metamorfoses, às vezes reconhecidas e saudadas pela própria academia, que se podem notar o aparecimento de uma constituição que só se fortalece no surgimento da mais pura *superioridade empírica* (incluindo uma apropriação semântica capaz de – nos discursos – recriar definições), ou seja, superioridade baseada apenas no que é dito pelo especialista como algo que fez parte do processo histórico de construção da linguagem na ciência, e que parece permanecer nos dias atuais, pois “quanto mais crescia o poder social da linguagem, mais supérfluas tornavam-se as ideias para fortalecê-lo, e a linguagem da ciência lhes deu o golpe de misericórdia” (ADORNO e HORKHEIMER, 1989a, p. 16).

Aqui nos interessa perguntar: quem financiou (e amparou) o cientista especialista? Se após a abertura das principais descobertas da ciência, considerando algumas de suas contínuas transformações, a saber, as mais desastrosas; a natureza não conseguiu mais se recuperar, ou seja, voltar a ter o mesmo vigor de natureza que proporcionava (na antiguidade) o seu principal aspecto

---

<sup>113</sup> Ver (BAUMAN, 2005).

de mantenedora do equilíbrio necessário do planeta (incluindo a própria natureza humana), como se aceitou que a civilização caminhasse para um processo de repetição dos múltiplos e sucessivos caminhos rumo a um “progresso” que fazia diminuir, pouco a pouco, os recursos naturais e cujas principais (e mais almejadas) conquistas não davam o tempo necessário para a recuperação desse desgaste? Ora, poderia haver algum motivo para que não se processasse tal predomínio humano no esgotamento da natureza? Se é a razão que prevalece, como conceber o progresso com tamanha destruição? Quem financia esse declínio?

Por certo que – imponderada – essa ciência, inevitavelmente, alcançaria o sucesso, porém com um *alto custo* para toda humanidade. Foi possível perceber, por meio desse *preço a pagar*, que o a comunidade científica incluisse sempre alguma interpretação peculiar para amenizar alguns de seus desatinos, pois que uma ciência sem consciência se torna, por conseguinte, um mero instrumento a serviço de uma verdade sistêmica, da qual não se tem a noção nem de seu limite, muito menos do seu controle. Se em nome do progresso o cientista pode *desfazer-se* da possibilidade da restauração de seus conceitos e da retomada de sua própria consciência, então o que esperar do futuro de uma ciência que reivindica, na necessidade de seu próprio reparo, que a qualidade de uma pesquisa (para escoar as ideias) tenha que depender de uma ligação contínua à extenuante necessidade de desenvolvimento científico e tecnológico? Como vincular os ideais militantes (particulares) a um plano ideal científico (coletivo) se esses planos apresentam suas disparidades? Notamos que a *ideia* da construção dos canais de interligação que são invariavelmente criados pelas diferentes modalidades de negócios lucrativos (principalmente no ramo da tecnologia) para a manutenção de um desenvolvimento que não se interrompe com facilidade (pois é auto eficiente) e que oferece amparo para o avanço do capital e de todo aparato social que é autorizado pelas próprias necessidades modernas; é, por essas (des) razões, uma *ideia* parecida que permite lembrar que nós nos:

Defrontamos novamente com um dos aspectos mais perturbadores da civilização industrial desenvolvida: o caráter racional de sua irracionalidade. Sua produtividade e eficiência, sua capacidade para aumentar e disseminar comodidades, para transformar o resíduo em necessidade e a destruição em construção, o grau com que essa civilização transforma o mundo objetivo numa extensão da mente e do corpo humanos tornam questionável a própria noção de alienação. As criaturas se reconhecem em suas mercadorias; encontram sua alma em seu automóvel, *hi-fi*, casa em patamares, utensílios de cozinha. O próprio mecanismo que ata o indivíduo à sua sociedade mudou, e o controle social está ancorado nas novas necessidades que ela produziu. (MARCUSE, 1973, p. 29-30).

A *indústria cultural*, que alimenta o alagamento desses canais por onde escoam a formação desse progresso e que, por sua vez, gera mais destruição e refugo por um lado e obsolescência por outro, se mostra cada vez mais independente e fortalecida, principalmente quando porque ela adapta as pessoas conforme se moldam suas estruturas, o que parece ser uma consequência do processo de mecanização do ser social, tal que, “na figura da máquina, a razão alienada move-se para uma sociedade que reconcilia o pensar, firmado tanto no seu aparato material como no intelectual” (ADORNO e HORKHEIMER, 1989a, p. 27).

Aqui não parece haver fronteiras para o herói (capitalista) que tudo quer consumir. Ao que se sabe, sua influência se expande em diferentes atuações, inclusive no meio científico, pois parece que alguns cientistas já se mostram rendidos, seja pelas razões do progresso de sua *produtividade* mecânica ou intenção criativa. Algumas pesquisas necessitam do financiamento oriundo dos dividendos que exigem uma avaliação utilitária de cada investimento em pesquisa, que acompanha e nutre essa canalização, e tudo o que resta do seu refugo, pois, por mais absurdo que pareça, o capitalismo já demonstrou que consegue se refazer usando a energia abafada nos seus próprios escombros, basta apenas uma mudança de lugar de atuação ou de descobrimento de novas demandas.

Ora, o oposto desse mecanismo seria estabelecer um processo de construção teórica (humana, ecológica, sustentável, [...]) em todas as potencialidades que os benefícios dessa construção podem carregar, o que significa também dizer que a sociedade e os governos deveriam oferecer esse equilíbrio e essa busca e não o seu contrário. Porém, para investir nesse humanismo ou nessa ecologia sustentável, bem como na restauração da própria natureza degradada, seria imprescindível a primazia do valor que todos essas importâncias possuem. Não se pode pensar que sugando da natureza o que ela já não pode oferecer podemos encontrar esse equilíbrio, e, no entanto, a modernidade continua em busca da melhor estratégia que permita o domínio da natureza, e mais, da natureza humana.

Talvez por isso podemos entender que fica cada vez mais difícil encontrar as possibilidades de conciliação da liberdade humana em vista a concepção tardia de um processo estabelecido por meio da violência *cultural* que tem devastado o próprio humanismo à medida em que impulsiona a história – desde o iluminismo (conforme foi discutido) – abandonando a ideia das luzes e lançando o esclarecimento humano contra si mesmo e contra o próprio progresso. Não seria preciso muito esforço para perceber que toda exploração devastadora elimina a própria

autoconsciência humana, o que, por conseguinte, pode, em pouco tempo, contribuir significativamente para o fim da vida humana. A crítica talvez seja a última oportunidade de resgate dessa liberdade perdida que é capaz de desatar o nó górdio da dominação do déspota, uma vez que “um homem que ama a liberdade e luta por ela é sempre uma figura que os tiranos detestam e temem” (VERISSIMO, 1975, p. 17).

A conversão de uma liberdade não pode se prestar a uma “servidão voluntária”, pois já dizia um genebrino em pleno século XVIII: “[...] o que se crê senhor dos demais, não deixa de ser mais escravo que eles” (ROUSSEAU, 1973a, p. 28). Parece que o esforço para dominar (pressuposto do “medo” como um dos afetos negativos do homem moderno)<sup>114</sup> se traduz na necessidade de garantir que não haja uma plena liberdade para os homens escolherem. Na ausência da crítica, nem mesmo uma simples escolha parece restar, pois envolto à modernidade que proclama o progresso a qualquer custo somado a força coercitiva da *indústria cultural* não se pode encontrar, nem de longe, a prerrogativa da liberdade efetivada, pois quase tudo se resume na busca por uma laboriosidade estimulada, ou melhor:

Essa união de liberdade e escravidão tornou-se ‘natural’ e um veículo do progresso. A prosperidade apresenta-se, cada vez mais, como um pré-requisito e um produto marginal de uma produtividade auto-impulsionada, em constante busca de novas saídas para o consumo e a destruição, no espaço exterior e interior, embora seja impedida de ‘extravasar’ nas áreas de miséria – tanto as internas como as externas. Em contraste com esse amálgama de liberdade e agressão, produção e destruição, a imagem de liberdade humana está deslocada: converte-se em projeto da subversão dessa espécie de progresso”. (MARCUSE, 1978, p. 15).

E aqui nos resta perguntar se essa liberdade deslocada – como bem afirma Marcuse – que se põe a serviço do progresso moderno da sociedade, pode contribuir com algum retrocesso na esfera da formação e do desenvolvimento do pensamento? Pois o autor está falando de uma destruição “exterior”, porém, que não deixa de atingir o “interior”. Logo, o pensamento, agora baseado tão somente na livre iniciativa e na produtividade “auto-impulsionada” é lançado violentamente em direção ao discurso (aberto) de uma *prosperidade* impregnada, considerando aqui os discursos que se deslocaram de uma manifestação intensificada em alguma participação ativa de determinado setor *religioso* (nas *contraculturas*) para um posicionamento – nada original

---

<sup>114</sup> E não vamos entrar nesse debate por ser longo e fugir ao propósito. Mas encontramos ricas referências na *Ética* de Benedictus Espinosa e no *Leviatã* de Thomas Hobbes.

– na vida ufanista e profanada que conclama seu “*it et nunc*” e que vem se servindo dos “veículos do comunicação de massa” para se “converter” em mais progresso na formação de um aglomerado *fiel ao labor* sugestivo-capitalista<sup>115</sup>.

Se o pensamento depende direta ou indiretamente da experiência, e se já se constatou que a modernidade enfrenta uma certa “pobreza da experiência”; se esse pensamento contorna os significados por meio de linguagens e é capaz de retornar ao seu ponto de origem (a própria linguagem criadora), o que dizer dessa mesma experiência quando é forçada a se fechar no interior dos múltiplos labirintos que foram modelados cuidadosamente pelos programas que se desenharam nas diferentes programações de televisão (o melhor do *carpe diem*) arrastados em busca dos olhos aflitos, na esperança de torna-los anexos da vida habitual de leitura televisiva. Seria uma espécie de infiltração do entretenimento e da (in) formação perpassada nos canais da opinião e do *senso comum*? Ora, basta observar as várias programações produzidas pelos canais de comunicação, para constatar se são feitos sob medida – de acordo com a tese da *teoria crítica* – pela e para manutenção da cultura dominante, de modo que contribuem para o estabelecimento e a *legitimidade* do seu modo (o modo capitalista de produção) de fazer qualquer coisa se tornar decisiva.

Portanto, esse pensamento “convertido” e infiltrado que manifesta uma parte de toda função impregnada em seus próprios *clichês* dentro e fora dos processos de “produtividade que se auto impulsiona”, também serve como modelo capaz de preparar definitivamente a massa trabalhadora de acordo com o processo contínuo de sua alienação, processo esse que a torna desprovida do seu desejo de liberdade. Esse parece ser um movimento constante que, desde o advento da *indústria cultural*, vem se estabelecendo amiúde e alimentando os extenuantes processos de criação de conceitos baseados no consumo e no individualismo, que por sua vez, servem para reforçar os demais modelos de repressão já instalados desde os primeiros programas de TV destinados à infância.

Adorno e Horkheimer falam dos *cartoons* que a *indústria cultural* modelou e padronizou com a dignidade de quem sabe como preparar *corpos dóceis* (tomando de empréstimo um conceito de Foucault) para o trabalho. Esses desenhos animados estão bem ajustados subrepticiamente para que a *prole*, que fica horas exposta à televisão, aprenda o “dever” de todo trabalhador, a saber, tomar “sua sova diária” e se manter de pé. Já a escola, por sua vez,

---

<sup>115</sup> Para melhores resultados ver MARIANO (1996).

complementa essa arquitetura, construindo tabus e mantendo conservado as estruturas socioeconômicas.

O formalismo desse princípio, e da lógica inteira a cujo título ele se estabelece, provém da impenetrabilidade e do entrelaçamento dos interesses de uma sociedade, na qual a conservação das formas e a conservação dos indivíduos só coincidem acidentalmente. A expulsão do pensamento para fora da esfera da lógica ratifica, na sala de aula, a reificação do homem na fábrica e no escritório”. (HORKHEIMER, 1989a, p. 22).

Isso significa dizer que a “sala de aula”, segundo os autores, prepara os corpos e as mentes não por preparar – ou corrigir – o seu intelecto para um pensar futuro. Em se tratando de educação da massa, ocorre aqui justamente o contrário, ou seja, bloqueia-se para a imensa massa trabalhadora – base da pirâmide social – a própria condição do pensamento, expulsando a lógica pura e aderindo o formalismo dela, ou melhor, sua superfície. O trabalhador estará cada vez mais apto, quanto mais padronizado se manter o sistema, de modo que, marcado pela “engrenagem desenfreada da história do mundo” (HORKHEIMER, 1989, p. 22), só lhe reste angústia, solidão e um pouco do que restar daquela velha promessa “à procura da felicidade”.

Esse processo, que se soma a um afastamento dos procedimentos da lógica e que vem na esteira das condições predicadas por uma retórica que se baseia no progresso econômico, ou seja, que é engendrada por uma supervisão do discurso capitalista (que encontra seu reforço na formação da *indústria cultural*), cria uma sinergia entre o homem e a sociedade fundamentando (ou simplesmente criando) algumas conexões que propiciam não apenas a formulação do pensamento “inventivo” capaz de reposicionar cada uma das necessidades baseadas na ideia *neoliberal*; na livre iniciativa; no empreendedorismo; e no desenvolvimento individualista (que é capaz de fazer o homem se deslocar de um ponto econômico a outro se beneficiando sem a necessidade de pensar no coletivo), além de sustentar toda e qualquer concepção de técnica que institui qualquer outra racionalidade dentro ou fora da ciência.

Essa racionalidade cria novos fatores, que são sucessivos e repetitivos como exemplo:

- i) A renúncia do pensamento na cisão do espírito com a natureza reinante; ii) a busca pelos dados quantitativos e mecanizados na teoria necessária para tais e tais “tomadas de decisão”; iii) o excesso de controle gerado pela relação rigorosa do mercado de capital (com a influência insana da rentabilidade e do lucro que estão envolvidas no porvir de uma pesquisa); iv) uma certa banalização da linguagem que segue escamoteada na vinculação à nova sensibilidade moderna



espontaneamente criada em um sistema absoluto; v) a busca por soluções para separação entre a desejo e vontade que se tornaram mal compreendidas pela própria consciência humana, e por fim, vi) a dificuldade em se estabelecer uma religação do homem com a natureza como algo necessário para construir esse processo de mudança. Sub-repticiamente

Não é por menos que, quando uma parte da ciência resolve se aliar aos contextos cegos da *cega capitalização econômica* que tateia na crista dos acontecimentos fortuitos da história, ou seja, que é capaz de buscar um futuro qualquer em qualquer lugar que possa ser explorado; o encontro dos seus intentos pode também iludir. Pois na busca pelos seus instrumentos, o reforço de sua legitimidade e o fortalecimento de suas teorias são encerrados dentro do mesmo processo de “cegueira” que tem variado entre o deslumbramento de um progresso que se tornou dependente da especulação financeira e a derrocada de sua função primordial (o conhecimento). Resta, por conseguinte, pensar como se dão os novos mecanismos dentro da ciência para conter os ensejos de influência do capital sobre as pesquisas.

Desses vários fatores, ainda se pode complementar, que a dificuldade para entender essa cisão está, à primeira vista, na passagem entre os medievais e os modernos. O “sonho de Francis Bacon” que fora interpretado por Horkheimer, mostra bem como as garantias afundaram no refluxo das “novas marés”. Se antes os espias dos grandes Reis, que atentos observavam os navios chegando ao cais de determinado condado, logo podiam informar à corte do que se tratava, ou seja, se era uma carga de pimenta ou de cravo-da-índia (e desse modo se poderia controlar os preços em prol de um boicote automático garantidor do lucro do reino), agora, os espias (que não são mais cúmplices de nenhum Rei, pois foram treinados para tecer “correspondências” somente com o mercado econômico-financeiro que controla até mesmo o Estado), não conseguem trazer qualquer notícia, visto que é impossível encontrar a mais perfeita “luneta” capaz de captar, ou mesmo prever os novos “mercantes” que chegam à espreita pela maré do volátil mercado repleto de gráficos e linhas que sobem e descem freneticamente diante das telas que sugam os olhares esbugalhados; tudo ao sabor dos padrões; afinal, quem é capaz de controlar essas estranhas e complexas “marés”? Toda administração e economia não podem mais ceder suas garantias, pois a nenhuma delas é dado a certeza do equilíbrio, sobretudo após lançadas todas as moedas no mesmo fluxo que depende da “constituição” desse mercado.

A hegemonia sem controle da técnica a serviço do capital, no mundo contemporâneo, conduziu a uma crescente despersonalização das relações humanas, vale dizer, à negação do fundamento da ética [...]. Marx já havia

assinalado que, assim como a propriedade feudal acabara por dominar os homens e despersonalizar todas as relações sociais, da mesma forma o poder do capital dominaria não só os seus sujeitos naturais – os trabalhadores e os consumidores – mas também os próprios capitalistas, que vivem condenados a fazer frutificar de modo incessante a sua propriedade, sob pena de desaparecerem do mercado. As relações de produção tornam-se, com isso, crescentemente abstratas. Na época do capitalismo clássico, os grandes capitães de indústria conheciam perfeitamente a técnica de fabricação que empregavam, e orgulhavam-se dos produtos de sua fábrica. Hoje, os controladores de uma macroempresa industrial só conhecem os números do balanço e da conta de resultados. Eles ignoram tudo da técnica de produção, e não são incapazes de dizer, com precisão, quais os produtos de sua empresa. (COMPARATO, 2006, p. 417).

De acordo com esse novo “modelo” metafórico que trata das questões econômicas, talvez só por meio do olhar acentuado capaz de criar uma nova percepção (um novo modelo lógico) capaz de controlar a expansão desse capital. Vale lembrar também que as formações teóricas das críticas propostas podem ser empregadas por qualquer pesquisador que reivindique os pressupostos da dialética histórico-crítica (proposta por Marx e restaurada pelos pensadores de Frankfurt), de modo que derivar as análises críticas da sociedade e de sua história, e tecer procedimentos autênticos do pensamento (neutralizando processos de instrumentalização nas diferentes conquistas) é a forma mais próxima para repensar um caminho plausível, pois assim se pode compreender quão adequado se tornou o exercício de unir enormes cadeias de eventos históricos (quase inapreensíveis) às condições sociais e econômicas geradas pelo próprio capitalismo em suas principais relações internas.

O combinado de fatores que uniu algumas teorias economias aos anseios da burguesia permitiu as transformações que foram conflagradas pela influência da indústria do rádio e do cinema (às portas do século XX) e se tornou perfeitamente adaptado para passar por todas as aberturas que foram astutamente forçadas por uma supremacia conquistada pela *indústria cultural*. Esse novo processo de indústria capaz de forjar uma ligação entre diferentes culturas, dia após dia, reforçou a ideia de que os capitalistas tinham em mãos as opções de controle – mais brandas e silenciosas – para se apropriar dos mecanismos de poder por essa via da *comunicação de massa*.

No circuito desses meios de *comunicação de massa*, dos quais se poderiam planejar qualquer programação sem ser notada uma certa carga ideológica, foi possível dar início ao grande movimento de *alienação em massa*, ou seja, a partir da formação de determinada linguagem contida nos cinemas, *cartoons*, programas de rádio ou peças de teatro, o conjunto de mecanismos de

controle das massas era delineado a partir da administração dessas programações culturais (cinema, teatro, rádio ou tv). Essas programações vinculavam os modelos de pensamento e de sentimentos que viriam a interferir nos processos comportamentais e sociais (algo que deixaria Maquiavel ou Hobbes surpresos) e que conectavam cada uma das diferentes criações de quaisquer estruturas ideológicas. Tais mecanismos puderam criar essas estruturas ideológicas que chegassem a preencher imediatamente qualquer contexto histórico, e nesse caso, acompanharam perfeitamente os anseios principais da ideologia burguesa, que era detentora desses meios de comunicação.

Foi possível notar que todas as projeções – desses novos aportes – lançavam os homens para frente, rumo a um futuro que, embora incerto, neutralizava ou bloqueava a curiosidade de saber o que estava vinculado a tais mecanismos. O passado que ficava para trás, distante; a formula de revisar os conceitos, até os próprios *Clássicos*, começaram a dever uma parte do sucesso a esses canais de comunicação, uma vez que a burguesia, detentora dos meios, e, portanto, da formação dos novos conceitos, continuava garantindo e conservando o seu meio de produção (vinculado aos *clichês* modernos) mesmo diante das contradições validadas a partir da possibilidade da subordinação desse meio. Vale o que é empregado pela burguesia mesmo consciente do engodo dessas inovações configuradas da civilização.

O ideal burguês da naturalidade não significa a natureza amorfa, mas a virtude do meio. Promiscuidade e ascese, abundância e fome, apesar de mutuamente opostas, são imediatamente idênticas enquanto potências de dissolução. Pela subordinação da vida inteira às exigências de sua conservação, a minoria que manda garante, além da própria segurança, a permanência do todo.

Nessa nova constituição histórica burguesa, o isolamento dos conteúdos adaptados nos programas ou em cenas específicas de determinados filmes permitiu o atravessamento pontual de toda sociedade exposta a essa nova constituição, o que contribuiu para estabelecer um novo projeto de sujeito, por assim dizer, adaptado de ponta a ponta ao novo processo de trabalho e a nova configuração do pensamento. Seja diante da nova adaptação e performance do trabalhador ou sua vertigem de pensamento após cada programação televisiva, esse conjunto contribuiu com o resultado final que amparou a probabilidade de uma certa ampliação do processo de alienação e fez, paulatinamente, o devido balizamento junto aos discursos (hoje) empacotados perfeitamente nas programações de televisão que são programadas para anunciar o que acontece, todavia, já dizia Eduardo Galeano...

A televisão mostra o que acontece? Em nossos países, a televisão mostra o que ela quer que aconteça; e nada acontece se a televisão não mostrar. A televisão, essa última luz que te salva da solidão e da noite, é a realidade. Porque a vida é um espetáculo: para os que se comportam bem, o sistema promete uma boa poltrona. (GALEANO, 2002, p. 79)

Das camadas ascensionárias, cujos degraus são montados pela indigência dos habitantes das urbes, à formação dos mecanismos de alienação da massa sobreposta nos “bangalôs urbanos” de cujos assentados “sombrios edifícios circundantes — de moradia ou de negócios— das cidades desoladas” (ADORNO, 2002, p. 5) sobrevivem de suas apreciações solitárias somadas ao seu consumo desenfreado todos permanecem pendurados. Todo conjunto de informações centradas nos padrões ditados pelos negócios, pelo mercado e pela opinião caudalosa dos meios de comunicação social parecem atados diuturnamente aos sócios que permanecem focados nas mídias em geral. A grande maioria dos sujeitos pendem para uma vida que não encontra forças para se afastar do cultivo de um consumo elaborado ou de sua contemplação necessária para a formação do grande espetáculo<sup>116</sup>, ou seja: “O espetáculo domina os homens vivos quando a economia já os dominou totalmente. Ele nada mais é que a economia se desenvolvendo por si mesma” (DEBORD, 1997, p. 17-18).

Talvez por isso até o pensamento mais elevado se torna forçoso e é possível perceber que aquele que pretende alcançar o exercício crítico do pensamento enfrentará as barreiras dos acordos desses modelos elucidados e trabalhados terminantemente para o “grande público” por meio dessa meticulosa aptidão de vincular (seja ao vivo ou por patéticas reprises feitas à exaustão) a massa reverberada nos albores da exibição mais marcante.

Seja um estilo; um recorte da moda; uma linguagem específica recém lançada nas ruas; sejam também as inúmeras terminologias cinematográficas produzidas pós-repercussão publicitária ou os murmúrios do lançamento inebriante nas principais cenas do lançamento do filme que virou propaganda esfalfada; e até mesmo diante de cada anúncio prontamente aprovado pela grande massa; é possível perceber que a *indústria cultural* acolhida pelo seu *público cativo* se torna *universal* até mesmo para a linguagem. Talvez seja hora para refletir que:

---

<sup>116</sup> “Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante da sociedade. É a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre dessa escolha [...] (DEBORD, 1997, p. 14-15).

Quem está tão absorvido pelo universo do filme – pelos gestos, imagens e palavras –, que não precisa lhe acrescentar aquilo que fez dele um universo, não precisa necessariamente estar inteiramente dominado no momento da exibição pelos efeitos particulares dessa maquinaria. [...] até mesmo os distraídos vão consumi-los alertamente (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 105).

A contração (de tudo que se permitiu atrofiar) do ato de pensar do sujeito, tornou-se o próprio modo de atar os nós dessa mesma teia. Talvez por isso, constituíram-se (repetidas vezes) alguns processos de fixação que já eram peculiares ao pensamento comum do grande público, de modo a não permitir por um lado que a consciência dos homens pudesse “alçar voos” mais longínquos, e por outro, que se coordenasse os métodos de engendramento múltiplos para se obter uma concomitante necessidade de consumo desenfreado e, portanto, de manter uma condição consistente e constante de afastamento (do sujeito) de si mesmo.

Essas tendências viabilizariam não só o pensamento moderno, mas a alternativa de enclausurar o sujeito em um encadeamento de necessidades incomuns a si, por assim dizer, um sujeito heterônomo em sua própria “aspiração” de “liberdade”. A marca criada pelo próprio sistema científico e político encontrou, nas bases do esclarecimento, o seu mais perfeito acabamento (por meio de procedimentos conceituais novos) que se voltou contra a própria ciência, criando as amarras do que viria a se classificar como, barbárie; totalitarismo; metamorfoses da crítica; presunção epistemológica; e até mesmo um academicismo moderno.

Os resultados dessa grande quantidade de acontecimentos de eventuais características econômicas (que interferem no cultural) forçaram a grande camada popular (as massas) a seguir uma determinada predisposição que foi infligida a se adaptar a uma série de conexões econômicas e políticas que se articulam de modo independente e que estiveram consolidadas em múltiplas deliberações sociais que ficaram – com o passar dos tempos – sobrepostas nos diferentes pilares do conhecimento (religião, política, economia, sistema jurídico).

A crítica, nesse caso específico, parece encontrar um terreno insalubre para atuar de modo individual, visto que a própria história criou um exército de porta-vozes oficiais que obstinadamente insistiram (e hoje parece que continuam insistindo) em barrar, neutralizar e até mesmo banir o outro (que é díspar) que, particularmente, se tornou emblemático na figura quase extinta daquele que realiza a crítica. Só a consciência coletiva é capaz de permanecer no *front* dessa batalha na perspectiva de reverter o quadro, pois:

Ao tomar consciência de sua própria culpa, o pensamento se vê por isso privado não só do uso afirmativo da linguagem conceitual científica e quotidiana, mas igualmente da linguagem da oposição. Não há mais nenhuma expressão que não tenda a concordar com as direções dominantes do pensamento, e o que a linguagem desgastada não faz espontaneamente é suprimido com precisão pelos mecanismos sociais. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 12).

A liberdade corresponde a um elemento que, conceitualmente, esteve em voga em boa parte das teorias dos principais pensadores na história da filosofia no ocidente. De Platão a Rousseau e Kant, muitos se debruçaram sobre o conceito de liberdade. Mas parece que ela não foi totalmente assimilada pois “a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 13), e por isso esse conceito se tornou tão complexo para a própria filosofia. Ora, se é no seio do próprio esclarecimento que Adorno e Horkheimer percebem haver uma imensa contradição, então, como é possível concluir que esse esclarecimento que liberta o sujeito possa dar garantias de que a liberdade propugnada pudesse nascer verdadeira, ou ainda, como conceber que um pensamento que joga contra si mesmo pudesse se libertar de si mesmo, desatando suas amarras?

Igualmente se pode asseverar que, segundo a supressão da liberdade proposta pelos próprios mecanismos sociais de controle por meio de uma razão esclarecida, foi possível perceber o início de uma silenciosa transformação do próprio esclarecimento em uma condição inconsistente que se manifestou diretamente dentro de uma espécie de compreensão racional imperiosa (externa) que promoveu “uma verdade” que é, por si só, dominadora e que pode confirmar a premissa de que “o esclarecimento é totalitário” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 19).

O esclarecimento é totalitário na medida em que se utiliza da própria consciência humana que se mostrou capaz de se antepor à própria natureza. Um antigo adágio de Aristóteles que dizia que *o sábio imita a natureza* já havia se perdido nas dobras da própria história do pensamento no ocidente, e o século XX atestaria a transformações de suas conquistadas “luzes” em nova “escuridão”, pois a medida que o avanço da ciência se concretizava, o homem aos poucos retornava (de maneira inevitável) aos mitos acreditando que, com o progresso dessas luzes, rumava para longe dele.

O esclarecimento é mais que esclarecimento: natureza que se torna perceptível em sua alienação[...]. Todo progresso da civilização tem renovado, ao mesmo tempo, a dominação e a perspectiva de seu abrandamento. Contudo, enquanto a história real se teceu a partir de um sofrimento real, que de modo algum diminui proporcionalmente ao crescimento dos meios para sua eliminação, a concretização

desta perspectiva depende do conceito. Pois ele é não somente, enquanto ciência, um instrumento que serve para distanciar os homens da natureza, mas é também, enquanto tomada de consciência do próprio pensamento que, sob a forma da ciência, permanece preso à evolução cega da economia, um instrumento que permite medir a distância perpetuadora da injustiça. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 44).

No tocante a essa questão espinhosa, muito embora necessária para se abordar a síntese de boa parte dos desejos canalizados pela via de uma determinada comunicação oferecida para a massa, se não educam, direcionam, distinguem, balizam, economizam o pensamento já uniformizado segundo os padrões preestabelecidos por essa mesma comunicação. O processo propugnado pela técnica desperdiçada pela ciência em seus princípios produtivos foi refeito a partir de uma certa categoria de propagandas bem-feitas que espalham as condições perfeitas para surgir um efeito letárgico do pensamento, cujos devaneios repartidos desde as primeiras configurações publicitárias pintam de outras cores o já manchado conjugado: esclarecimento e autonomia.

Nesse jogo de esconde-esconde, só é ressarcido aquele que, pela aventura do desejo de independência reminiscente, tenta sair do padrão estabelecido, e por isso pode, a bem de sua vontade, definir e recompor os princípios de autenticidade de sua própria voz e pensamento. Mas eis que se torna imprescindível se perguntar pelas possibilidades dessa fuga convivendo em uma sociedade integrada, ou melhor, uma sociedade de coesão própria e implacável em seu chão.

O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. Os automóveis, as bombas e o cinema mantem coeso o todo e chega o momento em que seu elemento nivelador mostra sua força na própria injustiça à qual servia. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 100).

Síntese da força exercida pela indústria em seu processo de produção e renovação histórica para o bem do progresso, os sujeitos *dominados* que se adaptam ao seu próprio constrangimento alienado desde a própria Revolução propiciada na Inglaterra que, por assim dizer: “a todo vapor” já mecanizava os sujeitos (seus corpos e suas mentes) para suportarem o máximo de sofrimento dos renovados processos de trabalho no impacto das novas e necessárias adaptações, fez concluir todo o *processo nivelador das camadas subalternas*.

A tecnologia não parece se distanciar desse processo de tessitura entre o humano e a máquina. Seu movimento entrelaça o sujeito à máquina e vice-versa, tal qual a adaptação fabril de

outrora. A modernidade confirma a continuidade de uma retificação diuturna, ao mesmo tempo que expande seus horizontes ao insonhável, e nisso reside a desconfiança pelo processo de uma tecnologia da informação. Tal é a força produzida pela informação que o descompasso entre o imprescindível e o acessório se mistura em meio a miscelânea de observações que brotam de diferentes fontes com interpretações, quase sempre, difusas.

A exposição dos sujeitos a uma modernidade que vem se realizando (e se confirmando nessa realização) mediante a exaustão de suas imagens em busca das melhores colocações seja no trabalho, na mídia, no tabloide ou na procura pelas melhores oportunidades de gerar proveito (no mito envolvendo as melhores profissões: as mais lucrativas), nas conveniências múltiplas e fartas de colheitas de um tipo de mercado chamado de agregador de oportunidades. Um certo compasso que gira, enquanto gira a roda da história, e que sempre foi capaz de demarcar sua área, e agora vale tudo nesse novo traçado, sobretudo quando se percebe que:

A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 18).

Sabedoria e poder não costumam mais se encontrar no mesmo *logos*, e no limiar desse novo tempo traçado pela capitalização das escolhas, os objetivos da ciência vão se tornando problemáticos e o apelo ao *senso comum* pode se tornar mais forte e mais decisivo mediante os objetivos não alcançados ou mal definidos. Fatos que só podem ser neutralizados por uma autêntica educação, e mais do que isso, por uma educação capaz de dar um novo limiar à necessária emancipação do sujeito.



## 5. CAPÍTULO IV – A NATUREZA DA EDUCAÇÃO QUE EMANCIPA

Para falar sobre *educação* e *emancipação*, podemos lembrar de um trecho da análise pedagógico-antropológica de Eric From que percebeu uma incompreensão popular sobre educação. “O homem moderado parece crer que ler e escrever são artes a serem aprendidas, que é preciso estudo considerável para tornar-se arquiteto, engenheiro ou operário especializado, mas que viver é algo tão simples que não requer nenhum esforço particular para aprender como fazê-lo.” (FROM, 1964, p. 27). Ledo engano, dirá aquele que compreende que, sem *emancipação* se pode viver – sem sombras de dúvida – porém de maneira amena, com os olhos fechados para o mundo e com esforço abreviado para luta. Por isso, resta pouca *estima* para um estilo de vida com tão pouca *reivindicação própria* de pensamento. Algo que Sócrates já havia pensado em sua *Apologia* quando disse: “qu’une vie sans examen ne vaut pas la peine d’être vécue”<sup>117</sup> (PLATON, sd, p. 75).

Emancipação é um modo de libertação do homem, e, como tema central desse capítulo, é *dinamis* que alimenta nossa esperança em discutir aspectos que ainda carecem à educação moderna. Aqui podemos lembrar que, segundo *Dicionário Cambridge* de filosofia, o verbete *Escola de Frankfurt* nos diz:

A teoria crítica é antes de tudo uma forma de fazer filosofia, integrando os aspectos normativos da reflexão filosófica com as realizações explicativas das ciências sociais. *O objetivo final de seu programa é ligar teoria e prática, fornecer insight, capacitando os sujeitos a mudar suas circunstâncias opressivas no alcance de sua emancipação humana*, uma sociedade racional que satisfaça as necessidades e poderes humanos (BOHMAN, 1999, p. 324). (Grifo nosso).

A emancipação pode ser compreendida a partir do amadurecimento dos homens que se põem entre um *passado redimensionado* e um *presente propício*, cujo futuro pode ser “costurado” por uma somatória de pontos específicos, que aqui se pode traduzir em: períodos historicamente marcantes<sup>118</sup>.

---

<sup>117</sup> “uma vida sem exame não vale a pena ser vivida”.

<sup>118</sup> “É por isso que a história da emancipação não se refere apenas ao futuro como um modelo de projeto, mas também ao passado sobre a forma de uma recapitulação, para retornar a linguagem dos Mestres gregos. Como observou J. F. Lyotard, todo discurso de emancipação funda uma temporalidade por um recorte que é também um recomeço, e um

## 5.1. COMENTÁRIOS SOBRE A NATUREZA DA EDUCAÇÃO

Nos capítulos anteriores foi esboçado um pouco do panorama histórico sobre algumas questões referentes à ciência, bem como, foram destacadas as principais correntes de pensamento que representaram o escopo da análise crítica dos teóricos da *Dialética do Esclarecimento*. Feita essa primeira abordagem, poderemos encontrar elementos críticos fundamentais para tratar as questões que estão vinculadas aos conceitos de *razão instrumental* e *indústria cultural*, que levam a um *mundo administrado* e se estende pelas “margens” de diversos canais culturais, razão pela qual se torna tão complexo identificar os acontecimentos cotidianos refinados em seu processo de *dominação* com vistas à manutenção da alienação.

E é difícil essa identificação pois disso depende o pensamento sobre o que a sociedade idealiza como processo educacional proposto para um povo em seus próprios horizontes futuros. Se for possível fazer uma metáfora que convém a essa referência da educação, podemos pensar algo como a *possibilidade de semear* condições para o futuro desse povo, logo, a educação pode ter o significado de um *instrumento* capaz de revelar o mundo como ele é, e nisso inclui essa *sementeira*, e sua função principal de “remexer a terra”, de marcar sua geografia, de revolver as “pedras” e “ervas daninhas” que estão escondidas e que dificultam a purificação do solo e a fixação que virá com os melhores nutrientes, sem esquecer o principal, que é o momento propício do plantio, um *Kairós* que se faz no momento exato, nem antes, nem depois.

Uma “terra” bem adubada significa – para essa metáfora pedagógica – uma educação fortalecida em sua perspectiva de desenvolvimento autêntico que traz *esclarecimento* e *emancipação*. Assim como a expectativa da semente que refaz a força de sua total independência; a foça dessa planta que, com o melhor procedimento cultivado (*cultur*), já ganhou a força necessária para seguir seu próprio destino e não precisar contar só com a sorte.

Portanto, não parece ser possível que o *esclarecimento* e *emancipação* provenha do treinamento disciplinar categórico, nem do processamento da técnica e muito menos da *repetição*. É necessário, para um fim tão glorioso, a participação do pensamento independente, algo que pode ser encontrado no exercício do *pensamento dialético* que contorna as possibilidades em devir, como

---

resgate do passado, que marca o estilo em “re” (redenção, renascimento, revolução), nós temos um primeiro aspecto do estilo época”. (OLIVER, 1990, p. 12-3).

signo de um tempo, no qual *um povo emancipado* tem a força necessária para, sempre que solicitado, ser capaz de recomeçar.

[...] desde sua origem o pensamento dialético tem representado o estado mais avançado do conhecimento, e é, em última análise, apenas dele que pode provir a decisão. Seus representantes estiveram, em todas as ocasiões de revés, relativamente isolados, e também isso eles têm em comum com a filosofia. Enquanto o pensamento não tiver vencido definitivamente, jamais poderá sentir-se seguro sob as sombras de um poder. O pensamento exige independência. (HORKHEIMER, 1989, p. 74).

Talvez por isso seja necessário primeiramente tecer o debate sobre a *cultura* pois ela está vinculada aos problemas que a educação – inevitavelmente – precisa enfrentar. Após essa abordagem sucinta, o intuito é trazer os conceitos centrais da *Teoria Crítica* e, desse modo, conseguir atingir a nossa finalidade de “preparar um terreno vigoroso” para o debate sobre educação e emancipação. Nesse intuito, faremos também uma contestação sobre a superação da educação física enquanto um projeto moderno por se fazer, ou seja, que é plenamente independente e capaz de propor mudanças significativas desde o currículo até as diretrizes de seus colegiados, e até de seus *conselhos normativos e representativos* federais e estaduais.

## 5.2. SOBRE O CONCEITO DE CULTURA PÓS-ESCOLA DE FRANKFURT

A cultura é um componente efetivo na vida das pessoas que vivem em sociedade e nela compartilham suas experiências. Ela permite pensar a harmonia entre dois aspectos aparentemente distintos, a saber, uma transmissão que se torna efetiva por meio de pequenos componentes (como pequenos retalhos) que tem a função de juntar a “costura” de “diferentes” concepções culturais que são recebidos de fora para dentro; e outra – não distante dessa – que constitui, segundo os românticos, o espírito de um povo, cujas *linhas cosidas* reforçam a *auteridade*, na junção de suas diferentes manifestações.

Cada componente nos permite refletir sobre as propriedades que estão relacionadas à natureza humana, mas as manifestações gravadas no espírito de um povo mostram algumas distinções entre os diferentes povos incluindo as suas tradições e folclores que demarcam e consolidam diferentes territórios geográficos. Por isso, cada sujeito que pertence a uma comunidade específica recebe uma determinada herança cultural (seja de seus ancestrais ou da coletividade que o circunda) e caminha, por assim dizer, para reproduzir cada um dos fatos

recebidos que estarão de acordo com os critérios auferidos e que, possivelmente, foram envolvidos em uma *linhagem* narrativa que é própria dessa comunidade (ou está vinculada a ela de acordo com sua história), bem como pode ter recebido de outras culturas e outras civilizações com características precedentes.

A cultura que provem de “fora” pode ser entendida a partir de uma perspectiva de “lugar”, e a cultura que aflora de “dentro” pode ser entendida a partir dos acordos circunspectos à condição humana. Todavia, essa cultura que provém de fora permite auferir uma parte considerável dos fatores que pertencem a uma comunidade, ou melhor, o lugar em que se vive e se pode trocar experiências de vida, e que são capazes de dar significado à cultura que aflora por dentro. No entanto, as interpretações dessa totalidade dependem diretamente da reciprocidade histórico-social que se soma – impreterivelmente – às adjacências específicas que caracterizam cada comunidade de acordo com as diferentes classes sociais.

A importância de dividir metaforicamente o “fora” e o “dentro” reside no fato de que podemos concordar que “entre indivíduo e sociedade, existe uma diferença essencial”. (HORKHEIMER, 1989b, p. 39), ou seja, é importante que a essência do indivíduo e da sociedade, separados um do outro, possam ser analisadas de modo independente, com o intuito de se tecer uma interpretação adequada a qualquer análise teórica que visa conferir seriedade, e, por isso, não deve fundir um ao outro com o intuito apenas de apresentar uma resposta.

A categoria etimológica de indivíduo pode ser compreendida de acordo com as reações e circunstâncias particulares que mostram que cada um possui características próprias e isso faz com que uma pessoa possa se distinguir das demais pessoas ao seu redor. Mas há um conjunto de características que podem aproximar as pessoas e isso perfaz os múltiplos acordos entre elas que contribuem para sua união a partir do modo como os sujeitos se percebem, incluindo nisso os humores e as diferentes maneiras de reagir socialmente em cada ocasião.

Isso corresponde, em grande medida, a somatória de pensamentos e sentimentos que deliberam ações humanas, e cada ação, enquanto ação individual, embora venha ser somada ao coletivo, pode ser analisada em sua individualidade, razão pela qual se torna compreensível a reflexão que confirma que: “O pensamento organizador concernente a cada indivíduo pertence às reações sociais que tendem a se ajustar às necessidades de modo o mais adequado possível” (HORKHEIMER, 1989b, p. 39).

Esse complexo interstício permite-nos manifestar essa interpretação sobre a cultura, o que inclui a possibilidade das trocas entre valores e crenças, não como um *mercado de negociação*, mas como uma expectativa descontínua de um sujeito que possui a condição de se perceber como sujeito, por meio das particularidades que se produziu em sua individualidade e que resistiu à força do tempo (que tudo devora), ou seja, que trata tão-somente daquela memória que funciona como uma categoria descritiva e que é capaz de se revelar na força de sua própria condição de vida social. A *autonomia* desse sujeito, que recebeu o melhor que uma educação pode oferecer, a saber, os elementos que conferem a força para repensar sua própria cultura, é, em grande medida, a ferramenta ideal que lhe permite separar o real do abstrato; o animado (*anima*) do artifício; a luz do *sol* da luz de um *projektor*<sup>119</sup>.

Contudo, nessa analisada condição de vida social hodierna, vê-se multiplicar sistematicamente as características centrais que pertencem ao “território” no qual estão *assentados* todos os espólios (familiares ou coletivos) que correspondem ao conjunto de atividades e comportamentos concomitantes, ou seja, que carregam as características – discerníveis – de cada cultura e em cada cultura. Nisso inclui tanto os objetos concretos quanto os representativos que se tornam emblemáticos e que se alternam historicamente na vida das comunidades, porém, que hoje se rende às forças da *indústria cultural* para manter o entretenimento de cada fim de semana. Nesse ínterim, flutuam as ideias entre a vida do trabalho e o resto que compõe o conjunto das trocas sociais produzidas por esse mesmo universo de trabalho, produção e consumo, e, justamente por isso, percebe-se o seu procedimento perverso de demarcação repetitiva que constitui essa *práxis social geral*.

O mesmo mundo que, para o indivíduo, é algo em si existente e que tem que captar e tomar em consideração é, por outro lado, na figura que existe e se mantém, produto da *práxis social geral*. O que percebemos no nosso meio ambiente, as cidades, povoados, campos e bosques trazem em si a marca do trabalho. *Os homens não são apenas um resultado da história em sua indumentária e apresentação, em sua figura e seu modo de sentir, mas também a maneira como veem e ouvem é inseparável do processo de vida social tal como este se desenvolveu através dos séculos.* (HORKHEIMER, 1989b, p. 39). (Grifo nosso).

---

<sup>119</sup> Fica claro que essa educação não se manifesta contra o cinema, mas contra o cinema que só se serve dos elementos que faz de um filme um *Plus* a mais para a *indústria cultural*, ou melhor, que possui a incumbência de manter a lógica da doutrinação para a alienação de um povo e para a manutenção de uma *ideologia dominante*.

Se a tendência da cultura capitalista pós-moderna é a de tentar homogeneizar o modo do homem ouvir, ver, sentir e pensar, e assim poder, nesse processo, buscar um território global que não seja mais culturalmente específico, é preciso então pensar que essas novas estratégias do capitalismo trazem embutidos em seus significados (adequados a essa pós-modernidade) uma desorientação humana capaz de adaptar os homens aos diferentes estágios que mesclam um expediente de trabalho duradouro e instável por um lado e, do outro uma vida cultural fixa e estável em seu planejamento estético. Não há como compreender uma narrativa plural e *rizomática* (extraindo aqui o conceito de *rizoma* em Deleuze), se um governo só consegue oferecer *doutrinação* a suas crianças e *semiformação* a sua juventude.

Em razão desse acontecimento, é possível entender que se torna mais fácil às novas necessidades humanas se enquadrarem a uma determinada aceitação que está sendo herdada por determinar, de modo forçado, os novos conceitos culturais e sociais. Esses conceitos estão sendo forjados por um grupo de indivíduos que se mantém caracterizados e unidos pelas próprias mudanças que o capital impõe. São, por assim dizer, os novos burgueses que surgem. Além disso, percebe-se que essas mudanças que se mantém intrínsecas ao processo de globalização proposto por essa pós-modernidade líquida – de acordo com Bauman – se tornaram suficientes para impelir determinadas percepções culturais que caracterizam não apenas a volatilidade do trabalho humano, mas também novas características sensíveis. Se torna muito difícil concentrar uma perspectiva de pensamento, de reflexão cultural, de reposicionamento do corpo, de reestruturação política, se o que se oferece pela educação “transborda” por todos os lados a esmo acompanhando a fluidez incontrolável dessa modernidade.

É possível preservar as culturas de nossos ancestrais de modo puro e, na medida do possível, análogo às principais características de convivência e transformação que são naturais para determinado povo, sem se deixar levar por uma invasão *transcultural* nefasta que não apresenta qualquer reciprocidade? Se o que se pode notar hoje é o fortalecimento da ideia de um modernismo propagado pelo capitalismo tardio com uma fragmentação forçada do ser e sua consciência, e, por isso, com a *lenta* destruição a cultura vigente e da liberdade de expressão cultural de um povo, então talvez seja a formação dessa concepção de modernidade<sup>120</sup> e dos aspectos oriundos da

---

<sup>120</sup> Em WILLIAMS (2011, p. 2) podemos perceber um rico questionamento histórico acerca dessa concepção de modernidade. “Moderno” diz o autor: “surge como um quase sinônimo de ‘agora’ no fim do século XVI, sempre usado na época para marcar o período posterior ao medieval e à Antiguidade. Jane Austen estava usando o termo com uma

educação do povo que devem ser revistos, de um certo modo, para que não haja mais qualquer repressão cultural-fundamentalista ausente de questionamento e para que não seja minada as bases culturais da resistência, nesse caso, *antiburguesa*.

Não por acaso se torna tão atual o pensamento de Horkheimer quando diz que “A existência da sociedade se baseou sempre na oposição direta, ou é o resultado de forças contrárias; de qualquer modo não é o resultado de uma espontaneidade consciente de indivíduos livres” (HORKHEIMER, 1989b, p. 39) e por isso, não havendo mais condições propícias à espontaneidade humana, justamente por se verem esmagadas as espontaneidades subversivas, bem como, não havendo reciprocidade nas trocas culturais, então o planejamento de uma humanidade capaz de pensar sua própria liberdade, e por isso, não acumular mais condições artificiais de outras culturas, está, de um certo modo, fadado ao fracasso se não se pensa em novas e ricas opções pedagógicas de vida cultural que libertem as mentes humanas, inclusive das concepções *neocolonialistas*, pois: “Sob o jugo de um todo repressivo, a liberdade pode ser transformada em poderoso instrumento de dominação. O alcance da escolha aberta ao indivíduo não é o fator decisivo para a determinação do grau de liberdade humana, mas o que pode ser escolhido e o que é escolhido pelo indivíduo”. (MARCUSE, 1973, p. 28), ou seja, só há liberdade se não há repressão, e a repressão moderna costuma estar disfarçada em uma linguagem ideológica de domínio *neocolonial*. Logo, é preciso pensar em que medida as licenciaturas pode barrar esse trágico processo.

Pensando em uma comunidade que vive em meio a um conjunto composto de indivíduos, o ideal parece ser a formação desse coletivo (comunidade) que deve se esforçar por manter viva a esperança de que a troca de toda e qualquer concepção de cultura deve ser repensada e ponderada, mesmo considerando aquelas dependências culturais mais prementes que historicamente não participam e não satisfazem a própria constituição histórica de uma comunidade, um fato que remete à questão – difícil – que fora levantada por Herbert Marcuse quando analisou a condição entre opressão/liberdade: “como podem as pessoas que tenham sido

---

inflexão característica, definindo-o, em *Persuasão*, como ‘um estado de alteração, talvez de melhoria’. Contudo, seus contemporâneos do século XVIII usaram ‘modernizar’, ‘modernismo’ e ‘modernista’ sem essa ironia, indicando renovação e melhoria. No século XIX, o termo começou a tender para um lado mais favorável e progressivo. [...] Rapidamente, contudo, ‘moderno’ muda a sua referência de ‘agora’ para ‘agora mesmo’ ou ainda ‘nesse instante’ e já há algum tempo tem sido uma designação sempre caminhando para o passado, ao qual a ‘contemporaneidade’ pode ser contrastada por seu presenteísmo”. Além disso, para Raymond Williams, o “moderno”, sobretudo o “pós-moderno” foram termos cunhados que arrastaram os acordos afeitos para a supremacia da ideologia dominante, *avant-garde*.

objeto de dominação eficaz e produtiva criar elas próprias as condições de liberdade? ” (MARCUSE, 1973, p. 27).

Essas dependências culturais que mantêm alguns entrelaçamentos fictícios entre os diferentes elementos oriundos dos processos produtivos, de cujo engodo capitalista se tornam manifestos na passividade humana ao aceitar determinadas indicações culturais que são mais afeitas ao modo de vida também capitalista (que estão baseados tão somente no consumo e na exploração), se tornam o grande perigo para a educação e formação dessa comunidade. O processo de produção *neocolonial* de uma cultura, que tem por característica não apenas a invasão ideológica, mas também a mudança do costume das pessoas que aceitam a nova ideologia, se assemelha ao comportamento que tem se tornado comum nas pessoas que começam a fazer uso umas das outras de um modo tão natural como se usa um objeto qualquer.

Se o caráter passivo e inerte dessas novas relações humanas revela uma determinada subordinação das consciências que se pensavam livres, mas se mostraram passivas a um processo cultural forjado, a *teoria crítica* em conjunto com uma nova concepção de ciência, filosofia, arte e todo conjunto propugnado por uma educação libertadora, pode atuar de maneira mais significativa e permanente para neutralizar esses processos, uma vez que essa união pode oferecer coragem e pujança para a realização das novas ligações entre as condições de existência e as relações históricas de um povo. Sem contar que ainda se deve incluir a capacidade do lado ativo de criação que pode ser ativado ou reconstruído dentro da própria cultura que fora pensada e herdada por um povo emancipado em sua própria ancestralidade. Porém, para que isso se torne uma realidade, é necessário levar em consideração que:

Os fatos que os sentidos nos fornecem são pré-formados de modo duplo: pelo caráter histórico do objeto percebido e pelo caráter histórico do órgão perceptivo. Nem um nem outro são meramente naturais, mas enformados pela atividade humana, sendo que o indivíduo se auto percebe, no momento da percepção, como perceptivo e passivo. A oposição entre passividade e atividade que na gnosiologia surge como dualismo da sensibilidade e entendimento não é válida para a sociedade na mesma medida em que é válida para o indivíduo. (HORKHEIMER, 1989b, p. 39).

E aqui devemos pensar os novos significados que fizeram com que os processos de mudança histórico social na vida da sociedade deixassem marcas profundas que, especificamente hoje, se tornam difíceis de serem revertidas. Isso significa lembrar que boa parte do processo de construção da atividade humana, prefigurada pela formação do exercício (seja do labor ou da



atividade física); da prática circunscrita no cotidiano comum e da percepção ativada que molda não apenas o pensar, mas se inscreve no corpo e oferece sempre os novos significados para a criação dessas atividades que antecipam de outras condições relacionadas ao *corpo* e a *cultura*, algo que a educação física não pode mais esquecer. Um bom exemplo é o fato – metaforizado – da afirmação de que: “as ferramentas são prolongamentos dos órgãos humanos” (HORKHEIMER, 1989b, p. 40), todavia, não deixa de ser verdade que o fluxo de uma sucessão de atividades humanas em série, tornou-se plenamente adequada para se dizer que “os órgãos são também prolongamentos das ferramentas” (HORKHEIMER, 1989b, p. 40).

Logo, o sentido que encontramos para defender que após a Revolução Industrial as forças de trabalho não permaneceriam destacadas do conjunto composto na própria construção da atividade humana no decorrer da história; e nisso se incluíam o fato de que as ferramentas de trabalho (de maneira recíproca) se tornariam instrumentos agregados ao conjunto de fatores humanos, e que esse conjunto se aglomeraria e se incorporaria aos indivíduos por meio da exigência acirrada de formação do trabalho, nos faz defender que é urgente pensar na continuidade da crítica para retomar um processo cultural que porventura tenha sido construído para a otimização dessa formação humana sem que se pudesse perceber sua própria ruína, uma vez que:

A distância entre natureza humana e práxis social vem se tornando indiscernível na medida em que o processo de *reificação* humana vem se tornando quase inevitável, e nessa somatória de novas perspectivas humanas (quase inevitáveis) não é somente o fator humano que submerge, mas também os recônditos mais sagrados da natureza que, infelizmente, não podem se livrar das intenções mais perversas do processo capitalista, de modo que: “Mesmo quando se trata da experiência com objetos naturais como tal, sua naturalidade é determinada pelo contraste com o mundo social, e nessa medida dele depende.” (HORKHEIMER, 1989b, p. 40).

Por essa razão, apreende-se a dificuldade em se pensar uma economia social que seja ao mesmo tempo ideal e sustentável. Se a questão do fundamento econômico se alimenta da visão de mercado e da manutenção do *consumismo irrefreável*, de acordo com o que ambos apresentam em seus movimentos históricos, é impossível não notar que falar em sustentabilidade e em uma sociedade igualitária hoje, é ser avaliado como um *sujeito que vive de utopias*, o que em outras palavras significa refletir de acordo com um visionário otimista que, apesar de seus esforços, percebe seus sonhos naufragarem no imenso oceano alimentado pelo egoísmo humano.

Esse egoísmo é, por sua vez, fruto de uma concepção moderna que, longe da necessidade da constituição da coletividade propícias ao desenvolvimento da sociedade como um todo, faz o homem se sentir muito confortável em seu processo de isolamento. Essa nova manifestação humana, fácil de se perceber em uma atmosfera urbana, por exemplo, é fruto de uma racionalidade que traz à tona um desmembramento do sujeito no qual *não se tem que prestar contas a ninguém*, uma vez que:

O aparecimento da razão criou uma dicotomia dentro do homem que o força a anelar incessantemente por novas soluções. O dinamismo de sua história é intrínseco à existência da razão que o faz desenvolver e, por meio dela, a criar um mundo seu em que se possa sentir à vontade consigo mesmo e com seus semelhantes. [...] Ele tem de prestar contas de si a si mesmo, bem como do significado de sua existência. Ele é impelido a sobrepujar essa cisão interior, atormentado por um anseio pelo ‘absoluto’, por outra espécie de harmonia que possa afastar a maldição que o separou da Natureza, de seus semelhantes, e de si mesmo. (FROM, 1964, p. 45).

Mesmo que sob uma orientação de construção das relações diretamente sociais que sugere a formação de vínculos de coletividade e a formação de grupos engajados na participação coletiva que propicia o exercício da convivência, sobretudo a que é construída a partir da vida escolar<sup>121</sup>; se pode perceber que há um fortalecimento do individualismo que é alimentado, em grande parte, pelos novos aportes da tecnologia e da distinção socioeconômica. Nesse processo de isolamento do sujeito é possível perceber a persistente orientação egocêntrica que confere ao homem a nulidade da condição de partilha social no contexto de sua vida moderna, a saber, um contexto que além de fomentar seu caráter “personalista”, o abstém da necessidade de sua própria autocrítica<sup>122</sup>.

Cabe então ao esforço da *formação escolar* que poderá levar esse sujeito a uma nova reflexão sobre o mundo pelo qual se edificou pela própria ação humana, incluindo escolhas e prioridades, considerando aqui as possíveis relações estruturais dentro e fora da sociedade

---

<sup>121</sup> Ou seja, da vida escolar que prima pelo *coletivo* e não pelo *corporativo*; da vida escolar que busca reforçar alianças de *convivência* em *alteridade* e *cooperação* e não de *egocentrismo* e *competição*.

<sup>122</sup> E podemos concordar que: “Se antes a individualidade podia valer-se da base econômica, hoje o sujeito individual torna-se um eu escolhido, [...] O sujeito debilitado de hoje não é resultado das conquistas técnicas, que não podem ser impedidas visto que tornam mais fácil a adaptação do homem ao seu entorno, mas decorre da estrutura atual do ‘espírito objetivo’ que predomina na organização social dos homens. Se a economia serve mais ao lucro do que ao homem, é porque ela é fruto de uma racionalidade desgarrada dos valores éticos e dos valores inerentes a ela [...]” (SILVA, 2001, p. 63).

econômica, mas que, no entanto, percebe-se que isso depende demasiadamente da reconstrução positiva do processo cultural que seja capaz de reverter a situação.

Isso significa também dizer que hoje, depender da formação da cultura, em certo sentido, é também depender da educação propugnada pelas licenciaturas. Além disso, alguns episódios atualizados pela tecnologia, considerando aqui os últimos 15 ou 20 anos, se, por um lado, contribuíram para a melhoria desse processo de educação, por outro, não deixaram de “jogar contra” si mesmo. No que concerne uma nova categoria que contribui para ampliar o processo de individualismo do sujeito<sup>123</sup>, se pode dizer que a escola pode contribuir para o descontrole dessa acedência tecnológica. Se uma escola permite que seus alunos se comuniquem entre a tela (um outro *ente* que é fictício) e um Eu (um *ente* que simplesmente perdeu sua autenticidade), essa mesma escola contribui para alimentar o processo de individualismo e dependência, de maneira direta e talvez irreversível na vida desse mesmo aluno.

A cultura deve, por isso, estar aberta a concepções humanas no melhor modo que a constituição dos *afetos* podem propiciar, seja pela educação ou pela constituição de uma vida ativa e comunitária. O problema então, não é apenas a perda de um processo cultural, mas também o início de uma nova tendência comunicativa e expressiva que se mostra arbitrária por ser imperativa na vida das crianças e dos jovens, pois esses modelos tendem a promover uma adesão forçada dos sujeitos. Se o elemento chave que conectava as pessoas era – em se tratando dos antigos – justamente a coletividade do eu com o outro<sup>124</sup>, fruto de uma criação simbólica direta que projetava um modelo de relação humana mais próxima e mais presente no próprio cotidiano comum, então, de acordo com as novas tendências cibernéticas (e suas conexões), é preciso perguntar o que poderá unir de verdade as pessoas, se essa união se faz nas *distopias* de uma “rede” de contato e não a partir das relações presentes? Como pensava Zigmunt Bauman.

No mundo volátil da modernidade líquida, no qual é difícil uma forma manter sua estrutura pelo tempo necessário para garantir a confiança e se coagular numa

---

<sup>123</sup> Poderíamos citar eventos atuais que lançam o sujeito em um universo – proporcionado pela atual tecnologia – sugestivo e concentrado em elementos propícios à formação de determinados transtornos caudados pela dependência da tecnologia e não apenas a questão do individualismo. Porém foge ao nosso propósito e, por isso, torna aqui dispensável e até um pouco repetitivo falar da opressão que essa imperativa estrutura causa na vida dos homens em sociedade. Para melhores informações científicas, ver (ABREU, et. al. 2008).

<sup>124</sup> E essa é uma diferença central para Zigmunt Bauman, que repensou a diferença entre modernidade e pós-modernidade, realocando seus conceitos em *modernidade sólida* e *modernidade líquida*. A *modernidade sólida* é aquela antiga modernidade durável, seu tempo é prolongado e, portanto, as relações entre os sujeitos são amadurecidas pela duração do tempo e da presença. Na *modernidade líquida* essas relações e as relações entre o sujeito e as coisas são aceleradas, e por isso, *perenes*. Ver *Capítulo X* em (BAUMAN, 1998); e Capítulos II e IV (BAUMAN, 2004).

credibilidade de longo prazo (não há como saber se e quando o fará, e, de todo modo, é pouco provável que o faça), andar é melhor que ficar sentado, correr é melhor que andar, e surfar é ainda melhor que correr [...]. Isso é contrário a tudo que a aprendizagem e a educação representaram na maior parte de sua história. Afinal, elas foram criadas na medida de um mundo durável, que esperava permanecer assim e pretendia ser ainda mais durável do que havia sido até então. Num mundo desses, a memória era uma riqueza; quanto mais para trás ela conseguisse ir e quanto mais durasse, maior era o seu valor. Hoje, uma memória tão solidamente ancorada parece ser potencialmente incapacitante, em muitos casos, desorientadora, outros tantos, quase sempre inútil. (BAUMAN, 2010, p. 45-6).

A união entre as pessoas, ou ainda, o encontro delas, remonta aos primeiros tempos das relações humanas. Para se unir um com o outro, seja para proceder um simples “diálogo” ou mesmo para iniciar uma “guerra”, era necessário a presença de um eu com o outro, algo que J.-J. Rousseau percebeu como *hipótese* da união entre diferentes pessoas, quando supôs que os homens aprenderam a se encontrar “diante das cabanas” ou “em torno de uma grande árvore” (ROUSSEAU, 1973b, p. 269) e talvez desse encontro tenha nascido um processo que conhecemos hoje como relações humanas. Após séculos, essa mediação do espaço das cabanas foi permutada pela condição da sobrevivência no ciberespaço, ou seja, para lá que se canalizaram boa parte desses novos modos de relações humanas.

Resta perguntar: que tipo de aspecto social fez com que os indivíduos humanos, incluindo famílias ou comunidades, se tornassem coesos por um lado, porém totalmente desintegrados – de modo espacial – por outro<sup>125</sup>? A crítica, de um modo geral, procurou entender as “entrelinhas” dessas mudanças, e, no entanto, restava perguntar se o princípio de constituição humana poderia direcionar as principais mudanças nos novos atributos humanos? Se é verdade que as principais advertências – em decorrência dos acontecimentos históricos – poderiam revelar os caminhos que os homens tomaram no destino da própria sociedade, então a filosofia poderia dar

---

<sup>125</sup> Cabendo lembrar aqui que esse novo modelo de vida que se encaixa nas *distopias* também promove o desmembramento da vida familiar, no qual se pode perceber a dissolução das relações diretas que, antigamente, eram marcadas pela presença (um almoço à mesa, um passeio no parque, ...). Tais características são passadas de pai para filho, e não se sabe ainda em que medida isso pode ser resolvido a curto prazo, pois vai tomando conta do cotidiano moderno, moldando a percepção e o caráter das pessoas, enfim, vai satisfazendo as escolhas. “O caráter não tem apenas a função de permitir ao indivíduo agir coerente e ‘razoavelmente’; é, também, sua base de ajustamento à sociedade. O caráter da criança é modelado pelo de seus pais, pois se desenvolve como réplica deste. Os pais e seus métodos de educação dos filhos são determinados, por sua vez pela estrutura social da cultura deles” (FROM, 1964, p. 61).

os indícios de que o ponto de apoio que sustenta a constituição humana conduziu os homens a um equívoco na própria experiência que demonstrou o seu desenvolvimento.

Parece ter restado para a filosofia apenas uma página do modelo de progresso da humanidade que deveria ser discutido, de modo que a ciência ficou com a maior parcela da atuação que engendrou sucessivas mudanças. Isso foi alimentado pela credibilidade que as pessoas davam a essa *reforçada* estrutura chamada ciência e, talvez por isso, a filosofia não conseguiu acompanhar de maneira crítica o avanço dessa mudança, razão pela qual, após o século XVIII, “a filosofia se viu obrigada a criticar a si mesma sem piedade” (ADORNO, 2009, p. 11).

Não por menos, a força do criticismo que deveria dar um novo estatuto à ciência no circuito de pensamentos que encontravam, desde Immanuel Kant, a renovação da própria filosofia e toda “metafísica futura”, se tornara escolarizada, quando não um tanto ridicularizada, pela própria ciência. Pois esse estatuto encontrou nas mãos dos positivistas mais intencionados a defesa de que, pelo progresso, pode-se assumir o próprio momento de se compreender a história. Com isso foi possível ao filósofo compreender, de um modo intragável, que “nenhuma teoria escapa mais ao mercado: cada uma é oferecida como possível dentre as opiniões concorrentes, tudo pode ser escolhido, tudo é absorvido” (ADORNO, 2009, p. 12).

Se é verdade que “o arquiteto introvertido do pensamento mora por detrás da lua confiscada pelos arquitetos extrovertidos” (ADORNO, 2009, p. 11); logo, é urgente e necessário compreender as razões que levam ao distanciamento da filosofia com a ciência, uma vez que toda candura do filósofo se desdobra em dividendos de uma economia dilatada por uma corrida científica (enérgica) que perde o seu próprio sentido e se torna autorregulada em face de um real concreto progressista e desproporcional porque comprometido tão somente com a geração de poder. Tudo se desfaz na turbulência dessa história, seja da filosofia embargada pela ciência ou da ciência restaurada pela filosofia.

A principal questão seria então compreender o valor que o sujeito concede a um objeto (*fetice*) na formação de seus possíveis conceitos. Para tanto se tornaria necessário tentar retirar dos objetos a condição de possibilidade heterogênea impressa na linguagem e instaurar uma nova lógica que não se fizesse refém do capital. Isso significa dizer que o caráter supérfluo, enganoso ou efêmero maquinado no conceito em relação ao objeto se desfaz, pois o problema não é pensar o conceito se dissolvendo em possibilidades fenomênicas, mas refletir que, se tudo é possível no mercado do conceito que relativiza a condição de verdade, então tudo poderá fluir em direção a sua

própria *adequatio*, e nada mais pode ser posto no absoluto conforme propugnava a dialética hegeliana, ou melhor, “seu nome [essa dialética] não diz inicialmente senão que os objetos não se dissolvem em seus conceitos, que esses conceitos entram por fim em contradição com a norma tradicional da *adequatio*” (ADORNO, 2009, p. 11).

Se é o pensamento que estabelece as conexões entre os objetos e seus conceitos, qual a razão das relações entre sujeito e objeto não se efetivarem em prol da construção do conceito real? Seria por pura ingenuidade humana perceber que às vezes essas relações se dão de modo forçado, apressado ou contumaz? Não podemos afirmar essa hipótese, no entanto, apressar disso, a análise da constituição dos conceitos pode causar sérios prejuízos para o futuro da ciência, pois se boa parte da adequação conceitual cai na *pobreza* da adaptação a um “mundo” que foi dissolvido pela ideia de sua “administração”, isso termina por refletir sua própria opacidade, pois essa opacidade é o próprio alimento de uma espécie de “monotonia abstrata”, como aponta Adorno (2009, p. 14), ao dizer que:

O empobrecimento da experiência provocado pela dialética, empobrecimento que escandaliza as opiniões razoáveis e sensatas, revela-se no mundo administrado como adequado à sua monotonia abstrata. O que há de doloroso na dialética é a dor em relação a esse mundo, elevada ao âmbito do conceito.

Eis aqui o desafio de pensar a aparência como verdade e seu oposto. O problema é que a falência dos pressupostos da lógica (ou a redução da lógica à contradição) impregnada no idealismo absoluto, não deixou muitas possibilidades de haver possíveis reconciliações para que possamos enfrentar hoje, com eficiência, a criação de uma saída para as aporias que surgem. Seria preciso uma outra “lógica”, uma vez que a lógica infiltrada e mais perversa<sup>126</sup>, que revelava aos poucos um hegemônico “curso do mundo” (sua direção e seus desígnios), deu ao capitalismo, via *mercado*, política e técnica uma vantagem de refazer os estatutos semânticos que validam qualquer tipo de reconciliação. Segundo FROM (1964, p. 27):

---

<sup>126</sup> Trata-se de lembrar que: “A lógica formal foi a grande escola de uniformização. Ela ofereceu aos iluministas o esquema da calculabilidade do mundo. A equiparação mitologizante das ideias aos números, nos últimos escritos de Platão, exprime a ânsia própria a qualquer desmitologização: o número se tornou o cânon do iluminismo. As mesmas equações dominam tanto a justiça burguesa quanto a troca de mercadorias. [...] A sociedade burguesa é dominada pelo equivalente. Ela torna comparáveis as coisas que não têm denominador comum, quando as reduz a grandezas abstratas. O que não se pode desvanecer em números, e, em última análise, numa unidade, reduz-se, para o iluminismo, a aparência e é desterrado, pelo positivismo moderno, para o domínio da poesia. De Parmênides a Russell, a senha é a unidade. Insiste-se na destruição dos deuses e das qualidades. (HORKHEIMER, 1989, p. 6).

A sociedade moderna, a despeito de toda a ênfase que atribui à felicidade, à individualidade e ao interesse de cada um ensinou ao homem que não é a sua felicidade (ou, para empregarmos um termo teológico, sua salvação) a meta da vida, mas sim a satisfação de seu dever de trabalhar, ou o seu sucesso. Dinheiro, prestígio e poder transformaram-se em seus incentivos e fins. Ele age na ilusão de que suas ações beneficiam seu interesse próprio, embora na verdade ele atenda a tudo mais, exceto aos interesses de seu eu real. Tudo é importante para ele, salvo sua vida e a arte de viver; ele é a favor de tudo, exceto de si mesmo.

Enquanto isso, Adorno e Horkheimer viam a filosofia se espalhar inconsequentemente sem reconstituir-se a si mesma nem reconstituir um acordo com esse mundo modificado pela economia. De acordo com as teses de Adorno, não houve sequer uma contra-hegemonia na filosofia que se mostrasse suficientemente forte para barrar esse "curso do mundo". Por isso "a forma idealista" que a filosofia dispunha para o debate se degradou em patrimônio cultural, ou seja, depois do século XX, a filosofia não encontrou sequer a capacidade de ultrapassar seus próprios espólios de séculos a fio. Restou a ela apresentar seus portfólios e alguns *papers*. Com essa atitude, a filosofia (e em parte a própria ciência) perdeu a capacidade, por assim dizer, de andar "com as próprias pernas" e de definir seu posicionamento ao perquirir o objeto do conhecimento, sobretudo por ver prevalecer um novo modelo de historicidade filosófica que foi estabelecido pela via do *positivismo*.

A *indústria cultural*, decifrada pelos filósofos da *Escola de Frankfurt*, mostrou a possibilidade de compreender que o conceito de cultura, que nos anos 60 ganhava seus contornos, já estava em processo de transformação. No momento em que o cinema, a televisão, o rádio e as vias de entretenimento ainda estavam germinando, percebeu-se a força que esses canais difusores da comunicação tinham e, com isso, assistiu-se à ampliação da busca pelos elementos simbólicos que seriam perfeitamente apropriados para ampliar as redes de "administração" da vida humana, embora se possa concordar que "Fora das telas, o mundo é uma sombra indigna de confiança. Antes da televisão, antes do cinema, já era assim" (GALEANO, 2002, p. 80).

De acordo com cada acontecimento produzido a partir dessas novas vertentes expansivas da cultura, contabilizou-se o aumento da quantidade de canais concedidos e fortemente administrados pelo poder difusor da comunicação. As combinações propiciadas a partir da nova expansão (vertiginosa) da capacidade de domínio da vida humana que foi aos poucos sendo conferida em meio a essa transformação da cultura, mostrava repetidas vezes que a vida em sociedade não poderia mais ser a mesma, e isso não foi propriamente criticado pela filosofia no

momento em que se tornou adequado fazer<sup>127</sup>, ou seja, quando suas “portas” (*oportunos*) já estavam abertas e suas primeiras estratégias já se faziam sentir na própria sociedade.

Theodor Adorno fez uma aproximação profícua entre os conceitos de *indústria cultural* e *mundo administrado*. Precisamente por ser *administrado*, esse “mundo” é, por assim dizer, o arcabouço que sustenta a *indústria cultural*, ou melhor, sem ele [*o mundo administrado*] a *indústria cultural* não poderia encontrar êxito, pois pressupõe-se a conversão de uma espécie de espaço do controle e de dominação dos prazeres; gostos; juízos; ideias; ideais de consumo; desejos; enfim, da própria consciência dos indivíduos enquanto pertencentes à mesma *massa*.

Ora, se “a *indústria cultural* tem a tendência de se transformar num conjunto de proposições protocolares e, por isso mesmo, no profeta irrefutável da ordem existente” (HORKHEIMER, ADORNO, 1985, p. 122), por conseguinte, a possibilidade de haver um “engessamento” desse espaço administrado, somado à concretude de sua existência na massa (de acordo com a perda da consciência crítica), fez fortalecer todos os “ingredientes” necessários para concretizar as ideologias neoliberais que essa mesma *indústria cultural* projetara.

Talvez aqui se pode conjecturar que essa evidência tendenciosa da *indústria cultural* permaneceu na vida de seu público cativo e se esparramou por outras vias, inclusive a via acadêmica. Isso significa dizer que essas *proposições protocolares* foram reforçadas a partir de novas estruturas que se mantiveram dispostas a partir da presença de uma espécie de “quantitativo” epistemológico possível de ser percebido em pesquisas que brotavam nos solos adjacentes às cátedras, e parece que essas produções atingiram diferentes cursos, entre eles, a educação física.

### 5.3. A CONSCIÊNCIA CRÍTICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA.

É preciso lembrar que a ciência pode ser desenvolvida (considerando as distintas e específicas áreas do conhecimento) de maneira autônoma e aberta. Salvo as exceções, pode-se notar que há áreas da ciência que em vez de buscar pela abertura dessa referida autonomia, mostram-se cada vez mais dependentes das diferentes composições ligadas ao capitalismo; ao

---

<sup>127</sup> Por isso, ficou ao encargo da *Escola de Frankfurt*, na figura de seus primeiros pensadores, fazer essa crítica.



misticismo; ao mercado<sup>128</sup>; as tendências imigrantes, ou, o que é pior, a todo esse conjunto agregado.

Ora, o que tende a caracterizar uma boa pesquisa (ou o seu caráter premente, portanto inadiável) é não somente o fato de que ela pode resolver um problema (sobretudo se a pergunta for relevante), mas também o fato de buscar compreender e, se possível, dar respostas às demandas (humanas, ecológicas, sociais, políticas, etc.) ainda não resolvidas. Pode-se dizer que esses fatores precisam ser analisados com mais critério pois há muita discussão sobre as vantagens e desvantagens dos financiamentos de pesquisa no mundo<sup>129</sup>, talvez um possível levantamento estatístico sobre tal questão possa oferecer mais transparência para esse problema.

O enfraquecimento da autonomia dos sujeitos e o controle – inclusive – dos seus deslocamentos e desejos lançam os homens no redemoinho do condicionamento *espiritual* e cultural que só tem espaço no *mundo administrado* do qual se exerce múltiplas influências, principalmente porque:

“A indústria cultural, como parte integrante e inseparável das modernas sociedades, torna os indivíduos cada vez mais incapazes de desenvolver uma forma autônoma de pensamento, fazendo-os depender, sistematicamente, do desenvolvimento de processos sociais gerados em outras esferas, em relação aos quais não têm condições de exercer nenhuma influência” (PALANCA, 2001, p. 51).

Sobre essa forma autônoma de pensamento paira uma questão espinhosa para a ciência hoje. Esse debate tem crescido em importância no Brasil, pois foi possível notar com veemência que algumas pesquisas feitas no país não atendem diretamente os interesses públicos, mas sim os interesses privados, o que indica uma possível ausência de autonomia por parte daquele que propõe o objeto de pesquisa. Ora, já foi dito que “O interesse que cega a uns dá luz a outros” (aforismo

---

<sup>128</sup> No caso da educação física, um bom exemplo é o *espírito fitness* do momento. Algo que se renova (geralmente) de fora para dentro, ou seja, seguindo as tendências do que se estabelece fora do país.

<sup>129</sup> Sugerimos a leitura de (MARQUES, 2016), pois o autor aponta como os diversos tipos de impactos no financiamento de pesquisas sugerem que as controvérsias sobre financiamento de pesquisa necessitam de melhores dados, pois o problema “demanda classificações bem mais complexas do que as duas categorias, pesquisa básica e pesquisa aplicada, têm a oferecer” (MARQUES, 2016). O autor ainda aponta como e quando nasceu as controvérsias sobre financiamento da pesquisa, sobretudo dos *financiamentos públicos* que Ronald Reagan em 1967 chegou a questionar sua necessidade, concluindo que para “resolver problemas orçamentários”, seria preciso cessar o *financiamento de pesquisa* que alimentava apenas a “curiosidade intelectual”. Em tempos de crise financeira, não é difícil imaginar que as demandas por pesquisas que não agregam retornos imediatos no pós-pesquisa, terão mais chances de serem classificadas apenas como mera “curiosidade”, sobretudo quando o que é *utilitário* e imediato se sobrepõe.

40). (LA ROCHEFOUCAULD, 2014, p. 16), então, é de se perguntar se os próprios critérios de seleção hoje (incluindo aqueles que tratam diretamente do financiamento das pesquisas) acercam-se da importância de ceder autonomia ao pesquisador (mesmo que indagado de sua utilidade ou inutilidade), ou se visa às finalidades econômicas diretas do retorno *empreendedor*. Talvez por isso os pesquisadores de boa parte das universidades e faculdades no Brasil (levando em consideração as áreas distintas) percebem-se explorados por algum setor produtivo, não conseguindo alcançar – na profissão projetada de modo estrutural – o valor da autenticidade oriunda das indagações e suas urgências.

Nessas horas, vale relembrar do último parágrafo de um importante *ensaio* de Immanuel Kant: *Que significa orientar-se no pensamento?* Nesse arremate o autor quer alertar sobre alguns perigos que vêm com o “tempo” e arrancam do homem “toda autoridade”, ou melhor, “determina”, por assim dizer, “a maneira de pensar” absolutamente e decididamente “livre” (*livre-pensamento*), e o tempo o faz de um modo peremptório. Daí a conclusão do autor:

Amigos do gênero humano e daquilo que lhe é mais sagrado! Admiti aquilo que depois de cuidadoso e honesto exame nos pareça mais digno de fé, quer se trate de fatos quer sejam princípios da razão. Somente não contesteis à razão aquilo que faz dela o supremo bem na terra, a saber, o privilégio de ser a definitiva pedra de toque da verdade. Caso contrário, indignos desta liberdade, certamente também a perdereis, e esta infelicidade arrasta além disso ainda os restantes membros inocentes da sociedade, que, se não fosse isso, estariam dispostos a se servirem legalmente de sua liberdade e a contribuir convenientemente para a melhoria do mundo”. (KANT, 2010a, 61-2).

Embora seja bastante complexo essa relação hodierna entre *mercado* e *academia*, isso pode ser verificado de diversos modos, a saber, na análise de um conjunto de trabalhos produzidos por docentes a partir de suas pesquisas de pós-graduação; ou no discurso que alguns professores propõem em suas aulas e debates; na maneira como os cientistas acatam ideias e tendências oriundas de outras culturas; ou seja, é possível encontrar diferentes maneiras para que possamos constatar a presença ou a ausência de autonomia acadêmica em alguma área do conhecimento. De acordo com uma produção docente é possível também compreender que os referenciais que norteiam uma parte das pesquisas tendem a variar em diversos sentidos, mas geralmente são atraídos para *áreas temáticas* mais pesquisadas.

Esses referenciais podem trazer alguns aspectos que são mais pessoais do pesquisador como podem também apresentar aspectos filosóficos que mantêm uma certa neutralidade dentro

de sua atuação sistêmica (ontológica e epistêmica) de interpretação, porém, e aí reside o lado perverso em boa parte desses trabalhos, podem revelar uma certa ameaça que torna as conclusões e pensamentos, presentes na pesquisa, meros quantitativos com pouca legitimidade e importância real para os resultados, o que termina por refletir (nas consequências indiretas, inclusive) conclusões que participam de outros contextos (às vezes de outros países e outras culturas) em prejuízo da realidade presente (e talvez premente, seja regional ou local).

Ora, se podemos concordar que, às vezes, não sobra muito espaço para caber todos os nossos desejos de transformação social, talvez pela mesma razão de que, no modelo capitalista “Não temos força suficiente para seguir toda a nossa razão” (aforismo 42). (LA ROCHEFOUCAULD, 2014, p. 16), então resta perguntar o que faz com que determinadas cátedras e suas pesquisas (às vezes distanciadas geograficamente) sejam mais prestigiadas (na aceitação dos resultados que orientam alguns cientistas hoje) do que outras que estão mais próximas? Pois talvez aí seja possível entender os motivos do valor creditado à algumas tendências em determinadas pesquisas. Por exemplo, os motivos de determinadas tendências no esporte (sobretudo as que são atinentes ao esporte de auto rendimento) se tornarem mais urgentes do que a necessidade de pesquisas que possam emergir do contexto social e regional próprio do pesquisador, incluindo as contradições concernentes à condição socioeconômica de boa parte da população vizinha (tanto do local quanto das proximidades da sua região geográfica), de modo que possa gerar alguma contribuição local direta.

Essa é uma pergunta que pode ser feita (hoje) aos pesquisadores da educação física, pois será que – nessa área do conhecimento – isso se constituiu de maneira natural ou foi produzido a partir da necessidade de eleger pesquisas de outros departamentos (de outros países) como ideal para fundamentar os avanços no esporte ou a melhoria da atividade física? Em que medida a pesquisa – seja em qualquer área do conhecimento – vem ganhando espaço e autonomia para a produção de um trabalho autêntico e de acordo com a realidade social do país em que o pesquisador trabalha? Como se apresenta o arranjo geral dessas pesquisas? Em que *direção* elas apontam hoje e o que esperar da militância nessa *área* do conhecimento<sup>130</sup>?

---

<sup>130</sup> Pensando nessa *direção*, podemos lembrar de um ensaio de Fichte: *destino do sábio*. Embora nesse texto o autor faça referência ao douto cientista, e, todavia, após alguns naufrágios da ciência no decorrer da história, podemos lembrar, nessas palavras, a força da militância (daquele pesquisador) que compõe o seu lugar nessa luta. Nessa “quarta lição” de sua obra (*Lições sobre a vocação do sábio*) se pode encontrar o alento para aqueles que ainda acreditam que a ciência – de hoje – pode se libertar das “amarras” do *mercado* e apostar na sua própria autonomia. Diz o autor:

Não se trata apenas de procurar pistas para responder a essas questões, seria preciso ainda uma ampliação da área que realiza investigações sobre essas tendências em pesquisas sobre desporto. Todavia, podemos – a princípio – entender que se houve um processo de mudança na esfera da *vida privada* (bem como da vida pública) com a força que o molde capitalista originou para um reservado espaço da vida acadêmica, não seria repentino pensar o acompanhamento de uma certa constituição no modo gradual e repetitivo das pesquisas como mais um setor produtivo que se assemelha ao *processo material* de produção. Esse problema pode ter gerado novas diretrizes para os pesquisadores de modo, por assim dizer, detalhado em sua metodologia. Com isso, percebe-se que o universo da pesquisa moderna acolhe algumas propriedades e aportes para a ciência que – aqui e acolá – transparecem em diferentes pesquisas. Em um fragmento de Adorno, exposto na dedicatória da obra *Mínima Moral*, se pode imaginar de que modo esse fato pode ter ocorrido na ciência em geral.

Aquilo que a ‘vida’ significava outrora para os filósofos passou a fazer parte da esfera privada e, mais tarde ainda, *da esfera do mero consumo, que o processo de produção material arrasta consigo como um apêndice sem autonomia e sem substância própria*. Quem quiser saber a verdade acerca da vida imediata tem que investigar sua configuração alienada, investigar os poderes objetivos que determinam a existência individual até o mais recôndito nela. [...] A relação, porém, entre a vida e a produção, que rebaixa realmente aquela a uma efêmera manifestação desta, é em tudo absurda. (ADORNO, 1992, p. 7). (grifo nosso).

Ora, isso não nos furta a necessidade de também pesar, em nossa proposta de pesquisa, naquilo que ela possa ter de alienação. Por isso, nosso intuito é nos juntarmos a outras propostas críticas de modo que se possa descortinar os pressupostos que mantêm viva uma possível configuração dessa mesma crítica. E podemos começar isso pelo processo moderno que formou uma nova espécie de racionalidade, pois as novas configurações do mundo moderno, suas definições e suas sucessivas mudanças requerem não apenas a atenção do pesquisador, mas também uma dose extra de coragem, e porque não dizer: de um pouco de perspicácia.

---

“Confesso de bom grado que, deste ponto, onde a Providência me colocou, gostaria de contribuir um pouco para propagar em todas as direções onde se fala a língua alemã, e mais longe, se eu pudesse, um modo de pensar mais viril, um sentimento mais forte para a sublimidade e a dignidade, um ardor mais inflamado de cumprir a todo o custo o seu destino; a fim de que um dia, depois de abandonardes estas regiões, e vos terdes dispersado por todas as fronteiras, eu saiba que, nos confins onde viverdes, há em vós homens que tem a verdade por amiga de eleição; que lhe são dedicados na vida e na morte, que a recebem, se for proscria de todo o universo; *que abertamente a defendem, se for caluniada e difamada; que alegremente suportam por ela o ódio astutamente dissimulado dos grandes, o sorriso insípido do louco ou o abanar de ombros compassivo do pequeno espírito*. Com este intuito, disse o que disse e, com este objetivo final, direi o que, entre vós, tenho para dizer”. (FICHTE, 1999, p. 66). (Grifo nosso).

#### 5.4. RAZÃO INSTRUMENTAL

A *razão instrumental* é um conceito que foi trabalhado por Horkheimer e Adorno na década de 60 e que caracteriza o modo como foi concebido o processo de raciocínio humano após o desenvolvimento do conceito de *esclarecimento*<sup>131</sup>. O esclarecimento, por sua vez, consiste na criação de uma via auspiciosa para se conferir o que Max Webber denominou como “*desencantamento do mundo*”. O desencantamento do mundo corresponde ao afastamento do homem das possibilidades narrativas efetivadas pelo mito que atemorizavam os homens e abduziam a razão humana pelo dogmatismo, além de estabelecer a supremacia científica e tecnológica sobre a metafísica. Assim Webber define esse conceito pela primeira vez, a saber, na obra *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre*<sup>132</sup>:

Antes de tudo vamos tornar claro o que propriamente significa, na prática, esta racionalização intelectualista por meio da ciência e da técnica cientificamente orientada (...) A crescente intelectualização e racionalização não significam (...) um crescente conhecimento geral das condições da vida sob as quais nos encontramos, mas sim algo diverso: o saber ou a crença que, se alguém simplesmente quisesse, poderia a qualquer momento descobrir que não há fundamentalmente quaisquer poderes ocultos e imprevisíveis que aí entrem em jogo; que, pelo contrário, poder-se-ia — em princípio — dominar mediante o cálculo todas as coisas. Mas isso significa o desencantamento do mundo. Contrariamente ao selvagem, para quem tais poderes existiam, não se precisa mais recorrer a meios mágicos para dominar ou invocar os espíritos. O cálculo e os meios técnicos servem para isso. A intelectualização enquanto tal significa essencialmente isto. (WEBBER, 1985, *Apud*. VILAS-BOAS, 2016, p. 146)

Para falar sobre *razão instrumental* é preciso entender as principais questões que transitam sobre os alicerces que são desenhados na superfície de determinados padrões sociais conservadores, e junto com eles, percebe-se configurar – com uma certa brutalidade simbólica – algumas instituições da cultura na atual sociedade, por assim dizer, desenvolvida a partir da ideia de prosperidade e pela manutenção do capitalismo tardio, que até o século XXI vem se mostrando

---

<sup>131</sup> É difícil não concordar que esse *desenvolvimento do conceito de esclarecimento* foi bem realizado por Immanuel Kant em seu texto: *Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? (Aufklärung)*. Em 5 de dezembro de 1783, Kant se põe – com objetividade – a responder uma questão feita pelo Sr. Preg. Zöllner: (Que é a verdade?) na revista *Berlinische Monatsschrift*. O início dessa resposta se tornou emblemático para muitas pesquisas em filosofia. Kant defende que o “Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de *si mesmo* sem a direção de outrem”. (KANT, 2010b, p. 63)

<sup>132</sup> Tradução: *Ensaio reunidos sobre a Teoria da Ciência*.

fixo na medida do possível. Esses alicerces reforçam boa parte (senão todas) as camadas sociais dispostas a receber as expressões e o modo de pensar que estão mais adequados à *instrumentalização* da razão do que ao pensamento esclarecedor.

Tais elementos propícios à conservação ideológica do capitalismo estão predispostos a estabelecer o que serve de aporte para o processo de instrumentalização do raciocínio lógico que perde, por isso, sua conexão com as possíveis conclusões. Contudo, não é qualquer um que processa esse modelo, eles são impecavelmente arquitetados pela burguesia para nutrir os ideais populares, de modo que haja uma concepção de vida baseada na ideia de prosperidade. Assim, através dos modos de produção que reforçam a ideia de trabalho como dignidade da vida humana; da força impingida pela necessidade de competição que, por sua vez, reforça o sentimento de prazer de se tornar um vencedor (sob um alto custo); refaz-se o esfacelamento das características sociais solidárias que evaporam quantitativamente à medida que a comiseração esvanece.

Múltiplos modelos e novos clichês são empregados nos debates e nas opiniões que devoram diferentes solilóquios *mercadológicos* que dão escopo a renovados modelos de *educação* e enfraquecimento. Se pode notar que nas várias esferas que reforçam a manutenção das ideologias dominantes, as vidas modernas se tornam peças que se acomodam para dar movimento a essa gigantesca engrenagem social. Sem a devida liberdade, que revolvía os atributos primordiais da vida dos homens, o princípio da autonomia se apaga em diferentes tipos de negação. Nega-se a vida em cada aversão que mantém, por assim dizer, uma massa explorada (que é muito bem-vinda para o trabalho), porém rechaçada (pois é mal vista no desfrute de seu lazer).

Se apontarmos de modo “exaustivo” a astúcia do pensamento conservador e seus intrincados artifícios, talvez possamos perceber que a subjetividade se mostra, cada vez mais *esculpida* por uma imposição simbólica que não vem destacada nos produtos e nas promoções que são devidamente enquadradas à massa, o que reforça sua própria sujeição e alienação. A massa está, por assim dizer, condensada em cada produto rebaixado em sua qualidade pela mesma razão dessa massa se mostrar também rebaixada sua condição existencial e quiçá educativa/esclarecida. Não se trata apenas de pensar em renda e salário que tornaria possível àquilo que se *paga*, mas a possibilidade do *Ser* que, pouco a pouco, se *apaga*.

Após a fragmentação das fronteiras geopolíticas e o avanço de um modelo de globalização estabelecido por uma força exercida em determinados produtos (e marcas comerciais), notou-se um espelhamento de diversos meios de propaganda, dos quais o consumidor cadastrado

se torna o reflexo do próprio produto. Esse fato explica o consentimento do público em relação ao avanço do *merchandising* e o aumento do consumo que, por conseguinte, estabelece o descontrole na distribuição de diversos canais configurados. Nesse caso, o esporte parece ser o melhor exemplo. Da fábrica à escola; do supermercado ao parlamento, do campo de futebol às salas de aula, se pode notar que as *massas* se acomodam, mesmo diante de uma crise financeira se pode perceber a recuperação da força do consumo em torno das marcas e do *merchandising* que se fortalecem por uma ideologia que esquadrinha o desejo de seus consumidores diletos que, por assim dizer, se mostram mais reificados.

De maneira extenuante, o alvo desse modelo de vida entre os homens se torna efetivo com a ampliação do *fetice* que cada produto carrega e que é dimensionado seja pela propaganda ou pelas relações pessoais. No primeiro caso há uma dimensão persuasiva e no segundo, uma dimensão sugestiva que visa estabelecer o que (e de que modo) se deve vestir; comer; beber; assistir; escutar; ler; se entreter. A concepção de uma ideologia *neoliberal* possui entre essas dissimulações, aquela que a torna categórica, a saber, sua base consistente e ideal que certifica seu ânimo e esgota as condições de liberdade e autonomia do sujeito.

Então, resta-nos entender os passos que antecederam as consequências mediadas pela vazão dessa maneira (incluindo todos os procedimentos) que engendra a dominação e que é executada pelo cálculo engenhosamente bem empregado na otimização do lucro; na potencialização do método financeiro adaptado; na formulação da circunstância tangível à melhoria da mão de obra produtiva e, enfim, do “progresso” econômico. Na formação dos aparatos “legitimados” e corroborados pelos enaltecidos controles de produção vão carreando-se o devido reforço para a construção dos alicerces que mantém a mais perfeita laboriosidade da cultura popular (à maneira industrial) que legitima e mantém o bom amparo econômico por um lado e os homens devidamente *reificados* por outro. A *felicidade* foi transmutada<sup>133</sup> para outra esfera do “esplendor” dessa nova sociedade, algo circunstanciado historicamente em prol dessa *otimização*, pois: “O que importa não é aquela satisfação que os homens chamam de verdade, o que importa é a *operation*, o proceder eficaz” (HORKHEIMER E ADORNO, 1989, p. 4).

---

<sup>133</sup> Por se estabelecer sob a base de uma “felicidade estéril, provinda do conhecimento”. (HORKHEIMER E ADORNO, 1989a, p. 4).

Os princípios que dão força e forma à manutenção de boa parte dessa “adesão tardia” para se consolidar as condições culturais passa pelo “estabelecimento” de boa parte de saberes característicos. O sujeito que tem acesso a conhecimentos privilegiados em uma boa educação que, em certa medida, podem alçá-lo à aquisição de melhores relações e interpretações das oportunidades no seio da “sociedade” (vida compartilhada na vida política, *zoom politikon*) recebe, e todas as circunstâncias nos levam a defender essa hipótese, a melhor educação para travar um embate pelos meios e permutas em que as probabilidades sugerem, a saber, na melhoria (*socioeconômica*) de sua vida, de modo direto e momentâneo. Algo que pode servir para suprir algumas condições para sua própria vivência experimentada socialmente. A *educação* é o contato que permite o melhor posicionamento para alcançar tais saberes característicos.

Tanto para esse sujeito que “alcança” determinado saber e quiçá para a sua provável geração no porvir<sup>134</sup>, essa possibilidade de barganhar saberes é constantemente reforçada por uma ordem – por assim dizer – que tenta ser socialmente “equânime”; mas é justamente aí que o sistema capitalista, baseado na ideia de “mérito” (com a contribuição do pensamento social burguês), que desconsidera as desigualdades econômicas e, por conseguinte, a diferença de acessos entre uma classe e outra para alçar cada um dos saberes necessários, continua defendendo proporcionar sua “equidade”.

O capitalismo, desse modo, cumpre com sua consequente validade mantenedora do *status burguês* que se insere em um modelo social desigual que impõe como tal para a grande *massa*, tanto pelos seus produtos culturais (filmes, novelas, *cartoons*, e múltiplas distrações alienantes), quanto (e o que é pior) pela concorrência *desleal* de acesso aos saberes que, por isso mesmo, transforma essa deslealdade em uma rivalidade de opostos com precedentes na educação. Essa é uma consequência que tem início na disposição dos diferentes preparativos educativos (incluindo as circunstâncias econômicas) que viabilizam a melhor e a pior formação e que elevam por um lado às formações específicas privilegiadas sob diferenciações particulares para conhecimentos mais acabados (que busca o seu posto de “qualificante”), e por outro apenas o básico e necessário para a formação de mão de obra “qualificada”.

---

<sup>134</sup> Na sistemática de uma hereditariedade familiar que geralmente carrega não apenas moléculas e “compostos orgânicos” com “instruções genéticas”, mas também seus devidos valores, preferências, anseios, planejamentos de vida, sonhos de mudança e realizações futuras, etc.



Não é difícil perceber que a história (e um pouco da formação da ciência) criou algumas áreas prestigiadas, como aquelas que são apreciadas por apresentar algum *status* dentro e fora do universo acadêmico que se mantém favorável para se conquistar uma ocupação profissional ou um ofício, e que seduz boa parte dos educandos nas escolas. Essas áreas “florescem” em sua favorável prosperidade econômica que, em consequência desse favorecimento, possui alta rentabilidade salarial. Prosperidade “conquistada” em ordenados que estão – seguramente – bem acima das demais categorias que também possuem uma reconhecida formação universitária, só para deixar um exemplo. Todavia, se sabe que o prestígio e coroamento dessas áreas estão ao encargo da própria sociedade que enaltece o status sempre máximo de sua remuneração e de seu tratamento, deixando as demais para o porvir. A questão é quem tem mais oportunidades de alcançar tais prestígios?

Nessas condições torna-se inevitável determinar qual será a verdadeira função exercida sobre o modelo de educação que deve vigorar, ao passo que é também forçoso que muitos outros ofícios, ao serem desprestigiados – sobretudo pelo fato de serem constantemente comparados pelas vias das relações de recompensas – favoreçam o desequilíbrio entre oferta e procura. Bem assim, fácil será seduzir aqueles que querem ser “premiados” com a melhor escolha. Um bom exemplo do desprestígio de uma profissão pode ser constatado na figura do professor (sobretudo o universitário), e não é uma observação nova, Adorno já havia demonstrado o caráter subalterno e desprestigiado que se vinculou à figura do docente.

No artigo *Tabus que pairam sobre a profissão de ensinar* de 1965, o autor fez uma menção sobre as queixas dos aspirantes à docência, bem como levantou as principais contradições que pairavam sobre a figura do professor e os tabus que o próprio docente cria em torno de seu ofício (*métier*), como por exemplo: ser coagido pelos exames que dão a eles a licença para se tornarem professores. Para Adorno “se se leva mal o poder do professor, é porque ele apenas constitui a paródia do poder real, desse poder que produz admiração” (ADORNO, 1995, p. 89-90).

E é desse modo que a energia, que poderia ser canalizada para a condição propícia ao saber que busca sua convergência e um conhecimento integral para o sujeito, transfere-se para a exaltação que sobressairá dessa “disputa” entre o saber (e o ofício) que se pode alcançar por vocação e o que se escolhe saber mais em prol do melhor rendimento (remuneração), uma vez que, se há essas profissões e ofícios quase sublimados, é de supor que haja, no outro lado da margem, aquelas que são (quase) vistas como resquício no fundo de um armário, uma aposta de fim de noite

cujas últimas fichas restantes correm para o mesmo “carteado”. Mas quem fornece “as cartas” também já as embaralhou, sendo que a mão que pega “esse monte”, por um instante qualquer da história, adotou o devido controle para se estar previamente coberto, uma vez que:

A dominação faz frente ao indivíduo a título de geral, de razão na esfera da realidade. O poder de todos os membros da sociedade, que enquanto tais não dispõem de outra saída aberta, soma-se, sempre de novo, por meio da divisão de trabalho que lhes é imposta, para a realização justamente do todo, cuja racionalidade assim é por sua vez multiplicada. (ADORNO e HORKHEIMER, 1989a, p. 16).

Ora, mas será que a própria ciência se apropria dessa condição? *Sapere aude!* O *iluminismo* cunhou sua própria apreciação mediante a expansão do conhecimento, mas a persuasão dos modernos após a *revolução industrial*, encadeados em boa parte dos procedimentos racionais, funcionou como expressão mágica de alguma “abertura” revestida que fez com que algumas universidades no século XXI, além de oferecerem formação de qualidade com alto padrão de pesquisa, também se transformavam em grifes, não se sabe se da alta-costura ou de um inciso fetichista, de modo que a capacitação permanente parece tecer, de tempos em tempos, novas colocações para uma mesma janela.

Ao espírito que pretende ir mais além, como princípio autenticamente dinâmico, fácil lhe é, contudo, prever que sua tentativa é frustrada; e isso não agrada menos a ideologia. A realidade produz a ilusão de desenvolver-se para cima e, no fundo, permanece sendo o que era. O espírito que quer algo novo, enquanto ele mesmo não é mais que uma engrenagem, dá com a cabeça na parede em cada tentativa desesperadamente reiterada, tal como um inseto que se chocasse contra o vidro ao voar para a luz. (ADORNO, 1995, p. 56).

É desse modo que a velha engrenagem se mostra (sucessivamente) bem adaptada e credenciada para mover um “mutirão” de saberes. A finalidade dessa e das demais formações estará, muito provavelmente, em conformidade consigo mesma, ou melhor, uma educação (formadora) que se mostra apropriada para certificar, diplomar e quiçá, lucrar. O efeito desses novos paradigmas se pode comparar ao efeito de um adesivo conhecido pelo nome: velcro.

Esse instrumento (o velcro) funciona como uma espécie de fixador que possui duas partes distintas, uma parte formada por micro ganchos que se aderem a uma segunda parte que deve ser bem macia. Quanto maior a área de absorção desses ganchos fixadores, mais resistência se constatará sobre a parte macia que serve de fixação. Na medida em que as engrenagens (que aqui podemos imaginar como inúmeros micro ganchos) vão se adaptando aos saberes (que é a parte

mais branda e flexível, ou seja, sujeitada), seguindo aqui o uso dessa pálida metáfora, maior será a área de fixação e, por conseguinte, maior a conformidade (reforçada pelo atrito entre as duas áreas) para estabelecer um *modelo de educação*.

Os limites, que antes sofisticavam as escolhas, abrem algumas brechas para dar passagem à possibilidade de colocação hierarquizada nas funções, esse processo não deve ter limites, pois busca o poder no/do bom posicionamento. Todavia, essa busca se mostra novamente limitada, pois no topo da “pirâmide” escassos parecem ser os lugares, e talvez por isso, antes de pensar na utopia da democracia do saber, é preciso lembrar do fosso que separa os campos donde se constroem os caminhos da técnica, do método e dos horizontes que norteiam o capital.

[...] o saber é tão democrático quanto o sistema econômico juntamente com o qual se desenvolve. A técnica é a essência desse saber. Seu objetivo não são os conceitos ou imagens nem a felicidade da contemplação, mas o método, a exploração do trabalho dos outros, o capital” (ADORNO e HORKHEIMER, 1989a, p. 4).

Por essa razão, basicamente todos os sistemas projetados sob modelos piramidais necessitam de sua ressalva, a saber, aquela que pode convencer de sua capacidade “democratizante” para explorar a vontade de progressão do outro, cujo teor central não é a satisfação do certificado ou a exultação do saber que se conquista, mas a possibilidade de se ver “democraticamente” uns degraus acima e por isso, jamais se tornaria pouco repetir a ideia de que: “sem escrúpulos para consigo mesmo, o iluminismo incinerou os últimos restos de sua própria consciência de si”. (ADORNO e HORKHEIMER, 1989a, p. 4).

O iluminismo e talvez a precedente “democratização” do sistema de ensino propugnada por um religioso alemão pode ter suscitado algumas aberturas para o coletivo (social), mas parece que boa parte delas, senão todas, permaneceram sob o controle de uma promessa genérica, a saber: a efígie caricata do estilo *bon vivant* que implicou condições específicas de tempos em tempos, sem negar – é claro – aquele velho pressuposto do acaso que a própria fatalidade do sistema econômico abandonaria às forças desses padrões de escolha – por exemplo – de uma “profissão” (ou vocação), visto que:

É justamente porque as forças da sociedade já se desenvolveram no caminho da racionalidade, a tal ponto que qualquer um poderia tornar-se um engenheiro ou um manager, que se tornou inteiramente racional a escolha da pessoa em que a sociedade deve investir uma formação prévia ou a confiança para o exercício dessas funções. O acaso e o planejamento tornaram-se idênticos porque, em face da igualdade dos homens, a felicidade e a infelicidade do indivíduo – da base ao

topo da sociedade – perdem toda significação econômica” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 121).

Talvez por isso, o esforço impelido em prol das escolhas ficasse a cargo da própria sorte, visto que, para a realização plena da felicidade burguesa, as variáveis do tempo (destino) e as tendências de um modernismo sempre em vigília realocariam parte da massa trabalhadora, balizando paulatinamente seus sonhos e seus desejos. Isso pode explicar qual a razão de algumas profissões (inclusive as mais promissoras ou de disposição imediata para o trabalho) espontaneamente desaparecerem do mercado dando lugar a novas capacitações.

E não parece difícil entender que toda essa permuta está baseada em um certo nível de descontrole intercedido pelos mecanismos econômicos, em prol do nível social projetado pelo imaginário da pequena burguesia, nos quais e pelos quais, à medida que aumenta sua dinâmica de relações sociopolíticas, esfacela (por outro lado) os teoremas e as teorias baseadas no controle tanto de seus cálculos, quanto de suas planilhas econômico-pragmáticas. Uma vez que a pesada “mão invisível” do mercado econômico termina sempre por assolar (ou no mínimo refrear) aqueles que pensam em seu próprio controle, o capitalismo torna-se capaz de se erguer a partir de sua destruição (seus escombros), sem depender de qualquer notável (e não menos alheio) financista com seus certificados, pois:

A aparente autonomia nos processos de trabalho, cujo decorrer se pensa provir de uma essência interior ao seu objeto, corresponde à ilusão de liberdade dos sujeitos econômicos na sociedade burguesa. Mesmo nos cálculos mais complicados, eles são expoentes do mecanismo social invisível, embora creiam agir segundo suas decisões individuais. (HORKHEIMER, 1989b, p. 37).

Esses movimentos podem ser interpretados a partir de uma manutenção da “obsolescência” que é capaz de alimentar não apenas a questão do consumo direto, mas também uma nova fisiologia do trabalho governado. A funcionalidade (entre um e outro) se consolida e se põe à disposição do “inédito”, mesmo sabendo que esse “inédito e incomum” suborna as formas de tudo que se anula como obsoleto (o restolho propositalmente desgastado) ao agregar as novas funções – invariavelmente – repaginadas, seja de mão de obra, de ciência ou de tecnologias. Assim como essa obrigação do “inédito” se torna combalida para as profissões também se tornarem refém dos acordos com o ordenamento exterior.

É no engodo, já um tanto abatido, da retórica burguesa, o qual mostra uma opinião mórbida de que os trabalhadores devem colaborar se não quiserem perder “postos” de trabalho,

que se percebe que o sujeito se torna um mero exemplar dessa fisiologia, “um puro nada” conforme já defendia Adorno e Horkheimer (1985, p. 120), ou seja, tão substituível quanto a metodologia e a tecnologia que a antecedeu.

De acordo com o que já se expôs sobre as “cartas sobre a mesa” já previamente marcadas, desloca-se a massa para um ordenamento “produtivo” que tende a pender para o lado que se mostre sempre mais “promissor”, ou melhor, todos em prol da transformação necessária que lança o trabalhador em seu desamparo, ao passo que finca a importância do avanço do progresso, ainda que se saiba que:

O progresso não é uma categoria conclusiva. Ele quer atrapalhar o triunfo do mal radial, não triunfar em si mesmo. Pode-se imaginar um estado no qual a categoria perca seu sentido e que, no entanto, não seja este estado de regressão universal que hoje se associa com o progresso. Então o progresso transformar-se-ia na resistência contra o perdurável perigo de recaída. Progresso é esta resistência em todos os graus, não o entregar-se à gradação mesma. (ADORNO, 1995, p. 61).

Para tratar do conceito de trabalho em seu conjunto, vale lembrar que a vocação, que era bem-conceituada entre os antigos, era aceitável – até certo ponto – expressar qual era a principal aptidão que um sujeito possuía (e que aprimorava sua ação), cujo empenho estava à disposição para se localizar em um futuro trabalho as principais possibilidades de absorver o que sempre foi idealizado, incluindo nisso os vínculos diretos com a infância. Mas parece haver uma nova espécie de vocação, a pior possível, que significa a vocação para renunciar as aptidões e, acima de tudo, suprimir a imaginação e o sonho, haja visto que a vocação singular é um desperdício para o mercado, o sujeito precisa ser diligente para que, no trabalho, ele se torne multifacetado e plasticamente adaptável a várias operações produtivas.

Quem dita a regra do ordenamento é a estatística (incluindo todas as demandas que estão vinculadas) adequada para suplantando uma espécie de privação e uma subdivisão sucessiva da vida que faz qualquer indivíduo decair em um processo altamente *industrializado* de sua civilização e, sobretudo, de sua cultura. A estatística baliza os indivíduos para manter estabilizada a *camada social dominante* ao mesmo tempo que gera, sob os caminhos escarpados de uma formação enfraquecida, a máxima dificuldade para manter as esperanças (sobretudo os verdadeiros acessos às camadas superiores) com a necessitada derrota dos economicamente enfraquecidos.

A cultura industrializada faz algo a mais. Ela exercita o indivíduo no preenchimento da condição sob a qual ele está autorizado a levar essa vida inexorável. O indivíduo deve aproveitar seu fastio universal como uma força

instintiva para se abandonar ao poder coletivo de que está enfasiado. Ao serem reproduzidas, as situações desesperadas que estão sempre a desgastar os espectadores em seu dia-a-dia tornam-se, não se sabe como, a promessa de que é possível continuar a viver. Basta se dar conta de sua própria nulidade, subscrever a derrota – e já estamos integrados. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 126).

Fica claro que a ambição por uma felicidade plausível que poderia estar vinculada à escolha (vocação); bem como, tanto sua ascensão de cargo (incluindo o rol de responsabilidades que inundarão seu admissível repouso no pós-trabalho) quanto seu lazer, que hoje inclui um novo ordenamento do entretenimento familiar, devem ser obliterados na melhor retórica burguesa aceitável, até porque: “O descaramento da pergunta retórica: ‘mas o que é que as pessoas querem?’ consiste em dirigir-se às pessoas como sujeitos pensantes, quando sua missão específica é desacostumá-las da subjetividade.” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 119).

É de se enfatizar, por essa razão, que a produção de um novo conceito de felicidade erigida cuidadosamente para esse trabalhador, a saber, um trabalhador que pode ser feliz quando estabelece previamente seu contentamento, de modo que possa vangloriar-se de qualquer “seleção arbitrária de casos representando a média” (HORKHEIMER, ADORNO, 1985, p. 121), no qual e pelo qual se um (qualquer um) que tenha “saído” das bases mais oprimidas da pirâmide e, por conseguinte, conseguiu alcançar o topo (ou mesmo algumas “plataformas” acima) mesmo sem a garantia de sua permanência, sugere, de maneira insolente, a pergunta: qual será a razão dos demais estropiados<sup>135</sup> não conseguirem?

Talvez por isso não seja absurdo pensar que para aqueles que estão à margem da sociedade talvez seja preciso tirar a sorte grande, sobretudo quando determinadas “seleções” que mescla o “interesse” e “merecimento” se torna arbitrário<sup>136</sup> e, por isso, se espera mais que uma boa formação. Para esses se torna necessário a força do destino capaz de cruzar várias variáveis para imprimir a melhor oportunidade. Ora, em determinadas circunstâncias para encontrá-la é preciso quase alcançar as estrelas em uma possível concorrência premiada, na qual se encontre alguma recompensa, mesmo sabendo que:

As reportagens detalhadas sobre as viagens tão brilhantes e tão modestas do feliz ganhador do concurso organizado pela revista – de preferência uma datilógrafa que provavelmente ganhou o concurso graças a suas relações com as sumidades

---

<sup>135</sup> Sobre os que enfrentam o aumento do desemprego gerado por novos modelos tecnológicos, dos quais se pode constatar que as máquinas vêm substituindo os homens.

<sup>136</sup> O que dizer do fato de se precisar de uma foto

locais – refletem a impotência de todos. Eles não passam de um simples material, a tal ponto que os que dispõem deles podem elevar um deles aos céus para depois jogá-los fora: que ele fique mofando com seus direitos e seu trabalho. ” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 121).

E justamente aqui podemos defender, já alicerçados pela Teoria Crítica, mas com um certo otimismo indevido, que o iluminismo completou algumas de suas principais premissas, embora não tenha atingido o conjunto total da humanidade. É provável que tenha contemplado um número muito ínfimo de sujeitos, e quão poucos foram aqueles que os *lumières* efetivamente atingiram. Foi por essa razão que tornou-se necessário atentar para o fato de que após duzentos anos (do advento das luzes) “a essência do iluminismo é a alternativa cuja inevitabilidade é a da dominação” (ADORNO e HORKHEIMER, 1989a, p. 23), logo, os debelados pela/para a razão, que tiveram que se tornar resignados e adaptados a uma certa ideia de progresso a favor de todo processo de dominação que possibilitasse o lucro, concretizaram, por isso, a abundância de uns contra a miséria e fome de tantos outros; a ascese de uns contra a *reificação* (incluindo os exaustivos treinamentos para o trabalho) de tantos outros; o desperdício de uns contra o sacrifício da transpiração de tantos outros; o lazer desdobrado de uns contra o *sobretabalho* de tantos outros, e, entre tantos outros elementos que continuariam se polarizando nos saberes de uns contra o contentamento pujante de tantos outros. Uma das teses que ajuda a elucidar essas ambivalências é que:

A dominação não é paga apenas com a alienação do homem com respeito aos objetos dominados: com a reificação do espírito, as próprias relações entre os homens foram enfeitiçadas, bem como as de cada um dos indivíduos consigo mesmo. Ele se atrofia até virar o ponto nodal das reações e dos modos de funcionamento convencionais dele esperados concretamente. (ADORNO e HORKHEIMER, 1989a, p. 20).

O que faz então esses outros (e tantos outros), se adaptarem impecavelmente a essa condição? Como se constitui a dimensão sempre renovada de seus próprios hábitos? Como se prepara a resistência de seus próprios corpos acostumados às pancadas? Como pode o sujeito ter se reduzido até esse “ponto nodal” capaz de contribuir para atar as junções dessa grande teia de relações baseadas tão somente em exploração e fascinação? Eis um desígnio que só poderia se levantar sob os aspectos suscitados por uma natureza educadora, sobretudo pois temos razões para corroborar a tese de que “a expulsão do pensamento para fora da esfera da lógica ratifica, na sala

de aula, a reificação do homem na fábrica e no escritório”. (ADORNO e HORKHEIMER, 1989a, p. 22).

A sala de aula como uma metáfora do processo educativo, ao que parece, prepara não somente os corpos, mas sobretudo a concentração focada da mente do trabalhador ativo (porque não disperso). Desse modo, o desempenho do trabalhador está vinculado ao seu afastamento ideológico com relação ao trabalho. Para isso, torna-se importante que ele esteja longe (o mais distante possível) de elucubrações desnecessárias, para deixar constantemente a “mente limpa” para o processo de atuação do método mais “positivo”<sup>137</sup>. Seu corpo deve ser como a máquina que se integra a outras peças adaptadas e cuja alavanca é capaz de fazer “girar” a força do progresso, por mais “dolente” que seja a pressão exercitada.

Todo esse sistema funcional, manejado minuciosamente pela sua imposição, permite que o sujeito esteja acoplado (de maneira ocupacional) às necessidades de qualquer empreendimento, de modo que o trabalhador, a máquina, o chão da fábrica, o comércio e, por último, o escritório estejam conectados por um só “fio”, todos interligados pelos mesmos códigos. E talvez por isso se pode ver surgir algumas novas e persuasivas presenças marcantes.

Muitas vezes, as personalidades fortes são simplesmente capazes de suggestionar, gente que mete os cotovelos, que se apropria do que pode, brutal e manipulativamente. No ideal de personalidade, a sociedade do século XIX endeusou seu próprio falso princípio: pessoa correta é aquela que se conforma à sociedade, organizando-se a si mesma segundo a norma que a mantém unida em sua estrutura mais íntima. (ADORNO, 1995, p. 65).

Não por menos, percebe-se que a deficiência da lógica e o banimento do pensamento legítimo sobre um trabalho que possui características desgastantes, que poderiam ajustar “os freios” da razão, tornam esse sujeito “intenso” não por intermédio de sua consciência, mas pela possibilidade das permutas (diretas e indiretas) e um obstinado sentido que se nutre da antecipação (imagética) do próximo ordenado do mês. Essa espécie de interesse pessoal é capaz de expulsar qualquer militância e rechaçar aquele insurgente (pensador reacionário) que, em certa medida, impossibilitaria a garantia do solavanco progressista que eleva para cima o desempenho econômico

---

<sup>137</sup> Uma vez que: “Entendido apenas como poder de disposição sobre a natureza, o progresso significa a possibilidade sempre crescente de converter-se em seu oposto – a barbárie – visto que historicamente a exploração social e a opressão têm sido perpetuadas sob a égide de uma forma específica de se compreender o que significa semelhante progresso. Em outros termos, *a teoria do progresso tende sempre a esquecer o homem, ou melhor, representa a liquidação do próprio sujeito*” (SILVA, 2001a, p. 61). (Grifo nosso).



“do escritório e da fábrica”. Em um panorama como esse, jamais se tornará necessário pensar sobre as razões do trabalho, pois se ele é imprescindível, o bom ou ruim não faz a menor diferença, basta apenas trabalhar. Inclusive pensar no trabalho durante o não-trabalho, pois é ele que garante que “as contas” sejam amortizadas, como se pode ver na intervenção filosófica de Adorno quando diz que:

Segundo a moral do trabalho vigente, o tempo em que se está livre do trabalho tem por função restaurar a força de trabalho, o tempo livre do trabalho – precisamente porque é um mero apêndice do trabalho – vem a ser separado deste com zelo puritano. Aqui nos deparamos com um esquema de conduta do caráter burguês. Por um lado, deve-se estar concentrado no trabalho, não se distrair, não cometer disparates; sobre essa base, repousou outrora o trabalho assalariado, e suas normas foram interiorizadas. Por outro lado, deve o tempo livre, provavelmente para que depois se possa trabalhar melhor, não lembrar em nada o trabalho. Esta é a razão da imbecilidade de muitas ocupações do tempo livre. Por baixo do pano, porém, são introduzidas, de contrabando, formas de comportamento próprias do trabalho, o qual não dá folga às pessoas. (ADORNO, 1995, p. 73).

Sabe-se que essa condição está, de certo modo, aderida a concepção de trabalho de boa parte das profissões, inclusive do professor, e em especial para esse debate, para o profissional da educação física que, não por menos, trabalha “comercializando” não apenas o seu conhecimento e “mais valia”, mas também a sua própria imagem que, a pesar das condições, tem um peso econômico considerável dentro do processo de formação.

## 5.5. POR UMA EDUCAÇÃO FÍSICA EMANCIPADA

Torna-se forçoso, após esse contexto crítico, encontrar o fio condutor que seja capaz de revelar em que condições a academia e o sujeito se combinam, ou seja, se há algum jugo que expõe uma decadência da autonomia de uma natureza que já se faz “excessivamente” ajustada à alienação do cientista e uma reificação de seu estar no mundo. É possível que o valor dessa ciência esteja tão somente nos resultados de sua pesquisa, de modo que a pressão exercida sobre seu plano de trabalho remeta apenas à caução que garanta o progresso de seus resultados.

É preciso perguntar em que medida esse ajuste, que perfila uma nova constituição do homem, recai sobre aspectos que mantêm sua intelectualidade (e sua vida acadêmica) ligadas diretamente às investigações sem que se busque o investimento de sua autonomia de modo que não

reste mais do que repetir o que já foi feito à exaustão? Pois sobre essa superfície plana que representa o coletivo social que mostra não somente o resultado de seu labor, mas também de sua obediência, pode-se perceber as devidas ambivalências desse aparelhamento ajustado da natureza humana, que tem por escopo a repetição daquilo que permanece.

Ainda assim, seria maldosa a intenção de lançar a responsabilidade desses problemas sobre a “sala de aula” ou criticar projetos apropriados para a educação que são frutos de princípios de relação social e humana, sem se abrir para outros problemas políticos ou sociais. Por isso, torna-se necessário observar os elos que prendem essa “corrente” de questões e que conectam a escola com um futuro em crise, por assim dizer, de futuro “nublado”. Os filósofos da *Escola de Frankfurt* perceberam que havia uma coligação entre esclarecimento e barbárie que, por assim dizer, alimentava tanto a alienação e, mais ainda, a exploração humana (sem qualquer moderação). Depois do fascismo político, depois da barbárie de *Auschwitz*, até a crítica se torna “um lixo”, na expressão de Adorno, por isso, “o imperativo educacional de que “Auschwitz não se repita” só pode ser compreendido e praticado considerando a problematicidade da cultura contemporânea, da qual a educação é parte integrante”. (DUARTE, 2007, p. 30.)

A principal função desse aliado “cultural”, que tecia as alianças necessárias para a alienação do sujeito, consistiu em 1- acalorar os mercados (mesmo diante dos tempos gélidos de qualquer economia); 2- contribuir para que os proletários subordinados – mesmo aqueles que estivessem debaixo do açoitamento mais insuportável – se fixassem (em atenção e intenção) com desvelo, ao seu trabalho ; 3- subordinar o inconsciente coletivo em prol do consumo e da proliferação do fetiche e da reificação; 4- ajustar o sujeito desde a infância de acordo com os novos modelos de “aprendizagem” com informações parciais e estanques que “respingam” – inclusive – nos novos modelos de relacionamentos familiares e comunitários, ou seja, também acelerados.

Vimos que o conceito de indústria cultural é essencial para sustentar essa finalidade, mas não aspiramos entender o conceito sem buscar observar qual a ligação que Adorno e Horkheimer fazem entre autonomia, autenticidade e liberdade do sujeito, uma vez que é preciso perceber não somente essa ligação – que esses autores fazem – entre liberdade e necessidade que complementa e oferece base para a sustentação, mas também como dá a formação do processo de cultura industrial, mesmo diante de suas contradições mais escondidas, para o surgimento de uma sociedade desenhada “sob medida” para um *mundo administrado*, pois é assim que “[...] o futuro nublado carrega o horizonte”. (HORKHEIMER, 1989, p. 23).

Se Ulisses pôde completar sua *odisseia*, nessas tormentas que deixaram para trás as marcas do seu destino, o Ocidente encontrou sua lição imprevista. Se as tempestades do mundo se intensificam, e, por um instante da eternidade só se pode olhar para frente, como quem procura o sinal que reflui em cada presente calculado em suas múltiplas técnicas herdadas, e se junta à velha ideia de libertar o *espírito esclarecido* de todo medo, desacorrentando-o de tudo que o mantém no caminho do desmazelo, ensinando as rotas, os melhores cálculos, os teoremas necessários para que haja segurança nesse percurso do caminhar civilizacional.

E se não há mais razões para refrear o progresso, segundo a ideia de uma burguesia *promovida*, não há também qualquer problema em se perpetuar a exploração, pois o navio que se ergue em mar remexido, sob os cantos sedutores “das sereias” ou sobre as encostas perigosas, e atravessa a história à contraventos, àquele que conduz deve, por isso mesmo, ser louvado, e seus remadores assíduos e obedientes devem ser recompensados, é claro, pelo descanso que precede o próximo dia de trabalho.

Assim o mundo segue em busca da próxima descoberta, que pode ser uma ilha qualquer a ser explorada, qualquer utopia, mas só não pode esquecer, que o tempo urge e que o desenvolvimento espera, pela ciência desperta, pelos trabalhadores adaptados e pelas engrenagens adequadas à *dominação*. Pois quem domina “o grande navio” sabe, que “dependendo das circunstâncias, não estar envolvido no trabalho significa também ser estropiado, não apenas para os desempregados, mas até mesmo para a existência” (HORKHEIMER e ADORNO, 1989a, p. 25). Ora, então, quantas habilidades e quantas competências ainda se espera de cada um? Quanta ideia de progresso e quanta dedicação ainda terá que se empreender? Quanta ilusão ter-se-á que adquirir via consumo ou exploração? A história deixa seus vestígios, e, no rastro de sua reprodução, a ciência adentra.

## 6. CONCLUSÃO

A ideia desse trabalho foi aproximar *epistemologia* e *teoria crítica*, na tentativa de encontrar os elementos referentes a área temática *corpo* e *cultura* que são procedentes dos trabalhos de professores que hoje atuam nos diferentes departamentos de educação física dos diferentes *Institutos Superiores* que estão distribuídos na região Nordeste, de modo que esses elementos nos mostrasse em que medida os conceitos de *razão instrumental*, *indústria cultural* e *mundo administrado* estariam presentes em partes (ou no todo) desses trabalhos. Entretanto, o que se constatou é que não há indícios suficientes que possam hoje afirmar que tais trabalhos apresentam alguma aproximação a esses conceitos de maneira decisiva. Essa primeira tentativa mostra, que a pesar de faltar elementos suficientes para tal afirmação, se percebe que na grande maioria dos trabalhos, houve uma vontade expressa para se tecer críticas ou de revelar manifestações ligadas ou ao *corpo*, ou a diferentes âmbitos da *cultura* de cada local ou grupo que fora trabalhado.

Os números e os gráficos também não satisfazem qualquer afirmação plausível de que se trata de trabalhos pertencentes a um processo de *razão instrumental*. Todavia, os números revelaram que se trata, segundo a evidência de uma hegemonia de determinada área temática, que a educação física, “semeia” muitos elementos sobre uma ou duas temáticas, sem deixar muito espaço para as demais, que continuam compondo, em alguma medida, o *repertório curricular* dessa área do conhecimento. Não obstante se pode notar, sobretudo na revisão de literatura, que há uma resistência em curso. Muitos professores não deixaram passar, à margem, a possibilidade de atuar de maneira crítica, embora não se encontre muitas críticas nos 32 trabalhos avaliados pelo grupo *Epistefnordeste*, no que tange a temática *corpo* e *cultura*.

A vantagem de se fazer um trabalho que, embora todo esforço da busca, não se aventure em apresentar uma resposta que ainda não está pronta o suficiente para ser dada, é a esperança de que outros trabalhos possam dar continuidade e buscar mais respostas. O que se pode afirmar com segurança é que a educação física contemporânea no Brasil ainda reflete alguns problemas que transitam entre as *demandas de mercado* e a canalização de seus potenciais, de acordo com o que uma certa *administração* do mundo propõe a maioria dos professores, principalmente aos mais iniciantes nas áreas de trabalho. Todos os modismos, e todas as tendências são aceitas de pronto, quase sem questionamentos da grande maioria dos acadêmicos. Seja por uma invasão neocolonial

silenciosa ou por uma intensificação em se hierarquizar os esportes que estão à disposição, de modo a eleger aqueles que merecem mais ou menos atenção da mídia.

Um outro elemento é que as poucas referências à *teoria crítica* nos trabalhos que se ligam a temática *corpo e cultura*, e que foram avaliados tanto pelo grupo *Epistefnordeste* quanto, e ainda mais especificamente, por nós, e que servem de evidências para essa tese, revelam que não apenas a crítica dos pressupostos científicos e epistemológicos da própria área são negligenciados ou esquecidos, como também, que há pouco conhecimento e/ou empenho dos estudantes de educação física no que diz respeito aos conteúdos de uma crítica à educação física. Como se pôde constatar na Tabela 3, que trata especificamente das “Obras mais citadas nos trabalhos”, em que se compreende que além de não haver um autor que sobressaia, quase não se encontram obras de filosofia política ou teoria crítica. Ora, se o tema *cultura* está em crise pelo fato de boa parte das culturas estarem em crise, qual a razão de não se consultar as obras dos que mais trabalharam para “descortinar” os elementos que derivam da “manipulação das massas” e que implicam questões do processo cultural que são contraproducentes para um povo? É preciso repor a crítica, é preciso retornar ao homem não como um aglomerado de células e tecidos, mas também de espírito e pensamento.

A área de educação física, como percebemos, é marcada tanto por um apelo às demandas do *mercado fitness* tanto quanto pela *indústria cultural*, que, por assim dizer, direciona a própria área de conhecimento, ou seja, currículos, formação escolar, treinamentos e performances. A educação física pode propor mais questões críticas para a formação profissional do graduando em educação física a partir de propostas que possam ir além da *saúde instrumentalizada e mercantilizada*, do *universo fitness competitivo*, do *corpo padronizado e reificado* e, por fim, da *cultura industrializada*. Como a própria epígrafe desse trabalho tentou mostrar, ou seja, que não há força que impeça o desejo de recomeçar, de acreditar na ousadia de cada um e de estabelecer um no amanhã.

## REFERÊNCIAS

### REFERÊNCIAL PRIMÁRIO (ESCOLA DE FRANKFURT)

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Marx. Conceito de iluminismo. In: **Max Horkheimer e Theodor W. Adorno**: Textos escolhidos. Trad. Zeljko Loparic' (*et al.*). São Paulo, SP: Nova cultural, 1989a. (Col. Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. Introdução à controvérsia sobre o Positivismo na Sociologia Alemã. In: **Max Horkheimer e Theodor W. Adorno**: Textos escolhidos. Trad. Zeljko Loparic' (*et al.*). São Paulo, SP: Nova cultural, 1989b. (Col. Os Pensadores). p. 107 – 155.

\_\_\_\_\_. **Minima moralia**: reflexoes a partir da vida danificada. Trad. Luiz Eduardo Bica. São Paulo, SP: Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. **Palavras e sinais**: modelos críticos 2. Trad. Maria Helena Rushel. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Indústria cultural e sociedade**. Trad. Juba Elizabete Levi (*et. Al.*), São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **Dialética negativa**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 2ª ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Magia e Técnica, Arte e Política**: Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v. I).

EAGLETON, Terry. **Ideologia**: uma introdução. Trad. Silvana Vieira e Luiz C. Borges. São Paulo, SP: UNESP: Ed. Boitempo, 1997.

\_\_\_\_\_. **A ideia de cultura**. Trad. Sandra C. Branco. 2ª ed. São Paulo, SP: Ed. Unesp, 2011.

HORKHEIMER, Marx. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: **Max Horkheimer e Theodor W. Adorno**: Textos escolhidos. Trad. Zeljko Loparic' (*et al.*). São Paulo, SP: Nova cultural, 1989b. (Col. Os Pensadores). p. 31 – 68.

\_\_\_\_\_. HORKHEIMER, Marx. Filosofia e Teoria Crítica. In: **Max Horkheimer e Theodor W. Adorno**: Textos escolhidos. Trad. Zeljko Loparic´ (et al.). São Paulo, SP: Nova cultural, 1989c. (Col. Os Pensadores). p. 69 – 75.

MARCUSE, Hebert. **A ideologia da sociedade industrial**: O homem unidimensional. Trad. Giasone Rebuá. 4ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Zahar editores, 1973.

\_\_\_\_\_. **Eros e Civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Feud. Trad. Álvaro Cabral, 7ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar editores, 1978.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1979.

WILLIAMS, Robert. **Política do modernismo**: contra os novos conformistas. Trad. André Glaser. São Paulo, SP: ed. Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. **A cultura é de todos** (1958). Trad. Maria Elisa Cevasco. S/D. p. 1 – 12.

Fonte: <https://pt.scribd.com/document/68474445/A-Cultura-e-Ordinaria1>

Acesso: 02/02/2017.

## REFERENCIAL (*COMPLEMENTAR*)

ABREU, et. al. Dependência de internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. In: Revista Brasileira de Psiquiatria. Vol. 30 (2), 2008. p. 156-67.

ARANTES, Paulo Eduardo. Nem tudo que é sólido se desmancha no ar. In: **Estudos Avançados**, 12 (34), São Paulo, SP: Revistas USP, 1998. p. 100 -103.

Fonte: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9083/10641>.

Acesso: 16/01/17.

ARENDT, Hannah. **O que é política?** fragmentos das obras póstumas compiladas por Ursula Ludz. 6ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2006.

\_\_\_\_\_. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo, 10ª edição, Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2007.

ARONDEL-ROHAUT, Madeleine. **Exercícios filosóficos**. Trad. Paulo Neves, Revisão da tradução: Ivone Castilho Benedetti. 2ª ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2005. (Col. Ferramentas).

BACON. Francis. **Novum Organum** ou Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza. Trad. José A. R. de Andrade. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1973. (Col. Os Pensadores).

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama, Claudia Martineri. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998.

BERTMAN, Stephen. **Hipercultura**: o preço da pressa. Trad. Ana André. Lisboa, PT: Instituto Piaget, 1998.

BOHMAN, James. Frankfurt School. In: **The cambridge dictionary of philosophy**, AUDI, Robert (General Editor), 2ª ed. New York: Cambridge University Press, 1999.

BONDÍA, J. L.. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista brasileira de Educação**, jan-abr, n. 019, São Paulo, SP: ANPAD, 2002. p. 20-28.

Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=27501903>> Acesso em: dezembro de 2012.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a Teoria da Acção. In: **Razões Práticas**. Oeiras - Portugal: Celta Editora, 2001. Capítulo 5, p. 103-117.

\_\_\_\_\_. É possível um ato desinteressado. In: **Razões Práticas**. trad. Mariza Corrêa, 9ª ed. Campinas: Ed. Papirus, 1997. p. 137 – 146.

\_\_\_\_\_. Campo científico. In: **Pierre Bourdieu**: sociologia. (Org.) Renato Ortiz. Trad. Paula Monteiro e Alícia Auzmendi. São Paulo, SP: Ática, 1983.

BRASIL. **Indicadores de instituições e cursos**.

Fonte: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=17246>.

Acesso: 30/06/2016.

BRASIL. CAPES/MEC. **Educação Física** (Documentos referentes à Área 21).

Fonte: <http://www.capes.gov.br/component/content/article/44-avaliacao/4666-educacao-fisica>.

Acesso: 30/06/2016.

BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar**: O ser, o conhecimento, a linguagem. 20ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.



COMPARATO, Fabio Konder. **Ética**: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2006.

CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o Homem**: Introdução a uma filosofia da cultura humana. 2º tiragem, 1ª edição, Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997. (Coleção Tópicos)

CASTRO, Cloves Alexandre. O processo de urbanização e o surgimento das primeiras universidades. In: **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 18, n.1, p. 39-54, jan. /abr. 2014. p. 39-54.

CHAUÍ, Marilena. **Espinosa**: uma filosofia de liberdade. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2005.

\_\_\_\_\_. Cultura Popular e autoritarismo. In: ROCHA, André (org.). **A ideologia da competência**. Belo Horizonte, MG: Autêntica; São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 2014. (Escritos de Marilena Chauí, 3). p. 47 – 86.

\_\_\_\_\_. Introdução, como de praxe. In: ROCHA, André (org.). **A ideologia da competência**. Belo Horizonte, MG: Autêntica; São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 2014. (Escritos de Marilena Chauí, 3). p. 09 – 46.

DAMIÃO, Carla Milani. O eclipse da razão segundo Horkheimer. In: **Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas**. V. 13, n. 24, jan./jun. 2013, p. 103 – 115.

DAOLIO, Jocimar. Os significados do corpo para cultura e as implicações para a educação física. In: **Movimento** - Ano 2 - N. 2 – Junho, 1995. p. 24-28.

\_\_\_\_\_. A ordem e a (des)ordem na educação física brasileira. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, SP, v. 25, n. 1, p. 115-127, set. 2003. p. 115-127.

\_\_\_\_\_. A educação física escolar como prática cultural: tensões e riscos. **Pensar a Prática** 8/2: 215-226, Jul./Dez. 2005. p. 215-226.

\_\_\_\_\_. Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty. **Pro-Posições**, v. 23, n. 3 (69), set./dez. 2012. p. 179-193.

\_\_\_\_\_. A produção acadêmica em educação física: a Capes como um “não-lugar”. **Pensar a Prática**, Goiânia, GO, v. 18, n. 2, abr./jun. 2015. p. 502-512.

DAOLIO, Jocimar; ROBLE, Odilon José. Do corpo identitário ao corpo virtual: algumas implicações para a educação física. **Pro-posições**, v. 17, n. 1 (49) - jan./abr. 2006. p. 217-226.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DESCARTES, René. **Meditações**. Trad. Bento Prado Junior. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1973a. (Col. Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. **Discurso do Método**. Trad. Newton de Macedo. 2. edição, Ed: Livraria Sá da Costa, Lisboa: 1943.

\_\_\_\_\_. **Discurso do método**. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1973b. (Col. Os Pensadores).

DUARTE, Rodrigo. **Teoria crítica da indústria cultural**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2003. (Col. Humanitas).

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre Dialética Negativa, estética e educação. In: Pucci, Bruno et. al. (orgs.). **Dialética Negativa, estética e educação**. Campinas, SP: Alínea, 2007.

ELIAS, Nobert. **A busca da excitação**. Trad. Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa, PT: Difel, 1992. (Col. Memória e sociedade).

FICHTE, Johann Gottlieb. **Lições sobre a vocação do sábio seguido de Reivindicação da liberdade de pensamento**. Trad. Artur Morão. Lisboa, PT: Edições 70, 1999.

FREITAG, Barbara. **A teoria crítica: ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FROM, Erich. **Análise do homem**. Trad. Octávio Alvez Velho, 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1964. (Col. Biblioteca de Ciências Sociais).

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Trad. Eric Nepomuceno, 9ª edição, Porto Alegre – RS: L&PM, 2002.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. A ética na era da globalização à luz do pensamento de Adorno. In: **Teoria crítica, ética e educação**. PUCCI et. al. (Orgs.). Piracicaba: Ed. Unimep, Campinas: Autores associados, 2001. p. 67 – 84.

GUEROULT, Martial. O método em história da filosofia. Trad. Nicole Alvarenga Marcello. In: **SKÉPSIS**, ISSN 1981-4194, ANO VIII, Nº 12, 2015. p. 160 – 170.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Trad. Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves, 6ª ed. São Paulo, SP: Loyola, 1996.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. Trad. Marco Aurélio Werle. In: **Scientiæ Studia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p. 375 - 398

JAPIASSU, Hilton. **Um desafio à filosofia: pensar-se nos dias de hoje**. São Paulo, SP: Letras e Letras, 1997.

KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1992.

KANT, Immanuel. **Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita**. Trad. Ricardo Terra, 2ª edição, São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004. (Col. Tópicos).

\_\_\_\_\_. **Crítica da razão pura**. Trad. Manuela P. dos Santos e Alexandre F. Morujão. 7ª edição, Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

\_\_\_\_\_. Que significa orientar-se no pensamento? In: **Textos Seletos**. Trad. Floriano de S. Fernandes. 6ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2010a. p. 46 – 62.

\_\_\_\_\_. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? (Aufklärung). In: **Textos Seletos**. Trad. Floriano de S. Fernandes. 6ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2010b. 63 – 91.

KANT, Immanuel. **Prolegômenos a toda a metafísica futura**. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1982.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Trad. Beatriz Viana Doeira e Nelson Boeira, 9ª ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2009.

LA ROCHEFOUCAULD, François de. **Reflexões ou sentenças e máximas morais**. Trad. Rosa F. D’Aguiar, São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2014.

LEÃO, Emanuel Carneiro. **Aprendendo a pensar**. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides J. Barros. São Paulo, SP: Ática, 1991.

LÖWY, Michel. A revolução proletária. In: **Ler Marx**. trad. Mariana Echalar. Duménil, Gérard (et. al), São Paulo, SP: Ed. Unesp, 2011.

MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. In: **Novos estudos Cebrap**, n. 44, 1996. p. 24 – 44.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad. José Carlos Bruni (et. al.). 2ª ed. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Trad. Alvaro Pina. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 7ª impressão, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos A. de Moura, 2ª ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

MARQUES, Fabrício. Os impactos do investimento. In: **Revista Pesquisa Fapesp**, n. 246, ago. 2016. p. 16 – 23.

MONTAGNE, Michel de. **Ensaio**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1972. (Col. Os Pensadores).

- NOVAES, Adauto (Org.). **Mutações**. Rio de Janeiro: Agir, São Paulo, SP: Edições SESC, 2008.
- NÚÑES TENORIO. J. R. **Metodologia de las ciencias sociales**. Ediciones Alafadil, Caracas, COL, 1989.
- OLIVEIRA, Terezinha. Origem e memória das universidades medievais: a preservação de uma instituição educacional. In: **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, MG, vol. 23, nº 37: p.113-129, jan. /jun. 2007. p. 113–129.
- OLIVER, Abel. Kant et l'émancipation de l'humanité. In: **Autres Temps**: Les cahiers du christianisme social. N°25, 1990. pp. 7-15.
- PALANCA, Nelson. Globalização: A difícil fuga do mundo administrado. In: **Teoria crítica, ética e educação**. PUCCI et. al. (Orgs.). Piracicaba: Ed. Unimep, Campinas: Autores associados, 2001. p. 45 – 56.
- PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. Trad. Sérgio Milliet. 4ª ed., São Paulo, SP: Nova Cultural, 1988. (Col. Os Pensadores).
- PLATÃO. Íon. Trad. Henrique G. Murachco. In: **Educação e Filosofia**, Uberlândia, MG, Vol. 5, nº 6, p. 97-113, jan./dez. 1991.
- PLATON. **Apologie de Socrate**. Traduction par Émile Chambry. V. 3, Québec: *La Bibliothèque électronique du Québec*. (s.d). *Édition de référence*: Garnier-Flammarion, n. 75. (Collection Philosophie).
- PETERS, F. E. **Termos filosóficos gregos**: um léxico histórico. Trad. Beatriz Rodrigues Barbosa. 2ª edição, Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.
- PETRY, Franciele bete. **Além de uma crítica à razão instrumental**. [Tese de Doutorado em Filosofia - UFSC], Orientador: Alessandro Pinzani, Florianópolis, SC, 2011.
- PIKETTY, Thomas. **A economia da desigualdade**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2015.
- RANCIÈRE, Jacques. **Os nomes da história**: ensaio de poética do saber. Trad. Mariana Echalar. São Paulo, SP: ed. Unesp, 2014.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Contrato Social. In: **ROUSSEAU**. Trad. Lurdes dos S. Machado, São Paulo: Abril Cultural, 1973a. (Col. Os Pensadores). p. 7 – 152.
- \_\_\_\_\_. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. In: **ROUSSEAU**. Trad. Lurdes dos S. Machado, São Paulo: Abril Cultural, 1973b. (Col. Os Pensadores). p. 207 – 328.

\_\_\_\_\_. Discurso sobre as ciências e as artes. In: **ROUSSEAU**. Trad. Lurdes dos S. Machado, São Paulo: Abril Cultural, 1973c. (Col. Os Pensadores). p. 329 – 360.

\_\_\_\_\_. **Carta a D’Alambert**. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1993. (Coleção Repertórios).

SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. Á. **Projetos de pesquisa, fundamentos lógicos**: a dialética entre perguntas e respostas. Chapecó, SC: Argos, 2013.

CHAVES-GAMBOA, M. A produção do conhecimento em Educação Física nos Estados do Nordeste (Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe) 1982-2004: balanço e perspectivas. 2005. Tese (Pós-doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. 589p.

CHAVES-GAMBOA, M.; SÁNCHEZ GAMBOA, S. Pesquisa na Educação Física: epistemologias, escola e formação profissional. Maceió: EdUFAL, 2009. 174p.

GAMBOA, Silvio. Á.; CHAVES-GAMBOA, M.; TAFFAREL, C. A pesquisa em educação física no nordeste brasileiro (Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe), 1982-2004: balanço e perspectivas. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, SP, v. 29, n. 1, set. 2007. p. 89-106.

SILVA, Ana Márcia. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campinas / SP: Autores Associados: Florianópolis: Ed. UFSC, 2001. (Col. Educação física e esportes).

SILVA, Rafael Cordeiro. Razão instrumental, dominação e globalização: A dialética como tarefa da filosofia em Marx Horkheimer. In: **Teoria crítica, ética e educação**. PUCCI et. al. (Orgs.). Piracicaba: Ed. Unimep, Campinas: Autores associados, 2001a. p. 57 – 66.

SOARES, C. L. Notas sobre a Educação do Corpo. In: **Educar em Revista** (Impresso), Curitiba, PR, v. 16, n.16, 2000. p. 43-60.

\_\_\_\_\_. FRAGA, Alex Branco . Pedagogia dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas. In: **Pro-Posições** (Unicamp), Campinas, SP, v. 14, n.41, 2003a. p. 77-90.

\_\_\_\_\_. Do Corpo, da Educação Física e das muitas Histórias. In: **Movimento** UFRGS, Porto Alegre, RS, v. 9, n.3, 2003b. p. 125-147.

\_\_\_\_\_. ROVERI, Fernandda T.. Compre, coleione e fique na moda: Reflexões sobre o consumismo infantil e o brincar. In: **Zero-a-seis**, Florianópolis, SC, v. 1, jan-jun, 2015a. p. 1-12.

\_\_\_\_\_. et. al. Corpo-Máquina: Diálogos entre discursos científicos e a ginástica. In: **Movimento**, Porto Alegre, RS, v. 21, n. 4, out./dez. 2015b. p. 973-984.

TAFFAREL, C. N. Z.; LACKS, S. ; SANTOS JÚNIOR, C. L. . Formação de Professores de Educação Física: Estratégia e Táticas. In: **Motrivivência**, v. XVIII, 2006. p. 89-112.

TAFFAREL, C. N. Z. Formação de professores de educação física: diretrizes para a formação unificada. In: **Kinesis**, v. 30, 2012. p. 95–133.

TAFFAREL, C. N. Z.; SANTOS JÚNIOR, C. L. ; SILVA, W. A. Megaeventos esportivos: determinações da economia política, implicações didático-pedagógicas e rumos da formação humana nas aulas de educação física. In: **Em Aberto**, v. 1, 2013. p. 59–68.

THOMSON, Dianne C., ROBERTSON, Lorayne. Fit for what? In: Critical Analysis of Canadian Physical Education Curriculum. In: **Critical Education**, Volume 5 Number 19, December, 2014. p. 1 – 19.

VILAS-BOAS, João Paulo Simões. **Niilismo, fanatismo e terror: uma leitura do fundamentalismo a partir de Friedrich Nietzsche**. Tese (Doutorado em Filosofia) – IFICH, UNICAMP, Campinas/SP, 2016.

VERGUEZ, André; HUISMAN, Denis. **A composição filosófica**. Freitas Bastos: Rio de Janeiro, RJ/São Paulo, SP, 1970.

VERISSIMO, Erico. **Um certo capitão rodrigo**. 2ª edição, São Paulo, SP: Abril S.A.. 1975.

VEYNE, Paul. **Acreditavam os gregos em seus mitos?** Ensaio sobre a imaginação constituinte. Trad. Horácio Gonzales e Milton Meira do Nascimento. São Paulo, SP: Brasiliense, 1984.

WELLE, Deutsche. Brasil é 60º de 76 países em ranking de educação. In: **Carta Capital**, publicado em 13/05/2015.

Fonte:<http://www.cartacapital.com.br/educacao/brasil-e-60o-de-76-paises-em-ranking-de-educacao-8400.html>.

Acesso: 31/05/16.

## REFERENCIAL DA ÁREA TEMÁTICA CORPO E CULTURA (TESES E DISSERTAÇÕES)

### Alagoas

GIUDICELLI, Bruno Barbosa. **Abordagem denominada de cultural corporal**: Discurso ressignificador de professores de educação física. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, UGF, Rio de Janeiro/RJ: 2008.

DIAS, João Carlos N. S. N. **corpo e gestualidade**: o jogo de capoeira e os jogos de conhecimento. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal/RN: 2007.

## **Bahia**

ABIB, Pedro Rodolpho Junguers. **Capoeira Angola**: Cultura popular e o jogo dos saberes da roda. Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas/SP, 2004.

CAMPOS, Hélio José Bastos Carneiro de. **Capoeira Regional**: A escola de Bimba. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFBA, Salvador/BA, 2006.

CONRADO, Amélia Vitória de Souza. **Capoeira angola e dança afro**: contribuições para uma política de educação multicultural na Bahia. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFBA, Salvador/BA, 2006.

COSTA, Neuber Leite. **Capoeira, trabalho e educação**. Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de Educação, UFBA, Salvador/BA, 2007.

JUNIOR, Luis Vitor Castro. **Campos de visibilidade da capoeira baiana**: as festas populares, as escolas de capoeira, os cinemas e as artes (1955 – 1985). Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de História, PUCSP, São Paulo, 2008.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. **A negação do corpo negro**: Representações sobre o corpo no ensino da educação Física. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UNEB, Salvador/BA, 2007.

SILVA, Jean Adriano Barros da. **A capoeira na formação da pessoa com deficiência visual**: dificuldades e perspectivas presentes na ação pedagógica. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFBA, Salvador/BA, 2008.

## **Ceará**

BARONTINI, Lúcia Rejane de Araújo. **Meditação Autobiográfica sobre a Arte de Viver de Sri Sri Ravi Shankar**: Aventura, Formação, Sabedoria e Espiritualidade. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFCE, Fortaleza/CE, 2009.

LIMA, Patrícia Ribeiro Feitosa. **Significado da dança na promoção da saúde de crianças do ensino público municipal de Fortaleza-Ceará**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Ciências da Saúde, UNIFOR, Fortaleza/CE, 2006.

LOURENÇO, Amanda Nogueira. **Travesti**: a construção do corpo feminino "perfeito" e suas implicações para a saúde. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Ciências da Saúde, UNIFOR, Fortaleza/CE, 2009.

## Maranhão

CAVALCANTE, Zartú Giglio. **O 'herói' desportivo e sua relação com a sociedade contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Faculdade de Educação, PUCSP, São Paulo, 1996.

VIANA, Raimundo Nonato Assunção. **Bumba-Meu-Boi, Cacuriá, Tambor de Crioula**: expressões da linguagem do corpo na educação. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFRN, Natal/RN, 2003.

\_\_\_\_\_. **O bumba meu boi como fenômeno estético**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFRN, Natal/RN, 2006.

## Paraíba

SILVA, Giulyanne Maria Lima da. **Práticas corporais e satisfação com a Imagem corporal**: A percepção dos idosos. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação, UPE/UFPB, Recife/PE, 2012.

WIGGERS, Ingrid Dittrich. **Corpos desenhados**: olhares de crianças de Brasília através da escola e da mídia. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFSC, Florianópolis/SC, 2003.

## Pernambuco

ALVES, Hilda Sayone de Moraes. **Concepções Filosóficas de Corpo Implícitas no Projeto Esporte Educacional nas Escolas em Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFPE, Recife/PE, 2003.

AMBLARD, Isabela. **“A gente anda com o bom e o mau ao lado...”**: representações sociais da vitória/derrota segundo os atletas do esporte de alto rendimento. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, UFPE, Recife/PE, 2012.

FRANÇA, Tereza Luiza de. **Educação-Corporeidade-Lazer**: saber da experiência cultural em prelúdio. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFRN, NATAL/RN, 2003.

LINDOSO, Rosângela Cely Branco. **O corpo nas representações sociais do professor de esporte**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFPE, Recife/PE, 2011.

LIRA, Maria Helena Câmara. **Academia das santas virtudes**: A educação do corpo feminino pelas beneditinas missionárias nas primeiras décadas do século XX. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFPE, Recife/PE, 2009.



SAYÃO, Sandro Cozza. Sobre a leveza do humano: um diálogo com Sartre, Heidegger e Levinas. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, PUCRS, Porto Alegre/RS, 2006.

SILVA, Eduardo Jorge Souza da. **O Jogo como Conhecimento da Formação Inicial em Educação Física**: Um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFPE, Recife/PE, 2007.

SILVA, Joanna Lessa Fontes. **Os significados do futebol amador recifense a partir de sua interdependência com o futebol profissional**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Sociologia, UFPE, Recife/PE, 2009.

SOUZA, Edilson Fernandes de. **Entre o fogo e o vento**: as práticas de batuques e o controle das emoções. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas/SP, 1998.

## **Piauí**

LAGES, Solange Maria Ribeiro Nunes. **Dança Folclórica**: um estudo comparativo do gasto calórico e das qualidades físicas básicas em universitários de diferentes níveis técnicos. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Faculdade de Ciências da Saúde, UFRN, Natal/RN, 2008.

## **Rio Grande do Norte**

DIAS, Maria Aparecida. **Interfaces do corpo e da corporeidade na pedagogia Freinet**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFRN, Natal/RN, 2002.

FILHO, Lindomar da Silva. **Imagem corporal e fatores de riscos em praticantes de caminhada da cidade do natal**. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Faculdade de Ciências da Saúde, UFRN, Natal/RN, 2009.

MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento de. **Uma educação tecida no corpo**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFRN, Natal/RN, 2008.

## **Sergipe**

KUHN, Roselaine. **A Cultura de Brincadeiras do Município de Coronel Barros-RS**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFSE, Ijuí/RS, 1997.

SANTOS, Luiz Anselmo Menezes. **Educação do Corpo e Liberdade**: Considerações sobre a concepção iluminista da Educação Física. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) – Faculdade de Educação, UNIUI, São Cristóvão/SE, 2002.

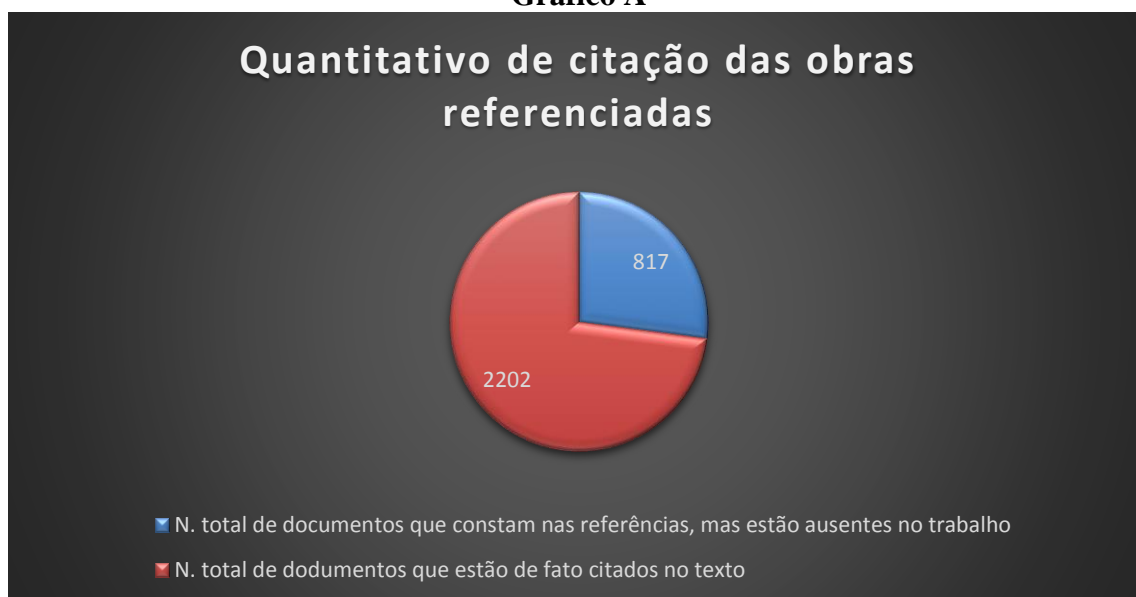
\_\_\_\_\_. **O corpo Próprio como Princípio Educativo a partir da Perspectiva Fenomenológica de Merleau-Ponty.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFSE, São Cristóvão/SE, 2012.

## **APÊNDICES**

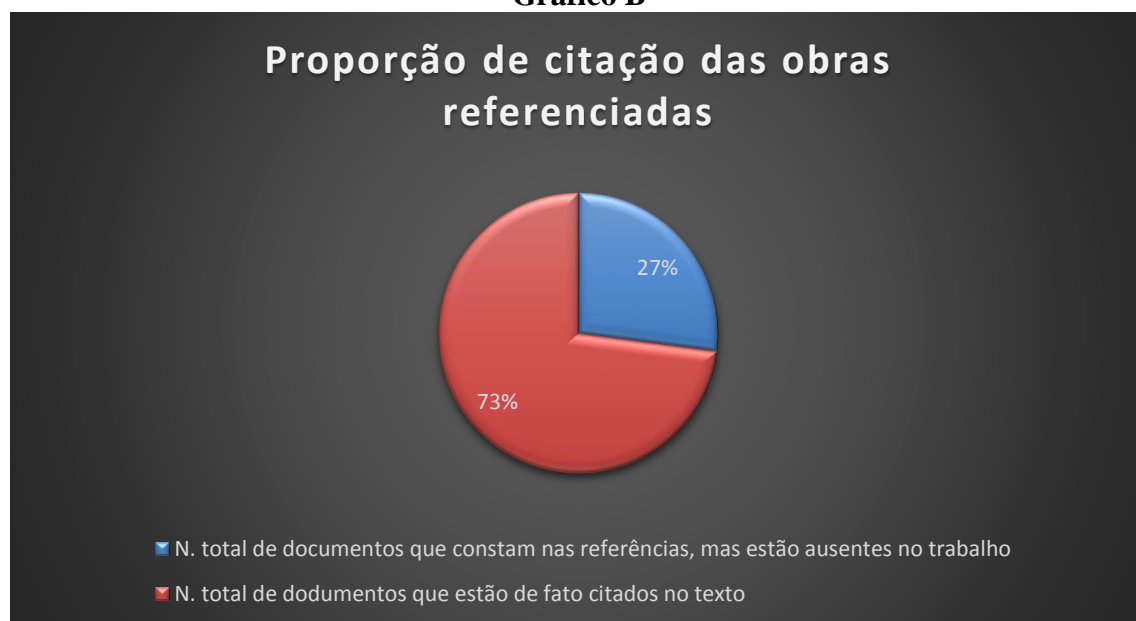
## APÊNDICE A – BIBLIOMETRIA

Gráfico A e B, contendo dados dos 32 trabalhos avaliados:

**Gráfico A**



**Gráfico B**



## **Bibliometria dividida por Estados:**

### **ALAGOAS**

#### **2 autores**

#### **Bruno Barbosa Giudicelli**

Mestrado em Educação Física: Universidade Gama Filho –2008

Título: Abordagem denominada de cultura corporal: Discurso ressignificador de professores de educação física.

#### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 55

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 9

Trabalhos que estão citados no texto:  $55 - 9 = 47$

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 9

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 4

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 4

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 21

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 41

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 5

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 37

(Acima de 8 citações: Autores)

CAPARRÓZ, Francisco Eduardo. Discurso e prática pedagógica: elementos para a compreensão da complexa teia que envolve a Educação Física na dinâmica escolar. In: CAPARRÓZ, Francisco Eduardo. Educação Física escolar: política, investigação e intervenção. v. 1, Vitória, ES: PROTEORIA, 2001, p. 193-214.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 11 ed, São Paulo: Loyola, 2004.

GAMBOA, Silvio Sánchez. Teoria e prática: uma relação dinâmica e contraditória. In: Motrivivência: Educação Física, teoria e prática. Ano 7, n. 8, Ijuí, RS: Unijuí, dez. 1995, p. 31-45.

SOARES, Carmen Lúcia et. al. Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo, SP: Cortez, 1992. – (Coleção magistério 2º. Grau. Série formação do professor).

#### **João Carlos Neves de Souza e Nunes Dias**

Mestrado em Ciências Sociais: Universidade Federal do Rio Grande do Norte – 2007.

Título: Corpo e gestualidade: o jogo da capoeira e os jogos do conhecimento.

#### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 35

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 6

Trabalhos que estão citados no texto:  $35 - 6 = 29$

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 19

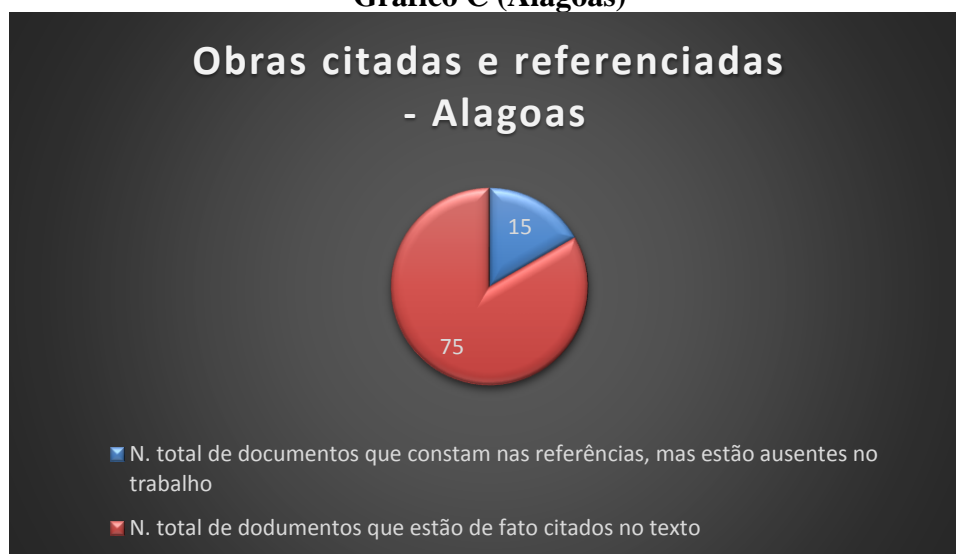
Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 8  
 Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 2  
 Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 48  
 Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 26  
 Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0  
 Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores)

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SERRES, Michel. Varrições sobre o corpo. Trad. Edgar de A. Carvalho e Maria Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

**Gráfico C (Alagoas)**



## **BAHIA**

### **7 Autores**

#### **Jean Adriano Barros da Silva**

Mestrado em Educação: Universidade Federal da Bahia – 2008

Título: A capoeira na formação da pessoa com deficiência visual: dificuldades e perspectivas presentes na ação pedagógica.

#### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 65

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 21

Trabalhos que estão citados no texto:  $65 - 21 = 44$

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 41

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 3

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 0

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 3

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores)

Não há.

### **Pedro Rodolpho Jungers Abib**

Doutorado em Educação: Universidade Estadual de Campinas –2004

Título: Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda.

#### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 129

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 5

Trabalhos que estão citados no texto:  $124 - 5 = 119$ .

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 108

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 10

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 1

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 9

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 8

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 2

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 1

(Acima de 8 citações: Autores).

Não há.

### **Luiz Vitor Castro Júnior.**

Doutorado em História Social: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –2008

Título: Campos de visibilidade da capoeira baiana: as festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955 – 1985).

#### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 411

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 138

Trabalhos que estão citados no texto:  $411 - 138 = 273$ .

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 267

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 4

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 2

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 6

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 2

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores).

FURER, Bruno (Org.) CARYBÉ: Salvador: Fundação Emílio Odebrecht. 1999.

VANOYE, Francis. GOLIOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre uma análise fílmica. Campinas: Papirus, 1994.

### **Ivanilde Guedes de Mattos**

Mestrado em Educação: Universidade Federal da Bahia – 2007

Título: A negação do corpo negro: representações sobre o corpo no ensino da educação física

#### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 113

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 47

Trabalhos que estão citados no texto:  $113 - 47 = 66$ .

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 60

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 6

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 0

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 6

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores).

Não há.

### **Hélio José B. C. de Campos**

Doutorado em Educação: Universidade Federal da Bahia – 2006

Título: Capoeira regional: A escola de Mestre Bimba

#### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 179

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 126

Trabalhos que estão citados no texto:  $179 - 126 = 53$ .

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 46

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 6

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 1

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 6

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0



(Acima de 8 citações: Autores)

SODRÉ, Muniz. Mestre Bimba: corpo de mandinga. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

---

**Amélia V. de Souza Conrado**

Doutorado em Educação: Universidade Federal da Bahia – 2006

Título: Capoeira angola e dança afro: Contribuições para uma política multicultural na Bahia.

**REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

**NÃO CONSTA REFERENCIAL BIBLIOMETRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 17

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 2

Trabalhos que estão citados no texto:  $17 - 2 = 15$ .

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 14

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 0

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 1

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 14

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 1

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores)

GADOTTI, M. História das Ideias Pedagógicas. 8ª edição. São Paulo: editora Ática, 2002.

---

**Neuber Leite Costa**

Mestrado em Educação: Universidade Federal da Bahia – 2008

Título: Capoeira, trabalho e educação.

**REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 150

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 13

Trabalhos que estão citados no texto:  $150 - 13 = 137$

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 116

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 21

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 0

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 1

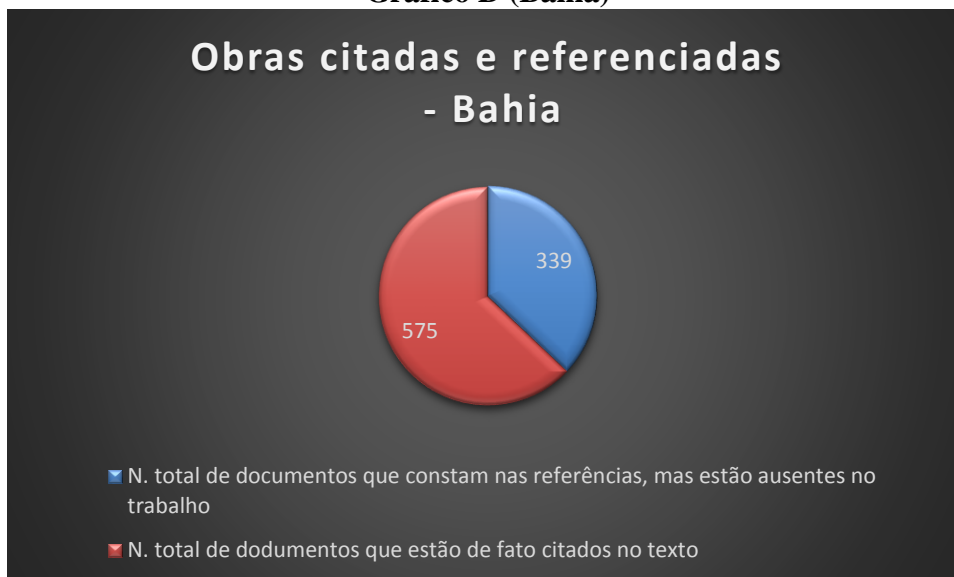
Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 9

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores)

Não há.

**Gráfico D (Bahia)**

## **CEARÁ**

### **3 autores**

#### **Lúcia Rejane Barontini**

Doutorado em Educação: Universidade Federal do Ceará – 2009

Título: Meditação biográfica sobre a arte de viver de Sri Sri Ravi Shankar: Aventura, formação, sabedoria e espiritualidade.

#### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 168

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 30

Trabalhos que estão citados no texto:  $168 - 30 = 138$

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 122

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 11

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 6

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 6

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 10

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores)

FEUERSTEIN, Georg. A tradição do Yoga: história, literatura, filosofia e prática. São Paulo: Cultrix, 2003.

FORMENTI, Laura. La formazioni autobiografica. Confronti tra modelli e e riflezionni tra teoria e prática. Milano: Guerine Studio, 1998.

TAIMNI, I. K. A ciência do Yoga. Brasília: Editora Teosófica, 2006.

---

**Amanda Nogueira Lourenço**

Mestrado em Saúde Coletiva: Universidade de Fortaleza – 2009

Título: Travesti: A construção do corpo feminino perfeito e suas implicações para a saúde.

**REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 94

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 71

Trabalhos que estão citados no texto:  $94 - 71 = 23$

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 21

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 2

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 0

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores)

Não há.

---

**Patrícia Ribeiro Feitosa Lima**

Mestrado em Saúde Coletiva: Universidade de Fortaleza – 2006

Título: Significado da dança na promoção da saúde de crianças do ensino público municipal de Fortaleza.

**REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 88

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 11

Trabalhos que estão citados no texto:  $88 - 11 = 77$

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 74

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 3

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 0

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

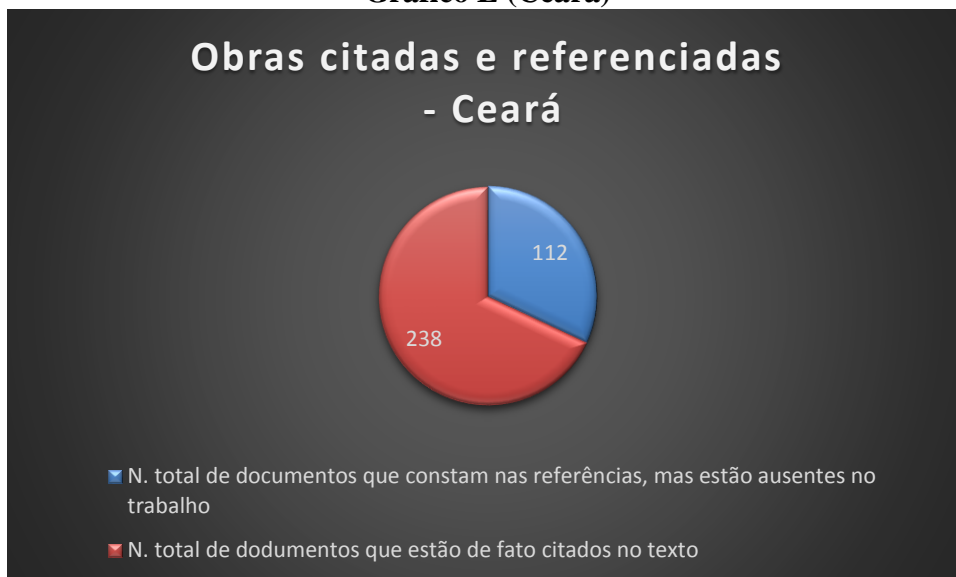
Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores)

Não há.

**Gráfico E (Ceará)**


---

## **MARANHÃO**

### **3 Autores**

#### **Raimundo Nonato Assunção Viana**

Mestrado em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – 2003.

Título: BUMBA-MEU-BOI, CACURIÁ, TAMBOR DE CRIOLA: Expressões da linguagem do corpo na educação.

#### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 35

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 2

Trabalhos que estão citados no texto:  $35 - 2 = 33$

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 28

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 3

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 2

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 2

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores)

LABAN, Rudolf. Domínio do movimento. Edição organizada por Lisa Ullmann. Tradução de Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto Salomão. São Paulo: Summus, 1978.

MARQUES, Isabel. Ensino de dança hoje: textos e contextos. São Paulo: Cortez, 1999.

---

**Raimundo Nonato Assunção Viana**

Doutorado em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – 2006.

Título: O Bumba-Meu-Boi como fenômeno estético.

**REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 61

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 1

Trabalhos que estão citados no texto:  $61 - 1 = 60$

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 46

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 4

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 10

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 2

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 2

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 1

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 1

(Acima de 8 citações: Autores)

CASCUDO, Luiz Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 11ª ed. São Paulo: Global, 2001.

CHEVALIER, Jean; GUEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos: sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Cristina Rodrigues e Arthur Guerra. Lisboa: Teorema, 1982.

DUFRENNE, Mikel. Estética e Filosofia. Trad. Rogério Fernandes, 2ª ed. São Paulo. Martins Fontes, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MARQUES, Francisca Ester de Sá. Mídia e experiência estética na cultura popular: o caso do bumba meu boi. São Luiz: Imprensa Universitária, UFMA 1999.

---

**Zartú Giglio Cavalcanti**

Mestrado em Psicologia da Educação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – 1996.

Título: O “herói” desportivo e sua relação com a sociedade contemporaneidade.

**REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 73

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 11

Trabalhos que estão citados no texto:  $73 - 11 = 62$

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 55

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 4

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 3

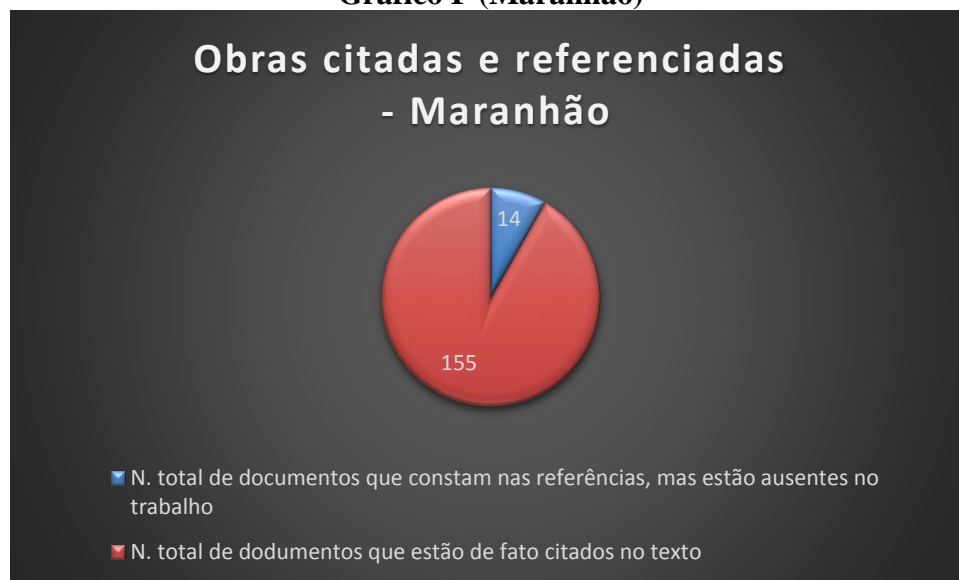
Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 5  
 Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 3  
 Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0  
 Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores)

PEARSON, Carol S. O herói interior: seis arquétipos que orientam nossa vida. Trad. Terezinha Batista Santos, São Paulo, Ed. Cultrix, 1994.

SILVEIRA, Nise. Jung: vida e obra. 10a ed., Rio de Janeiro, Ed. Paz e terra, 1986.

**Gráfico F (Maranhão)**



## **PARAÍBA**

### **2 autores**

#### **Giulyanne Maria Lima da Silva**

Mestrado em Educação Física: Mestrado associado UPE/UFPB –2012

Título: Práticas corporais e satisfação com a imagem corporal: a percepção de idosas

#### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 49

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 3

Trabalhos que estão citados no texto:  $49 - 3 = 46$

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 37

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 8

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 1

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 7

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 1

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores)

MUCIDA, Ângela. O sujeito não envelhece – Psicanálise e velhice. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

### **Ingrid Dittrich Wiggers**

Doutorado em Educação: Universidade Federal de Santa Catarina –2003

Título: Corpos desenhados: Olhares de crianças de Brasília através da escola e da mídia

### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 161

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 6

Trabalhos que estão citados no texto:  $161 - 6 = 155$

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 125

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 17

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 13

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 20

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 9

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores)

DERDYK, Edith. O desenho da figura humana. São Paulo: Scipione, 1990.

ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DUARTE, Maria de Souza. A educação pela arte: o caso Brasília. Brasília: Thesaurus, 1983.

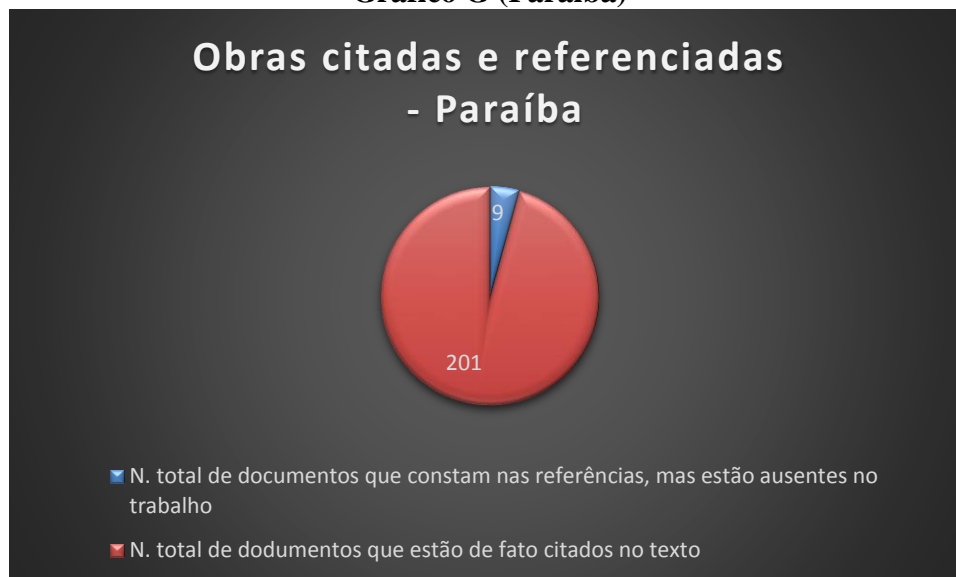
ÉBOLI, Maria Terezinha de Melo. Uma experiência de educação integral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/Instituto Nacional do Livro, 1971.

KOUDELA, Ingrid Dormien. Jogos teatrais. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do Eu. In: ZIZEK, Slavoj (Org.).

Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 97 - 103.

MÈREDIEU, Florence de. O desenho infantil. São Paulo: Cultrix, 1997.

**Gráfico G (Paraíba)**


---

## **PERNAMBUCO**

### **9 Autores**

#### **Maria Helena C. Lira**

Mestrado em Educação: Universidade Federal de Pernambuco – 2009

Título: Academia das santas virtudes: a educação do corpo feminino pelas beneditinas missionárias nas primeiras décadas do Século XX

#### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 74

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 19

Trabalhos que estão citados no texto:  $74 - 19 = 55$ .

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 42

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 9

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 4

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 6

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 4

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 1

(Acima de 8 citações: Autores):

MANOEL, Ivan Aparecido. A igreja e educação feminina. (1819 – 1919) uma face do conservadorismo. São Paulo: ed. Unesp, 1996.

---



**Joana L. Fontes Silva**

Mestrado em Sociologia: Universidade Federal de Pernambuco – 2009

Título: Os significados do futebol amador recifense a partir de sua interdependência com o futebol profissional.

**REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 53

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 11

Trabalhos que estão citados no texto:  $53 - 11 = 42$ .

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 31

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 5

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 6

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 10

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 1

(Acima de 8 citações: Autores):

ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1985.

PEREIRA, R. D. Fútbolmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro. 1902 – 1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SANTOS NETO, J. M. dos. Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

**Tereza Luiza de França.**

Doutorado em Educação: Universidade Federal do Rio Grande do Norte – 2003

Título: Educação-corporeidade-lazer: saber da experiência cultural em prelúdio.

**REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 214

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 64

Trabalhos que estão citados no texto:  $214 - 64 = 150$ .

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 131

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 15

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 4

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 16

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 1

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores):

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. A descoberta do fluxo: a psicologia do desenvolvimento com a vida cotidiana. Trad. Pedro Ribeiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 7ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996 (col. Leitura).

### **Edilson Fernandes de Souza.**

Doutorado em Educação Física: Universidade Estadual de Campinas – 1998

Título: Entre o fogo e o vento: as práticas de batuques e o controle das emoções.

### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 99

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 53

Trabalhos que estão citados no texto:  $99 - 53 = 46$ .

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 46

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 0

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 0

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores):

Não há.

### **Rosangela Cely B. Lindoso**

Mestrado em Sociologia: Universidade Federal de Pernambuco – 2009

Título: O corpo nas representações sociais do professor de esporte.

### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 140

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 42

Trabalhos que estão citados no texto:  $140 - 42 = 98$ .

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 85

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 10

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 3

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 10

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 2

(Acima de 8 citações: Autores): obs. Todas são citações indiretas

JODELET, Denise. The representation of the body and its transformations. In: FARR, R.; MOSCOVICI, S. (Eds). Social representations. Cambridge. UK: Cambridge. University press, 1984. (p. 211 – 238).

OLIVEIRA, Denise C. Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P. (Org.) Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais. João Pessoa: EdUEPB, 2005. (p. 573 – 603).

SÁ, Celso P. de. Núcleo central das representações sociais. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

### **Hilda S. de Moraes Alves**

Mestrado em Educação: Universidade Federal de Pernambuco – 2003

Título: Concepções filosóficas de corpo implícitas no projeto esporte educacional nas escolas em pernambuco.

### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 38

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 9

Trabalhos que estão citados no texto:  $38 - 9 = 29$ .

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 24

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 4

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 1

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 1

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores):

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Trad. Carlos A. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

### **Eduardo Jorge S. da Silva**

Mestrado em Educação: Universidade Federal de Pernambuco – 2007

Título: O jogo como conhecimento da formação inicial na educação física.

### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 76

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 12

Trabalhos que estão citados no texto:  $76 - 12 = 64$ .

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 55

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 7

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 2

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 9

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 2

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 2

(Acima de 8 citações: Autores):

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MINAYO, M. de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 1996.

### **Isabela Amblard**

Mestrado em Psicologia: Universidade Federal de Pernambuco – 2012

Título: “A gente anda com o bom e o mau ao lado...”: representações sociais da vitória/derrota segundo atletas do esporte de alto rendimento.

#### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 102

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 2

Trabalhos que estão citados no texto:  $102 - 2 = 100$ .

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 87

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 8

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 5

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 7

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 7

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores):

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

RÚBIO, K. *O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

### **Sandro Cozza Sayão**

Doutorado em Filosofia: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – 2006

Título: *Sobre a Leveza do humano: um diálogo com Heidegger, Sartre e Levinas*.

#### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 124

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 0

Trabalhos que estão citados no texto:  $124 - 0 = 124$ .

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 124

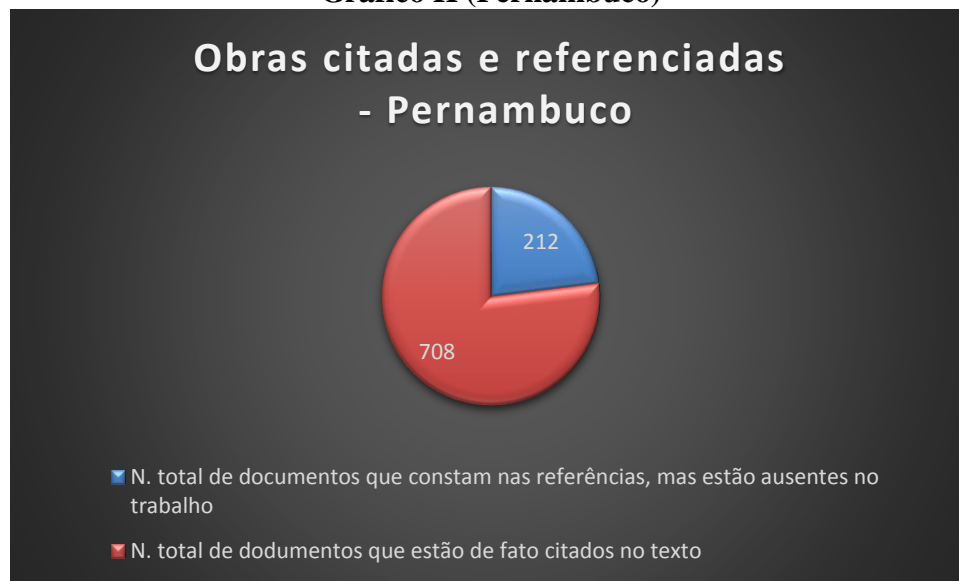
Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 0

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 0

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0  
 Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0  
 Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0  
 Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores):  
 Não há.

**Gráfico H (Pernambuco)**



## **PIAUÍ**

### **1 autora**

#### **Solange Maria Ribeiro N. Lages**

Mestrado em Ciências da Saúde: Universidade Federal do Rio Grande do Norte –2008

Título: Dança folclórica: um estudo comparativo do gasto calórico e das qualidades físicas básicas em universitários de diferentes níveis técnicos.

#### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 24

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 24

Trabalhos que estão citados no texto:  $24 - 24 = 0$

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 0

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 0

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 0

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

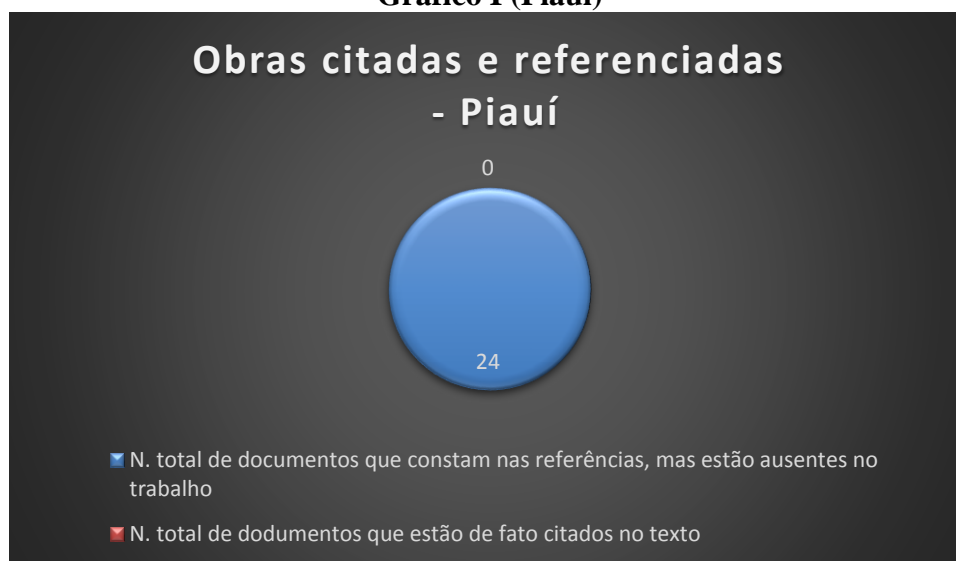
Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores)

Não há.

**Gráfico I (Piauí)**



## **RIO GRANDE DO NORTE**

### **3 autores**

#### **Lindomar da Silva Filho**

Doutorado em Ciências da Saúde – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – 2009.

Título: Imagem corporal e fatores de riscos em praticantes de caminhada na cidade de natal.

#### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 55 (Vancouver)

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 0

Trabalhos que estão citados no texto: 55 (Vancouver)

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 0

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 0

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 0

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores)

Não há.

---

**Maria Aparecida Dias**

Mestrado em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – 2006.

Título: Interfaces do corpo e da corporeidade na pedagogia Freinet

**REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 55

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 21

Trabalhos que estão citados no texto:  $55 - 21 = 34$

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 26

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 1

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 7

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 8

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 2

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores)

FRENET, C. Ensaio de psicologia sensível. São Paulo: Martins Fontes, 1998a. OBS: (a autora não destacou o tradutor e a edição).

\_\_\_\_\_. A educação do trabalho. São Paulo: Martins Fontes, 1998b OBS: (a autora não destacou o tradutor e a edição).

ASSMANN, H. Metáforas novas para reencantar a educação. Piracicaba: Ed. Unimep, 2001.

NOBREGA, T. Petrucia da. Corporeidade e educação física do corpo-objeto ao corpo-sujeito. Natal: EDUFRN, 2000.

OLIVEIRA, A. M. M. Raízes sociais e políticas de uma proposta pedagógica. Rio de Janeiro: Papeis e cópias da escola de professores, 1995.

---

**Rosie Marie Nascimento de Medeiros**

Doutorado em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – 2008.

Título: Uma educação tecida no corpo

**REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 26

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 3

Trabalhos que estão citados no texto:  $26 - 3 = 23$

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 15

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 5

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 3

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 3

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 7

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

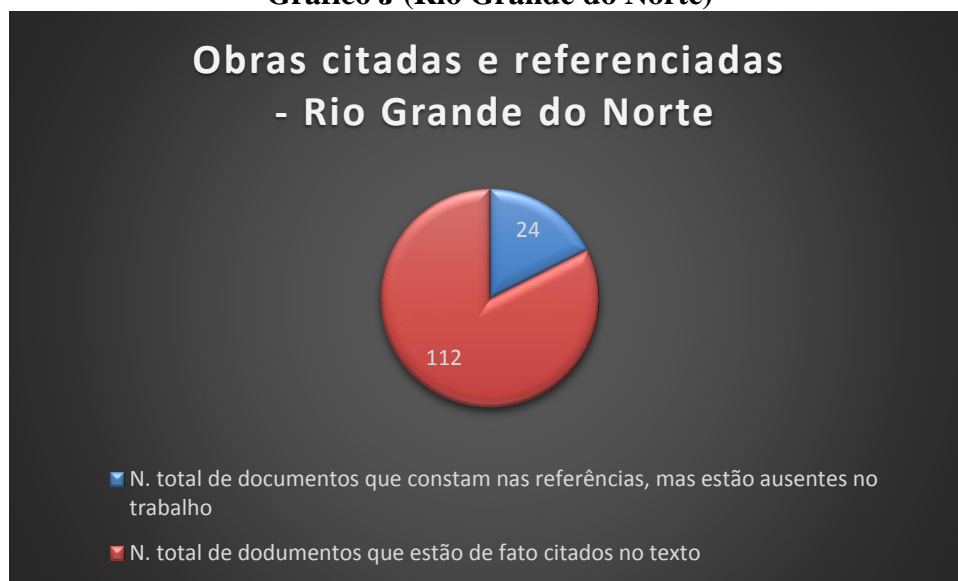
Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores):

LANGER, Susanne K. Sentimento e forma. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

PAVIS, Patrice. A análise dos espetáculos: teatro, mímica, dança, dança-teatro, cinema. São Paulo: Perspectiva, 2005.

**Gráfico J (Rio Grande do Norte)**



## **SERGIPE**

### **3 autores**

#### **Roselaine Kuhn**

Mestrado em Educação nas Ciências – Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul – 2009.

A cultura do brinquedo no município de coronel Barros-RS

#### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 69

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 34

Trabalhos que estão citados no texto:  $69 - 34 = 35$

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 29

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 4

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 2

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 6

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 1

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0



Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores)

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. Traduzido por João P. Monteiro. 2. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1980. 243 p.

SANTIN, Silvino. Educação física: outros caminhos. Porto Alegre: EST/ESEF, 1993

### **Luiz Anselmo Menezes santos**

Mestrado em Educação – Universidade Federal de Sergipe – 2002.

Educação do corpo e liberdade: algumas reflexões sobre a concepção iluminista da educação física

### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 56

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 28

Trabalhos que estão citados no texto:  $56 - 28 = 28$

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 24

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 1

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 3

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 4

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 2

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores)

KANT, Immanuel. Sobre a Pedagogia. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Unimep, 1996.

LOCKE, John. Pensamientos sobre La Educación. Traducción La Lectura y Rafael Lasaleta. Madrid-Espana: AKAL, 1986.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou da Educação. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995

### **Luiz Anselmo Menezes santos**

Doutorado em Educação – Universidade Federal de Sergipe – 2012.

O corpo próprio como princípio educativo a partir da perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty

### **REFERENCIAL BIBLIOMÉTRICO**

Número de documentos que constam nos referenciais – 81

Nº de doc. que constam nas referências, mas estão ausentes no trabalho – 6

Trabalhos que estão citados no texto:  $81 - 6 = 75$

Números de documentos que possuem menos de 3 citações – 57

Números de documentos que possuem mais de 3 e menos de 8 citações – 12

Número de documentos que possuem mais de 8 citações – 6

Citações diretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 18

Citações indiretas (com um autor) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 1

Citações diretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

Citações indiretas (grupo de autores) para trabalhos que possuem mais de 3 citações – 0

(Acima de 8 citações: Autores)

KANT, Immanuel. Sobre a Pedagogia. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Unimep, 1996.

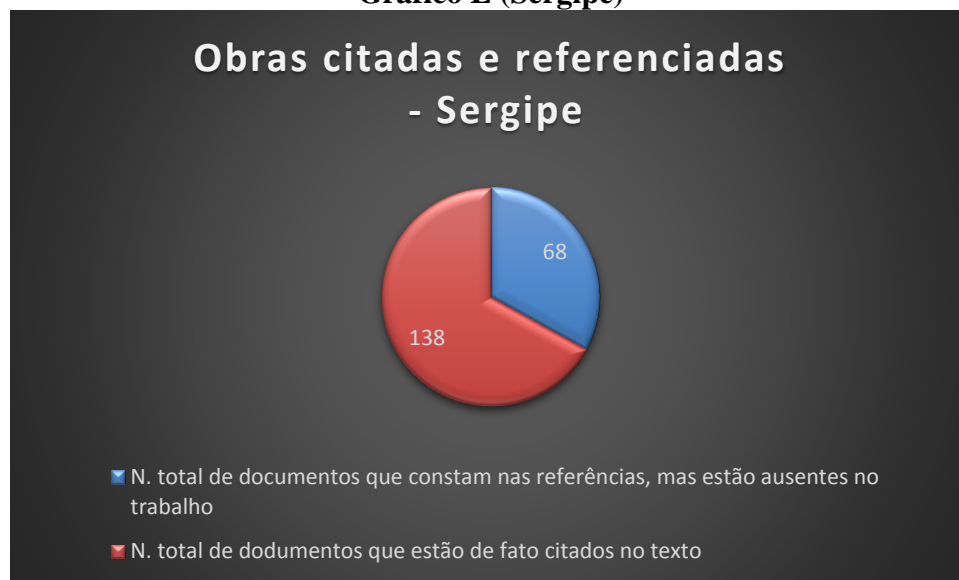
LE BOUCH, Jean. Rumo a uma ciência do movimento humano. Trad. Geni Wolf. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LOCKE, John. Pensamientos sobre La Educación. Traducción La Lectura y Rafael Lasaleta. Madri-Espana: AKAL, 1986.

MERLEAU-PONTY. M. Fenomenologia da Percepção. Trad. Carlos Alberto de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou da Educação. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

**Gráfico L (Sergipe)**



## APÊNDICE B – DADOS COLETADOS DOS TRABALHOS CORPO E CULTURA

Nosso objetivo nesse anexo foi trazer uma configuração mais ampla da pesquisa dos mestres e doutores que fizeram suas pesquisas dentro da Área Temática *Corpo e Cultura* no Nordeste.

A princípio, podemos constatar que a grande maioria dos trabalhos estão dentro de uma abordagem epistemológica comum, a saber, a abordagem fenomenológico-hermenêutica. Dos 32 trabalhos analisados, 28 apresentam essa abordagem epistemológica. Logo, as técnicas de tratamento dos dados, em sua maioria, acompanham essa abordagem epistemológica, ou seja, em sua maioria, se trata de uma abordagem qualitativa.

Desse modo, encontra-se nesse anexo: a) autores; b) orientadores; c) vinculações geográficas de cada uma das pesquisas; d) predominância de autores por área de conhecimento; e) quadro teórico de outras áreas de conhecimento nas pesquisas avaliadas; f) critérios de cientificidade ou de prova científica; g) Abordagem epistemológica predominante; h) técnica ou forma de tratamento dos dados.

Cabe lembrar que todos os dados que apresentamos aqui têm como referência bibliográfica a Tabela III B da Matriz de Tabelas do *Epistefenordeste*, de modo que fica disponível a consulta para todos os interessados (acadêmicos ou não).

## **Professores em Alagoas**

GIUDICELLI, Bruno Barbosa.

(Graduação: Ed. Física – UFAL; Especialização: Ed. Física – UGF)

Trabalho avaliado: **Mestrado em Educação Física**

IES: Faculdade de Educação Física, UGF, Rio de Janeiro/RJ

Ano de obtenção: 2008.

**Orientador:** Dr. Helder Guerra de Rezende

**Título do trabalho:** Abordagem denominada de cultural corporal: Discurso ressignificador de professores de Educação Física

**Predominância de autores por área:** Pedagogia; Educação física.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Rio de Janeiro

**Critérios de cientificidade ou de prova científica:** Critério para definição da amostra; demonstra a vantagem dos estudos exploratórios; justifica todo o processo de elaboração do questionário. Os estudos exploratórios extraem “generalizações com o propósito de produzir categorias conceituais que possam vir a ser operacionalizadas em um estudo subsequente” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 188). (...) Para tal intento, selecionamos os integrantes do grupo amostral por meio de uma técnica não-probabilística, do tipo intencional, onde os professores foram selecionados pela auto-identificação com tal „abordagem pedagógica”, tendo sido o tamanho da amostra determinado pela técnica de saturação discursiva (BECKER, 1994). Nossa escolha por esta técnica sustenta-se na premissa de que em uma pesquisa de caráter qualitativo não é posta em questão o número de informantes, mas sim a consistência e variabilidade das respostas face às questões pertinentes ao estudo. (p 43) Uma possível crítica a esta pesquisa, já evidenciada no decorrer do texto, é a de que centramos nosso foco de análise no discurso e não na prática concreta destes professores. Entretanto, Rorty (1994) e Rojo (2004) afirmam que o discurso é uma prática social, representado pela tentativa de convencer o interlocutor a assumir como seus as idéias e concepções de quem profere o discurso,

seja ele escrito ou falado. Para isto são utilizadas diversas estratégias discursivas, entre elas a tentativa de antecipação das expectativas de quem recebe o discurso. (p 117).

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Qualitativa – (análise de conteúdo).

---

DIAS, João Carlos Neves de Souza e Nunes Dias

(Graduação: Ed. Física – UFAL; Graduação: Filosofia – UFAL; Especialização: Ed. Física – UFRN)

Trabalho avaliado: **Mestrado em Ciências Sociais**

IES: Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal/RN

Ano de obtenção: 2007.

**Orientadora:** Dra. Maria da Conceição Xavier de Almeida

**Título do trabalho:** Corpo e Gestualidade: O jogo da capoeira e os jogos do conhecimento

**Predominância de autores por área:** Educação física; Educação.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Rio Grande do Norte.

Critérios de cientificidade ou de prova científica: O critério de cientificidade parte da interpretação e na capacidade da reflexão do pesquisador sobre o fenômeno estudado, neste âmbito, a gestualidade do movimento corporal na capoeira. Tratamos especificamente da gestualidade do corpo presente no grupo de Capoeira Cordão de Ouro, em que apresentamos uma descrição e interpretação dos sentidos que são construídos na convivialidade da roda, modos de ser, de existir e de conviver, tendo como pano de fundo a racionalidade sensível. (p 61) Para a compreensão do corpo e de sua gestualidade operamos pela racionalidade sensível, uma arquitetura do conhecimento que estabelece conexões com o próprio conhecimento lógico formal, sendo nossa tarefa, ao descrever a gestualidade da capoeira, discutir e nuançar elementos dessa racionalidade. (p 29).

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-Hermenêutica.

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Qualitativa.

---

---

### **Professores na Bahia**

ABIB, Pedro Rodolpho Junguers.

(Graduação: Ed. Física – UMC; Especialização: Ed. Física – UMC; Especialização: Ed. Física – USP; Mestrado: Educação – UFBA).

Trabalho avaliado: **Doutorado em Educação**

IES: Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas/SP.

Ano de obtenção: 2004.

**Orientadora:** Dra. Neusa Maria Mendes de Gusmão.

**Título do trabalho:** Capoeira Angola: Cultura popular e o jogo dos saberes da roda

**Predominância de autores por área:** Educação física; Educação; Antropologia

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Bahia.

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** "Partindo dessa mirada, podemos analisar esse contexto, sob a perspectiva da dinâmica social, que ele proporciona, permitindo o surgimento daquilo que Peter McLaren (1999), denominou por "identidade sem fronteira", que para ele, são narrativas e contra-narrativas que escolhemos para atuarmos (mas, como Marx nos lembra, não em condições de nossa própria escolha) no contexto de nossa mundana e prática existência cotidiana." (f. 11)

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-Hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Triangular.

---

CAMPOS, Hélio José Bastos Carneiro de.

(Graduação: Ed. Física – UCSAL; Especialização: Metodologia – UCSAL; Especialização: Ed. Física – OEA (Org. dos Estado Americanos)

Trabalho avaliado: **Doutorado em Educação**

IES: Faculdade de Educação, UFBA, Salvador/BA

Ano de obtenção: 2006.

**Orientador:** Dr. Edivaldo Machado Boaventura.

**Título do trabalho:** Capoeira Regional: A escola de Bimba

**Predominância de autores por área:** Educação Física; História; Antropologia.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Bahia.

**Critérios de cientificidade ou de prova científica:** "Esta pesquisa é de natureza qualitativa participante e tem as características de um estudo histórico-descritivo, biográfico e antropológico." (f. viii)

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica.

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Qualitativo.

CONRADO, Amélia Vitória de Souza.

(Graduação: Ed. Física – UFPE; Especialização: Coreografia – UFBA; Especialização: Educação – UFBA)

Trabalho avaliado: **Doutorado em Educação**

IES: Faculdade de Educação, UFBA, Salvador/BA

Ano de obtenção: 2006.

**Orientador:** Dr. Edivaldo Machado Boaventura.

**Título do trabalho:** capoeira angola e dança afro: contribuições para uma política de educação multicultural na Bahia.

**Predominância de autores por área:** Educação Física; Educação; Filosofia

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Bahia

**Critérios de cientificidade ou de prova científica:** [...] "A literatura escolhida para fundamentar de forma teórica e metodológica a tese busca manter uma coerência frente a uma postura e opção paradigmática ainda em construção. Retiro das práticas sociais e cotidianas de um determinado grupo social, elementos para subsidiar uma teoria científica, identificada como perspectiva Multicultural na educação brasileira que, para

isso, as vozes entrelaçadas no desenrolar do texto, dos autores sociais e dos autores literários, têm o mesmo peso, aí está a valia." (f.46)

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica.

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Qualitativo.

COSTA, Neuber Leite.

(Graduação: Ed. Física – UFBA; Especialização: Ed. Física – UNEB)

Trabalho avaliado: **Mestrado em educação**

IES: Faculdade de Educação, UFBA, Salvador/BA

Ano de obtenção: 2007.

**Orientador:** Dr. Pedro Rodolpho Junguers Abib.

**Título do trabalho:** Capoeira, trabalho e educação

**Predominância de autores por área:** Educação física; Educação; Antropologia

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Bahia

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** "[...] convém explicitar nosso percurso investigativo e as bases escolhidas para a estruturação da lógica científica neste trabalho. Optamos pela utilização do método dialético, o qual, segundo Gil (2006) proporciona alicerces para uma interpretação dinâmica e totalizante do mundo real, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser compreendidos quando considerados isoladamente. A dialética, como estratégia, possibilita uma ação de captação intelectual da ideia de um determinado objeto e o entendimento da "prática social empírica dos indivíduos em sociedade, de realização da crítica das ideologias e das tentativas de articulação entre sujeito e o objeto, ambos históricos" (MINAYO, 2006, p. 108). Daí decorre o nosso esforço de contextualizar a realidade além dos fenômenos. Entendemos ser a prática social o fator principal e originário dos nossos estudos e ponderações. Por isso a tomamos como o verdadeiro e único critério de verdade. Nossa verdade significa um determinado grau de conhecimento que se consubstancia a partir dos limites que nos são impostos pela história. Sendo assim, o nosso critério científico foi a prática social, compreendendo serenamente que "as verdades científicas, em geral,



significam graus do conhecimento, limitados pela história. ” (TRIVIÑOS, 1987, p. 51) e considerando as leis sociais que caracterizam a construção societal, partindo da história e de seus processos constituidores. Essa história, para se constituir como um fundamento concreto, vale esclarecer, materializa-se a partir da formação socioeconômica e das relações de produção." (f.45)

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** qualitativa

---

JUNIOR, Luis Vitor Castro.

(Graduação: Ed. Física – UFBA; Mestrado: Educação – Univ. du Quebec)

Trabalho avaliado: **Doutorado em História Social**

IES: Faculdade de História, PUCSP, São Paulo

Ano de obtenção: 2008.

**Orientador:** Dra. Denise Bernuzzi de Sant'Anna.

**Título do trabalho:** Cultura e Representação

**Predominância de autores por área:** História; Educação; Educação Física.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Bahia

**Crêrios de cientificidade ou de prova científica:** Trata-se de “Histórias locais” enredadas em “projetos globais”. A diferença colonial é o local onde os saberes subalternos, que prefiro chamar de contra-saberes, encenam seus discursos como reação a perspectiva hegemônica de dominação. Neste espaço feroz, há luta constante para inculcar saberes colonialistas nos corpos dos colonizados e, do outro lado, há movimentação de refluxo dos contra-saberes produzidos pelos dominados. Os saberes de culturas opostas se tocam, fazem alianças, encarnam-se uns nos outros, mas também brigam, se separam, repulsam-se. O esforço é para ultrapassar a visão, que simplifica a dinâmica da diferença colonial como apenas um processo histórico de miscigenação cultural, e também para perceber as fronteiras visíveis e invisíveis dos choques culturais entre os povos (f. 19-20).

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica.

---

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** qualitativa.

---

MATTOS, Ivanilde Guedes de.

(Graduação: Ed. Física – UCSAL; Especialização: Ed. Física – UNEB).

Trabalho avaliado: **Mestrado em Educação**

IES: Faculdade de Educação, UNEB, Salvador/BA

Ano de obtenção: 2007.

**Orientador:** Dra. Delcele Mascarenhas Queiroz.

**Título do trabalho:** A negação do corpo negro: Representações sobre o corpo no ensino da educação Física.

**Predominância de autores por área:** Educação Física; Educação; Antropologia.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Bahia.

**Critérios de cientificidade ou de prova científica:** "Recorrer às estratégias acima citadas foi importante, dada a necessidade do próprio campo. As escolhas de cada um destes instrumentos estão diretamente relacionadas às vantagens que cada uma oferece para auxiliar as análises dos dados, compreender melhor certos fenômenos e interpretar opiniões e situações pertinentes ao processo de pesquisa no campo." (f. 28)

**Abordagem Epistemológica predominante:** Crítico-dialética.

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Qualitativa

---

SILVA, Jean Adriano Barros da.

(Graduação: Ed. Física – UFBA; Especialização: Ed. Física – UNEB)

Trabalho avaliado: **Mestrado em Educação**

IES: Faculdade de Educação, UFBA, Salvador/BA

Ano de obtenção: 2008.

**Orientador:** Dr. Roberto Sanches Rabêllo.

---

**Título do trabalho:** A capoeira na formação da pessoa com deficiência visual: dificuldades e perspectivas presentes na ação pedagógica

**Predominância de autores por área:** Educação Física; Educação.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Bahia.

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** "Desta forma, qualquer perspectiva de investigação da realidade que desconsidere as relações do homem em sociedade com a política, economia, cultura e toda complexidade de suas subjetividades, estará fadada ao equívoco de falsas verdades, visto que a dinâmica histórica da humanidade tem se revelado imbricada de diversas nuances na teia social. Portanto, não podemos seguir o reducionismo de algumas abordagens científicas ao analisarmos as dificuldades e perspectivas da capoeira, como estratégia pedagógica para cidadania de pessoas cegas" (f. 66)

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Qualitativa.

---

### **Professores no Ceará**

BARONTINI, Lúcia Rejane de Araújo.

(Graduação: Ed. Física – UNIFOR; Especialização: Ed. Física – UGF; Mestrado: Educação Física – UFRJ).

Trabalho avaliado: **Doutorado em Educação**

IES: Faculdade de Educação, UFCE, Fortaleza/CE

Ano de obtenção: 2009.

**Orientador:** Dra. Ercília Maria Braga de Olinda.

**Título do trabalho:** Meditação Autobiográfica sobre a Arte de Viver de Sri Sri Ravi Shankar: Aventura, Formação, Sabedoria e Espiritualidade.

---

**Predominância de autores por área:** Educação Física; Filosofia; Religião.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Não há.

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** Fichamentos

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Triangulação.

---

LIMA, Patrícia Ribeiro Feitosa.

(Graduação: Ed. Física – UNIFOR; Especialização: Ed. Física – UVA/RJ).

Trabalho avaliado: **Mestrado em Saúde Coletiva**

IES: Faculdade de Ciências da Saúde, UNIFOR, Fortaleza/CE

Ano de obtenção: 2006.

**Orientador:** Dra. Mirna Albuquerque Frota.

**Título do trabalho:** Significado da dança na promoção da saúde de crianças do ensino público municipal de Fortaleza-Ceará

**Predominância de autores por área:** Educação física; Educação.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Ceará

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** Por meio da pesquisa qualitativa - “a metodologia é qualitativa quando o estudo se direciona para um modelo específico pertinente à análise realista das expressões humanas, em espaços amplos de grande profundidade, aos quais não se aplicam reduzidas operações regidas sob ciências exatas em linguagem cartesiana, peculiar à abordagem quantitativa” (p.43).

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** qualitativa.

---

LOURENÇO, Amanda Nogueira.

(Graduação: Ed. Física – UNIFOR).

Trabalho avaliado: **Mestrado em Saúde Coletiva**

IES: Faculdade de Ciências da Saúde, UNIFOR, Fortaleza/CE

Ano de obtenção: 2010.

**Orientador:** Dr. Rosendo Freitas de Amorim.

**Título do trabalho:** Travesti: a construção do corpo feminino "perfeito" e suas implicações para a saúde.

**Predominância de autores por área:** Educação; psicologia

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Ceará

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** Por meio da descrição etnográfica - O estudo etnográfico apresenta-se como um método pertinente para a compreensão das experiências que as travestis encontraram no seu processo de alteração corporal. Pois esses processos (hormonização e siliconização) são praticados por elas sem indicação médica e variam de travesti para travesti" (p.30)

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** qualitativa.

---

### **Professores no Maranhão**

CAVALCANTE, Zartú Giglio.

(Graduação: Ed. Física – USP; Graduação: Psicologia – CEUMA; Especialização: Psicologia do Esporte – FMU)

Trabalho avaliado: **Mestrado em Psicologia da Educação**

IES: Faculdade de Educação, PUCSP, São Paulo

Ano de obtenção: 1996.

**Orientador:** Dra. Mitsuko Aparecida Maquino Antunes.

**Título do trabalho:** O 'herói' desportivo e sua relação com a sociedade contemporânea"

**Predominância de autores por área:** Educação física; Sociologia.

---

**Vinculações geográficas da pesquisa:** São Paulo

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** "Comparam-se os fatores de diferenciação intergrupar a partir de estereótipos e preconceitos imputados mutuamente, assim como se discute os processos motivacionais iniciais de identificação do torcedor com o futebol, a partir de sua vivência familiar e do ambiente cultural ao qual está inserido." (Resumo)

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica.

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** qualitativas.

---

VIANA, Raimundo Nonato Assunção.

(Especialização: Ciências e Técnicas da Ginástica Olímpica – UFG).

Trabalho avaliado: **Mestrado em Educação**

IES: Faculdade de Educação, UFRN, Natal/RN

Ano de obtenção: 2003.

**Orientador:** Dra. Terezinha Petrucia da Nobrega.

**Título do trabalho:** Bumba-Meu-Boi, Cacuriá, Tambor de Crioula: expressões da linguagem do corpo na educação.

**Predominância de autores por área:** Educação; Antropologia; Musica.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Maranhão

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** não há

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** qualitativas.

---

### **Professores na Paraíba**

SILVA, Giulyanne Maria Lima da.

(Graduação: Ed. Física – UFPB; Especialização: Saúde Pública – UVA).

Trabalho avaliado: **Mestrado em Educação Física**

IES: Faculdade de Educação, UPE/UFPB, Recife/PE

Ano de obtenção: 2012.

**Orientador:** Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha.

**Título do trabalho:** Práticas corporais e satisfação com a Imagem corporal: A percepção dos idosos.

**Predominância de autores por área:** Educação física; Filosofia; Saúde.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Paraíba.

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** Não consta.

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Qualitativas.

---

WIGGERS, Ingrid Dittrich.

(Graduação: Ed. Física – UFSC; Especialização: Ginástica Escolar – UFSM; Mestrado: Ciência do Movimento Humano - UFSM).

Trabalho avaliado: **Doutorado em Educação**

IES: Faculdade de Educação, UFSC, Florianópolis/SC

Ano de obtenção: 2003.

**Orientador:** Dr. Selvino José Assmann.

**Título do trabalho:** Corpos desenhados: olhares de crianças de Brasília através da escola e da mídia.

**Predominância de autores por área:** Educação física; Educação artística.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Distrito Federal

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** Pesquisa de campo.

**Abordagem Epistemológica predominante:** Empírico-analítica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Quantitativa.

---

## **Professores em Pernambuco**

ALVES, Hilda Sayone de Moraes.

(Graduação: Ed. Física – UFPE; Especialização: Ed. Física Escolar – UPE).

Trabalho avaliado: **Mestrado em Educação**

IES: Faculdade de Educação, UFPE, Recife/PE

Ano de obtenção: 2003.

**Orientador:** Dra. Ana Maria de Oliveira Galvão.

**Título do trabalho:** Concepções Filosóficas de Corpo Implícitas no Projeto Esporte Educacional nas Escolas em Pernambuco.

**Predominância de autores por área:** Educação física; Filosofia.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Pernambuco

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** “O ser humano é, por natureza, curioso, investigativo. Deriva-se desse fato a grande popularidade da palavra pesquisa no meio social. Pesquisar seria, portanto, na linguagem popular, procurar uma informação que não se sabe e que se precisa saber” (p. 10).

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Qualitativa.

---

AMBLARD, Isabela.

(Graduação: Psicologia – UNISANTOS; Especialização: Neuropsicologia Clínica - CPHD).

Trabalho avaliado: **Mestrado em Psicologia**

IES: Faculdade de Psicologia, UFPE, Recife/PE

Ano de obtenção: 2012.

**Orientador:** Dra. Fátima Maria Leite Cruz.

---



**Título do trabalho:** "A gente anda com o bom e o mau ao lado...": representações sociais da vitória/derrota segundo os atletas do esporte de alto rendimento.

**Predominância de autores por área:** Educação física; Sociologia; Psicologia.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Pernambuco

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** a Teoria das Representações Sociais, que aborda os sujeitos inseridos em diferentes contextos socioculturais, lugares de pertencimento, experiências individuais e coletivas, crenças, saberes e sentimentos compartilhados por seus grupos de pares.

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Qualitativa.

FRANÇA, Tereza Luiza de.

(Graduação: Ed. Física – UFPE; Especialização: Ciência do Esporte – UFPE; Mestrado: Ed. Física – UNICAMP).

Trabalho avaliado: **Doutorado em Educação**

IES: Faculdade de Educação, UFRN, NATAL/RN

Ano de obtenção: 2003.

**Orientador:** Dra. Katia Brandão Cavalcanti.

**Título do trabalho:** Educação-Corporeidade-Lazer: saber da experiência cultural em prelúdio.

**Predominância de autores por área:** Educação Física; Educação; Filosofia.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Pernambuco

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** Com a ousadia intelectual de narrar uma trama cultural, de ser possível (re) interpretar as discussões, posições, análises e reflexões dos docentes/pesquisadores (as), construindo o conhecimento como uma das mais potentes alavancas, o qual impulsiona a sensibilidade valorativa contida na narrativa dos brincantes, desenhamos a beleza do mundo desvelada por seus olhares epistêmicos. (p.219)

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Qualitativa.

---

LINDOSO, Rosângela Cely Branco.

(Graduação: Ed. Física – UFPE; Especialização: Ed. Física).

Trabalho avaliado: **Mestrado em Educação**

IES: Faculdade de Educação, UFPE, Recife/PE

Ano de obtenção: 2011.

**Orientador:** Dra. Laeda Bezerra Machado.

**Título do trabalho:** O corpo nas representações sociais do professor de esporte

**Predominância de autores por área:** Educação física; Educação

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Pernambuco.

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** Esses conjuntos de conceitos, afirmações e explicações que são as representações sociais, são consideradas verdadeiras teorias do senso comum, ciências coletivas pelas quais se procede à interpretação e mesmo à construção da realidade social. Para Sá (1995), baseado em Moscovici, as representações sociais, por seu poder convencional e prescritivo sobre a realidade, terminam por construir o pensamento em um verdadeiro ambiente onde se desenvolve a vida cotidiana. A origem da compreensão dos assuntos e das explicações emitidas pelas pessoas, denominadas de representações sociais, tem lugar na vida cotidiana. Existem dois universos de pensamentos distintos: universos consensuais e os reificados. Os universos consensuais correspondem aos saberes da interação social cotidiana por meio dos quais são produzidas as representações sociais, chamada de lógica natural. Os universos reificados se voltam para o conhecimento científico, o qual dita a forma como diferentes objetos devem ser entendidos pela sociedade em geral. Para Moscovici (1978), ambos os universos atuam simultaneamente para explicar a nossa realidade". (p.45)

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Qualitativa.

---

LIRA, Maria Helena Câmara.

(Graduação: Ed. Física – UFPE).

Trabalho avaliado: **Mestrado em Educação**

IES: Faculdade de Educação, UFPE, Recife/PE

Ano de obtenção: 2009.

**Orientador:** Dr. Edilson Fernandes de Souza.

**Título do trabalho:** Academia das santas virtudes: A educação do corpo feminino pelas beneditinas missionárias nas primeiras décadas do século XX.

**Predominância de autores por área:** Educação física; Educação.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Pernambuco

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** Não há.

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Triangulação

---

SAYÃO, Sandro Cozza

(Graduação: Ciências – FURG; Mestrado: Educação Ambiental – FURG; Mestrado: Filosofia – PUCRS; Doutorado: Filosofia - PUCRS).

Trabalho avaliado: **Doutorado em Filosofia**

IES: Faculdade de Filosofia, PUCRS, Porto Alegre/RS

Ano de obtenção: 2006.

**Orientador:** Dr. Pergentino Stefano Pivatto.

**Título do trabalho:** Sobre a leveza do humano: um diálogo com Sartre, Heidegger e Levinas.

**Predominância de autores por área:** Filosofia.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Não há.

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** Fichamentos.

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

---

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Qualitativa.

---

SILVA, Eduardo Jorge Souza da.

(Graduação: Ed. Física – UFPE; Mestrado: Educação Física – UPE).

Trabalho avaliado: **Mestrado em Educação**

IES: Faculdade de Educação, UFPE, Recife/PE

Ano de obtenção: 2007.

**Orientador:** Dra. Tereza Luiza de França.

**Título do trabalho:** O Jogo como Conhecimento da Formação Inicial em Educação Física: Um estudo de caso.

**Predominância de autores por área:** Educação física; Educação.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Não há.

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** “O método da ascensão do abstrato ao concreto é o método do pensamento”, e ascender do abstrato, significa realizar um movimento no pensamento, um processo de conceituação que passa pela análise, interpretação e compreensão das determinações complexas que incidem sobre um dado fenômeno ou fato da realidade, e este movimento de ascensão do abstrato ao concreto indica exatamente o caráter de primazia do real sobre o pensamento, só que esse movimento de abstração não pode ser um processo qualquer, ou seja, ele “[...]não é a passagem de um plano (sensível) para outro plano (racional)”(p, 30).

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Mista.

---

SILVA, Joanna Lessa Fontes.

(Graduação: Educ. Física – UPE).

Trabalho avaliado: **Mestrado em Sociologia**

IES: Faculdade de Sociologia, UFPE, Recife/PE

Ano de obtenção: 2009.

**Orientador:** Dr. Josimar Jorge Ventura de Moraes.

**Título do trabalho:** Os significados do futebol amador recifense a partir de sua interdependência com o futebol profissional.

**Predominância de autores por área:** Educação física; Sociologia.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Pernambuco.

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** Não há.

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Qualitativa

---

SOUZA, Edilson Fernandes de.

(Graduação: Ed. Física – UNICAB; Especialização: Psicomotricidade – FAFICLA; Mestrado: Educação Física – UGF).

Trabalho avaliado: **Doutorado em Educação Física**

IES: Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas/SP

Ano de obtenção: 1998.

**Orientador:** Dr. Ademir Gebara.

**Título do trabalho:** Entre o fogo e o vento: as práticas de batuques e o controle das emoções.

**Predominância de autores por área:** Educação Física; Antropologia; Música.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Não há.

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** A partir dessa tríade, esse método de investigação incorporou vários conceitos para atender a especificidade de temas que compõem os processos civilizadores. O conceito de *habitus* foi um deles, e aparecerá frequentemente em nosso estudo, indicando a permanência do passado no presente, entre práticas que ocorreram em séculos anteriores e foram proibidas mantendo-se hoje, basicamente, com as mesmas características." (f.15)

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Qualitativa.

---

---

### **Professores no Piauí**

LAGES, Solange Maria Ribeiro Nunes

(Graduação: Educ. Física – UFPI; Especialização: Gerontologia – UFPI; Especialização: Ed. Física – UGF).

Trabalho avaliado: **Mestrado em Ciências da Saúde**

IES: Faculdade de Ciências da Saúde, UFRN, Natal/RN

Ano de obtenção: 2008.

**Orientador:** Dra. Maria Irany Knackfuss.

**Título do trabalho:** Dança Folclórica: um estudo comparativo do gasto calórico e das qualidades físicas básicas em universitários de diferentes níveis técnicos.

**Predominância de autores por área:** Educação Física, Dança

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Piauí

**Critérios de cientificidade ou de prova científica:** Não há

**Abordagem Epistemológica predominante:** Empírico-analítica.

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Quantitativas.

---

### **Professores no Rio Grande do Norte**

DIAS, Maria Aparecida

(Graduação: Educ. Física – UCB/RJ; Especialização: Psicomotricidade – UESA).

Trabalho avaliado: **Mestrado em Educação**

IES: Faculdade de Educação, UFRN, Natal/RN

Ano de obtenção: 2002.

**Orientador:** Dr. José Pereira de Melo.

**Título do trabalho:** Interfaces do corpo e da corporeidade na pedagogia freinet.

**Predominância de autores por área:** Educação Física, Educação.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Rio Grande do Norte

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** Fichamentos

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Qualitativos

---

FILHO, Lindomar da Silva.

(Graduação: Educ. Física – UFRN; Graduação: Turismo – UNP; Mestrado: Ed. Física – UIOWA).

Trabalho avaliado: **Doutorado em Ciências da Saúde**

IES: Faculdade de Ciências da Saúde, UFRN, Natal/RN

Ano de obtenção: 2009.

**Orientador:** Dra. Maria Irany Knackfuss.

**Título do trabalho:** Imagem corporal e fatores de riscos em praticantes de caminhada da cidade do natal

**Predominância de autores por área:** Educação Física, Educação

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Rio Grande do Norte.

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** Não há.

**Abordagem Epistemológica predominante:** Empírico-analítica.

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Quantitativa.

---

MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento de.

(Graduação: Educ. Física – UFRN; Mestrado: Educação – UFRN).

Trabalho avaliado: **Doutorado em Educação**

IES: Faculdade de Educação, UFRN, Natal/RN

Ano de obtenção: 2008.

**Orientador:** Dra. Terezinha Petrucia da Nóbrega.

**Título do trabalho:** Uma educação tecida no corpo

**Predominância de autores por área:** Educação física, Educação artística.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Rio Grande do Norte.

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** Não há.

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Qualitativa.

---

### **Professores em Sergipe**

KUHN, Roselaine.

(Graduação: Educação Física – UNICRUZ; Graduação: Educação Física – UFSM).

Trabalho avaliado: **Mestrado em Educação**

IES: Faculdade de Educação, UFSE, Ijuí/RS

Ano de obtenção: 1997.

**Orientador:** Dr. Silvino Santin.

**Título do trabalho:** A Cultura de Brincadeiras do Município de Coronel Barros-RS.

**Predominância de autores por área:** Educação, educação artística, filosofia.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Rio Grande do Sul

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** "A princípio, pelo que pude constatar no campo empírico e a partir de experiências pessoais, o cotidiano da população alvo é permeado e conduzido por atividades de trabalho e atitudes de lazer, tanto no mundo dos adultos quanto no das crianças; e seria o lazer (ou como quer que se chame esta atitude) o pano de fundo que garante o espaço da produção do brinquedo na comunidade." (p. 12)

---



**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** quantitativa.

---

SANTOS, Luiz Anselmo Menezes.

(Graduação: Educ. Física – UFS; Especialização: Psicomotricidade – UFS).

Trabalho avaliado: **Mestrado em Educação nas Ciências**

IES: Faculdade de Educação, UFS, São Cristóvão/SE

Ano de obtenção: 2002.

**Orientador:** Dra. Maria Lúcia Machado Aranha.

**Título do trabalho:** Educação do Corpo e Liberdade: Considerações sobre a concepção iluminista da Educação Física.

**Predominância de autores por área:** Educação física, educação, filosofia

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Não há.

**Crítérios de cientificidade ou de prova científica:** O sujeito é submetido ao domínio de determinados conhecimentos, aquele que pensa. “O objetivo era construir em cada homem a consciência do cidadão; e de produzir um sujeito ativo e responsável, capaz de assimilar e também renovar as leis do Estado” (p.15)

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** qualitativa.

---

SANTOS, Luiz Anselmo Menezes.

(Graduação: Educ. Física – UFS; Especialização: Psicomotricidade – UFS; Mestrado: Educação nas Ciências)

Trabalho avaliado: **Doutorado em Educação**

IES: Faculdade de Educação, UFS, São Cristóvão/SE

Ano de obtenção: 2012.

**Orientador:** Dra. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas.

---

**Título do trabalho:** O corpo Próprio como Princípio Educativo a partir da Perspectiva Fenomenológica de Merleau-Ponty.

**Predominância de autores por área:** Filosofia, Educação.

**Vinculações geográficas da pesquisa:** Não há.

**Critérios de cientificidade ou de prova científica:** fichamentos de leitura.

**Abordagem Epistemológica predominante:** Fenomenológico-hermenêutica

**Técnica ou forma de tratamento dos dados:** Qualitativa.

---